

IAN FLEMING



A MORTE NO JAPÃO

descobrir por que colecionavam mortes
na Ilha de Fukuoka:
eis a missão do agente 007 no Japão





IAN FLEMING

A MORTE NO JAPÃO

Tradução de
Leonel Vallandro

EDITÔRA GLOBO

Só se vive duas vezes.
A primeira ao nascer, e a outra
Quando se olha a morte face a face.

À imitação de Basho
Poeta itinerante japonês,
1643-94

A

RICHARD HUGUES

E

TORAO SAITO

PARTE I

“É melhor
viajar
esperançosamente...”

Tesoura corta papel

Ajoelhada diante de James Bond, a gueixa que atendia ao nome de “Folha Trêmula” inclinou para a frente o corpo, da cintura para cima, e depositou-lhe um beijo casto na face direita.

— Isto é trapaça — disse Bond com ar severo. — Você prometeu que, se eu ganhasse, me daria um beijo de verdade, na boca. Pela parte mínima.

Suas palavras foram traduzidas por “Pérola Gris”, a madama, que tinha os dentes laqueados de preto — um sinal de alta distinção — e estava mais maquilada que um personagem do teatro *No*. Houve um chocalhar de risinhos e gritos de estímulo. Folha Trêmula cobriu o rosto com as lindas mãos, como quem estivesse sendo solicitada a praticar um ato de incrível obscenidade. Mas os dedos entreabriram-se, os traves-sos olhos castanhos fixaram-se na boca de Bond, como que tomando a mira, e o corpo da moça lançou-se para a frente. Desta vez foi um beijo em cheio nos lábios, e que se prolongou por uma fração de segundo. Convite? Promessa? Bond lembrou-se de que lhe haviam prometido uma “gueixa de travesseiro”. No seu significado técnico, a expressão designava uma gueixa de casta inferior. Não teria proficiência nas artes tradicionais de sua profissão, não saberia contar histórias engraçadas, cantar, pintar nem compor versos sobre o seu cliente. Mas, ao contrário das colegas mais cultas, talvez consentisse em prestar outro gênero de serviço — discretamente, é claro, dentro do mais absoluto sigilo e por elevado preço. No entanto, para o gosto vulgar e asselvajado de um *gaijin* (estrangeiro), isso fazia mais sentido do que ser brindado com uma *tanka* de trinta e uma sílabas — que, de qualquer forma, êle não poderia compreender — equiparando, em primorosos ideogramas, os seus encantos aos dos

crisântemos que crescem nas faldas do Monte Fuji.

Os aplausos com que foi acolhida essa demonstração extinguiram-se bem depressa, numa atmosfera de respeito. O homem atarracado e possante, metido numa *yukata* (roupão de banho) preta, que se instalara defronte de Bond, com a mesinha baixa de laca vermelha de permeio, tirou de entre os dentes de ouro a piteira de filtro Dunhill e depositou-a ao lado do seu cinzeiro.

— Bondo-san — disse Tigre Tanaka, Chefe do Serviço Secreto Japonês, — quero desafiá-lo agora para este joguinho ridículo, e desde já lhe garanto que não vai ganhar.

O carão moreno e enrugado que Bond, ao cabo de um mês de convívio, já conhecia tão bem, abriu-se expansivamente. O vasto sorriso apertou os olhos e reduziu-os a duas estreitas fendas, que reluziam. Bond conhecia esse sorriso. Não era sorriso, e sim uma máscara com um buraco cheio de ouro.

— Muito bem, Tigre — respondeu êle, rindo-se. — Mas primeiro, que venha mais *saque*! E não nestes ridículos dedais. Já bebi cinco garrafinhas e o efeito é mais ou menos igual ao de um Martini duplo. Preciso de outro Martini duplo para poder demonstrar a superioridade do instinto ocidental sobre as insídias do Oriente. Não haverá por aí um reles copázio de vidro escondido nalgum canto, por trás dos armários que contêm os vasos de Ming?

— Ming é chinês, Bondo-san! A penúria dos seus conhecimentos sobre porcelana corre parelha com a vulgaridade dos seus hábitos de bebedor. Além disso, não é prudente subestimar o *saque*. Nós temos um ditado que diz assim: “É o homem que bebe a primeira garrafinha de *saque*; depois é a primeira garrafa que bebe a segunda, e a partir daí é o *saque* que bebe o homem.”

Tigre Tanaka virou-se para Pérola Gris e trocou com ela um diálogo entremeado de risos, que Bond interpretou como uma série de gracejos a expensas do inculto ocidental e de seus monstruosos apetites. A uma palavra da madama, Folha Trêmula fez uma profunda mesura e saiu açodadamente. Tigre tornou a virar-se para Bond.

— Está ganhando muita cara, Bondo-san. Só os lutadores de *sumo* são capazes de beber *saque* em tal quantidade sem denunciar os efeitos. Ela diz que você é, sem dúvida alguma, um homem de oito garrafinhas. — O rosto de Tigre assumiu uma expressão maliciosa. — Mas também insinua que não será um companheiro muito interessante para Folha Trêmula quando houver terminado a nossa encantadora reunião.

— Diga a ela que estou mais interessado na madureza dos seus próprios encantos. Há de possuir talentos na arte de amar que sem dúvida vencerão qualquer languidez passageira de minha parte.

O pesado galanteio recebeu o troco que merecia. Pérola Gris profereu com grande rapidez e vivacidade algumas frases japonesas, que Tigre traduziu.

— Bondo-san, esta é uma mulher a quem não falta certo espírito. Ela fez agora uma piada. Disse que já está legitimamente casada com um *bonsan* e não há lugar para mais outro no seu *futon*. *Bonsan* significa sacerdote, um sábio de barba grisalha. *Futon*, como sabe, é cama. Ela fez um trocadilho em torno do seu nome.

Havia duas horas que durava a visita às gueixas e já doíam as mandíbulas de Bond, de tanto sorrir e trocar gentilezas. Longe de se divertir com a companhia das moças ou de sentir-se enfeitado pelas impene-tráveis dissonâncias do *samisen* de três cordas, com a sua caixa recoberta de pele de gato, era ele quem procurava desesperadamente animar a reunião. Por outro lado, percebia que Tigre Tanaka observava os seus esforços com um prazer sádico. Dikko Henderson o havia prevenido de que as festas com gueixas equivaliam mais ou menos, para o estrangeiro, a procurar entreter um bando de crianças desconhecidas numa *nursery*, sob os olhares de uma governanta rígida, no caso a madama. Mas Dikko também acentuara que Tigre Tanaka lhe estava fazendo uma grande honra, que aquilo lhe custaria uma pequena fortuna, proveniente de algum fundo secreto ou do seu próprio bolso, e que Bond devia aceitar tudo de boa mente, uma vez que tal coisa parecia representar um progresso para a sua missão. Mas podia, da mesma forma significar um desastre.

Bond sorriu, pois, e bateu as mãos em sinal de admiração.

— Essa bruaca velha não é nada tola. Diga-o a ela — pediu a Tigre. E aceitou o copo a transbordar de saque quente que lhe oferecia Folha Trêmula ajoelhada e com os braços estendidos numa pose de aparente adoração, esvaziando-o em dois tremendos goles. Repetiu a façanha, obrigando a irem buscar mais saque na cozinha, após o que bateu com o punho resolutamente na mesa de laca vermelha e disse com fingida belicosidade:

— Pois muito bem, Tigre! Vamos lá!

Era o velho jogo de tesoura-corta-papel, papel-embrulha-pedra, pedra-cega-tesoura, que as crianças do mundo inteiro conhecem. O punho fechado é a Pedra, dois dedos estendidos são a Tesoura, e a mão espalmada é o Papel. Os adversários martelam simultaneamente o ar com o

punho fechado, por duas vezes, e ao baixá-lo pela terceira vez revelam o emblema de sua escolha. A ciência do jogo está em adivinhar o emblema que o adversário escolherá e em escolhermos nós mesmos aquele que há de derrotá-lo. Ganha a melhor de três, ou mais. É um jogo de blefar.

Tigre Tanaka descansou o punho na mesa diante de Bond. Os dois contendores contemplaram-se atentamente nos olhos. Fêz-se um silêncio absoluto no pequeno compartimento de ripas recobertas de papel, permitindo ouvir claramente, pela primeira vez naquela noite, o doce murmúrio do minúsculo regato no jardimzinho ornamental, além da parede divisória aberta. Talvez a causa fosse esse silêncio, sobrevivendo após a animada conversa e os risos, ou talvez fosse a profunda seriedade e resolução que de repente se deixava perceber na cara temível e cruel de Tigre Tanaka — uma cara de samurai; mas o fato é que Bond sentiu na pele um arrepio momentâneo. Por uma razão qualquer, aquilo se tornara mais do que um simples jogo de crianças. Tigre prometera derrotar Bond. Um fracasso lhe traria considerável quebra de prestígio. Até que ponto? Seria isso suficiente para estremecer uma amizade que se tornara singularmente real entre os dois, no decurso das últimas semanas? Tanaka era um dos homens mais poderosos do Japão. Ser derrotado por um mísero *gaijin* diante das três mulheres podia significar muito para êle. A derrota podia transpirar através das mulheres. No Ocidente, isso seria uma ridícula bagatela, como um ministro de gabinete que perdesse uma partida de gamão em Blades. Mas no Oriente? Não lhe fora preciso muito tempo para aprender com Dikko Henderson um respeito total pelas convenções orientais, por mais antiquadas e triviais que parecessem, mas ainda permanecia na ignorância quanto às gradações. A conjuntura presente era um exemplo disso. Devia esforçar-se por vencer esse jogo pueril de blefes e contrablefes, ou seria preferível perder? Mas o propósito de perder requeria a mesma habilidade em adivinhar corretamente os símbolos que o outro homem escolheria. Não era mais fácil perder propositadamente do que ganhar. E, em suma, isso teria realmente importância? Mas, por infortúnio, em face da singular missão que trouxera Bond ao Extremo-Oriente, tinha êle a inquietante impressão de que até esse joguinho idiota poderia contribuir de algum modo para o seu êxito ou o seu fracasso.

Como se fosse dotado da faculdade de vidência, Tigre Tanaka ponderou o problema em que se debatia o outro. Solto um riso áspero e tenso, que era mais um grito do que uma expressão de prazer ou de humor.

— Bondo-san, entre nós, e muito mais ainda numa festa em que eu sou o anfitrião e você o convidado de honra, manda a cortesia que eu o

deixe ganhar a partida que vamos jogar agora. Que digo? Isso é mais do que uma simples regra de cortesia, é uma obrigação. Devo, pois, pedir-lhe de antemão que me perdoe a derrota que lhe vou infligir. Bond sorriu cordialmente.

— Meu caro Tigre, não há graça nenhuma em jogar uma partida quando não se procura ganhar. Você estaria me fazendo um grande insulto se jogasse para perder. Mas, se me permite dizê-lo, suas palavras são altamente provocadoras. Parecem-se com os motejos dos lutadores de *sumo* antes de começar o encontro. Se eu não tivesse tanta certeza de ganhar, chamaria atenção para o fato de você ter falado em inglês. Por favor, informe ao nosso fino e distinto auditório que eu me proponho deixá-lo nobremente de quatro neste desprezível joguinho, demonstrando assim não só a superioridade da Grã-Bretanha e particularmente da Escócia sobre o Japão, mas também a da nossa Rainha sobre o seu Imperador.

Instigado, talvez, pelo insidioso *saque*, Bond havia-se comprometido. Esse gênero de gracejo em torno das suas respectivas culturas se convertera num hábito entre êle e Tigre, o qual, laureado pelo Trinity College de Cambridge antes da guerra, orgulhava-se da *demokura shii* dos seus pontos de vista e da sua ampla e liberal compreensão do Ocidente. Mas Bond, depois de falar, notou a cintilação repentina dos olhos escuros e lembrou-se do aviso de Dikko Henderson: “Escute aqui, seu godeme tapado. Você vai indo muito bem, mas não abuse da sua sorte. T. T. é um tipo civilizado... para um japonês, entenda-se. Mas não procure ir longe demais. Repare só naquela cara. Ali há um pouco de manchu, e de târtaro também. E não esqueça que o filho daquela foi faixa preta em judô antes mesmo de ir para a sua excomungada Cambridge. E não esqueça que êle estava espionando para o Japão quando se dizia adido naval da embaixada deles em Londres e vocês, seus pandorgas, o olhavam com muita simpatia porque era formado em Cambridge. E não esqueça a folha de serviços dele na guerra. Não esqueça que terminou como ajudante de ordens pessoal do Almirante Onishi e estava treinando para *kami-kase* quando os americanos reduziram Hiroshima e Nagasaki a pó de traque e o Sol Nascente fêz meia volta e afundou-se de repente no mar. E, se esquecer tudo isso, pergunte aos seus botões por que terá sido justamente T. T., entre noventa milhões de japoneses, o homem escolhido para chefiar o *Kōan-Chōsa-Kyoku*. ‘Tá bem assim, James? Manjou?’ “

Desde sua chegada ao Japão, Bond vinha se exercitando diligentemente na arte de sentar-se no chão à moda oriental. Fora esse outro conselho de Dikko Henderson: “Se você conseguir se fazer aceitar por esta

gente, e mesmo que não o consiga, vai ver que terá de passar uma parte considerável do seu tempo sentado com o popô no chão. Só há um meio de sentar-se assim sem deslocar as juntas: é na posição indiana, de cócoras, com as pernas cruzadas e firmando as beiradas dos pés no assoalho, o que as faz doer como o diabo. É preciso um bocado de prática, mas não é caso de morte e você acabará ganhando muita *cara*.” Bond terminara por dominar mais ou menos a arte, mas nesse dia, ao cabo das duas horas que passara sentado nessa posição, sentia as juntas dos joelhos em fogo e tinha a impressão que se não mudasse de postura ficaria cambaio para o resto da vida.

— Visto que vou jogar com um mestre da sua estatura — disse êle a Tigre, — preciso antes de mais nada assumir uma posição relaxada para que nada impeça a concentração de meu cérebro.

Pôs-se em pé com uma careta de dor, esticou os membros e tornou a sentar-se, mas desta vez com uma perna estendida sob a mesinha baixa e o cotovelo esquerdo apoiado no joelho flexionado da outra perna. A sensação de alívio era deliciosa. Levantou o copo e Folha Trêmula encheu-o obedientemente com o conteúdo de uma nova garrafinha. Bond engoliu o saque, devolveu o copo à moça e descarregou de repente o punho na mesa de laca, sacudindo as caixinhas de confeitos e fazendo retinir as porcelanas. Fitou os olhos belicosamente em Tigre Tanaka.

— Pronto!

Tigre fez uma reverência, que Bond retribuiu. As moças inclinaram-se para a frente, cheias de expectativa.

Os olhos de Tigre perfuraram os de Bond, procurando adivinhar-lhe o plano. Bond resolvera não fazer plano algum, não revelar nenhum padrão de jogo. Jogaria completamente ao acaso, mostrando o símbolo que sua mão decidisse fazer no momento psicológico após os dois golpes preliminares.

— Três rounds de três? — propôs Tigre.

— Tá bem.

Os dois punhos fechados ergueram-se vagarosamente da mesa, malharam o ar por duas vezes, num movimento rápido e simultâneo, e pularam para a frente. Tigre conservara o punho fechado: Pedra. Bond espalmara a mão, configurando o Papel que embrulhava a Pedra. Um ponto para Bond. Renovou-se o ritual e o momento da revelação.

Tigre mantivera-se fiel à Pedra. Os dedos indicador e médio de Bond estavam abertos à imitação de uma Tesoura, que a Pedra de Tigre embotava. Um a um.

Tigre fêz uma pausa, com o punho encostado à testa, os olhos cerrados em profunda meditação.

— Sim, isso mesmo. Já o apanhei, Bondo-san. Não poderá me escapar.

— Bem representado — disse Bond, procurando afastar do espírito a suspeita de que Tigre se obstinaria na Pedra ou, pelo contrário, esperando que êle contasse com isso e jogasse Papel, mostraria a Tesoura que corta o Papel. E por aí a fora. Os três emblemas rodopiavam-lhe na cabeça como os elétrons num modelo atômico animado.

Os dois punhos ergueram-se. Um, dois, pam!

Tigre veio de novo com a Pedra, que Bond embrulhou no Papel. Primeiro ponto para Bond.

O segundo round foi mais demorado. Os dois mostraram várias vezes o mesmo símbolo, o que os obrigava a repetir a parada. Dir-se-ia que ambos os jogadores procuravam sondar a psicologia um do outro. Mas isso era uma impossibilidade, já que Bond não tinha nenhum intuito psicológico. Continuava jogando a esmo. Era simples questão de sorte. Tigre ganhou o round. Um a um.

Último round! Os dois adversários entreolharam-se. Bond sorria com ar benigno e um tanto zombeteiro. Uma chispa vermelha apareceu nas profundezas dos olhos escuros de Tigre. O outro notou-a e falou de si para si: “Seria mais prudente perder. Mas seria mesmo?...” Ganhou o round em duas paradas consecutivas, embotando a Tesoura de Tigre com a sua Pedra, embrulhando a Pedra de Tigre com o seu Papel.

Tigre curvou-se numa reverência profunda. Bond curvou-se mais baixo ainda. Procurava, mentalmente, uma frase conciliatória. Eis aqui o que achou:

— Tenho de fazer com que este jogo seja adotado em tempo para tomar parte nas Olimpíadas de vocês. Não há dúvida que eu seria escolhido para representar o meu país.

Tigre riu com uma polidez estudada.

— Você joga com muita intuição. Qual é o segredo do seu método?

Bond, que não usara método nenhum, inventou rapidamente aquele que seria mais lisonjeiro para Tigre:

— Você é um homem de aço e granito, Tigre. Adivinhei que o símbolo do papel seria o que você menos haveria de usar, e joguei dentro dessa linha.

A pequena farsa foi aceita. Tigre curvou-se mais uma vez. Bond curvou-se em resposta e bebeu mais *saque*, brindando Tigre. Libertadas

da tensão, as gueixas aplaudiram e a madama ordenou a Folha Trêmula que desse um novo beijo em Bond. A moça obedeceu. Como era suave a pele das japonesas! O seu contato parecia não ter peso. James Bond estava fazendo planos sobre a maneira de passar o resto da noite quando Tigre falou:

— Bondo-san, tenho uns assuntos a discutir consigo. Não me fará a gentileza de vir até a minha casa para o drink de despedida?

Bond pôs imediatamente de parte os seus pensamentos lascivos. Segundo Dikko, ser convidado a uma residência particular japonesa era um sinal incomum de consideração. Portanto, fosse lá por que fosse, êle agira acertadamente em ganhar esse jogo de crianças. Grandes coisas poderiam resultar daí. Bond fêz uma nova mesura:

— Não há nada que me possa causar maior prazer, Tigre.

Uma hora mais tarde estavam ditosamente refestelados em cadeiras ocidentais, com uma bandeja de bebidas entre os dois. O reflexo das luzes de Yokohama acendia um vivo clarão alaranjado ao longo do horizonte e pela parede divisória completamente aberta que dava para o jardim interno penetrava o cheiro distante do porto e do mar. A casa de Tigre, como a do mais humilde assalariado japonês, fora carinhosamente planejada de maneira a reduzir ao mínimo possível a linha de separação entre os seus habitantes e a natureza. As três outras paredes divisórias do compartimento quadrado também estavam inteiramente corridas, revelando às vistas uma alcova, um pequeno gabinete e um corredor.

Tigre abriu as paredes corrediças ao entrarem na peça.

— No Ocidente — disse êle, — quando há segredos a discutir, fecham-se todas as portas e janelas. No Japão, abrimos tudo para ter certeza de que ninguém fica à escuta atrás dessas paredes finas. E o assunto que tenho a discutir consigo agora é do mais absoluto sigilo. O *saque* está suficientemente aquecido? Tem os cigarros que prefere? Então ouça o que lhe vou dizer e dê-me a sua palavra de honra de que não o revelará a ninguém. — Tigre Tanaka soltou a sua grande risada séria, cheia de dentes de ouro. — Se quebrasse a sua promessa, eu não teria outro remédio senão eliminá-lo da face da Terra.

Desce o pano para Bond?

Exatamente um mês atrás, estava-se na véspera do encerramento anual no Blades. No dia seguinte, primeiro de setembro, os sócios que ainda continuavam em Londres, violando as convenções da moda, teriam de encheitar-se pelo espaço de um mês inteiro no Whites ou no Boodle's. O Whites era considerado ruidoso e grão-fino; quanto ao Boodle's, estava cheio de velhos proprietários rurais que não falariam de outra coisa senão da abertura da temporada de caça à perdiz. Para os sócios do Blades, isso equivalia a passar um mês no deserto. Mas que se havia de fazer? Afinal, não se podia negar que os empregados tivessem direito às suas férias. Mais importante ainda era a necessidade de reformar a pintura e de substituir algumas vigas podres do teto.

M., sentado no balcão envidraçado que dava para a St. James's Street, pouco estava ligando para isso. Tinha em perspectiva duas semanas de pesca à truta no Rio Test e, quanto à quinzena restante, tomaria café com sanduíches no seu bureau. Raramente ia ao Blades, e quando o fazia era para entreter convidados importantes. Não era um homem de clubes e, se lhe dessem a escolher, ter-se-ia contentado com o Sênior, a maior sociedade recreativa de funcionários civis no mundo inteiro. Mas ali era por demais conhecido e as conversas quase que só giravam em torno de assuntos da profissão. Havia, além disso, uma porção de antigos companheiros de bordo com a mania de perguntar-lhe o que estava fazendo depois que se aposentara. A mentira sobre "o emprego que arranjava numa empresa chamada Universal Export" o enchia de tédio e, embora verificável, apresentava os seus riscos.

Porterfield, que andava à volta da mesa com os charutos, curvou o corpo para a frente e estendeu a caixa ao convidado de M. Sir James

Molony arqueou as sobrancelhas com um ar irônico.

— Vejo que os havanas continuam a entrar.

Sua mão hesitou. Apanhou um “Romeo y Julieta”, beliscou-o de leve e passou-o sob o nariz.

— Que é que a Universal Export envia a Fidel Castro em troca? “Blue Streak”?

M. não achou graça e Porterfield notou isso. Como sargento-ajudante, havia servido sob as ordens de M. num dos últimos comandos deste.

— A verdade, Sir James — apressou-se êle a dizer, mas sem mostrar precipitação, — é que os melhores charutos da Jamaica, hoje em dia, não ficam atrás dos havanas em nada. Conseguiram finalmente acertar com uma boa capa.

Fechou a tampa de vidro da caixa de charutos e afastou-se. Sir James Molony apanhou o perfurador que o maltre deixara em cima da mesa e aparou com precisão a ponta do seu charuto. Acendeu um isqueiro e começou a passar a chama de um lado para outro na extremidade aberta, chupando suavemente até que o charuto ficasse aceso a seu contento. Tomou então um sorvo de brande, outro de café, e recostou-se na cadeira. Observou com ar afetuoso e irônico a testa enrugada do anfitrião.

— Muito bem, meu caro. Agora pode falar. Qual é o problema?

Mas M. tinha o pensamento alhures. Parecia lutar com dificuldade para acender o seu cachimbo.

— Que problema? — perguntou vagamente, entre duas baforadas.

Sir James Molony era o maior neurologista da Inglaterra. No ano anterior recebera um Prêmio Nobel pela sua obra atualmente famosa, *Alguns Efeitos Psicossomáticos Secundários da Inferioridade Orgânica*. Era também, por nomeação, especialista em doenças nervosas para o Serviço Secreto e, se bem que raramente fosse chamado a desempenhar essas funções, o que só acontecia *in extremis*, os problemas que lhe propunham interessavam-no grandemente por serem ao mesmo tempo humanos e de vital importância para o Estado. Aliás, desde o fim da guerra esta última qualificação só se apresentava de longe em longe.

M. virou-se de ilharga para o seu convidado e observou o tráfego na St. James's Street.

— Meu amigo — disse Sir James Molony, — como todo mundo você tem certos padrões de conduta. Um deles consiste em me convidar de vez em quando para almoçar no Blades, empanturrando-me como um ganso de Estrasburgo para depois me confiar algum medonho segredo e

solicitar o meu auxílio. Da última vez, se bem me lembro, queria saber se eu podia arrancar certas informações a um diplomata estrangeiro submetendo-o a uma hipnose profunda sem que êle o soubesse. Disse-me que não havia outro recurso. E eu respondi que não podia auxiliá-lo. Duas semanas mais tarde, li no jornal que esse mesmo diplomata havia perdido a vida ao fazer experimentos com a força da gravidade numa janela de décimo andar. O juiz de instrução pronunciou um veredicto parcial do gênero “caiu ou foi empurrado”. Que apito quer que eu toque desta vez em paga do meu jantar? — E, abrandando um pouco, Sir James Molony ajuntou com simpatia:—Vamos, M.! Desembuche logo!

M. fitou-o nos olhos, friamente.

— Trata-se do 007. Ando cada vez mais preocupado com êle.

— Você leu os meus laudos sobre o estado de saúde do rapaz. Há alguma novidade?

— Não. Continua na mesma. Está se desintegrando aos poucos. Chega tarde ao escritório. Gazeia o trabalho. Comete erros. Bebe demais e perde muito dinheiro num desses novos clubes de jogo. Tudo isso somado significa que um dos meus melhores auxiliares está em vias de se tornar um risco para a segurança. Uma coisa absolutamente inacreditável, considerando a sua folha de serviços.

Sir James Molony sacudiu a cabeça convictamente.

— Não tem nada de inacreditável. Ou você não lê os meus laudos, ou não lhes dá suficiente atenção. Eu sempre disse que esse homem está sofrendo de choque.

O neurologista inclinou-se para a frente e apontou com o charuto para o peito de M.

— Você é um homem duro, M. Num emprego como o seu, isso é necessário. Mas há certos problemas, os problemas humanos por exemplo, que nem sempre se pode resolver a ponta de faca. Este é um caso ilustrativo do que digo. Aí está um agente seu, não menos rijo e valente do que você era, com certeza, na idade dele. É solteiro e um bilontra incorrigível. De repente apaixona-se — em parte, desconfio, porque a mulher em causa era infeliz e precisava dele. A gente se surpreende de ver como são vulneráveis, no fundo, esses tais durões. Vai daí, casa com ela e poucas horas depois a mulher é morta a bala por aquela espécie de supergangster. . . Como se chamava mesmo?

— Blofeld. Ernst Stávro Blofeld.

— Isso! Quanto ao seu homem, escapa com a cabeça quebrada e nada mais. Mas é então que começa a escorregar pela ladeira abai-

xo e o médico de vocês, achando que êle devia ter sofrido alguma lesão cerebral, o envia a mim. Pois o homem não tem nada... isto é, nada de físico — choque apenas. Confessou-me que tinha perdido o gosto a tudo. Que não se interessava mais pelo seu trabalho, nem mesmo pela vida. É o tipo de conversa que ouço todos os dias dos meus clientes. Trata-se de uma forma de psico-neurose que pode desenvolver-se pouco a pouco ou repentinamente. No caso do seu homem surgiu sem mais nem menos, por efeito de uma vivência intolerável — ou que êle achou intolerável por nunca tê-la experimentado antes — a perda de uma criatura amada, perda essa agravada, no seu caso, pelo fato de julgar-se culpado pela morte da noiva. Ora, meu amigo, como nem eu nem você tivemos de levar às costas esse fardo, não sabemos como reagiríamos nas mesmas circunstâncias. Mas garanto-lhe que não é brincadeira. E as resistências do seu homem começam a ceder. Eu pensei, e assim disse no meu laudo, que os perigos do cargo, as emergências, etc, o tirariam desse impasse. Descobri que se deve procurar ensinar às pessoas que não há limite para as calamidades — que enquanto houver um alento de vida no nosso corpo teremos de aceitar as misérias da vida. Muitas vezes elas parecem infinitas, insuportáveis. Mas fazem parte da condição humana. Você experimentou dar-lhe algum encargo difícil nestes últimos meses?

— Dois — respondeu M. lúgubrememente. — A ambos êle deitou a perder. No primeiro quase se fêz matar, e no segundo cometeu um erro que punha em perigo vidas alheias. Essa é outra de minhas preocupações. Antigamente êle nunca errava. Agora, de súbito, se torna sujeito a acidentes.

— Mais um sintoma da sua neurose. E então, que pretende fazer?

— Pô-lo no olho da rua — disse M. brutalmente. — Tal qual como se tivesse ficado inválido em consequência de um balaço ou contraído alguma doença incurável. Na minha seção não há lugar para cérebros estropiados, por melhor que seja a sua folha de serviço e por mais desculpas que os senhores psicólogos apresentem em seu favor. Receberá a sua pensão, é claro. Dispensa com louvor e o mais que segue. Procuraremos arranjar-lhe outro emprego. Uma dessas agências de segurança que trabalham para os bancos talvez o aceite. — M. fitou em atitude defensiva os claros e compreensivos olhos azuis do famoso neurologista. E, solicitando apoio para a sua decisão: — Percebe o que quero dizer, não é verdade, Sir James? Estou com os quadros completamente preenchidos na Chefia, e no campo da mesma forma. Não há simplesmente lugar onde colocar o 007 de modo que não venha a causar transtornos.

— Vai perder um dos seus melhores homens.

— Foi um dos melhores, mas já não é.

Sir James Molony encostou-se no respaldo da cadeira, olhou pela janela e chupou pensativamente o seu charuto. Simpatizava com o tal Bond. Tivera-o como cliente talvez já por uma dúzia de vezes. Tinha visto como o seu valor, as suas reservas de energia podiam arrancá-lo de situações desesperadoras, capazes de aniquilar qualquer ser humano normal. Sabia que tais situações punham em jogo essas reservas e a vontade de viver tornava a afirmar-se numa emergência realmente crítica. Lembrava-se de incontáveis pacientes neuróticos que haviam desaparecido para sempre do seu consultório ao irromper a última guerra. A grande angústia expulsara as pequenas ansiedades, o medo maior devorara o menor. Sir James decidiu-se por fim. E, voltando-se para M.:

— Dê-lhe mais uma chance, M. Se isso lhe pode ser útil, eu assumo a responsabilidade.

— Qual é a chance que tem em mente?

— Bem, eu não entendo muito da sua profissão, M. Nem quero entender! Já tenho segredos que chegue na minha. Mas não haverá algo de bruto mesmo, algum encargo aparentemente irrealizável que você possa dar a esse homem? Não me refiro necessariamente a uma coisa perigosa, como um assassinato, roubar códigos dos russos e por aí a fora. Mas algo de suprema importância e que pareça impossível. Você tem toda a liberdade de meter-lhe a catana se assim quiser, mas o que êle precisa acima de tudo é de um apelo supremo aos seus talentos, algo que lhe dê água pela barba e o force a esquecer os seus aborrecimentos pessoais. Êle é um camarada do tipo patriótico. Dê-lhe alguma coisa que tenha uma significação real para o seu país. Isso seria muito fácil se estalasse agora uma guerra. Não há nada como a morte ou a glória para fazer um homem esquecer a si mesmo. Não lhe ocorre nada que seja de uma urgência absoluta, imperiosa? Se tiver isso, dê-lhe a incumbência. Talvez o faça entrar de novo nos eixos. De qualquer forma, dê-lhe a oportunidade. Sim?

O súbito retinir do telefone vermelho que há tantas semanas se mantinha calado fêz com que Mary Goodnight saltasse da sua cadeira, diante da máquina de escrever, como se aquela fosse provida de um mecanismo ejetor de cartuchos. Correu para a sala contígua, deixou passar um segundo para recobrar o fôlego e apanhou o fone como se fosse uma cobra cascavel.

— Sim, senhor.

— Não, senhor. É a secretária dele que está falando. — E olhou para o seu relógio de pulso, sentindo plenamente a seriedade da situação.

— Isto não está nos hábitos dele, senhor. Espero que não demore senão alguns minutos. Quer que eu o avise para chamá-lo, senhor?

— Sim, senhor.

Mary recolocou o fone no lugar. Notou que sua mão tremia. Diabo do homem! Onde estaria? “Oh! James, apresse-se, por favor!” disse ela em voz alta. Voltou desconsoladamente para a sua mesa e sentou-se diante da máquina de escrever vazia. Olhou as teclas cinzentas com olhos que nada enxergavam, concentrando todos os seus poderes mentais na mensagem telepática que procurava enviar. “James! James! M. precisa de você! M. precisa de você! M. precisa de você!” Seu coração falhou uma batida. O Sincrafone! Quem sabe se desta vez ele não o tinha esquecido? Correu novamente à sala de Bond e abriu de supetão a gaveta do lado direito. Não! Lá estava o pequeno receptor de plástico por meio do qual poderia tê-lo chamado do PABX. O instrumento que todos os funcionários graduados da Chefia tinham a obrigação de levar consigo quando saíam do edifício. Mas havia semanas que ele esquecia ou, pior ainda, desdenhava de levá-lo consigo. Mary Goodnight tirou-o da gaveta e pespegou-o com força bem no centro da pasta-mata-borrão de Bond.

— Oh! diabos o levem, diabos o levem! — exclamou em voz alta, e voltou para a sua sala com a impressão de que tinha chumbo nos pés.

O estado de sua saúde, o estado do tempo, as maravilhas da natureza — tudo são coisas que raramente ocupam as reflexões do homem mediano antes dos trinta e cinco anos. É só no limiar da idade madura que começamos a nos fixar nessas coisas, até então partes de um desinteressante pano de fundo sobre o qual se desenrolam fatos mais urgentes, mais palpantes.

Até esse ano James Bond, a rigor, não tomara conhecimento de nenhuma delas. Exceção feita de alguma ressaca ocasional e da reparação de danos físicos que, para ele, eram o equivalente da queda de uma criança que se fere no joelho, nunca se preocupara com a sua saúde. O estado do tempo? Simples questão de levar ou não levar consigo uma capa impermeável ou de erguer a capota do seu Bentley conversível. Quanto aos pássaros, abelhas e flores, as maravilhas da natureza, a única coisa que importava era saber se não picavam nem mordiam, se cheiravam bem ou mal. Mas nesse dia, o último de agosto, oito meses exatos da morte de Tracy, segundo se recordara pela manhã, fora sentar-se no Roseiral da

Rainha Mary, no Regens Park, o tinha o espírito totalmente ocupado por essas mesmas coisas.

Primeiro, a saúde. Sentia-se rebentado e sabia que isso se notava na sua aparência. Durante meses, sem confessá-lo a ninguém, havia trilhado a Harley Street, a Wigmore Street e a Wimpole Street à procura de um médico que lhe trouxesse alívio. Apelara para especialistas, clínicos gerais, charlatães — até para um hipnotista. “Sinto-me escangalhado”, dissera-lhes. “Durmo mal. Não como praticamente nada. Bebo demais e o meu trabalho anda por conta do Canhoto. Estou fuzilado. Faça com que eu me sinta melhor.” E todos lhe haviam tomado a pressão sangüínea, analisado a urina, escutado o coração e o peito e formulado perguntas que êle respondia sem faltar à verdade; e todos diziam que não tinha nada de sério. Êle pagava os cinco guinéus da consulta e ia à farmácia mandar aviar a nova receita — tranqüilizadores, revigorantes, pílulas para dormir. Vinha, agora, de cortar relações com o último deles, o hipnotizador, cujo oráculo fora, em essência, o de que Bond precisava recobrar a sua virilidade possuindo uma mulher. Como se já não houvesse recorrido a isso! Havia as que o aconselhavam a subir a escada com cautela, as que lhe pediam para levá-las a Paris, as que indagavam com indiferença: “Está se sentindo melhor agora, meu bem?” o hipnotizador não era mau sujeito, só que um pouco chato quando começava a gabar-se de poder curar verrugas ou a queixar-se de ser perseguido pela Sociedade Britânica de Medicina; mas Bond fartara-se afinal de ficar sentado a escutar aquela voz calma e monótona enquanto, de acordo com as instruções recebidas, relaxava os músculos e fitava a lâmpada elétrica descoberta. Nesse mesmo dia resolvera abandonar pelo meio o tratamento, que lhe custara cinquenta guinéus, e viera sentar-se nesse jardim isolado antes de voltar ao seu escritório no outro lado do parque, a dez minutos de marcha dali.

Consultou o seu relógio. Três horas e alguns minutos. Devia ter voltado ao serviço às duas e meia. Pipocas! Fazia um calor do diabo. Enxugou a testa com a mão e secou a mão na perna das calças. Em outros tempos não costumava suar assim. As condições atmosféricas deviam estar mudando. Efeito da bomba atômica, por mais que os cientistas o negassem. Bom mesmo seria ir agora para o sul da França! Um lugar onde fosse possível tomar banho de mar sempre que isso lhe apetecesse. Mas já gozara suas férias nesse ano. Aquele mês pavoroso que lhe concederam após a morte de Tracy. Tinha ido à Jamaica. Que inferno, senhores! Não! Os banhos de mar não resolviam. Aqui, em suma, estava-se muito bem. Esplêndidas rosas para contemplar. Cheiravam bem e era agradável ficar a

olhá-las enquanto escutava o tráfego distante. Agradável, o zumbido das abelhas. Como andavam de flor em flor, trabalhando para a sua rainha! Precisava ler o livro daquele belga, Metternich ou coisa que o valha. O mesmo homem que escreveu sobre as formigas. Extraordinário ter um propósito assim na vida. Elas não sabiam o que fossem aborrecimentos. Viviam e morriam, simplesmente. Faziam a sua obrigação e caíam mortas. Por que é que não se via uma porção de cadáveres de abelhas pelo chão? E cadáveres de formigas? Deviam morrer milhares, milhões todos os dias. Talvez fossem comidas pelas outras. Bem, bem! Estava na hora de voltar ao escritório e ouvir a tosquiadela de Mary. Um amor de mulher! Tinha todo o direito de invectivá-lo como fazia. Mary era a sua consciência. Mas não podia fazer idéia dos seus aborrecimentos. Que aborrecimentos? Bem, bem, não vamos entrar nesse assunto agora. James Bond levantou-se, caminhou para os canteiros e leu as etiquetas de chumbo das rosas que estivera a contemplar. Essas etiquetas o informaram de que as rosas rubras se chamavam “Super Star” e as brancas, “Iceberg”.

Então, levando na cabeça a sua saúde, o calor e os cadáveres de abelhas a revolver-se de mistura, numa ronda preguiçosa, James Bond afastou-se na direção do alto edifício cinzento cujos andares superiores se entremostravam por entre as árvores.

Eram três e meia. Apenas duas horas mais antes do próximo *drink*!

— Sua secretária anda numa roda viva, perguntando em toda a parte pelo senhor — disse o ascensorista, apoiando o cotovelo do braço direito na alavanca de controle.

— Obrigado, sargento.

Recebeu a mesma mensagem quando saiu no quinto andar e mostrou o seu passe ao guarda de segurança postado atrás de uma escrivaninha. Seguiu sem pressa pelo tranqüilo corredor, demandando as salas do fundo, que tinham o sinal de Doble-Zero na porta. Entrou pela porta numerada 007 e cerrou-a empós de si. Mary Goodnight ergueu os olhos à sua entrada e disse calmamente:

— M. quer lhe falar. Telefonou há meia hora.

— Quem é M.?

Mary Goodnight pôs-se bruscamente em pé, com os olhos a fuzilar.

— Pelo amor de Deus, James, acabe com isso! Olhe, sua gravata está torta.

Caminhou para James, que docilmente a deixou endireitar a gravata.

— E o seu cabelo está todo despenteado. Tome, use o meu pente. Bond pegou o pente e passou-o distraidamente pelo cabelo.

— Você é uma ótima criatura, Goodnight. — E, apalpando o queixo: — Não terá a sua gilete por aí? Não posso apresentar-me no cadafalso com a barba por fazer.

— Por favor, James! — Os olhos de Mary brilhavam. — Vá ao telefone e fale com êle. Há semanas que M. não o vê. Talvez seja alguma coisa importante. Alguma coisa emocionante.

Esforçava-se desesperadamente para dar um tom animador à sua voz.

— É sempre emocionante começar vida nova. Afinal, quem é que tem medo desse Papão? Você não virá me ajudar na minha granja de criação de galinhas?

Mary virou as costas e cobriu o rosto com as mãos. Êle deu-lhe uma palmadinha displicente no ombro, dirigiu-se para o seu escritório e apanhou o telefone vermelho.

— Aqui é 007, senhor.

— Desculpe, senhor. Tive de ir ao dentista. — Sim, eu sei. Desculpe. Esqueci-me dele na gaveta do bureau.

— Sim, senhor.

Largou o fone vagarosamente no lugar. Correu os olhos pelo escritório como que a dizer-lhe adeus, saiu pelo corredor em fora e subiu no elevador com a resignação de um sentenciado.

Miss Moneypenny olhou para êle com mal disfarçada hostilidade.

— O senhor pode entrar.

Bond perfilou os ombros e encarou a porta acolchoada, por trás da qual fora tantas vezes decidido o seu destino. Estendeu a mão cautelosamente para o trinco, quase como se temesse receber um choque elétrico, e entrou, fechando a porta atrás de si.

3

A missão impossível

Com a cabeça metida entre os ombros, na sua roupa azul de talhe retilíneo, M. estava em pé diante da ampla janela e olhava o parque lá em baixo.

— Sente-se — disse, sem voltar os olhos. Nada de nome, nem mesmo de número!

Bond escolheu o assento de costume, que fazia face à alta cadeira de braços de M., com a escrivaninha de permeio. Reparou que não havia nenhum dossiê sobre o couro vermelho diante da cadeira. E as cestinhas de Entradas e Saídas estavam ambas vazias. De repente, sentiu verdadeiro remorso de tudo aquilo — de ter sido omissos para com M., para com o Serviço, para consigo mesmo. O bureau vazio, a cadeira vazia, eram a acusação definitiva. Não temos nada para você, pareciam dizer. Já não precisamos de seus serviços. Sentimos imenso. Tivemos muito prazer em conhecê-lo, mas... aí está!

M. deixou a janela, sentou-se pesadamente e fitou os olhos em Bond. A cara enrugada de marinheiro não deixava transparecer nada. Parecia tão impassível quanto o couro azul polido do espaldar da cadeira vazia, antes que êle se houvesse sentado.

— Sabe por que foi que o mandei chamar?

— Faço uma idéia, senhor. Se assim deseja, pedirei a minha demissão.

— Que raio de história é essa de que está falando? — retrucou M., irado. — Não é culpa sua se a Seção Doble-Zero esteve às moscas durante tanto tempo. O nosso Serviço é assim mesmo. Não é o primeiro período de ociosidade que você passa... Meses a fio sem ter o que fazer.

— Sim, mas desempenhei mal as duas últimas missões. E sei que

o meu estado de saúde não tem sido satisfatório nestes últimos meses.

— Besteira! Você não tem nada. O que houve é que passou um mau bocado. Tinha boas razões para andar um pouco abichornado. No que diz respeito às duas últimas missões, ninguém está a salvo de errar. Mas, como não posso ter gente desocupada aqui, vou tirá-lo da Seção Doble-Zero.

Bond, que cobrara alento temporariamente, sentiu-se de novo descoroçar. O velho estava sendo camarada, procurando amortecer o golpe.

— Bem, se para o senhor não faz diferença, eu desejaria ainda apresentar a minha demissão. — disse êle. — Usei por muito tempo o prefixo Doble-Zero. Devo dizer-lhe que o trabalho de escritório não me interessa, senhor. E que também não valho nada para isso.

M. fêz, então, uma coisa inédita para Bond. Levantou o punho e descarregou-o com violência no bureau.

— Com quem você pensa que está falando? Quem é que manda aqui? Justos céus! Mando-o chamar para promovê-lo e dar-lhe a missão mais importante da sua carreira e você me fala em pedir demissão! Seu cabeça de pau!

Bond ficou apatetado. Uma vasta onda de excitação percorreu-o de alto a baixo. Que diabo de coisa era aquela?

— Peço mil desculpas, senhor — disse êle. — Eu achava que me tinha tornado frouxo no cumprimento de meus deveres ultimamente.

— Eu lhe direi quando se tornar frouxo no cumprimento de seus deveres —olveu M. dando uma nova punhada na mesa, mas dessa vez com menos força. — Agora escute. Vou promovê-lo temporariamente à Seção Diplomática. Um número de quatro algarismos e mil libras adicionais por ano. Você não deve conhecer muito bem essa Seção, mas fique sabendo desde já que só existem nela outros dois homens. Se assim quiser, pode conservar o seu escritório e a sua secretária atuais. Eu preferiria mesmo que fosse assim. Não desejo que a sua mudança de funções se torne conhecida. Compreendeu?

— Sim, senhor.

— Em todo caso, você partirá para o Japão dentro de uma semana. O chefe do pessoal está tomando pessoalmente todas as disposições. Nem sequer o meu secretário está informado. Como você pode ver — ajuntou M., designando com a mão a mesa vazia, — não temos nem mesmo um dossiê sobre o caso. Isso lhe dará uma idéia de sua importância.

— Mas por que escolheu a mim, senhor?

O coração de Bond pulsava com violência. Era esta a mais extraordi-

nária mudança que já se operara no seu destino! Dez minutos atrás estava no lixo, com a carreira e a existência arruinadas; e de repente propunham colocá-lo nas alturas! Que diabo de história era aquela?

— Pela simples razão de que a tarefa é impossível. Não, não irei tão longe. Digamos que o êxito é inteiramente improvável. Você tem revelado uma aptidão para as missões difíceis. A única diferença neste caso é que não comporta o emprego de métodos violentos — prosseguiu M. com um sorriso glacial. — Não há lugar aqui para esses combates a bala de que você tanto se gloria. Será uma luta de astúcia e nada mais. Mas se você vencer, o que eu duvido muito, terá elevado mais ou menos ao dobro as informações que temos sobre a União Soviética.

— O senhor não pode me explicar isso mais por miúdo?

— É justamente o que me cumpre fazer, uma vez que não há nada escrito. Quanto aos materiais de escalão inferior, sobre o Serviço Secreto Japonês, etc, poderá obtê-los na Seção J. O Chefe do Pessoal recomendará ao Coronel Hamilton que responda às suas perguntas sem ocultar nada, embora você não deva revelar a êle a finalidade da sua missão. Entendido?

— Sim, senhor.

— Ora, muito bem. Sabe alguma coisa de criptografia?

— Só o que há de mais rudimentar, senhor. Sempre preferi não me imiscuir nesse assunto. Seria menos perigoso no dia em que a Oposição conseguisse deitar-me as unhas.

— Pois fêz muito bem. Mas agora convém saber que os japoneses são exímios na matéria. Eles possuem a mentalidade talhada para essas questões meticulosas de letras e números. Depois da guerra, sob a orientação da C. I. A., construíram cérebros eletrônicos incríveis, muito mais aperfeiçoados que os da I. B. M. e outros do mesmo gênero. E há um ano que estão lendo o que há de mais essencial na correspondência soviética enviada de Vladivostok e da Rússia Oriental — no setor diplomático, no naval, no aeronáutico . . . tudo, em suma.

— Isso é formidável, senhor.

— Formidável para a C. I. A.

— Mas eles não partilham conosco o que sabem? Eu julgava que fôssemos unha e carne com a C. I. A. em toda parte!

— Não no Pacífico. Eles o consideram como sua propriedade particular. No tempo de Allan Dulles, pelo menos, recebíamos uma súmula de tudo que nos dissesse respeito, mas o novo chefe, McCone, acabou com isso. Êle é um ótimo sujeito, e pessoalmente nos damos bem, mas

disse-me com franqueza que está cumprindo ordens... Ordens do Conselho Nacional de Defesa. Os americanos preocupam-se com a nossa segurança. Não posso censurá-los por isso. Eu também me preocupo com a deles. Há dois anos atrás, dois de seus melhores criptógrafos passaram para o outro lado e devem ter revelado muita coisa que nós transmitimos aos americanos. O grande mal desta nossa chamada democracia é que a Imprensa se apodera de tais casos e exagera-lhes as proporções até mais não poder. O *Pravda* não se derrete em lágrimas quando um russo passa para o nosso lado. O *Izvestia* não reclama um inquérito oficial. Suponho que alguém no K. G. B. leve uma ensaboada, mas pelo menos eles lá podem continuar o seu trabalho sem que venha um membro aposentado do Soviete Supremo vasculhar os seus arquivos e ensinar-lhes como se dirige um serviço secreto.

Bond não ignorava que M. havia pedido demissão após o caso Prenderghast. Tratava-se de um chefe de posto com tendências homossexuais que em data recente, em meio ao espalhafato da publicidade internacional, fora condenado a trinta anos por alta traição. O próprio Bond fora chamado a depor e sabia que as interpelações na Câmara dos Comuns, o processo no Tribunal de Old Bailey e as subseqüentes audiências no Farrier Tribunal sobre os Serviços de Informações haviam paralisado todas as atividades da Chefia pelo espaço de um mês, pelo menos, e levado ao suicídio um chefe de seção, homem inteiramente inocente que tomara todo aquele caso como uma investida direta contra a sua probidade pessoal. Procurando trazer M. de volta ao assunto, Bond perguntou:

— Mas, a respeito dessas informações que os japoneses estão obtendo: qual será o meu papel nisso, senhor?

M. pousou ambas as mãos espalmadas sobre a mesa. Era o seu velho gesto sempre que se chegava à pergunta crucial, e ao vê-lo, o coração de Bond pôs-se a bater ainda mais depressa.

— Existe em Tóquio um homem chamado Tigre Tanaka. Chefe do Serviço Secreto lá deles. Não me lembro como é o nome. Uma dessas impronunciáveis embrulhadas japonesas. Mas é um homem notável. Primeiro esteve em Cambridge. Depois voltou para cá e foi espião deles antes da guerra. Fêz parte do Kempitei, a Gestapo japonesa durante a guerra, esteve treinando para *kamikaze* e a estas horas não existiria mais se não fosse a capitulação. Pois esse sujeito está de posse das informações que nós queremos— que eu quero e que a Chefia quer. Sua tarefa é ir lá e arrancar-lhe essas informações. Como? Não sei. Isso é consigo. Mas agora pode perceber por que eu disse que não tem muitas probabilidades de

êxito. Ele está enfeudado à C. I. A. — (Bond achou graça na velha expressão escocesa.) — Provavelmente não faz grande opinião de nós.

O lábio inferior de M. avançou, repuxando para baixo os cantos da boca.

— Isso é geral hoje em dia. Pode ser que tenham razão e pode ser que não. Eu não sou político. Tanaka pouco sabe a respeito do Serviço, além do que conseguiu adivinhar e do que lhe informou a C. I. A., e creio que isso não há de ser muito lisonjeiro para nós. Desde 1950 que não temos posto no Japão. Não há intercâmbio. Todo ele passou para os americanos. Você vai trabalhar com os australianos. Dizem eles que têm lá um homem muito competente, e a Seção J. confirma. Em todo caso, a situação é essa. Se há alguém capaz de sair-se bem nessa história, é você. Quer experimentar, James?

O rosto de M. assumiu de repente uma expressão amistosa, o que não lhe era muito comum. James Bond sentiu-se tomado de súbita afeição por esse homem que há tanto tempo vinha comandando o seu destino e a quem, no entanto, conhecia tão pouco. O instinto lhe dizia que havia coisas ocultas por trás dessa incumbência, motivos que ele não compreendia. Estaria sendo objeto de uma operação de salvamento? Seria a última chance que lhe dava M.? Em todo caso, parecia algo bastante sólido. As razões eram convincentes. Impossível, ou pouco menos que impossível? Talvez. Por que M. não escolhia alguém que falasse japonês? Bond nunca fora além de Hong-Kong. Mas a verdade é que os orientalistas tinham também os seus inconvenientes — muito apegados às cerimônias de chá, aos arranjos florais, ao Zen e coisas que tais. Não. Aquilo parecia sério.

— Sim, senhor. Gostaria de experimentar — respondeu.

M. sacudiu abruptamente a cabeça. — ótimo. — Inclinou o corpo para a frente e apertou um botão da rede de comunicações internas. — Chefe do Pessoal? Que número designou ao 007? Muito bem. Ele vai lá agora mesmo para falar consigo.

M. recostou-se novamente na cadeira e esboçou um dos seus raros sorrisos.

— Você não se livra do número sete. Desta vez são quatro setes. Bem, pode ir receber as instruções finais.

— Perfeitamente, senhor. E... hum... muito obrigado.

Bond levantou-se, tomou a direção da porta, abriu-a e saiu. Foi direito a Miss Moneyppenny, curvou-se e beijou-a na face. Ela ficou vermelha e levou a mão ao lugar em que recebera o beijo.

— Seja um anjo, Penny, e telefone a Mary dizendo-lhe que cancele tudo que tiver programado para hoje à noite. Quero levá-la para jantar no Scotts. Diga-lhe que vamos comer o primeiro galo-silvestre assado da temporada. Com champanha rosado. Comemoração.

— De quê? — Miss Money Penny arregalara os olhos, cheia de avorço.

— Que sei eu? Do aniversário da Rainha ou qualquer coisa. Combinado?

James Bond atravessou a sala e dirigiu-se para o gabinete do chefe do pessoal. Miss Money Penny apanhou o telefone interno e transmitiu a mensagem numa voz emocionada.

— Acho que ele está recuperado, Mary. Voltou a ser o mesmo homem de antigamente. Só Deus sabe o que M. lhe esteve dizendo. Almoçou hoje com Sir James Molony. Não fale nisso a James, mas deve haver alguma relação entre as duas coisas. Neste momento está com o Chefe do Pessoal. E Bill disse que não queria ser interrompido. Parece tratar-se de alguma missão. Bill está muito misterioso.

Bill Tanner, ex-Coronel Tanner dos Sapadores, e o melhor amigo de Bond no Serviço, levantou os olhos da sua escrivaninha sobrecarregada de papéis e sorriu de prazer ante o que via.

— Pegue uma cadeira, James. Então você aceitou? Era o que eu esperava. Mas não deixa de ser um trabalho dos mais cabulosos. Você acha que consegue?

— Está me parecendo que não tenho a mínima possibilidade — respondeu Bond jovialmente. — Esse tal Tanaka deve ser duro de roer e eu não sou muito bom diplomata. Mas por que foi que M. me escolheu, Bill? Eu pensava estar no desvio por causa daqueles dois trabalhos que deitei a perder. Estava pronto para iniciar uma criação de galinhas. Bem, agora seja bonzinho e me diga qual é a verdadeira situação.

Bill, que se havia preparado para essa pergunta, respondeu sem hesitação:

— Besteira, James. Você atravessou tempos difíceis. Isso acontece a todos nós uma vez ou outra. O que há, simplesmente, é que M. o considera o homem mais indicado para esta tarefa. Você sabe que ele faz uma opinião completamente infundada das suas aptidões. Seja como fôr, isto agora é algo bem diferente das suas refregas habituais. Já era tempo de deixar essa sua infernal Seção Doble-Zero. Você nunca pensa em ser promovido?

— Absolutamente não — respondeu Bond com fervor. — Assim

que voltar desta empreitada vou pedir que me devolvam o meu antigo número. Mas diga-me como devo proceder neste negócio. Em que consiste a cobertura australiana? Terei alguma coisa para oferecer a esse ardiloso oriental em troca das suas pérolas? Como será transmitido o contrabando para cá se eu conseguir deitar-lhe as unhas? Deve ser um processo complicadíssimo.

— Todo o produto do Posto H fica à disposição de Tanaka. Se êle quiser, pode mandar um de seus homens a Hong-Kong para participar do nosso trabalho. É provável que já esteja muito bem informado sobre a China, mas não pode ter nada que se compare à nossa ligação com Macau, a “Rota Azul”. Hamilton lhe dirá tudo que fôr preciso sobre isso. Em Tóquio, o homem com quem você vai trabalhar é um australiano chamado Henderson — Richard Lovelace Henderson. Tem um nome gozado, mas a Seção J e todos os veteranos do Japão garantem a sua competência. Você levará um passaporte australiano e nós tomaremos disposições para que vá como auxiliar dele. Desse modo terá uma posição diplomática e gozará de certo grau de prestígio — de cara, o que, segundo Hamilton, é por lá um sucedâneo de quase todas as qualidades imagináveis. Se você conseguir a muamba, Henderson a enviará a nós por intermédio de Melbourne. Vamos pôr à disposição dele um corpo de agentes de comunicação para esse fim. Qual é a pergunta seguinte?

— Que é que a C. I. A. vai achar disto tudo? É uma pilhagem descarada, afinal de contas...

— Eles não são donos do Japão. De qualquer forma, não deverão saber. Isso fica por conta do tal Tanaka. Êle se encarregará de organizar o sistema de comunicações com a embaixada australiana. É problema seu. Mas tudo isso está assentado sobre uma base muito precária. O principal é certificar-nos de que êle não irá direito à C. I. A. avisá-la da nossa entrada em cena. Se você fôr descoberto, teremos de fazer com que os australianos assumam toda a responsabilidade. Eles já o têm feito por ocasião de outras tentativas frustradas de nossa parte para penetrar na área do Pacífico. Nossas relações com o Serviço australiano são ótimas. Eles têm uma turma de primeira. E, de qualquer forma, a C. I. A. não tem as mãos tão limpas assim. Houve uma porção de casos em que interceptaram nossas linhas de comunicação ao redor do mundo. E muitas vezes de maneira perigosa. Poderemos lançar isso em rosto a McCone se a tentativa de agora falhar. Mas, em parte, a sua incumbência é a de fazer com que não falhe.

— O que parece é que estou me enredando cada vez mais na alta

política. É algo que está completamente fora do meu ramo. Mas isto é realmente de importância tão vital como diz M.?

— Que dúvida! Se você obtiver o que andamos buscando, vai ver que a pátria reconhecida lhe faz presente dessa granja de galináceos em que tanto fala.

— Assim seja. Então, agora faça o favor de avisar a Hamilton que eu vou lá me informar sobre o misterioso Oriente.

— *Kangei!* Bem-vindo a bordo! — disse a bonita aeromoça da Japan Airlines, ao instalar-se James Bond, uma semana mais tarde, no confortável assento de janela do Douglas DC 8, avião a turbo-hélice com quatro jatos. Era no aeroporto de Londres e a jovem vestia *quimono* e *obi*. Bond pôs-se a escutar a macia fala japonesa que saía do alto-falante e devia estar dizendo as coisas de costume sobre os cinturões salva-vidas e o tempo de voo até Orly. Os saquinhos para enjôo eram adornados com lindos emblemas de bambus e, segundo o folheto de viagem primorosamente impresso, os rabiscos traçados aqui e ali na prateleira de bagagem acima da cabeça do viajante representavam o “tradicional e auspicioso motivo do casco de tartaruga”. A aeromoça curvou-se diante dele estendendo-lhe um gracioso leque, uma toalhinha quente num cestinho de vime e um suntuoso menu com uma nota que oferecia à venda uma variedade de cigarros, perfumes e pérolas. E então partiram, com 50 000 libras de empuxo, na primeira escala das quatro que conduziriam a boa aeronave Yoshino até Tóquio, por cima do Pólo Norte.

Bond ficou contemplando as três laranjas (não! ao cabo de uma hora chegou à conclusão de que eram caquis) pintados num vaso azul que tinha à sua frente, e quando o avião se horizontalizou à altura de 9000 metros, pediu o primeiro da série de brandes com ginger ale que iriam sustentá-lo por cima da Mancha, de um braço do Mar do Norte, do Kattegat, do Oceano Ártico, do Mar de Beaufort, do Mar de Bering e do Pacífico Norte. O que quer que acontecesse nessa impossível missão, resolveu que não se oporia a mudar de pele no outro lado do mundo. E na hora em que foi admirar o urso polar empalhado em Anchorage, no Alasca, o abraço macio das asas da JAL já o havia persuadido a não se importar que a nova pele fosse amarela.

Aula preliminar com Dikko

O formidável punho bateu na palma da mão esquerda com o estrondo de um tiro de pistola calibre 45. O carão quadrado do australiano ficou quase roxo e as veias saltaram nas têmporas grisalhas. Com uma violência controlada, mas na voz mais baixa possível, o homem entoou furiosamente:

Eu engrazulo,
Tu engrazulas,
Êle engrazula,
Nós engrazulamos,
Vós engrazulais,
Todos eles engrazulam.

Meteu a mão por baixo da mesa, mas pareceu mudar de idéia e pegou o copo de *saque*, derramando-o pela goela abaixo de uma só assentada.

— Calma, Dikko — disse Bond com brandura. — Que bicho foi que o mordeu? E que significa essa malsoante expressão colonial?

Richard Lovelace Henderson, do Corpo Diplomático Australiano de Sua Majestade, correu os olhos belicosamente pelo pequeno bar apinhado de gente, numa rua transversal à Ginza, e disse pelo canto da bocarra habitualmente jovial, mas que nesse momento aparecia contorcida de ira e malevolência:

— Fomos micrados, seu godeme burro! Esse engrazulador do Tanaka botou um microfone aqui, debaixo da mesa! Está vendo este fio fininho que desce pelo pé? E aquele maneta lá no balcão? O sujeito com um

braço só, que parece tão distinto com o traje azul e a gravata preta? É um dos homens de Tigre. Eu já os conheço pelo faro. Há dez anos que vivem me seguindo. Tigre veste a todos eles como cavalheiros da C. I. A. Cautela com todo o japonês que tome bebidas ocidentais e use aquela roupa. São todos homens de Tigre. Não sei por que não vou até lá passar uma raspa nesse safardana — resmungou Dikko para finalizar.

— Bem, se fomos micrados, o Sr. Tanaka vai ouvir boas amanhã de manhã — disse Bond.

— Bolas!—volveu Dikko Henderson em tom resignado. — O velho malandro já sabe o que eu penso dele. Agora vai ter tudo por escrito. Isso é para ensiná-lo a viver pendurado em mim. E nos meus amigos — acrescentou, lançando um olhar feroz a Bond. — Na realidade é a você que êle está procurando sondar. E pouco me importa que me ouça dizer isto. Engrazulador? Pois escute bem agora, Tigre! Este é o insulto máximo lá na minha terra. Pode-se usar a propósito de tudo. — E, alteando a voz: — Mas em geral significa um cafajeste sem préstimo, macro, biltre, mentiroso, traidor e velhaco... sem uma só boa qualidade para contrabalançar tudo isso. E faço votos para que se engasgue com o seu ensopado de algas amanhã na primeira refeição, quando ouvir o que penso de você!

Bond soltou uma risada. Essa torrente de pragas monumentais não cessava desde o dia anterior, no aeroporto — Haneda, o “Campo das Asas”. Bond levava cerca de uma hora para desembaraçar no posto da alfândega a única valise que trazia como bagagem, e ao sair furioso para o recinto central, vira-se exposto às cotoveladas e empurrões de uma multidão alvoroçada de jovens japoneses, carregando bandeiras que diziam “Convenção Internacional das Lavandarias”. Bond, que chegava exausto do vôo, deixou escapar um palavrão, um só.

Uma voz, atrás dele, repetiu o mesmo vocábulo e acrescentou alguns mais.

— Este é o meu homem! Aí está a maneira mais apropriada de saudar o Oriente! Vai precisar aqui de todas essas palavras, e ainda não chegarão.

Bond virou-se para trás. O homenzarrão de traje cinzento amarrado estendeu uma mão do tamanho de um presunto pequeno.

— Prazer em conhecê-lo. Eu sou Henderson. Como você é o único *pommy* ou bife que vem no avião, deve ser Bond. Olhe, me dê essa mala. Tenho um carro aí fora e é bom que nos safemos o mais cedo possível desta infernal casa de loucos.

Henderson dava os ares de um ex-boxeador que se houvesse apo-

sentado na Idade madura e dado para beber. Sua roupa de tecido fino fazia barriga em redor dos músculos dos braços e das almofadas de banha da cintura. Tinha uma cara angulosa e simpática, olhos azuis um tanto frios e o nariz esborrachado. Suava em bicas (Bond iria descobrir que êle transpirava constantemente) e, enquanto abria caminho por entre a multidão usando a mala de Bond à guisa de aríete, sacou do bolso traseiro das calças um lenço de tecido atalhado com que enxugou o pescoço e a face. A multidão afastava-se docilmente para deixar passar o gigante e Bond seguiu-lhe na esteira até o elegante carro Topoyet que os aguardava num local de estacionamento proibido. O chofer desceu e curvou-se diante dos dois homens. Henderson desfechou uma série de ordens em japonês fluente e foi sentar-se ao lado de Bond no assento traseiro, desabando o seu peso sobre este com um grunhido.

— Em primeiro lugar vou levá-lo ao seu hotel — o Okura, que é o mais novo dos ocidentais. Há dias um turista americano foi assassinado no Royal Oriental e nós não queremos perdê-lo tão cedo assim. Depois vamos beber a sério. Já jantou?

— Umas seis vezes, pelo que me lembro. Não se pode negar que a J. A. L. zela com muito carinho pelo estômago dos seus passageiros.

— Por que escolheu a linha japonesa? Que tal achou a velha pata-choca?

— Segundo me contaram, a ave é um grou. Cheio de arrebiques, mas eficiente. Achei conveniente exercitar-me um pouco na arte da inescrutabilidade antes de mergulhar nisto aqui — disse Bond acenando para a confusão super-povoada dos subúrbios de Tóquio, que iam atravessando a uma velocidade que êle qualificava de suicida.—Não me parece a cidade mais atraente do mundo. E por que vamos pela mão esquerda?

— Só Deus sabe — respondeu Henderson com ar macambúzio. — Os raios dos amarelos fazem tudo às avessas. Suponho que tenham entendido mal os regulamentos. As luzes das sinaleiras mudam de baixo para cima e não de cima para baixo como no resto do mundo. As torneiras giram para a esquerda. Os trincos das portas, da mesma forma. Pois se até nos prados de corrida os cavalos correm no sentido dos ponteiros de um relógio em lugar de fazê-lo na direção contrária, como em qualquer outro país “civilizado! Quanto a Tóquio, é um lugar medonho. Ou quente demais, ou frio demais, ou afogado debaixo de verdadeiros dilúvios. E quase todos os dias há um tremor de terra. Mas não se inquiete com isso. Não têm efeito maior que o de fazer a gente sentir-se ligeiramente bêbedo. Piores do que eles são os tufões. Quando começar a soprar algum, meta-

se no bar mais sólido que encontrar e tome um porre. O pior de tudo são os primeiros dez anos. A cidade tem as suas boas qualidades para quem a conhece bem. Cara como o diabo quando se vive à moda ocidental, mas eu prefiro as velas e não tenho de que me queixar. É muito estimulante, até. Mas é preciso aprender a língua e saber quando se deve fazer mesuras, tirar os sapatos e coisas que tais. Você terá de aprender com exatidão as praxes fundamentais, e isso bastante depressa, para poder fazer progressos junto a essa gente com quem veio tratar. Por trás dos colarinhos engomados e das calças listadas, nas repartições do governo, ainda se esconde uma boa dose do velho samurai. Eu faço troça deles por causa disso e eles tomam parte na brincadeira, porque precisam compreender o meu ponto de vista. Mas isso não quer dizer que eu não me curve da cintura para cima quando sei que é o que se espera de mim e quando quero obter alguma coisa. Você se adaptará com facilidade. — Henderson falou em japonês com o chofer, que vinha olhando com frequência o espelho retrovisor. O chofer riu-se e respondeu jovialmente. — É o que eu pensava: arranjamos um rabo — disse Henderson. — Típico do velho Tigre. Eu o informei de que você ia hospedar-se no Okura, mas êle quer certificar-se por si mesmo. Não se preocupe. São as manhas do homem. Se descobrir algum dos seus espiões na sua cama esta noite, ou uma espiã se tiver sorte, fale delicadamente com eles e verá que logo se somem com uma mesura.

Mas Bond dormira sozinho depois de haver “bebido a sério” no “Bamboo Bar” do Okura, e passara o dia seguinte olhando a cidade. Mandou imprimir uns cartões de visita em que se intitulava Segundo Secretário do Departamento Cultural da Embaixada Australiana.

— Eles não ignoram que esse é o nome de nossa seção de informações, que eu sou o chefe e que você é meu assistente temporário. Não há nenhum inconveniente, pois, em pôr o preto no branco — dissera Henderson.

Nessa noite foram novamente “beber a sério” no bar favorito do australiano — o Melody, numa rua transversal à Ginza, onde todo o mundo o chamava pelo nome de “Dikko” ou “Dikko-san”, e onde foram respeitosamente conduzidos à tranqüila mesa de canto que parecia ser a sua *Stammtisch*.

Henderson meteu, pois, a mão por baixo da mesa e, num movimento vigoroso, arrancou os fios das suas conexões, deixando-os pendurados.

— Ainda hei de fazer passar um mau quarto de hora a esse tal Melody das dúzias por causa disto — falou êle, com rancor. — E pensar nos

favores que prestei ao filho duma cadela! Isto aqui era um centro favorito dos vadios da Colônia Inglesa e do Clube da Imprensa. Tinha um bom restaurante anexo, que não existe mais. Uma vez o cozinheiro italiano pisou no gato e entornou a sopa; e vai daí, êle pega o gato e atira no forno. A história se espalhou logo, está claro, e todos os protetores dos animais e outros santarrões se agruparam para exigir a cassação da licença de Melody. Eu tratei de exercer pressão sobre as pessoas influentes e consegui salvá-lo, mas a freguesia abandonou o restaurante e êle teve de fechá-lo. Sou o único freqüentador regular que se manteve fiel à casa. E agora o bandido me faz esta! Bem, suponho que neste caso também tenham exercido pressão sobre êle. Seja como fôr, este será o fim da gravação para T. T. Aí está outro a quem farei passar um mau quarto de hora. Êle devia saber a estas horas que eu e meus amigos não tencionamos assassinar o Imperador nem lançar pelos ares a Dieta, nem nada. — Dikko circunvagou um olhar truculento pelo bar, como se estivesse planejando fazer ambas as coisas. — Bem, James, vamos ao nosso trabalho. Combinei um encontro entre você e Tigre amanhã de manhã às onze. Passo pelo hotel com o carro e o levo até lá. “Departamento de Usos e Costumes Pan-Asiaticòs”. Não quero descrevê-lo para não estragar as suas impressões. Ora, eu não sei exatamente o que você veio fazer aqui. Um montão de cabogramas ultra-secretos, vindos de Melbourne. Para serem decifrados por este seu criado em pessoa. Profundamente grato! E o meu embaixador, Jim Saunderson, ótimo sujeito, diz que não quer saber nada disso. Que seria até preferível não se encontrar com você. Está de acordo? Não há nada de ofensivo nisso, é que êle é muito prudente e não deseja meter a mão em casa de vespas. E eu tampouco quero tomar conhecimento da sua missão. Dessa forma você será o único em cujo café botarão o pó de bambu. Mas já entendi que tenciona obter de Tigre alguma informação valiosa sem que a C. I. A. saiba de nada. Acertei? Bem, isso não vai ser canja. Tigre é um carreirista com mentalidade de carreirista. Se bem que superficialmente seja cem por cento *demokurasu*, é um tipo insidioso — muito insidioso mesmo. A ocupação e a influência dos Estados Unidos aqui parecem formar uma base sólida para uma aliança nipo-americana total. Mas um japonês sempre é japonês, a mesma coisa que com todas as outras grandes nações — chineses, russos, alemães, ingleses. O que importa é a medula do indivíduo, não a cara postiça. E todas essas raças têm uma medula tremenda. Em comparação com ela, sorrisos ou carrancas não significam absolutamente nada. E tampouco o tempo tem qualquer significação para eles. Para os grandes, dez anos representam

o pestanejar de uma estrela. Está entendendo? Por conseguinte, Tigre e seus superiores, que suponho sejam a Dieta e, em última instância, o Imperador, considerarão a sua proposta sob dois ângulos principais. É uma coisa desejável no momento atual? Ou é um investimento a longo prazo? Algo que possa trazer proveito ao país dentro de dez ou vinte anos? De modo que eu, no seu lugar, me concentraria nesse ponto. Negociação a longo prazo. Essa gente, sujeitos como Tigre, que é um personagem de primeiro plano no Japão, não pensam em função de dias, meses ou anos. Pensam em função de séculos. E, refletindo bem, eles estão com a razão.

Dikko Henderson fez um gesto rasgado com a mão esquerda e Bond chegou à conclusão de que êle estava ficando um pouco alegre. Encontrara um bom companheiro com quem abrir-se. Isso devia ser bastante raro em Tóquio. Tanto um como o outro já haviam deixado para trás a oitava garrafinha de saque, mas Dikko lançara anteriormente uma base de uísque Suntory no Okura, enquanto esperava que Bond passasse um cabograma inócuo para Melbourne — com o prefixo “Informativo”, o que queria dizer que êle se destinava a Mary Goodnight — anunciando a sua chegada sem novidade e dando o seu endereço atual. Não era nada mau, porém, que Dikko ficasse um pouco envernizado. Nessa condição havia de falar melhor, com mais liberdade e, em fim de contas, com mais bom-senso. E Bond pretendia sondá-lo.

— Mas que espécie de pessoa é esse Tanaka? — perguntou. — É seu inimigo ou seu amigo?

— Ambas as coisas. Mais amigo do que inimigo, provavelmente. Pelo menos é o que suponho. Êle me acha divertido. Seus camaradas da C. I. A. não acham. Comigo êle se abre. Temos certas coisas em comum. Compartilhamos a inclinação pelos deleites do *samsara* — o vinho e as mulheres. Êle é um grande sultão. Eu também tenho minhas ambições nesse setor. Já consegui salvá-lo de dois casamentos. O mal de Tigre é o de querer casar-se com todas elas. Já está pagando a três o “imposto de trepada” — é a expressão australiana para significar alimentos. De forma que contraiu um *on* para comigo. Isso quer dizer uma obrigação, coisa quase tão importante, no sistema japonês de vida, quanto a cara ou prestígio. Quando a gente tem um *on*, não se sente feliz enquanto não o salda “honrosamente”, com perdão do mau trocadilho. E se um homem lhe der um salmão de presente, você não deve retribuir com um camarão. Tem de ser com um salmão do mesmo tamanho — maior se possível, pois assim você dá um passo adiante do homem, é êle quem tem agora um *on* para consigo e você fica em posição de vantagem moral, social e espiritual,

sendo esta última a mais importante. Ora muito bem. O *on* de Tigre para comigo é muito forte, muito difícil de pagar. Tem pago aos pedacinhos, com várias informações confidenciais. Pagou agora uma prestação grande aceitando a sua presença aqui e marcando-lhe uma entrevista logo após a sua chegada. Se você fosse um suplicante comum, poderia ter levado semanas. Êle lhe teria dado uma boa dose de *shikiri-naoshi* — o que significa fazê-lo esperar, recebê-lo com frieza. Os lutadores de *sumo* usam desse recurso no ringue para fazer com que o adversário pareça e se sinta insignificante em face do público. Percebeu? De modo que você começa com esse ponto em seu favor. Êle deve estar predisposto a satisfazer-lhe os desejos, porque isso saldaria todo o seu *on* para comigo e, segundo as suas contas, amontoaria carradas de *on* nas minhas costas para com êle. Mas a coisa não é tão simples assim. Todos os japoneses têm um *on* permanente para com os seus superiores, o Imperador, os seus antepassados e os deuses nacionais. Esse, eles só o podem resgatar fazendo “o que é correto”. Não é nada fácil, dirá você. Pois como se pode saber o que o escalão superior julga correto? Bem, isso se resolve fazendo o que é correto para o grau mais baixo da escala — isto é, os superiores imediatos. Dessa forma a responsabilidade passa psicologicamente ao Imperador, que tem de acomodar-se com os antepassados e os deuses. Mas êle não está se inquietando com isso, porque encarna todos os escalões acima da sua pessoa e pode, de consciência tranqüila, continuar dissecando peixes, que é o seu hobby. Morou? Na realidade não é tão misterioso como parece. É mais ou menos o mesmo sistema que vigora nas grandes empresas, na I. C. I., na Shell ou nos Serviços, com a exceção de que, para estes, a escada termina na diretoria ou nos chefes de pessoal. Assim é mais fácil. Não se faz preciso envolver o Todo-Poderoso ou o seu bisavô na decisão de baixar um penny no preço do frasco de aspirina.

— Isso não me parece muito *demokurasu*.

— Claro que não é, seu boboca. Pelo amor de Deus, meta nessa cabeça que os japoneses são uma espécie à parte. Há apenas cinqüenta, ou no máximo cem anos que estão funcionando como povo civilizado, no sentido aviltado que damos à palavra no Ocidente. Raspe um russo e encontrará um tártaro. Raspe um japonês e encontrará um *samurai*, ou o que êle julga que deve ser um *samurai*. Essa história de *samurai* é em sua maior parte um mito, como as potocas sobre o Velho Oeste que são impingidas aos americanos desde criancinhas, ou os seus cavaleiros de resplandecente armadura na corte do Rei Artur. Só porque um indivíduo joga basebol e usa chapéu-de-côco não quer dizer que seja “civilizado” entre

aspas. Para lhe mostrar que estou ficando um pouco floreado — mas não bêbedo, olhe lá — juntarei que a ONU vai colher o pai e a mãe das tempestades “libertando” (entre aspas) os povos coloniais. Dêem-lhes mil anos, está certo. Mas em dez... não pode ser. Tudo que estão fazendo é tirar-lhes a zarabatana para pôr-lhes nas mãos uma metralhadora. Espere só até que o primeiro se ponha a clamar aos céus pela fissão nuclear. Porque querem ter “paridade” (entre aspas) com as infames potências coloniais. Dou-lhe dez anos para ver acontecer isso, meu amigo. E quando acontecer, eu faço um buraco bem fundo no chão e me encafuo nele.

Bond riu-se. — Isto também não parece muito *demokurasu*.

— “Estou fornicando para o seu *demokurasu*”, como diria o amigo Hemingway. Eu sou partidário de um governo de elite. — Dikko Henderson emborcou o nono meio-litro de saque. — E de uma valorização do voto segundo a posição ocupada pelo eleitor nessa elite. E um décimo de voto para o seu governo se você não concorda comigo!

— Pelo amor de Deus, Dikko! Como foi que viemos parar na política? Vamos tratar de comer alguma coisa. Admito que há uma certa dose de bom-senso aborígine no que você diz. . .

— Não me fale de aborígines! Você entende lá de aborígines? Sabe que no meu país há um movimento em marcha— que em marcha nada! a todo o galope — para dar o direito de voto aos silvícolas? Seu *pommy poofter*! Se você me vier com mais uma dessas besteiras liberais eu lhe corto fora os penduricalhos para fazer uma gravata borboleta!

— Que é um *poofter*? — perguntou Bond mansamente.

— É o que vocês chamariam um fresco. Não.. . — Dikko Henderson pôs-se em pé e dirigiu ao homem postado atrás do balcão uma fiada de palavras japonesas, aparentemente lúcidas. — Antes que eu o condene inapelavelmente, vamos comer enguias... num lugar onde possamos arranjar uma garrafa decente de *plonk* para acompanhá-las. Depois iremos à “Casa do Deleite Total”. E no fim de tudo eu lhe darei o meu veredicto sincero e honesto.

— Que bom traste você está me saindo, Dikko, seu canguru! — disse Bond. — Mas eu gosto de enguias. Contanto que não sejam em geléia. Eu pago as enguias e o que vier depois. Você paga o vinho de arroz e o tal de *plonk*. Mas vá com calma. Pelo jeito com que o olha, o maneta, dono do bar, parece estar fazendo a sua louvação.

— Eu venho louvar o Sr. Richard Lovelace Henderson e não sepultá-lo.

Dikko Henderson sacou do bolso uma bolada de notas de mil yens

e pôs-se a contá-las para o garçon.

— Ao menos por enquanto.

Dirigiu-se com cautelosa majestade para o balcão e interpelou o negro de alta estatura que ali se achava, metido num paletó côr de ameixa.

— Melody, tenha vergonha nessa cara!

E, digno e maciço, retirou-se do bar à frente de seu companheiro.

Magia 44

Dikko Henderson veio buscar Bond na manhã seguinte às dez horas. Estava visivelmente deteriorado. Com os duros olhos azuis injetados de sangue, encaminhou-se diretamente para o “Bamboo Bar” e pediu um brande duplo com ginger ale.

— Você não devia ter bebido tanto *saque* em cima do Suntory — observou Bond com brandura. — Diga o que disser, não me convenço de que o uísque japonês faça boa mistura com qualquer coisa.

— Você não deixa de ter seu bocado de razão, companheiro. Arranjei um belo *futsukayoi* — uma respeitável ressaca, isto é. Sinto na boca um gosto de muleta de urubu. Assim que cheguei em casa de volta daquele lupanar asqueroso fui ao banheiro abrir as comportas. Mas você está enganado quanto ao Suntory. É uma aguardente preparada com capricho. Fique com o mais barato, o Rótulo Branco, que vale uns quinze xelins a garrafa. Existem dois tipos mais finos, mas o barato é o melhor. Há tempos atrás visitei a destilaria e conheci um dos membros da família. Ele me contou uma coisa interessante a respeito do uísque: que só se pode fabricar uísque onde se possa tirar boas fotografias. Já tinha ouvido essa? Que isso tinha qualquer coisa que ver com o efeito da luz clara sobre o álcool. Mas terei falado muita besteira ontem? Ou foi você? Me lembro vagamente de que um de nós dois o fez.

— Limitou-se a me descompor por causa de política internacional e a me chamar de *poofter*. Mas fê-lo em tom de amizade. Ninguém ofendeu ninguém.

— Chi, meu Deus! — Dikko Henderson, com ar contrito, passou a mão por entre o cabelo grisalho. — Mas não bati em ninguém?

— Só naquela rapariga em cujo assento, deu uma palmada tão for-

te que a atirou ao chão.

— Ora, isso! — exclamou Dikko aliviado. — Foi uma pancadinha de amor. Afinal, para que serve o popô de uma rapariga? E, se bem me lembro, todas elas riram às bandeiras despregadas. Inclusive a própria. Não foi mesmo? E, a propósito, como se foi você com a sua? Parecia muito entusiasmada.

— E estava.

— Bom serviço. — Dikko engoliu o resto do seu drink e pôs-se em pé. — Bem, companheiro, vamos lá. Não convém fazer Tigre esperar. Uma vez fiz isso e ele passou uma semana sem falar comigo.

Era um típico dia de fins de verão em Tóquio — quente, mormacento e nublado, o ar cheio da poeira que se elevava das intermináveis obras de demolição e reconstrução. Rodaram durante meia hora na direção de Yokohama e fizeram alto diante de um fosco edifício cinzento que se proclamava em letras enormes o “Instituto de Usos e Costumes Pan-Asiáticos”. Havia um grande movimento de japoneses a entrar e sair açodados pelas portas de uma imponência postiça, mas nenhum deles lançou um olhar a Dikko ou Bond, nem foi perguntado a estes a que vinham quando Dikko conduziu seu amigo através de um saguão onde se viam livros e postais à venda, como se aquilo fosse uma espécie de museu. Dikko encaminhou-se para uma porta com o letreiro “Departamento de Coordenação”, que dava para um comprido corredor com salas abertas a um lado e outro. As salas estavam cheias de jovens de ar estudioso, sentados diante de carteiras. Havia ali grandes mapas murais pontilhados de alfinetes coloridos e infindas estantes carregadas de livros. Uma porta com o letreiro “Relações Internacionais” dava para outro corredor, este com as salas fechadas e marcadas com nomes de pessoas em inglês e japonês. Dobraram em ângulo reto para a direita e penetraram no “Departamento de Apresentação Visual”, com mais portas fechadas, seguindo até a “Documentação”, uma grande biblioteca em forma de átrio com mais gente curvada sobre as carteiras. Ali, pela primeira vez, atraíram a atenção de um homem sentado à uma carteira junto à entrada. Esse homem pôs-se em pé e curvou-se sem dizer palavra.

— É aqui que termina a cobertura — explicou Dikko em voz baixa enquanto os dois prosseguiram seu caminho. — Até agora, toda essa gente estava de fato investigando os usos e costumes pan-asiáticos. Mas estes pertencem ao pessoal externo de Tigre e realizam um trabalho mais ou menos sigiloso. Uma espécie de arquivistas. Este é o lugar onde nos teriam, com toda a polidez, feito retroceder se fôssemos simples pessoas

que se houvessem perdido.

Por trás de uma divisória final de estantes que avançava pela sala havia uma portinha oculta, com estes dizeres: “Extensão Projetada do Departamento de Documentação. Perigo! Em obras.” Do outro lado vinha um barulho de brocas, uma serra circular cortando madeira e outros ruídos de construção. Dikko abriu a porta e entrou numa peça completamente vazia, com um piso de tábuas primorosamente polidas. Não havia ali nenhum sinal de construção. Dikko riu-se da surpresa de Bond e apontou para uma grande caixa metálica fixada à face traseira da porta por onde haviam entrado.

— Gravador de fita. Brilhante idéia, hem? Ninguém desconfia. E isto — juntou mostrando o pavimento nu da sala — é o que os japoneses chamam um assoalho-rouxinol. Uma relíquia dos velhos tempos, para as pessoas que desejavam ser avisadas da aproximação de intrusos. Serve para a mesma finalidade aqui. Imagine pretender atravessar esta sala sem ser ouvido!

Começaram a caminhar, e ato contínuo as tábuas artificialmente empenadas se puseram a emitir guinchos e gemidos estridentes. Numa portinha que fazia face à primeira, abriu-se uma espreitadeira e apareceu um olhão a observá-los. A porta abriu-se por sua vez, pondo à mostra um homem atarracado, com uma roupa européia comum, que estivera sentado diante de uma pequena mesa de pinho a ler um livro. Era um cubículo acanhado que parecia não ter outra saída. O homem curvou-se. Dikko pronunciou algumas frases em que figurava o nome de Tanaka-san. O homem tornou a curvar-se e Dikko voltou-se para Bond.

— Agora fica por sua conta e risco. Avante, meu chapa! Tigre o mandará de volta ao seu hotel. Até logo.

— Diga a Mamãe que morri pelejando — respondeu Bond. Entrou no quartinho e a porta cerrou-se atrás dele. Junto à mesa de pinho havia uma série de botões, um dos quais o guarda apertou. Ouviu-se um chiado quase imperceptível e Bond teve a impressão de descer. O quarto era, pois, um elevador. Que sistema de engenhocas o formidável Tigre havia erigido para se proteger! Uma autêntica coleção de caixinhas chinesas. Que iria encontrar ainda?

A descida prolongou-se por algum tempo. Quando o elevador parou, o guarda abriu a porta e Bond saiu, estacando logo, cheio de confusão. Achava-se na plataforma de uma estação de metrô! Tudo sem tirar nem pôr: as luzes vermelhas e verdes sobre os dois túneis escancarados, os azulejos brancos de costume a recobrir as paredes e o teto abobada-

do — até uma banca de cigarros vazia, num nicho da parede ao seu lado! Desse nicho surgiu um homem que disse em bom inglês: “Faça o favor de me seguir, capitão” e o conduziu ao longo de uma arcada com a inscrição: “Saída”. Mas aqui todo o espaço do saguão que deveria levar futuramente às escadas rolantes estava ocupado por bonitos escritórios pré-fabricados, à esquerda e à direita de um amplo corredor central. Bond foi introduzido no primeiro deles, que era ao mesmo tempo sala de espera e escritório externo. Um secretário deixou a sua máquina de escrever, curvou-se e entrou por uma porta de comunicação. Tornou a aparecer em seguida, curvou-se mais uma vez.

— Faça o favor de passar, capitão.

Bond passou e a porta cerrou-se suavemente às suas costas. A grande figura musculosa que Dikko lhe havia descrito caminhou para êle sobre o vistoso tapete vermelho e estendeu uma mão que Bond achou dura e seca.

— Meu caro capitão! Bom dia. Tenho grande prazer em conhecê-lo. — O vasto sorriso de dentes de ouro era acolhedor. Os olhos rebrihavam entre as pestanas pretas, compridas, quase femininas. — Venha sentar-se. Que acha dos meus escritórios? Um pouco diferente dos de seu Chefe, sem dúvida alguma. Mas o novo metrô levará ainda uns dez anos a ficar pronto e há escassez de acomodações para escritórios em Tóquio. Tive a idéia de utilizar esta estação desaproveitada. É sossegado, é isolado e é fresco também. Lamentarei muito quando começarem a correr os trens e tivermos de nos mudar daqui.

Bond aceitou a cadeira que lhe oferecia Tanaka, diante do seu bureau vazio.

— É uma brilhante idéia. E gostei de ver os Usos e Costumes lá em cima. Existem realmente no mundo tantas pessoas interessadas em Usos e Costumes?

Tigre Tanaka deu de ombros.

— Que importância tem isso? A literatura é fornecida grátis. Nunca perguntei ao diretor quem a lê. Americanos, suponho, e alemães. Talvez alguns suíços. Nunca faltam estudiosos que se interessem por essas coisas. É uma fantasia dispendiosa, evidentemente. Mas por sorte o dinheiro não sai dos cofres do Ministério do Interior, a que eu pertença. Nós aqui temos de contar os vinténs. Imagino que com o seu orçamento aconteça a mesma coisa.

Bond presumiu que esse homem estivesse a par da verba destinada ao Serviço Secreto.

— Menos de dez milhões de libras anuais não dá para muita coisa quando se tem o mundo inteiro a cobrir.

Os dentes de ouro rebrilharam à luz de gás neon.

— Pelo menos nos últimos dez anos os senhores têm economizado dinheiro suspendendo as suas atividades nesta parte do mundo.

— Sim, nós deixamos o nosso trabalho nestas bandas a cargo da C. I. A. São muito eficientes e prestimosos.

— Sob a direção de McCone como sob a de Dulles? Velha raposa!

— Mais ou menos. Atualmente mostram-se ainda mais inclinados a considerar o Pacífico como o seu jardim dos fundos.

— Do qual os senhores desejariam tomar emprestado o cortador de grama. Sem que eles o saibam.

E o sorriso de Tigre tornou-se ainda mais tigrino.

Bond teve de rir-se. O velhaco sabia tirar as suas conclusões. Vendo-o rir, Tigre riu-se também, mas cautelosamente.

— Houve um compatriota nosso chamado Capitão Cook e outros mais que descobriram uma boa parte deste jardim— disse Bond.— A Austrália e a Nova Zelândia são dois grandes países. O senhor há de reconhecer que o nosso interesse nesta metade do mundo é perfeitamente legítimo.

— Meu caro capitão, foi uma sorte para os senhores nós termos atacado Pearl Harbor em vez da Austrália. Pode duvidar de que em tal caso teríamos ocupado esse país e a Nova Zelândia também? São vastas e importantes áreas terrestres, insuficientemente desenvolvidas. Os senhores não poderiam defendê-las. Os americanos não o teriam feito. Se nossa política tivesse sido diferente, seríamos hoje senhores da metade da Comunidade Britânica. Pessoalmente, nunca compreendi a estratégia que inspirou Pearl Harbor. Pretendíamos conquistar a América? As linhas de aprovisionamento eram longas demais. A Austrália e a Nova Zelândia, pelo contrário, estavam maduras e prontas para ser colhidas. — Tigre Tanaka empurrou para a frente uma grande caixa de cigarros. — O senhor fuma? Estes são Shinsei. É uma marca aceitável.

Os Morland especiais de James Bond estavam se acabando. Dentro em breve teria de passar aos artigos locais. Tinha também de concentrar as idéias. Aquela conversa lhe dava a impressão de estar envolvido numa conferência de cúpula entre o Reino Unido e o Japão. Era grego para êle. Apanhou um cigarro e acendeu-o. O cigarro queimava depressa, com um efeito semelhante a um foguete de combustão lenta. O sabor lembrava vagamente o das misturas americanas, mas era agradável e pungente ao

paladar e aos pulmões, como álcool de 90 graus. Expeliu a fumaça com um ligeiro sibilo e sorriu.

— Sr. Tanaka, esses assuntos são para os historiadores políticos. Eu me ocupo com coisas muito mais triviais. E com coisas que dizem respeito mais ao futuro do que ao passado.

— Compreendo muito bem, capitão. — Tigre Tanaka via com evidente desagrado que Bond se estava furtando ao seu jogo de generalidades. — Entretanto, nós temos um anexam que diz: “Fale do ano que vem e o diabo se ri.” O futuro é inescrutável. Mas diga-me quais são as suas impressões do Japão. Tem se divertido?

— Imagino que a gente sempre se diverte com Dikko Henderson.

— Sim, é um homem que vive como se fosse morrer amanhã. É uma maneira acertada de viver. Êle é um de meus bons amigos. Aprecio muito a sua companhia. Temos certos gostos em comum.

— Usos e costumes? — perguntou Bond com ironia.

— Exatamente.

— Êle é muito seu amigo. Não o conheço bem, mas desconfio de que viva muito só. É uma conjunção infeliz, essa de ser ao mesmo tempo inteligente e solitário. Não seria bom para êle casar com uma moça japonesa e assentar a vida? O senhor não lhe poderia arranjar alguma?

Bond via com satisfação a conversa enveredar para os assuntos pessoais. Algo lhe dizia que estava no bom caminho. Pelo menos, melhor do que uma discussão sobre política de poder. Mas haveria um desagradável momento em que teria de passar aos negócios. A perspectiva não lhe sorria.

Tigre Tanaka falou como se tivesse lido os seus pensamentos :

— Já arranjei para que êle fizesse conhecimento com muitas moças japonesas. O resultado foi sempre negativo ou, na melhor das hipóteses, efêmero. Mas diga-me, capitão: nós não estamos aqui para comentar a vida privada de Mr. Henderson. Em que lhe posso prestar serviço? Trata-se do cortador de grama?

Bond sorriu.

— Isso mesmo. A marca comercial dos fabricantes do artigo que tenho em vista é “Magia 44”.

— Ah! sim. Um aparelho valiosíssimo e que se presta a muitos usos. Compreendo que o seu país deseje utilizar-se dos serviços desse aparelho. Um exemplo sugestivo dos seus préstimos é este que me chegou às mãos ainda esta manhã. — Tigre Tanaka abriu uma gaveta do bureau e tirou dali uma pasta. Era uma pasta verde-pálido que tinha gravada, den-

tro de uma cercadura quadrada, a palavra *Gokuhi* em ideogramas pretos e em letra romana. Presumiu Bond que ela fosse o equivalente de Ultra-Secreto. Indagou-o do Sr. Tanaka, que confirmou. O Sr. Tanaka abriu a pasta, de onde extraiu duas folhas de papel amarelo. Bond notou que uma delas estava coberta de caracteres japoneses e que a outra continha cerca de cinqüenta linhas escritas a máquina. O Sr. Tanaka colocou esta última no bureau diante dele, dizendo:

— Peço-lhe que prometa, sob juramento, não revelar a ninguém o que vai ler agora.

— Se o Sr. Tanaka insiste...

— Sou obrigado a insistir, Capitão Bond.

— Pois assim seja, então.

Bond puxou para si a folha de papel. O texto era em inglês e dizia assim:

A TODOS OS POSTOS DE SEGUNDO GRAU PARA CIMA. DEVE SER DESTRUÍDO PELO DESTINATÁRIO DEPOIS DE DECIFRA-LO PESSOALMENTE. UMA VEZ DESTRUÍDO CONFIRMAR MEDIANTE PALAVRA DE CÓDIGO ASPAS SATURNO ASPAS. COMEÇO DO TEXTO: COM RESPEITO AO DISCURSO PUBLICADO DE NÚMERO UM E PRONUNCIADO PERANTE SOVIETE SUPREMO A PRIMEIRO DE SETEMBRO ESTE COMUNICADO CONFIRMA QUE ESTAMOS DE POSSE DA ARMA DE DUZENTOS MEGATONS E UMA EXPLOÇÃO EXPERIMENTAL SERÁ EFETUADA EM VINTE DE SETEMBRO A GRANDE ALTITUDE SOBRE A ÁREA DE NOVAYA ZEMLYA PONTO PODE-SE ESPERAR CONSIDERÁVEL QUANTIDADE DE CINZAS RADIOATIVAS E PREVER CLAMOR PÚBLICO NAS ÁREAS DO ÁRTICO DO PACIFICO NORTE E DO ALASCA PONTO ISSO DEVE SER E SERÁ REBATIDO POR MOSCOU COM ALUSÃO AOS TESTES MAIS RECENTES DOS ESTADOS UNIDOS E AS REITERADAS SOLICITAÇÕES DE NÚMERO UM NO SENTIDO DE PÔR UM FIM AOS TESTES DE ARMAS OFENSIVAS DE FISSÃO NUCLEAR VÍRGULA SOLICITAÇÕES QUE FORAM REPELIDAS UMA APÓS OUTRA PONTO INFORMA-SE EXPLOÇÃO DE UMA DESSAS ARMAS POR ICBM SOBRE LONDRES DESTRUIRIA TODOS OS BENS E VIDAS AO SUL DE UMA LINHA ENTRE NEWCASTLE E CARLISLE PONTO SEGUE-SE QUE A EXPLOÇÃO DE UM SEGUNDO PROJÉTIL NAS CERCANIAS DE ABERDEEN RESULTARIA INEVITAVELMENTE NA DESTRUIÇÃO TOTAL DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA PONTO ESTE FATO SERÁ BREVEMENTE USADO POR NÚMERO UM COM FORÇA COMINATIVA NUMA DEMARCHE DIPLOMÁTICA VISANDO CONSEGUIR A RETIRADA DE TODAS AS BASES E ARMAS OFENSIVAS AMERICANAS DA GRÃ-BRETANHA E O DESARMAMENTO NUCLEAR DA PRÓPRIA GRÃ-BRETANHA PONTO ISSO SUBMETERÁ A PROVA MÁXIMA E PROVAVELMENTE DESTRUIRÁ A ALIANÇA ANGLO-AMERICANA VISTO NÃO SER PRESUMÍVEL QUE OS ESTADOS UNIDOS ARRISQUEM UMA GUERRA NUCLEAR ENVOLVENDO O SEU TERRITÓRIO PARA SOCORRER UM ALIADO JÁ AGORA MAIS OU MENOS DESVALIOSO TRAVESSÃO UM ALIADO ABERTAMENTE ENCARADO EM WASHINGTON NOS DIAS QUE CORREM COMO NÃO MAIS IMPORTANTE QUE A BÉLGICA OU A ITÁLIA PONTO SE ESSA DEMARCHE DIPLOMÁTICA VÍRGULA QUE DEVE EVIDENTEMENTE SER QUALIFICADA COMO NÃO ISENTA DE RISCO VÍRGULA LOGRAR ÊXITO VÍRGULA

OUTRAS DEMARCHES SEMELHANTES SERÃO EMPREENDIDAS NA EUROPA E MAIS TARDE NA ÁREA DO PACÍFICO VÍRGULA ESCOLHENDO-SE SUCESSIVAMENTE DISTINTOS PAÍSES PARA SEREM ATERRORIZADOS E DESMORALIZADOS PONTO OS FRUTOS DESTES GRANDIOSOS ESTRATAGEMAS SE BEM SUCEDIDO GARANTIRÃO A SEGURANÇA DA URSS DENTRO DO FUTURO PREVISÍVEL E RESULTARÃO FINALMENTE NA COEXISTÊNCIA PACÍFICA COM OS ESTADOS UNIDOS PONTO INTENÇÕES PACÍFICAS DA URSS SERÃO POIS ENCARECIDAS EM TODOS OS SETORES POR NÚMERO UM E POR TODAS AS AGÊNCIAS DO GOVERNO PONTO É ESTA TAMBÉM A LINHA DE PENSAMENTO QUE DEVEIS SEGUIR CASO VOSSO POSTO VENHA A SER ENVOLVIDO OU AFETADO PONTO INFORMA-SE TODOS CIDADÃOS SOVIÉTICOS QUE TRABALHAM NA GRÃ-BRETANHA SERÃO RETIRADOS DESSE PAÍS UMA SEMANA ANTES DA DEMARCHE INICIAL PONTO NÃO SERÃO DADAS EXPLICAÇÕES MAS COM ISSO SE CONSEGUIRÁ CONSIDERÁVEL E PROFÍCUO ACRÉSCIMO DE TENSÃO PONTO O MESMO PROCESSO VÍRGULA QUE SE PODE QUALIFICAR COMO UM AMOLECIMENTO DO PAÍS VISADO VÍRGULA SERÁ SEGUIDO NAS DEMARCHES SECUNDÁRIAS ACIMA MENCIONADAS PONTO POR ORA NÃO DEVEIS TOMAR NENHUMA MEDIDA DE PRECAUÇÃO EM VOSSO POSTO SALVO PREPARAR O ESPÍRITO EM TOTAL SIGILO PARA A EVENTUALIDADE DE VIR ESSE POSTO A SER ENVOLVIDO EM DATA FUTURA E DE SE TORNAR FORÇOSA A EVACUAÇÃO DO PESSOAL E A QUEIMA DOS ARQUIVOS AO RECEBERDES A PALAVRA CÓDIGO ASPAS RELÂMPAGO ASPAS ENDEREÇADA PESSOALMENTE A VÓS DENTRO DO CIRCUITO QUARENTA E QUATRO PONTO FIM DO TEXTO ASSINADO CENTRAL

James Bond afastou de si o documento como se temesse ser contaminado por êle e expulsou o ar dos pulmões com um pequeno silvo. Estendeu a mão para a caixa de cigarros Shinsei e acendeu um, impregnou os pulmões com a fumaça acre. Ergueu os olhos para o Sr. Tanaka, que o considerava com uma expressão de polido interesse.

— Suponho que esse Número Um seja Khrushchev?

— Correto. E os pontos do segundo grau para cima são os consulados gerais e as embaixadas. É um material interessante, não?

— Os senhores cometem um erro em nos ocultar esse material. Nós temos um tratado de amizade e um convênio comercial com o seu país. Não lhe parece pouco honroso negar-nos informações de tão vital importância?

— A honra é uma palavra muito séria no Japão, Capitão Bond. Não seria ainda mais desonroso quebrar a palavra dada aos nossos bons amigos americanos? Eles nos garantiram por várias vezes, tanto a mim como ao meu governo, que toda informação de importância vital para os nossos demais amigos e aliados seria transmitida a eles sem divulgar a fonte. Nada indica que não estejam seguindo essa norma.

— O senhor sabe tão bem quanto eu, Sr. Tanaka, que o fato de reescrever e adulterar a fonte reduz este tipo de material ao mesmo grau que

os informes secretos de outras fontes “delicadas e fidedignas”. No caso presente, a própria natureza da fonte, o fato de estarmos lendo as palavras textuais do inimigo, representam pelo menos cinquenta por cento do valor da informação que esta mensagem contém. Não há dúvida que Washington transmitirá a Londres uma versão modificada da mensagem. Creio que a estas horas já o devem ter feito. Mas o senhor se dá conta de que eles podem estar interessados em manter silêncio sobre esta horrível ameaça que paira sobre a Inglaterra? Ao mesmo tempo, é do interesse da Inglaterra encontrar sem demora um meio de neutralizar este plano. Uma pequena providência que logo acode ao espírito é fazer preparativos para internar todos os cidadãos soviéticos residentes na Inglaterra ao primeiro sinal de que estiverem sendo tomadas as medidas de evacuação mencionadas na mensagem.

— Compreendo o seu ponto de vista, capitão. Há neste caso, naturalmente, um outro caminho pelo qual a informação poderá alcançar o seu governo.

O rosto do Sr. Tanaka enrugou-se de todo numa expressão de malícia. E Bond, curvando-se sobre o bureau:

— Mas eu dei a minha palavra de honra!

O rosto do Sr. Tanaka passou por uma curiosa transformação. Todas as linhas ascendentes inclinaram-se para baixo. Os olhos escuros perderam o seu brilho e interiorizaram-se. Todo o rosto se velou de uma estranha melancolia.

— Capitão — disse, — eu fui muito feliz na Inglaterra. Seus compatriotas foram muito bons para mim. E eu retribuí-lhes de maneira indigna.— (“Ah!” pensou Bond. “O *on*”) —Só me posso justificar com a juventude e o ardor de uma guerra que, segundo pensava, iria cobrir o meu país de glória. Enganei-me. Fomos derrotados. A expiação dessa desonra é um grande dever, um dever para a juventude de minha pátria. Não sou político e ignoro que rumo essa expiação irá tomar. No momento estamos atravessando o período de transição habitual dos vencidos. Mas eu, Tanaka, tenho a minha conta pessoal a saldar. Estou em grande dívida para com o seu país. Esta manhã traí um segredo de Estado confiando-o ao senhor. Fui estimulado a fazê-lo pela amizade que tenho a Dikko. Também me serviram de incentivo a sinceridade de suas maneiras e a honestidade de sua atitude em face da tarefa que lhe foi imposta. Conheço perfeitamente a importância desta folha de papel para a Inglaterra. Lembra-se do conteúdo?

— Com toda a exatidão, segundo creio.

— E prometeu sob palavra de honra não comunicá-lo a ninguém mais?

— Sim.

Tigre Tanaka pôs-se em pé e ofereceu a mão.

— Por ora adeus, capitão. Espero que nos tornemos a encontrar mais vezes. — Seu rosto vigoroso iluminou-se de novo; mas não havia, agora, qualquer simulação no largo sorriso de ouro. — A honra é um padrão de conduta, capitão. O bambu tem de se inclinar ao sopro da brisa. Mas também o cedro tem de curvar-se diante do tufão. Isto significa que o dever, por vezes, é mais imperioso do que qualquer palavra. Há um carro à sua espera para levá-lo de volta ao hotel. Por favor, transmita a Dikko os meus profundos respeitos e diga-lhe que está me devendo mil yens de reparações num equipamento eletrônico que é propriedade do Estado.

James Bond agarrou a mão dura e seca e disse do fundo do coração:

— Obrigado, Sr. Tanaka.

Deixou a salinha secreta com um só pensamento na cabeça. Seriam suficientemente rápidas as comunicações de Dikko com Melbourne? E as de Melbourne com Londres?

Tigre, Tigre!

Fazia agora um mês que essas coisas haviam ocorrido e o Sr. Tanaka passara a ser “Tigre” e o Capitão Bond se convertera em “Bondo-san”. Tigre explicara este nome a James Bond.

— James é uma palavra difícil de pronunciar para um japonês. Além disso, não inspira suficiente respeito. Bond-san parece-se demasiado com a palavra japonesa *bonsan*, que significa sacerdote, um homem de barba grisalha. As consoantes duras no final de “Bond” também não são fáceis para os japoneses, e quando as encontramos numa palavra estrangeira acrescentamos um O. De modo que você fica sendo Bondo-san. Concorde?

— Bondo significa porco ou alguma coisa desse gênero em japonês?

— Não. Não tem significado algum.

— Desculpe a pergunta. Os japoneses parecem gostar de inventar piadas entre si à custa dos *gaijin*. Outro dia mencionei um amigo meu chamado “Monkey” McCall, a quem dávamos o apelido afetuosos de “Munko”, e você disse que essa era uma palavra indecente na sua língua. Pensei, por isso, que “Bondo” também pudesse ser uma expressão inconveniente.

— Não tenha receio. É absolutamente respeitável.

Três semanas se haviam passado sem qualquer progresso ponderável na missão de Bond, salvo no que dizia respeito à genuína amizade que parecia ter nascido entre êle e Tigre. Fora das horas de trabalho os três homens tornaram-se quase inseparáveis, mas Bond sentia que nas suas excursões pelo interior e nas suas pândegas noturnas estava sendo constantemente aquilutado, se bem que de maneira muito discreta. Dikko

confirmou-lhe essa impressão.

— Acho que você está fazendo progressos, meu chapa. Tigre consideraria desonroso deitar-lhe poeira nos olhos para depois desenganá-lo com uma recusa categórica. Ele tem, positivamente, alguma coisa em preparação, mas não posso fazer a menor idéia do que seja. Suponho que os superiores de Tigre estejam senhores da bola, mas com Tigre jogando do seu lado. E, na língua vernácula, Tigre tem o que se chama “uma vasta cara”. Isso significa que dispõe de grandes poderes para influir nas decisões. E esse *on* que deve à Inglaterra é um fator importante em seu favor. O que ele lhe deu logo na primeira vez que se encontraram foi um *purezento* sem precedentes. Mas cuidado! Você está acumulando montões de *on* para com Tigre. Espero que quando chegar o momento de fechar um negócio tenha um bigue *purezento* de reserva, de maneira que o *on* fique mais ou menos bem equilibrado de parte a parte. Nada de trocar camarões por salmões! Que tal? Pode ser?

— Não estou muito certo disso — respondeu Bond em ar de dúvida. A “Rota Azul” de Macau já se reduzira, diante de seus olhos, às proporções de uma pequenina enchova em face do salmão que Tigre tinha o poder de dar ou negar. A posta que dele havia recebido tivera efeitos tremendos. O teste da bomba de 200 megatons realizara-se na data prefixada e fora acolhido pela grita geral que Moscou havia previsto. Mas a reação do Ocidente não se fizera esperar. A pretexto de proteger os cidadãos soviéticos residentes na Inglaterra contra possíveis demonstrações de hostilidade pública, foram eles confinados dentro de um raio de vinte milhas em torno de suas casas e, para “salvaguarda” da embaixada, dos consulados e dos diversos escritórios comerciais soviéticos, fortes piquetes de policiais vieram cercar as sedes dessas entidades. Tomaram-se, naturalmente, represálias contra os diplomatas e jornalistas britânicos na Rússia, mas isso era mesmo de esperar. E em seguida o Presidente Kennedy se pronunciara no mais vigoroso discurso de sua carreira, prometendo represálias totais por parte dos Estados Unidos no caso de ser explodida uma só arma nuclear pela URSS em qualquer país do mundo, fora do território soviético. A essa fulminante manifestação, que arrancara um brado de consternação ao público norte-americano, Moscou havia retrucado com a frouxa ameaça de tomar medidas idênticas se um dispositivo nuclear do Ocidente fosse explodido sobre o território da URSS ou de seus aliados.

Poucos dias depois, Bond fora novamente chamado ao esconderijo subterrâneo de Tigre.

— Não irá repetir isto, é claro — disse Tigre com o seu sorriso malicioso, — mas a ação relativa ao assunto que lhe comuniquei confidencialmente foi adiada *sine die* pela Autoridade Central.

— Obrigado por mais esta informação confidencial — respondeu Bond. — Mas está vendo como a gentileza que me fêz há três semanas aliviou a situação internacional, particularmente no que toca ao meu país. A Inglaterra lhe ficaria imensamente grata se tivesse conhecimento da sua generosidade pessoal para comigo. Terei motivos para esperar a continuação de sua indulgência?

Bond já se acostumara às formalidades e circunlóquios orientais, mas ainda não conseguira igualar os refinamentos da conversa de Dikko com Tigre, toda ela em floridas frases que incluíam pelo menos um palavrão cada uma e faziam o deleite de Tanaka.

— Bondo-san, esse utensílio que deseja tomar-nos emprestado, no caso extremamente improvável de ficar em disponibilidade, terá um preço muito alto. Como bom negociante, que é que seu país tem a oferecer em troca do pleno uso da “Magia 44”?

— Temos uma importantíssima rede de informações na China, conhecida como a “Rota Azul” de Macau. Os produtos dessa fonte seriam postos inteiramente ao dispor dos senhores.

A cara maciça de Tigre cobriu-se de melancolia, mas no fundo dos olhos tartáricos perdurava aquele brilho malicioso.

— Receio muito ter más notícias para você, Bondo-san. A “Rota Azul” foi penetrada pela minha organização, a bem dizer desde o início de suas atividades. Já estamos recebendo os produtos totais dessa fonte. Se assim deseja, posso mostrar-lhe os fichários. Nós a rebatizamos como “Route Orange”, e reconheço que os materiais são muito aceitáveis. Mas, em suma, já os possuímos. Que outros artigos se propõe oferecer em troca?

Bond não pôde deixar de rir. O orgulho da Seção J. . . e do próprio M., aliás! O trabalho, as despesas, o perigo da operação dessa “Rota Azul”... e pelo menos cinqüenta por cento em benefício do Japão! Por Deus! esta viagem lhe estava abrindo os olhos. A notícia ia pôr o Q. G. em polvorosa.

— Temos muitas outras mercadorias — disse êle no seu tom benigno. — Uma vez que já demonstrou o inegável valor do seu utensílio, permite-me sugerir que você mesmo indique o preço?

— Acredita que o seu departamento tem alguma coisa de valor comparável em estoque? Talvez material proveniente de alguma fonte si-

milar, ainda que sem dúvida inferior, e de igual importância para a defesa do nosso país?

— Indubitavelmente — respondeu Bond com firmeza. — Mas, meu caro Tigre, não seria uma boa idéia, uma vez que esteja resolvido, fazer uma visita a Londres e inspecionar pessoalmente o estoque? Estou certo de que o meu Chefe se sentiria muito honrado em recebê-lo.

— Você não tem plenos poderes para negociar?

— Isso seria impossível, meu caro Tigre. Nosso sistema de segurança é de tal ordem que nem eu próprio conheço inteiramente as nossas mercadorias. No que me toca pessoalmente, não estou em condições de fazer outra coisa senão transmitir ao meu Chefe a substância do que você disser ou prestar-lhe quaisquer outros serviços pessoais que possa requerer de mim.

Pelo espaço de um instante Tigre Tanaka ficou pensativo. Parecia sopesar em seus pensamentos as últimas palavras de Bond. Encerrou então a entrevista com o convite para o restaurante das gueixas e Bond retirou-se cheio de incerteza para comunicar a Melbourne e Londres o que havia apurado.

Na sala em que agora se encontravam, após a visita às gueixas, e onde Tanaka acabava de ameaçá-lo jovialmente de morte, cabeças de tigre rosnavam para êle das paredes e mostravam-lhe os dentes no chão. O seu cinzeiro era seguro por uma pata empalhada de tigre e a cadeira em que estava sentado tinha o estofamento forrado de pele de tigre. O Sr. Tanaka nascera no ano do Tigre, 1914, enquanto Bond, segundo lhe informou prazerosamente o anfitrião, era do ano do Rato.

Bond tomou um grande gole de saque e disse:

— Meu caro Tigre, eu ficaria desolado se o pusesse na contingência de me fazer desaparecer da face da Terra. Quer dizer que desta feita o cedro talvez não se curve diante do tufão? Pois seja. Desta vez você tem a minha mais sacrossanta palavra de honra.

Tigre apanhou uma cadeira e instalou-se junto à mesa baixa de bebidas, face a face com Bond. Serviu-se de uma dose liberal de Suntory, temperando-o com um esguicho de água de soda. Os sons do tráfego noturno na estrada principal entre Tóquio e Yokohama vinham de certa distância por trás das casas vizinhas, algumas das quais, apenas, mostravam os quadrados de luz amarela que faziam pensar em casas de bonecas. Embora estivessem nos fins de setembro, a noite era tépida. Faltavam dez minutos para meia-noite. Tigre pôs-se a falar em surdina.

— Nesse caso, meu caro Bondo-san, e como sei que você é um homem de honra (salvo, naturalmente, em assuntos que afetem o seu país, o que não sucede com este), vou lhe contar uma história muito interessante. É o seguinte...

Deixou a cadeira e sentou-se à oriental no *tatami*. Evidentemente, sentia-se mais a gosto nessa posição. E, no tom de voz de quem faz uma exposição, prosseguiu:

— Desde o início da era de Meiji, que, como sabe, foi o Imperador que presidiu à modernização do Japão assim que começou a reinar, cerca de cem anos atrás, tem havido estrangeiros que chegam a este país e se estabelecem aqui. Na maioria foram indivíduos eruditos e excêntricos, e o americano Lafcadio Hearn, nascido na Europa, que se tornou cidadão japonês, constitui um exemplo bem típico. Em geral foram tolerados pelo nosso povo, a quem muitos deles divertiam. O mesmo aconteceria, talvez, com um japonês que tivesse comprado um castelo nos “Highlands” da Escócia e aprendesse a falar gaélico com os seus vizinhos, mostrando um interesse insólito e amiúde impertinente pelos usos e costumes escoceses. Se procedesse às suas pesquisas de maneira cortês e pacífica, seria olhado como um original inofensivo. E assim ocorreu com os ocidentais que se instalaram e passaram a vida no Japão, se bem que às vezes, em tempo de guerra, como indubitavelmente aconteceria ao nosso japonês imaginário na Escócia, tenham sido considerados como espões e sofrido a internação e outras agruras. Ora, depois da ocupação esses adventícios se tornaram bastante numerosos, sendo a maioria deles americanos, como você pode imaginar. O sistema oriental de vida exerce uma atração especial sobre o americano que deseja fugir à sua cultura — pois há de reconhecer que sou muito comedido quando afirmo que essa cultura perde cada vez mais os seus encantos, salvo para os tipos inferiores da espécie humana, aos olhos de quem a comida má porém farta, os brinquedos bonitos como o automóvel e a televisão, e o *quick buck*, o dólar ganho com facilidade e muitas vezes por meios desonestos ou em troca de um mínimo de trabalho ou aptidão, constituem o *summum bonum*, se me permite este eco sentimental de meus tempos de Cambridge.

— Permito, pois não. Mas o quadro que acaba de pintar não é o do gênero de vida que está sendo fomentado no seu próprio país?

Uma nuvem visível escureceu o semblante de Tigre Tanaka.

— De momento — disse êle com aversão, — estamos sendo submetidos a uma coisa para a qual não encontro melhor qualificativo do que o italiano *scuola di Coca Cola*. Basebol, parques de diversões, cachorros-

-quentes, peitarras hediondas, iluminação a gás neônio — tudo isso são coisas que estamos pagando pela nossa derrota na guerra. São o chá morno do sistema de vida que conhecemos sob o nome de *demokurashii*. Representam uma negação histórica dos bodes expiatórios oficiais da derrota — uma negação do espírito do *samurai* expresso pelo *kamikaze*, uma negação de nossos antepassados, uma negação de nossos deuses. Constituem um gênero de vida desprezível — ajuntou Tigre como se cuspsse fora as palavras, — mas, por felicidade, são também coisas fungíveis e temporárias. Têm tanta importância na história do Japão quanto a vida de uma libélula. — E, depois de uma pausa: — Mas, para voltar à minha história, os nossos residentes norte-americanos são do tipo compreensivo. . . num nível inferior, é claro. Agrada-lhes a subserviência de nossas mulheres — subserviência que, note bem, é apenas superficial. Agradam-lhes os nossos padrões estritos de vida que ainda restam — a simetria, em confronto com o caos que reina nos Estados Unidos. Agrada-lhes a nossa simplicidade com a sua insinuação de significado profundo, tal como se exprime, por exemplo, na cerimônia do chá, nos arranjos florais e no teatro No — nenhum dos quais, naturalmente, eles entendem. Como não têm antepassados e, provavelmente, qualquer vida familiar digna de menção, também lhes agrada a nossa veneração pelas coisas antigas e o nosso culto do passado. Porque, no seu mundo impermanente, reconhecem essas coisas como permanentes, assim como, à sua maneira ignara e infantil, admiram as ficções do Velho Oeste e outros mitos norte-americanos de que tomam conhecimento não pela educação, pois não possuem nenhuma, mas através da televisão.

— Isto já é um pouco forte, Tigre. Eu tenho muitos amigos americanos que não se enquadram na sua descrição. Presumo que esteja se referindo aos pracinhas de nível inferior — americanos de segunda geração que não passam, no fundo, de irlandeses, alemães, tchecos ou poloneses e que provavelmente deveriam estar trabalhando nos campos ou nas huleiras de seus países de origem em vez de pavonear-se com os bolsos cheios de dólares num país vencido, sob o manto protetor das *Stars and Stripes*. Imagino que alguns deles despossem moças japonesas e fixem residência aqui. Mas com certeza não tardam a levantar acampamento. Nossos *tommies* fizeram a mesma coisa na Alemanha. Mas essa é gente bem diversa dos Lafcadio Hearn deste mundo.

Tigre Tanaka curvou-se quase até o chão.

— Peço-lhe perdão, Bondo-san. Você tem razão, é claro, e eu me deixei desviar de minha história por caminhos dos mais indignos. Não o

convidei a esta casa para desabafar a minha íntima revolta em face da ocupação de meu país. Trata-se, naturalmente, de uma revolta provocada pelo fato da derrota. Queira desculpar-me. Você é que está acertado, evidentemente. Muitos norte-americanos que fixaram residência neste país são pessoas cultas e elementos preciosos para a vida nacional. Você tem razão em me corrigir, pois eu possuo amigos desse feitio nos campos das artes, das ciências e da literatura, os quais são, realmente, membros de grande valia na comunidade. Digamos que eu estava soltando pressão. Você me compreende?

— Pois claro, Tigre. Há séculos que o meu país não sabe o que é estar debaixo de ocupação. A imposição de uma nova cultura sobre uma cultura antiga é alguma coisa que nós não sofremos. Não posso imaginar quais seriam as minhas reações em tais circunstâncias. Mais ou menos as mesmas que as suas, suponho. Por favor, prossiga com a sua história.

Bond estendeu a mão para a garrafinha de saque que estava dentro de um jarro de água tépida, aquecido pela chama lenta de um fogareiro de carvão de madeira. Encheu o seu copo e bebeu. Tigre Tanaka balançou-se duas ou três vezes sobre as nádegas e as bordas dos pés, e continuou.

— Como já disse, muitos estrangeiros se fixaram no Japão e, em sua maioria, são excêntricos inofensivos. Mas um desses indivíduos, que aqui chegou em janeiro passado, revelou-se um excêntrico da mais diabólica espécie. Esse homem é um monstro. Pode rir-se da minha expressão, Bondo-san, mas ele é nada menos que um demônio em figura de gente.

— Na minha vida tenho encontrado muita gente ruim, Tigre, e em geral são pessoas um pouco alouçadas. Será esse o caso do seu homem?

— Muito pelo contrário. O engenheiro calculista desse indivíduo, a sua compreensão da psicologia do meu povo, revelam uma inteligência verdadeiramente genial. Na opinião de nossos maiores sábios e eruditos, é ele um pesquisador científico e um colecionador talvez sem igual na história do mundo.

— Que é que ele coleciona?

— Coleciona mortes.

O homem que colecionava mortes

James Bond sorriu desta frase dramática.

— Um colecionador de mortes? Você quer dizer que êle mata gente?

— Não, Bondo-san, não é tão simples assim. Êle persuade, ou melhor, induz as pessoas a se matarem. — Tigre fêz uma pausa, com a vasta testa feita um encordoadado de rugas. — Não, isso também não é justo. Digamos que êle proporciona uma oportunidade fácil e atraente, um local apropriado para as pessoas darem cabo de si. Até o presente, num espaço pouco inferior a seis meses, o seu escore monta a mais de quinhentos japoneses.

— Por que não o prendem? Por que não o enforcam?

— Não é tão fácil assim, Bondo-san. Vamos começar pelo princípio. Em janeiro deste ano entrou no país, por vias perfeitamente legais, um cidadão chamado Dr. Guntram Shatterhand, que se fazia acompanhar de Frau Emmy Shatterhand, *née* de Bedon. Tinham passaportes suíços e o doutor dizia-se horticultor e botânico especializado em espécies subtropicais. Trazia grandes recomendações do Jardin des Plantes de Paris, dos Kew Gardens de Londres e outras autoridades, mas estavam redigidas em termos algo nebulosos. Entrou logo em contato com as instituições japonesas correspondentes e com especialistas do Ministério da Agricultura, os quais ficaram pasmados e encantados em saber que o Dr. Shatterhand se propunha gastar nada menos de um milhão de libras esterlinas na fundação de um jardim ou parque exótico neste país, onde seria aclimatada uma inestimável coleção de plantas e arbustos raros, procedentes de todas as partes do mundo. Esses vegetais, êle os importaria a suas próprias expensas, num estado de maturidade suficiente para que pudessem ser

plantados no parque com um mínimo de demora — um processo extremamente dispendioso, se é que você entende alguma coisa de horticultura.

— Não entendo patavina. Qualquer coisa no gênero dos milionários do Texas que importam palmeiras e plantas tropicais adultas da Flórida?

— Exatamente. Pois bem, o parque não devia ser franqueado ao público, mas ficaria à disposição de todo especialista japonês autorizado que desejasse realizar estudos e pesquisas. Ora, muito bem. Era uma proposta maravilhosa a foi entusiasticamente aceita pelo governo, que, em troca, concedeu ao bom doutor uma permissão de residência pelo prazo de dez anos — um privilégio muito raro, veja lá. Enquanto isso, por dever de ofício, as autoridades da Imigração procediam a uma sindicância a respeito do doutor através do meu departamento. Como não tenho representante na Suíça, confiei o caso aos nossos amigos da C. I. A. e a seu tempo recebi uma fôlha-corrída completa do Dr. Shatterhand. Soube que era de origem sueca e não muito conhecido na Suíça, onde apenas satisfazia o requisito mínimo para a condição de residente, ocupando duas peças num edifício de apartamentos de Lausanne. Mas a sua posição financeira junto à Union des Banques Suisses era classificada como de Grau Um, o que, segundo entendi, exige que seja muitas vezes milionário. Como o dinheiro é quase o único símbolo de status na Suíça, a fôlha-corrída fornecida pelas autoridades daquele país era inatacável, se bem que não tivesse sido possível obter informações quanto às suas credenciais como botânico. Ao serem consultados por sua vez, o Jardin des Plantes e Kew o apontaram como um amador entusiasta que fizera valiosas contribuições para aquelas entidades sob a forma de espécies tropicais e subtropicais coligidas por expedições que êle financiara pessoalmente. Aí tem! Um cidadão interessante e financeiramente idôneo, cujas ocupações inofensivas seriam certamente benéficas ao Japão. Que tal?

— Assim parece.

— Depois de viajar pelo país em grande estilo, o doutor engraçou-se de um castelo semi-arruinado em Kyūshū, a nossa ilha meridional. Esse castelo fica num ponto extremamente remoto da costa, não longe de Fukuoka, a principal prefeitura da ilha, e em tempos passados pertenceu a uma linha de fortificações que fazia face ao Estreito de Tsushima, teatro da famosa derrota da armada russa. Destinavam-se tais castelos, primitivamente, a repelir os ataques partidos do continente coreano. A maioria deles tinha caído num estado de completo dismantelo, mas o que o doutor escolheu era um edifício gigantesco que fora ocupado até

a última guerra por uma excêntrica família de milionários da indústria de tecidos, e os muros monumentais que o circundavam eram exatamente o que convinha ao doutor para preservar o sigilo do seu empreendimento. Uma legião de construtores e decoradores seguiu para lá. Enquanto isso, as plantas encomendadas pelo doutor começaram a chegar de todas as partes do mundo e, passando sem embarços na Alfândega graças a uma isenção universal concedida pelo Ministério da Agricultura, foram plantadas nos solos e dentro dos ambientes apropriados. Devo mencionar aqui uma nova razão para a escolha do local por parte do doutor: é que a propriedade, que mede cerca de duzentos hectares, encontra-se em terreno altamente vulcânico e provido de numerosos gêiseres e fumarolas, que são bastante comuns no Japão. Dessa forma ficava garantida, durante o ano inteiro, uma temperatura ideal para a propagação dessas plantas, arbustos e árvores das zonas equatoriais. O doutor e a esposa — que, seja dito de passagem, é um espantalho de feia — instalaram-se sem demora no castelo e começaram a recrutar gente nas redondezas para cuidar do estabelecimento e de suas terras. — Aqui o rosto de Tigre assumiu uma expressão pesarosa. — Foi então que cometi um erro desdenhando como fantásticas certas informações recebidas do chefe de polícia de Fukuoka. Dizia êle que o doutor estava recrutando o seu pessoal exclusivamente entre antigos membros da Sociedade do Dragão Negro.

— E que vem a ser isso?

— Que *vinha* a ser — corrigiu Tigre. — A sociedade foi oficialmente dissolvida antes da guerra. Mas em seus dias de fastígio foi a mais temida e poderosa sociedade secreta do Japão. Originalmente era formada pela borra social dos *sōshi* — os samurais sem emprego que ficaram encalhados após a Restauração Meiji de há um século atrás — porém mais tarde veio a incorporar terroristas, gangsters, políticos fascistas, oficiais excluídos do Exército e da Marinha, agentes secretos, soldados de fortuna e outros gêneros de ralé, mas também incluía graudaços da indústria e das finanças, e até um que outro ministro de gabinete para quem o apoio do Dragão Negro era valioso quando se fazia necessário algum serviço pouco limpo. E o esquisito, se bem que hoje não me pareça tão esquisito assim, é que o doutor houvesse escolhido — pondo de parte as conveniências práticas— justamente o recanto do Japão que tinha sido o foco dos Dragões Negros e sempre foi uma sementeira de extremistas. Toyama Mitsuru, o antigo chefe da sociedade, era de Fukuoka, como também o foram o anarquista Hirota e Nakano, líder do antigo Tōhōkai ou grupo fascista da Dieta. Este distrito sempre foi um ninho de criminosos e conti-

nua a sê-lo ainda hoje. As tais seitas extremistas nunca se extinguem por completo, como você teve ocasião de verificar recentemente, meu caro Bondo-san, pelo ressurgimento dos Camisas Pretas da Inglaterra; não foi difícil ao tal Dr. Shatterhand reunir em torno de si uns vinte indivíduos dos mais violentos e perigosos, todos corretamente fardados como serventes e jardineiros, e, sem dúvida alguma, de uma proficiência a toda a prova em seus empregos ostensivos. Em certa ocasião o prefeito de polícia julgou de seu dever fazer uma visita de cortesia e dirigir uma palavra de advertência ao ilustre residente. Mas o doutor rebateu-lhe as ponderações alegando precisar de guardas competentes para proteger o seu retiro e afastar os intrusos de sua valiosa coleção de plantas. Essas razões eram bastante aceitáveis e, de qualquer modo, o doutor parecia contar com o beneplácito de altos círculos em Tóquio. O prefeito retirou-se fazendo as suas medidas, muito impressionado com aquela pródiga ostentação de riqueza no coração da sua pobre província.

Tigre Tanaka interrompeu-se para servir mais *saque* a Bond e mais Suntory a si mesmo. Bond aproveitou o ensejo para perguntar até que ponto essa Sociedade do Dragão Negro fora realmente perigosa. Era ela o equivalente dos *tongs* chineses?

— Muito mais poderosa. Ouviu falar nos *tongs* Ching-Pang e Hung-Pang, que nos tempos do Kuomintang eram tão temidos na China, não? Pois os Dragões Negros eram cem vezes piores. Ser caçado por eles significava morte certa. Eram completamente desapiedados, e sem que os movesse a isso qualquer convicção política. Trabalhavam exclusivamente por dinheiro.

—E sob esse doutor vindo da Suíça, já cometeram alguma malfeitoria?

— Oh! não. São simples auxiliares, como êle diz; no máximo uma guarda pessoal, se assim quiser. Não. O problema é bem diverso, muito mais complexo. Veja só, esse Shatterhand criou uma coisa que eu não posso definir de outro modo senão como um jardim de morte.

Bond arqueou as sobancelhas. Francamente, para um chefe de serviço secreto nacional, as metáforas de Tigre eram de uma dramaticidade quase ridícula.

Tigre escancarou o seu sorriso de ouro.

— Bondo-san, estou vendo pela expressão do seu rosto que você me toma por bêbedo ou louco. Mas escute. Este Dr. Shatterhand encheu o seu famoso parque exclusivamente com vegetação tóxica, povoou os lagos e regatos de peixes venenosos e infestou a propriedade com ser-

pentes, escorpiões e aranhas peçonhentas. Ele e a sua medonha consorte estão imunes a tudo isso, porque sempre que deixa o castelo, o doutor enverga uma armadura completa do século XVII, enquanto Madame usa alguma outra espécie de vestuário protetor. Os seus empregados também nada sofrem, porque usam botas de borracha que vão até os joelhos e *masuku*, isto é, máscaras de gaze antisséptica como as que muita gente no Japão costuma pôr sobre a boca e o nariz para evitar a infecção e o contágio.

— Que coisa mais idiota!

Tigre meteu a mão entre as dobras da *yukata* que havia enfiado ao entrar em casa e tirou dali várias folhas de papel presas entre si por alfinetes. Passou-as a Bond, dizendo :

— Seja paciente. Não julgue o que não compreende. Eu nada sei a respeito dessas plantas venenosas, e creio que você tampouco sabe. Aqui tem uma lista das que até agora foram plantadas por esse doutor, acompanhada de comentários do nosso Ministério da Agricultura. Leia-a com vagar. Terá prazer em fazer conhecimento com a encantadora vegetação que cresce na superfície do nosso globo.

Bond apanhou os papéis. A primeira página continha uma nota sobre os tóxicos vegetais em geral. Seguia-se a lista comentada. Os papéis traziam o timbre do Ministério da Agricultura. Isto foi o que Bond leu:

Os venenos arrolados distribuem-se em seis categorias principais:

1. *Deliriantes*. Sintomas: ilusões espectrais, delírio; dilatação das pupilas; desidratação e sede; incoordenação; seguem-se paralisia e espasmos.

2. *Inebriantes*. Sintomas: excitação das funções cerebrais e da circulação; perda de coordenação e de movimentos musculares; dupla visão; seguem-se o sono e o coma profundo.

3. *Convulsionantes*. Sintomas: espasmos intermitentes, da cabeça para baixo; morte por exaustão, em geral no espaço de três horas, ou rápida recuperação.

4. *Deprimentes*. Sintomas: vertigens, vômitos, dores abdominais, visão confusa, convulsões, paralisia, desmaios, por vezes asfixia.

5. *Astênicos*. Sintomas: entorpecimento, sensação de formigueiro na boca, dores abdominais, vertigens, vômitos, purgação, delírio, paralisia, desmaios.

6. *Irritantes*. Sintomas: dores causticantes na garganta e no estômago, sede, náusea, vômitos. Morte por choque, convulsões ou exaustão, ou

ainda por desnutrição decorrente das lesões da garganta e do estômago.

ESPÉCIMES IMPORTADOS PELO DR. GUNTRAM SHATTERHAND E AR- ROLADOS NA ALFÂNDEGA E NA REPARTIÇÃO FISCAL

"Jamaica dogwood", "fish-poison tree" (Piscidia erythrina): árvore, 9 metros. Flores brancas e côr de sangue. Inebriante. Princípio tóxico: piscidina. Antilhas.

Noz-vômica, "kachita" (Strychnos nux-vomica): árvore, 12 metros. Casca lisa, bonitos frutos com um gosto amargo. Flores brancas esverdeadas. As sementes constituem a parte mais venenosa. Convulsionante. Princípios tóxicos: estricnina, brucina. Índia Meridional, Java.

Uirari (Strychnos toxifera) : o curare, veneno das flechas, é extraído da casca. Trepadeira (cipó). A morte sobrevém no espaço de uma hora pela paralisia do aparelho respiratório. Princípios tóxicos: curare, estricnina, brucina. Guianas.

Fava-de-santo-inácio (Strychnos ignatii): árvore pequena, cujas sementes contêm brucina. Convulsionante. Filipinas.

Upas-tieuté (Strychnos tieute): arbusto trepador de grande porte. Estricnina e brucina extraídas das folhas, sementes, caule ou casca da raiz. Java.

Pau-de-cobra (Strychnos calubrina): árvore trepadeira. Produz estricnina, brucina. Convulsionante. Java, Timor.

Ipecacuanha (Psychotria ipecacuanha): planta arbustiva. Deprimente. Princípio tóxico: emetina, extraída da raiz. Brasil.

Combe, veneno-de-flecha-do-gabão (Strophanthus hispidus): trepadeira lenhosa, 1,80 m. Princípios tóxicos: estrofantina, incina. Astênico. África Ocidental.

Tanguim, árvore-da-ordália (Tanghinia venenifera ou Cerbera tanghin): pequena árvore de folhagem perene, 6 metros. Fruto arroxeado, com manchas verdes. Princípios tóxicos: tanguinina, cerberina. Astênico. Madagascar.

Upas-antiar, veneno-de-flecha-da-malaia (Antiaris toxicaria): árvore das selvas, começa a ramificar-se 30 metros acima do solo. Madeira leve, branca, dura, lactescente. Princípio tóxico: antiarina, extraída do látex. Astênico. Java, Bornéu, Sumatra, Filipinas.

"Poison ivy" (Rhus toxicodendron): arbusto trepador. Flores amarelas esverdeadas. O caule contém um látex de propriedades irritantes. Princípio tóxico: toxicodendrol. Estados Unidos.

Loendro-amarelo, "campanilla" (Thevetia peruviana): árvore de pequeno porte. Todas as partes são venenosas e podem ser fatais, especialmente o fruto. Diminui o ritmo das pulsações; vômitos, estados de choque. Havaí.

Mamona, carrapateira (Ricinus communis): as sementes produzem óleo de ricino mas também contêm um princípio tóxico, a ricina. Inofensiva quando ingerida. Penetrando na circulação por um arranhão ou esfoladura, é fatal dentro de 7 a 10 dias. Um centésimo de miligrama pode matar um homem de 90 quilos de peso. Perda de apetite, vômitos, purgação, delírio, colapso e morte. Havaí, América do Sul.

Loendro comum (Nerium indicum): arbusto de folhagem perene. As raízes, a casca, a seiva, as flores e as folhas são todos fatalmente tóxicos. Age principalmente sobre o coração. Usado na Índia como tratamento para a lepra, abortivo e meio de suicídio. Índia, Havaí. Um caso de morte deveu-se ao fato de ter a vítima comido carne assada numa fogueira ao ar livre, usando-se como espeto uma vara de loendro.

Jequiriti, ôlho-de-pombo (Abrus precatorius): arbusto trepador. As sementes pequenas, de um vermelho lustroso, pesam em média 0,11 g sendo usadas como pesos pelos ourives indianos. Essas sementes são trituradas com um pouco de água fria, formando uma pasta a que se dá o feitio de pequenos cilindros pontiagudos. Quando inseridos sob a pele de um ser humano ou animal, estes provocam a morte no espaço de quatro horas. Índia, Havaí.

Figueira-do-inferno, estramônio (Datura stramonium): encontrada na África Setentrional e na Índia. Também "*ololiuqui*" (*D. meteloides*), do México, e *D. tatula*, da América Central e do Sul. Todos os três são alucinatórios. Os frutos da *D. stramonium* são fumados por árabes e suahilis, as folhas comidas por negros da África Oriental, as sementes adicionadas ao haxixe e as folhas ao cânhamo pelos indianos de Bengala. *D. tatula* foi usada como detector de mentiras pelos índios zapotecas nos seus tribunais de justiça. O "*tolochi*", bebida preparada com *D. tatula*, provoca imbecilidade crônica nos viciados.

Gloriosa-dos-jardins (Gloriosa superba): belíssima trepadeira da família das liliáceas. As raízes, a haste e as folhas contêm um narcótico acre, a superbina, bem assim como colquicina e colina. Dois decigramos de colquicina são fatais. Havaí.

Açacu (Hura crepitans): a árvore inteira contém um emetocatártico muito ativo, usado no Brasil como veneno para os peixes. Contém igualmente crepitina, um alcalóide afim da ricina. Inofensivo quando ingerido,

precisa ser introduzido na circulação através de uma lesão da pele ou das mucosas para tornar-se fatal. A morte sobrevém no espaço de 7 a 10 dias. América Central e do Sul.

Cinamomo, jasmim-de-soldado (Melia azedarach): árvore pequena. Bela folhagem de um verde escuro, flores verde-alfazema. O fruto contém um narcótico de propriedades tóxicas que ataca o sistema nervoso inteiro. Havaí, América Central e do Sul.

Purgueira (Jatropha curcas): árvore arbustiva. As sementes cruas são violentamente purgativas, muitas vezes fatais por efeito da exaustão. Área do Caribe.

“Camotillo”, batatinha-do-méxico: batata selvagem, cresce em toda a parte. De acordo com a tradição aborígine, é colhida durante a lua minguante; diz-se que a sua ação mortífera tem início tantos dias após a ingestão quantos esteve guardada depois de ser arrancada da terra. Princípio tóxico: solanina. América Central e do Sul.

Cogumelo-dos-deuses (Amanita mexicana): espécie intimamente aparentada ao agárico-mosqueiro da Europa. Cogumelo preto, que se come fresco ou embebido em leite com uma pequena dose de tequila ou pulque. Provoca a hipersensibilidade da epiderme, com audição e visão extraordinariamente agudas, seguidas de alucinações pelo espaço de várias horas, terminando num estado de profunda melancolia. Princípio ativo desconhecido. América Central e do Sul.

Bond terminou a leitura e devolveu os papéis.

— O jardim do Dr. Shatterhand é, de fato, qualquer coisa de maravilhoso. Vôte! — disse êle.

— E você, naturalmente, já ouviu falar do peixe sul-americano chamado piranha? Essas pequenas feras reduzem um cavalo inteiro à condição de ossada em menos de uma hora. O nome científico é *Serrasalmus*. A subespécie *Nattereri* é a mais voraz de todas. Pois o nosso bom doutor preferiu as piranhas aos nossos peixinhos dourados para criar nos seus lagos. Percebe o que quero dizer?

— Não — respondeu Bond. — Francamente, ainda não percebi. Qual é o objetivo de tudo isso?

Que querem esses intrusos?

Eram três horas da manhã. Silenciara o ruído do tráfego para Yokohama. James Bond, entretanto, não se sentia cansado. Estava totalmente absorvido por essa história extraordinária do sábio suíço que, segundo a expressão de Tigre, “coleccionava mortes”. Tigre não lhe descrevia o esquisito caso por mero passatempo. Ainda estava por vir um momento de clímax. Qual poderia ser este? Tigre passou a mão pelo rosto.

— Você leu uma notícia saída na edição vespertina do Asahi de hoje? Dizia respeito a um suicídio.

— Não.

— Foi um estudante de dezoito anos de idade que tinha sido reprovado pela segunda vez no exame de admissão à universidade. Morava nos subúrbios de Tóquio. Perto de sua casa estão em construção as obras de um novo *depãto*, isto é, *department store* ou grande magazine. O rapaz foi até lá olhar. Havia um bate-estacas em funcionamento, cravando no terreno as fundações do edifício. De repente o rapaz rompe por entre os trabalhadores que o cercavam e, no momento exato em que descia o martelo-pilão, coloca a cabeça sobre o bloco de encontro.

— Que coisa horrorosa! Mas por quê?

— Ele havia desonrado os pais, os antepassados, e essa era a expiação que oferecia. O suicídio é um dos aspectos mais lamentáveis do sistema japonês de vida. — Tigre fez uma pausa. — Ou, talvez, dos mais nobres. Depende do ponto de vista. Esse jovem e sua família terão conquistado grande prestígio no bairro em que vivem.

— Virar geléia de morangos não é coisa que possa dar prestígio a alguém.

— Torne a refletir, Bondo-san. Lembre-se, por exemplo, da Cruz de

Vitória conferida postumamente pelo seu governo.

— Ninguém a ganha pelo fato de suicidar-se após um fracasso em exames.

— Nós não somos tão *demokurasu* como os senhores — falou Tigre com uma ponta de ironia. — A desonra deve ser expungida, de acordo com aqueles, dentre nós, que você sem dúvida considerará como anti-quados. Não há forma de reparação mais sincera do que oferecer a própria vida, pois ela é, literalmente, a única coisa que temos para dar.

— Mas mesmo depois de ser reprovado no vestibular da universidade, esse rapaz podia apresentar-se a um exame de padrão mais baixo, para um grau inferior. Como você sabe, na Inglaterra nós dizemos “bolas!” ou talvez alguma palavra mais vigorosa quando rodamos num exame. Mas reajustamos a visada, ou nossos pais o fazem por nós, e tentamos novamente. Ninguém se mata por isso. É uma idéia que não nos passaria pela cabeça. Seria um ato antes desonroso do que nobre. Seria uma covardia — a recusa de enfrentar os reveses da vida, de enfrentar a própria vida. Isso faria sofrer muito os nossos pais e certamente não daria satisfação aos nossos antepassados.

— Pois entre nós é diferente. E a despeito da *demokurashii*, os pais desse moço estarão festejando esta noite e os seus vizinhos compartilharão de sua alegria. Para nós, a honra é mais importante do que a vida — mais altiva, mais bela.

Bond deu de ombros.

— Pois eu acho que, se o rapaz tinha a coragem de fazer tal coisa, foi o desperdício de uma vida japonesa valiosa. No fundo, é evidente que essa mania de suicídio no Japão não passa de uma forma de histeria — uma expressão do espírito de violência que parece manifestar-se ao longo de toda a história nacional. Quem dá tão pouco valor à sua vida deve, logicamente, dar menos valor ainda à vida alheia. Esses dias presenciei um acidente de trânsito num dos cruzamentos centrais da cidade. Não sei o nome das ruas. Foi um desastre de grandes proporções e havia mortos e feridos por todos os lados. Veio a polícia, mas em vez de tratar de conduzir logo os feridos para o hospital, fez questão de deixá-los estendidos onde estavam para poder fotografá-los e traçar com giz os contornos da sua posição exata — suponho que para usar as fotografias como elementos de prova quando o caso fosse aos tribunais.

— Isso é de praxe — voltou Tigre com indiferença. — Vivemos num país superpovoado. O aborto entre nós é legal. A morte de algumas pessoas a mais num acidente de automóveis contribui para resolver um de

nossos problemas. Mas há algo de verdade no que você disse antes. A palavra com que designamos o suicídio é *jisatsu*, literalmente “auto-assassinato”, e, embora sendo a solução violenta de um problema pessoal, não comporta nenhum estigma como seria o caso no seu país. Por sinal, um de nossos contos populares mais famosos é o dos quarenta e sete *rōnin*, ou guardas de corpo. Por culpa da negligência desses homens o seu senhor, Asano, é assassinado. Eles juram vingá-lo, e assim o fazem. Mas depois de fazê-lo reúnem-se num lugar chamado Ako e praticam todos o *seppuku* para expiar a sua falta. É o que os senhores chamam *haraquiri*, um termo vulgar que significa “cortar a barriga”. Atualmente, por ocasião dos festejos no santuário de Ako, é preciso organizar trens especiais para acomodar os devotos peregrinos.

— Bem, se educam os seus filhos com histórias como essa não podem esperar deles outra coisa senão um sentimento de veneração pelo ato do suicídio.

— Exatamente — disse Tigre com orgulho. — 25 000 japoneses suicidam-se todos os anos. Ninguém, senão os burocratas, considera vergonhosa essa estatística. E quanto mais espetacular o suicídio, mais entusiásticos os aplausos. Não há muito tempo, um jovem estudante conquistou grande renome com a tentativa de atorar a sua própria cabeça numa serra. Os amantes, de mãos dadas, jogam-se das alturas da Cascata de Kegon, em Nikkō. O Vulcão Mihara, na Ilha de Oshima, é outro local favorito. Os suicidas descem a correr a encosta incandescente da cratera e arremessam-se, com os sapatos em fogo, no caldeirão central de lava em ebulição. A fim de dar combate a esse passatempo popular, as autoridades intrometidas acabam de instalar, com enorme despesa, um “Escritório de Prevenção do Suicídio” no cume do vulcão. Mas são as rodas do velho trem de estrada de ferro que continuam proporcionando a mais cômoda forma de guilhotina. Têm o mérito de serem automáticas. Tudo que se tem a fazer é saltar da altura de um metro e vinte.

— Você é um monstro sangüinário, Tigre! Mas por que me está fazendo essa comprida preleção? Que é que isso tem a ver com o nosso amigo Shatterhand e o seu lindo jardim?

— Tem tudo, Bondo-san. Tudo. Acontece que, muito a contragosto do excelente sábio, é claro, o seu jardim venenoso tornou-se o local mais procurado pelos suicidas do Japão inteiro. Êle possui todos os atrativos: uma viagem no nosso famoso “Expresso dos Namorados” até Kyoto; uma travessia do nosso magnífico Mar Interno, povoado de reminiscências históricas; um trem local do Porto de Beppu a Fukuoka, e uma caminhada

ou corrida de táxi ao longo de uma costa espetacular, até as imponentes muralhas desse misterioso Castelo da Morte. É só escalá-las ou introduzir-se clandestinamente dentro de um carro de provisões e fazer um derradeiro passeio, meditativo e delicioso, talvez de mãos dadas com a mulher amada, por entre os esplêndidos bosques. E por fim, a grande partida, o jogo de *pachinko* que os japoneses tanto adoram. Qual das bolas trará o seu número impresso? Terá uma morte fácil ou penosa? Será picado na perna por uma dabóia enquanto trilha os caminhos silenciosos e bem varridos a ancinho? Alguma exsudação mortal gotejará bondosamente sobre você durante a noite, enquanto repousa debaixo desta ou daquela árvore suntuosa? Ou será levado pela fome ou pela curiosidade a mastigar uma mancha destas bagas vermelhas ou a colher um daqueles frutos alaranjados? Evidentemente, se deseja um fim rápido, sempre há alguma fumarola sulfurosa e borbulhante ao seu alcance. Em qualquer delas, os mil graus centígrados não lhe darão tempo senão para lançar um grito. Aquele lugar nada mais é do que um *depãto* de mortes, as prateleiras atulhadas de meios de autodestruição em sedutoras embalagens — e tudo de graça. Você se surpreende de que jovens e velhos afluam para lá como para um santuário? A polícia levantou uma barricada na estrada. Os visitantes autênticos, botânicos e outros que tais, têm de mostrar um salvo-conduto. Mas os suicidas marcham para o santuário através de campos e brejos, marinhos pelas grandes muralhas, quebrando as unhas para obter acesso ao parque. O bom doutor, naturalmente, está inconsolável. Mandou erigir severos cartazes de advertência, com caveiras e tíbias cruzadas. Pois servem apenas de anúncios! Deu-se até à despesa de montar um desses altos balões cativos de hélio no teto do castelo, com faixas pendentes que ameaçam processar os intrusos na forma da lei. Mas ai, inútil precaução! O balão com suas faixas não é mais do que um chamariz. “Aqui encontrareis a morte!” é o que êle proclama. “Vinde buscá-la!”

— Você está doido, Tigre. Por que não o prendem? Por que não incendeiam a propriedade?

—Prendê-lo sob que pretexto? Por presentear o Japão com essa incomparável coleção de plantas raras? Incendiar um estabelecimento do valor de um milhão de libras, que pertence a um respeitável *gaijin* residente? O homem não cometeu delito algum. Se alguém merece censura, é o povo japonês. É verdade que poderíamos exercer uma vigilância mais ativa, submeter a propriedade a um patrulhamento mais regular. E não deixa de ser estranho que, ao ser chamada a ambulância pelo doutor, as vítimas estejam sempre totalmente mortas e, em geral, sob forma de um

saco de ossos calcinados, retirados de uma das fumarolas. De acordo com a lista que lhe mostrei, seria de supor que alguns deles fossem apenas inválidos ou cegos. O Herr Doktor não se confessa menos intrigado. Sugere que, em casos de cegueira ou amnésia, a vítima possa cair numa das fumarolas por inadvertência. É possível. Mas, como já disse, o número delas sobe atualmente a mais de quinhentas e, com a publicidade que vem tendo o Castelo da Morte, mais e mais pessoas serão atraídas por êle. É preciso pôr um paradeiro a isso.

— Que medidas tomaram até agora?

— O doutor foi visitado por comissões de inquérito e tratou-as com a máxima cortesia, implorando-lhes que se fizesse alguma coisa para protegê-lo contra esses intrusos. Queixa-se de que os indesejáveis lhe perturbam o trabalho, quebram galhos de árvores e arrancam plantas preciosas. Mostra-se absolutamente disposto a cooperar em quaisquer medidas que lhe possam sugerir, salvo abandonar um projeto que leva tão a peito, que é tão apreciado pelos especialistas japoneses em botânica, etc. e tal. E fêz uma nova proposta, das mais generosas. Está construindo um departamento de pesquisas — a ser equipado com gente de sua escolha, note lá — com a finalidade de extrair os alcalóides de suas plantas e arbustos e fornecer gratuitamente as essências a um centro apropriado de pesquisas médicas. Você deve ter notado que muitos desses venenos são medicamentos de valor quando usados em pequenas doses.

— Mas como foi que tudo isso veio parar nas suas mãos?

Bond estava ficando sonolento. Eram quatro horas e o céu começava a clarear sobre a linha recortada dos telhados de porcelana. Encheu o último copo de saque. A bebida tinha o gosto insípido que vem com o excesso. Há muito que devia estar na cama. Mas era evidente a obsessão de Tigre com a adoidada história e sutis, autênticos vislumbres do Japão se deixavam perceber nessa ridícula narrativa, com os seus tons de pesadelo que lembravam Poe, Le Fanu, Bram Stoker e Ambrose Bierce.

O avançado da hora não parecia afetar Tigre. Sua cara de samurai desenhava-se, talvez, em linhas mais sinistras, mais brutais. O tártaro, amansado e civilizado, transparecia com um pouco mais de nitidez, qual animal enjaulado, nos poços escuros de seus olhos. Mas o intermitente balançar-se sobre as nádegas e as bordas dos pés era a único sinal de interesse e mesmo de agitação.

— Há um mês atrás, Bondo-san, enviei lá um de meus melhores homens para ver se descobria o que havia no fundo de toda essa história. Recebi ordens nesse sentido de meu ministro, que é o do Interior. Êle, por

sua vez, obedecia às ordens do Primeiro Ministro. O caso começava a ser tema de debates públicos. Escolhi um homem capaz e dei-lhe instruções para penetrar na propriedade, observar e relatar o que tivesse descoberto. Uma semana depois, Bondo-san, era êle retirado do mar numa praia vizinha desse Castelo da Morte. Estava cego e delirava. Tinha o corpo coberto de horríveis queimaduras da cintura para baixo. Tudo que fazia era balbuciar um *haiku* a respeito de libélulas. Mais tarde descobri que havia cultivado, em menino, o esporte dos nossos garotos, o qual consiste em amarrar uma linha de coser a uma libélula fêmea e deixar que ela levante o vôo. É um chamariz para os machos, e em pouco tempo se pode apanhar muitos deles dessa maneira. Grudam-se à fêmea e não a largam mais. O *haiku*, pequeno poema de dezessete sílabas que êle continuou a recitar até a sua morte, que não tardou a vir, dizia assim: “Desolação! Libélulas rosadas a adejar sobre os túmulos.”

James Bond tinha a impressão de viver dentro de um sonho: a salinha com as suas divisórias em imitação de papel de arroz e cedro compensado, o pequeno e inescrutável jardim em que cantava um fio de água, o arrebol longínquo de uma aurora iminente, a longa série de *saques* e cigarros, a voz comedida do narrador desfiando uma história fantástica, como se fosse numa barraca sob as estrelas. E no entanto era um caso ocorrido dias atrás, algo bem próximo e atual, e Tigre o trouxera à sua casa para contar-lho. Por quê? Porque se sentia só? Porque não tinha ninguém mais em quem confiar? Bond arrancou-se com um esforço ao seu estado de sonolência,

— Desculpe-me, Tigre. Que foi que você fez então?

Tigre Tanaka pareceu aprumar ligeiramente o corpo no seu retângulo de tatami *dourado* e orlado de preto. Encarou no outro e respondeu:

— Que é que podia fazer? Nada fiz, exceto apresentar desculpas aos meus superiores. Fiquei à espera de que se apresentasse uma solução honrosa. À espera de que você viesse.

— Eu!

— Você me foi enviado. Podia ter sido um outro.

James Bond não pôde conter um bocejo. A noitada prometia não terminar nunca. Tigre parecia ter na cabeça alguma idéia fixa bem japonesa. Como acabar com aquilo?

— Tigre — disse êle. — São horas de ir para a cama. Vamos deixar o resto dessa história para amanhã. Está claro que você pode contar com a minha colaboração. Percebo que é um problema difícil. Mas são justamente esses que a gente deve confiar ao travesseiro.

Fêz menção de levantar-se da sua cadeira, mas Tigre atalhou-o no tom de quem dava uma ordem:

— Sente-se, Bondo-san. Se você tem a peito os interesses de seu país, partirá amanhã. — E, consultando o relógio: — Pelo trem das doze e vinte, da estação central de Tóquio. Sua destinação final é Fukuoka, na ilha meridional de Kyūshū. Não vai voltar ao seu hotel. Não se encontrará com Dikko, por enquanto. A partir deste momento fica sob as minhas ordens pessoais. — A voz era muito calma e aveludada. — Está entendido?

Bond entesou-se na cadeira como se tivesse sido picado.

— Em nome de Deus, que é que você está dizendo. Tigre?

— O outro dia, em meu escritório, você fez uma declaração significativa — respondeu Tigre Tanaka. — A essência de suas palavras foi que, em troca da “Magia 44”, estava autorizado a prestar quaisquer serviços pessoais que eu lhe pudesse solicitar.

— Não falei que estava autorizado a isso. O que eu queria dizer é que faria qualquer coisa por você sob a minha responsabilidade pessoal.

— Isto é mais do que suficiente. Pois eu o tomei pela palavra e pedi uma audiência com o Primeiro Ministro. Êle me deu ordem para agir, mas encarando o assunto como um segredo de Estado conhecido apenas dele, de mim — e, naturalmente, de você.

— Ora vamos, Tigre — disse Bond com impaciência. — Acabe com os rodeios. Que é que você quer que eu faça?

Mas Tigre não saía da sua pachorra.

— Bondo-san — prosseguiu êle, — vou usar agora de uma franqueza rude consigo, e você não se ofenderá, porque somos amigos. Sim? Ora, a triste verdade é que eu, e comigo muitos outros que ocupam posições de autoridade no Japão, temos formado uma opinião pouco lisonjeira do povo britânico depois da guerra. Os senhores não só perderam um grande império mas pareceram quase aflitos por se livrar dele. Espere — atalhou erguendo a mão, — não vamos aprofundar as razões de tal política, mas quando, aparentemente, fizeram uma tentativa de reagir contra essa decadência em Suez, tudo que conseguiram foi dar ao mundo o espetáculo de um dos mais lamentáveis desatinos da História, senão o pior de todos. Como se isso não bastasse, os sucessivos governos do Reino Unido têm-se mostrado incapazes de governar e abandonado o controle efetivo do país aos sindicatos trabalhistas, cujo princípio orientador parece ser o de trabalhar cada vez menos e ganhar cada vez mais. Essa baseação, essa aversão ao trabalho honesto, vai minando cada vez mais a fibra moral dos ingleses, uma qualidade que o mundo tanto admirava outrora. Em seu

lugar, o que vemos hoje é uma horda de gozadores vazios e sem rumo na vida, que passam os seus dias jogando sinuca ou bingo, queixando-se do tempo, chorando os infortúnios nacionais e espojando-se em comentários nostálgicos sobre as idas e vindas da Família Real e dessa sua chamada aristocracia na páginas da imprensa mais aviltada do mundo.

James Bond soltou uma estrepitosa gargalhada.

— Você tem topete, Tigre! Devia escrever isso sob forma de carta, assiná-la “Octogenário” e enviá-la ao Times. É só fazer uma visitinha à Inglaterra e olhar o que vai por lá. Há de ver que a coisa não é tão má assim.

— Bondo-san, suas próprias palavras o traíram. Então “a coisa não é tão má assim”, hem? Essa é a desculpa lamurienta do garoto que recebe nota insuficiente em todas as matérias, no fim do trimestre. A verdade é que o estado de coisas é péssimo, na opinião dos poucos amigos que ainda lhes restam. E agora você vem recorrer a mim, solicitando informações secretas de alta importância para reparar as ruínas do que foi em tempos idos uma grande potência. Por que havia de lhes dar essas informações? Que proveito nos traria isso? E aos senhores, Bondo-san, que proveito traria? É o mesmo que fazer cheirar sais a um lutador de peso pesado um minuto antes do inevitável nocaute, quando êle já se encontra completamente grogue.

— Vá para o raio que o parta, Tigre! — retrucou Bond, escabreado. — Vá para os quintos! O que acontece é que vocês aqui são um bando militante de assassinos potenciais, loucos por se livrarem dos seus senhores americanos e comecem de novo a bancar os *samurais*, rosnando por trás dos seus sorrisos subservientes, e por isso nos julgam de acordo com os seus padrões, que são padrões da selva. Pois dê licença de lhe dizer uma coisa, meu distinto amigo. Não importa que a Inglaterra tenha sido dessangrada por duas guerras mundiais, que a política do Estado Previdencial nos tenha levado a contar com demasiadas regalias por parte do governo e que a libertação de nossas colônias tenha sido rápida demais; ainda escalamos o Everest, ainda batemos boa parte do mundo numa porção de esportes e ganhamos Prêmios Nobel. É possível que os nossos políticos sejam uma cambada de estafermos, mas desconfio que os daqui também o são. Todos os políticos são iguais. Mas quanto ao povo britânico, nesse não se pode botar pecha — ainda que sejamos apenas cinquenta milhões.

Tigre Tanaka sorria de uma orelha a outra.

— Bravos, Bondo-san! Pareceu-me que a famosa couraça do estoicismo inglês haveria de se romper se o golpe fosse suficientemente rude.

Eu só queria ver o efeito. E saiba que suas palavras correspondem muito de perto ao que eu mesmo disse ao meu Primeiro Ministro. E que foi que êle respondeu? “Muito bem, Sr. Tanaka. Ponha à prova esse Capitão Bond. Se êle consegue levar a empresa a cabo, admitirei que ainda há uma elite na Inglaterra e que este valioso material estará em boas mãos. Se êle fracassar, o senhor se negará delicadamente a atendê-lo.”

Bond deu de ombros com impaciência. Ainda se ressentia da catilinária do outro e das semiverdades que entrevia por trás dela.

— Está bem, Tigre. Que prova boba é essa? Algum típico desconchavo de *samurai*, imagino.

— Mais ou menos — concordou Tigre Tanaka com equanimidade.
— Você deve introduzir-se nesse Castelo de Morte e exterminar o dragão que lá vive.

Rápida metamorfose

O Topoyet preto zunia pelas ruas desertas em que rebrilhava o orvalho de uma esplêndida manhã.

Tigre vestira uma roupa qualquer, como se planejasse uma excursão ao campo. Levava um pequeno saco de viagem no assento ao seu lado. Iam a caminho de uma casa de banhos que êle dizia ser de gênero especial e muito aprazível. Era também muito discreta e aproveitariam o ensejo para dar início à transformação de Bond em alguém que tivesse mais aparência de japonês.

Tigre rebatera todas as objeções de seu companheiro. Não restava dúvida de que esse sábio era um dispensador de morte. Por loucura? Porque isso o divertia? Tigre não o sabia nem se interessava em saber. Por óbvios motivos políticos a eliminação do homem, oficialmente decretada, não podia ser confiada a um súdito japonês. A entrada de Bond em cena era, portanto, muito oportuna. Tinha muita prática dessas operações clandestinas e, se fosse preso mais tarde pela polícia do país, podia-se inventar uma história convincente que envolvesse serviços secretos estrangeiros. Seria processado e sentenciado, feito o quê o retirariam clandestinamente do país. Se fracassasse, era de presumir que fosse morto pelo doutor ou pelos seus guardas. Seria uma lástima, eis tudo. Bond objetou que não tinha nada, pessoalmente, contra esse botânico suíço. Tigre replicou que ninguém podia deixar de ser contra um homem que já havia morto quinhentos semelhantes seus. Não era verdade? E, fosse como fosse, Bond estava sendo contratado para praticar esse ato em troca da “Magia 44”. Isso não lhe aquietava a consciência? Bond admitiu, a contragosto, que assim era. Em última instância, alegou que a operação era, em todo caso, impossível. Um estrangeiro pode ser

detectado no Japão a uma légua de distância. Tigre redargüiu que já se haviam tomado providências a tal respeito e que o primeiro passo seria visitar a ultradiscreta casa de banhos. Ali seria êle submetido ao primeiro tratamento, após o quê poderia dormir um ligeiro sono antes de tomar o trem em companhia de Tigre. E este, com um diabólico arreganhar de dentes, lhe garantira que pelo menos parte do tratamento seria deliciosa e repousante ao extremo.

O exterior da casa de banhos sugeria uma estalagem japonesa — algumas alpondras serpeando por breve espaço entre pinheiros anões, uma portada aberta de par em par e iluminada por uma luz amarela, oferecendo à vista uma perspectiva de assoalhos envernizados, três mulheres sorridentes e mesureiras, no costume tradicional, alegres como pássaros embora fossem quase cinco horas da manhã, e a indefectível fileira de chinelos imaculadamente limpos, mas todos pequenos demais. Depois de muitas reverências e contra-reverências e algumas frases proferidas por Tigre, Bond tirou os sapatos e, de meias (explicação de Tigre; risinhos amáveis por trás de mãos erguidas), fêz o que lhe ordenava Tigre, seguindo uma das mulheres ao longo de um reluzente corredor e transpondo uma divisória aberta que dava para um cubículo, misto de alcova e banho turco. Uma jovem que não tinha no corpo mais do que um short dos mais exíguos e justos, além de um estreito soutien, fêz uma profunda mesura dizendo “Queira desculpar”, e começou a desabotoar as calças de Bond. Este deteve-lhe a linda mãozinha e, voltando-se para a mulher mais velha, que se dispunha a correr a divisória, pronunciou o nome de Tanaka-san numa voz ao mesmo tempo súplice e imperiosa. Foram buscar Tigre, que apareceu sem outra roupa além das cuecas e perguntou:

— Que é que temos agora?

— Ouça, Tigre — disse Bond. — Estou certo de que esta linda rapariga e eu vamos nos dar muito bem. Mas peço-lhe apenas que me diga qual é o menu. Eu vou comê-la ou é ela que vai me comer?

Tigre respondeu pacientemente:

— Você ainda não aprendeu a obedecer sem fazer perguntas, Bond-san. Essa será a essência de nossas relações durante os próximos dias. Está vendo aquela caixa? Depois de despi-lo, ela o porá ali dentro. Por baixo há um fogo de carvão que o fará suar. Ao cabo de uns dez minutos mais ou menos ela o ajudará a sair da caixa e o lavará de cabeça aos pés, limpando-lhe até as orelhas, delicadamente, com um instrumento especial de marfim. Feito isso, derramará nessa banheira de azulejos que você vê aí no chão um pigmento escuro e muito tenaz que nós lhe fornecemos,

e você mergulhará no banho. Deixar-se-á ficar dentro dele por algum tempo, banhando o rosto e o cabelo. Então ela o enxugará e lhe cortará o cabelo à moda japonesa. Depois lhe fará uma massagem em cima daquele divã e, de conformidade com as suas próprias indicações, essa massagem será tão prolongada e deleitosa quanto você desejar. Então você pegará no sono. Quando ela vier acordá-lo trazendo-lhe café com bacon e ovos, você a saudará com um beijo e fará a barba, ou vice-versa. E aí acaba a história.

Tigre dirigiu uma pergunta lacônica à moça, que, num gesto de fauceirice, empurrou para trás o seu lindo topete preto e respondeu.

— A rapariga diz ter dezoito anos e chamar-se Mariko Ichiban. Mariko quer dizer “Verdade” e Ichiban, “Número Um”. As moças deste estabelecimento são numeradas. E agora, por favor, não me perturbe mais. Estou tratando de me regalar como você, menos a tintura de nogueira. E rogo-lhe que para o futuro tenha mais fé. Você vai passar por um período de sensações inteiramente novas. Essas sensações talvez sejam estranhas e surpreendentes, mas não serão dolorosas — pelo menos enquanto permanecer sob a minha autoridade. Saboreie-as. Goze-as como se cada uma delas devesse ser a última. De acordo? Então boa noite, meu caro Bondo-san. A noite, por desgraça, será breve, mas se você a prender totalmente nos braços, ela lhe cederá todos os seus tesouros de prazer, até a última gota. E — concluiu Tigre acenando maliciosamente com a mão, enquanto se retirava correndo a parede divisória, — você sairá dela transformado no que se chama “um novo homem”.

James Bond captou pelo menos uma parte da mensagem. Quando os dedos diligentes de Mariko começaram a sua tarefa, despiu-lhe as calças e depois a camisa, êle tomou-a pelo queixo e beijou-a em cheio nos lábios carnudos e macios, que pareciam um botão em flor.

Mais tarde, refletindo enquanto transpirava na confortável caixa de madeira, mole de fadiga e ligeiramente mas alegremente embriagado, lembrou-se de seus lúgubres pensamentos no Roseiral da Rainha Mary. Recordou também a sua conversa com M., quando este lhe dissera que podia pôr de parte a violência nesta missão puramente diplomática; e os vincos de ironia nos cantos de seus lábios se fizeram mais acentuados.

Mariko olhava-se no espelho da parede, retocando o cabelo e as sobrancelhas.

— Mariko, vamos! — disse Bond.

A jovem japonesa sorriu e curvou-se. Retirou sem pressa o soutien e caminhou para a caixa de madeira.

Que coisa era aquela que Tigre havia dito a respeito de transformar-se num novo homem? — perguntou Bond consigo ao pegar as mãos solícitas de Mariko, cujos seios se empinaram enquanto ela o retirava da caixa e o puxava para si.

Era efetivamente um novo homem o que seguia agora nos calçanhares de Tigre através dos fervilhantes saguões da Estação Central de Tóquio. O rosto e as mãos de Bond haviam adquirido um matiz moreno claro; o cabelo preto, a reluzir de óleo, estava cortado e impecavelmente penteado, formando uma franja que lhe vinha até o meio da testa, e os cantos externos das sobrancelhas haviam sido raspados cuidadosamente a navalha, de modo a tomar uma inclinação para cima. Trajava, como bom número dos demais viajantes, uma camisa de algodão branco abotoada nos pulsos e uma gravata barata de seda preta trançada, que um alfinete chapeado de ouro sujeitava no centro exato do peitilho. As calças pretas de confecção, seguras por um cinto barato de plástico da mesma côr, ficavam um tanto folgadas nos fundilhos porque os japoneses em geral tendem a ter as nádegas caídas, mas as sandálias de plástico preto, e as meias de nylon azul escuro serviam-lho com perfeição. Levava a tiracolo um usadíssimo saco de viagem da “Japan Airlines”, o qual continha uma muda de meias e roupa branca, cigarros Shinsei e alguns artigos baratos de toilette, de fabricação japonesa. Nos bolsos carregava um pente, uma carteira barata e usada com cerca de cinco mil yens em notas de pequeno valor e um sólido canivete que, de acordo com as leis do país, tinha uma lâmina de comprimento não superior a duas polegadas. Em lugar de lenço, levava consigo um rolo de papel higiênico branco. (Mais tarde Tigre explicaria: “Francamente, Bondo-san, esse hábito ocidental de assoar-se e enrolar cuidadosamente o produto em seda ou linho fino para carregá-lo no bolso como se fosse algo de precioso! Você faria a mesma coisa com as outras excreções de seu corpo? Pois aí tem! Portanto, no Japão, quando quiser assoar-se, realize a operação com decoro e jogue imediatamente fora o resultado, da maneira mais asseada possível.”)

A despeito de sua altura, Bond confundia-se facilmente com as multidões azafamadas e acotoveladoras dos passageiros. O “disfarce” surgira misteriosamente no seu quartinho da casa de banhos e Mariko achara divertidíssimo vesti-lo. “Agora cavareiro japonês”, dissera ela em tom de aprovação, com um último e prolongado beijo, antes de ir atender Tigre, que batia com os nós dos dedos na parede divisória. As roupas e objetos de uso pessoal de Bond já haviam desaparecido dali.

— Essas coisas e tudo que você tinha no hotel serão transferidos para o apartamento de Dikko — dissera Tigre. — Ainda hoje, Dikko informará o seu chefe de que você partiu de Tóquio em minha companhia para visitar o estabelecimento “Magia”, que efetivamente fica a um dia de viagem da capital, e permanecerá vários dias ausente. Dikko acredita que isso é verdade. Quanto ao pessoal de meu departamento, só sabe que vou desempenhar uma missão em Fukuoka. Ignora que você me acompanha. E agora vamos tomar o expresso para Gamagori, na costa meridional, e o hidravião da tarde que cruza a Baía de Ise com destino ao porto de pesca de Toba. Pernoitaremos ali. Será uma viagem demorada até Fukuoka, com o fim de treiná-lo e educá-lo. Preciso familiarizá-lo com os usos e costumes japoneses, para que você cometa o menor número possível de erros. . . quando chegar a hora.

O rutilante expresso côm de laranja e prata estacou ao lado deles. Tigre subiu aos empurrões. Bond esperou cortêsmente que duas ou três mulheres embarcassem na sua frente. Quando se sentou ao lado de Tigre, este silvou, danado:

— Primeira lição, Bondo-san! Não ceda o passo às mulheres. Empurre-as, pise-lhes em cima. As mulheres não têm regalias neste país. Pode ser cortês com as bem velhinhas, mas com ninguém mais. Entendeu?

— Está bem, patrão — respondeu Bond, sarcástico.

— Outra coisa: não diga piadas ocidentais enquanto fôr meu discípulo. Estamos empenhados numa missão séria.

— Está bem, está bem, Tigre —olveu Bond resignadamente. — Mas com mil raios. . .

Tigre alçou a mão.

— E isto também. Nada de pragas, por favor. Não existem imprecisões na língua japonesa e o uso de palavrões é desconhecido.

— Mas justos céus, Tigre! Nenhum homem que se respeita poderia passar as vinte e quatro horas do dia sem o seu arsenal de palavrões para fazer frente às agruras da vida e desafogar-se. Se você chega atrasado a uma entrevista importantíssima com seus superiores, se verifica que esqueceu todos os seus papéis em casa, não poderá deixar de dizer... bem, ponhamos Pula Tadeu, Mercedes, Dario, para não escandalizá-lo. . .

— Não — retrucou Tigre. — Eu diria *shimata*, isto é, “cometi um erro”.

— Nada de pior?

— Não há nada de pior para dizer.

— Bem, suponhamos que os papéis tivessem sido esquecidos por culpa do seu chofer. Você não o mandaria de presente ao inferno, com todos os ff e rr?

— Se eu quisesse arranjar um novo chofer, poderia talvez chamá-lo *bakyaro*, que significa “maldito imbecil”, ou mesmo *konchikisho*, isto é, “seu animal”. Mas esses são insultos mortais, e êle estaria no direito de me bater. Certamente desceria do auto e iria embora.

— E essas são as palavras mais feias da língua japonesa! Mas que me diz dos seus tabus? O Imperador, os antepassados e todos esses deuses? Nunca os mandam para o diabo ou coisa pior?

— Não. Isso não teria sentido algum.

— Bem, e as palavras sujas, as que dizem respeito ao sexo?

— Existem duas — *chimbo*, que é masculina e monko, que é feminina. Essas não passam de grosseiras designações anatômicas. Não têm qualquer significado como imprecações. Tais coisas simplesmente não existem na nossa língua.

— Mas que... hum! Pois estou pasmado! Um povo violento sem linguagem violenta! Terei de escrever um artigo erudito sobre isso. Agora se explica que vocês não tenham outro recurso senão matar-se quando fracassam num exame ou decapitar as suas namoradas quando elas os desgostam.

Tigre deu uma risada.

— Em geral, nós as empurramos em baixo das rodas de um trem ou um bonde.

— Pois na minha opinião fariam muito melhor se desopilassem o fígado, dizendo “Sua. ..” — e aqui Bond desfiou a velha terminologia de rigor em tais ocasiões.

— Bom, chega, Bondo-san — tornou Tigre pacientemente. — O assunto está encerrado. Mas você terá a bondade de abster-se, não só de usar essas palavras como de exprimi-las pela sua fisionomia. Não dê demonstração de cólera. Sorria diante do infortúnio. Se torcer o tornozelo, ria.

— Você é um cruel feitor de escravos, Tigre.

O outro arreganhou os dentes de satisfação.

— Bondo-san, você não sabe da história a metade. Mas agora vamos ver se arranjam algo de comer e beber no carro-restaurant. Todo aquele Suntory que me impingiu a noite passada está clamando pela pele do cão que me mordeu.

— Por um pêlo do cão — corrigiu Bond.

— Um só pêlo não chega, Bondo-san. Preciso da pele inteira.

James Bond lutava com os seus pauzinhos, as lascas de polvo cru e o montão de arroz (“Você precisa acostumar-se com as especialidades do país, Bondo-san”) enquanto via desfilar celeremente a costa irregular e entremeada de arrozais verde-esmeralda. Estava perdido em seus pensamentos quando sentiu um forte encontrão às suas costas. Vinha sofrendo constantes encontros desde que se sentara diante do balcão — os japoneses são muito propensos a esbarrar uns nos outros — mas desta vez olhou para trás e pôde vislumbrar o dorso truncado de um homem que ia desaparecendo no compartimento imediato. Tinha cordões brancos em redor das orelhas, a mostrar que usava um *masuku*, e levava na cabeça um horrendo chapéu de couro. Quando os dois voltaram ao seu assento, Bond descobriu que lhe haviam roubado a carteira. Tigre ficou assombrado.

— Isto é muito incomum no Japão — disse êle, na defensiva. — Mas não importa. Eu lhe arranjo outra em Toba. Seria um erro chamar o condutor. Não convém que nos tornemos alvo de atenção. Eles chamariam a polícia na próxima estação e haveria uma porção de interrogatórios e formulários a preencher. E afinal, não há meios de descobrir o punquista. O homem já deve ter escondido o *masuku* e o chapéu, e não será possível reconhecê-lo. Lastimo o incidente, Bondo-san. Espero que você o esqueça.

— Pois claro! Isso não é nada.

Desembarcaram em Gamagori, bonita aldeia à beira-mar. Na baía avistava-se uma ilha montuosa que, segundo informou Tigre, abrigava importante santuário. Foi cheia de encantos a travessia de oitenta quilômetros sobre o mar até Toba, distância que o hidravião cobriu numa hora. Quando punham pé em terra, Bond divisou uma silhueta atarracada entre a multidão. Seria, por acaso, o gatuno do trem? Mas o homem usava óculos de grossos aros de tartaruga e havia muitos outros homens atarracados na multidão. Bond afastou da mente a idéia e seguiu empós de Tigre pelas ruas estreitas, engalanadas com bandeiras e lanternas de papel, até a fachada discreta com os pinheiros anões a que êle já se havia acostumado. Os hóspedes eram esperados e foram recebidos com deferência. Bond estava mais ou menos derreado. Não lhe sobravam muitas reverências e sorrisos, e folgou de ver-se afinal só no seu quarto exasperadamente gracioso, com o gracioso bule de chá, a graciosa chávena e o gracioso doce enrolado em papel de arroz. Sentou-se junto à divisória aberta que dava para o minúsculo jardim, com uma vista do molhe à distância, e

ficou contemplando com expressão taciturna a estátua gigantesca de um homem de chapéu-côco e fraque, no outro lado da água. Tigre lhe dissera ser esse o Sr. Mikimoto, fundador da indústria de pérolas cultivadas, que nascera em Toba e ali inventara, em seus tempos de pobre pescador o truque de inserir um grão de areia sob o manto de uma ostra para formar o núcleo de uma pérola. “Diabos levem Tigre e o seu plano maluco”, pensava Bond. “Em que raio de encrenca vim me meter?” Continuava sentado no mesmo lugar, a amaldiçoar a sua sorte, quando Tigre entrou e lhe ordenou em voz brusca que enfiasse uma das *yukatas* penduradas, juntamente com a roupa de cama, no único armário do quarto, junto à parede de papel.

— Você precisa fazer um esforço para concentrar-se, Bondo-san — acrescentou Tigre mansamente. — Mas está realizando progressos. A título de prêmio mandei trazer para cá montões de *saque*, o qual será seguido por um jantar de lagosta, a especialidade da terra.

Bond começou a reanimar-se. Despiu a roupa até ficar de cuecas, pôs a *yukata* marrom-escuro (“Alto!” advertiu Tigre. “Trace-a para a direita! Só os cadáveres usam a roupa traçada para a esquerda.”) e sentou-se à oriental diante da mesa baixa, com Tigre à sua frente. Teve de reconhecer que o quimono era muito leve e confortável.

— Parece um programa dos mais sinceros — disse, após fazer uma grande reverência. — Bem, agora, Tigre, fale-me do tempo em que esteve treinando para *kamikaze*. Com todos os detalhes. Como foi mesmo isso?

Veio o *saque*, a bonita garçonete ajoelhou-se sobre o *tatami* e serviu os dois hóspedes. Tigre fora providente: pedira copos. Bond engoliu a sua dose de um só trago.

— A bruteza de seus hábitos de bebedor condiz bem com a sua futura identidade — disse Tigre.

— E qual será ela?

— A de um mineiro das hulheiras de Fukuoka. Existem muitos homens altos nessa profissão. Não tem as mãos suficientemente calosas, mas diremos que sua função era empurrar um carrinho debaixo da terra. Quando chegar a ocasião apropriada mandarei encher-lhe as unhas de pó de carvão. Você era demasiado bronco para manejar uma picareta. É surdo e mudo. Tome lá.

Tigre passou-lhe um cartão sebento, com vincos e orelhas nos cantos, em que se viam alguns caracteres japonesas.

— Isso quer dizer *tsumbo de oshi* — surdo-mudo. A sua incapacidade inspirará compaixão e uma certa repugnância. Se alguém lhe falar,

mostre-lhe isto e a pessoa desistirá. Pode acontecer que lhe dêem algumas moedas. Aceite-as e curve-se profundamente.

— Muito agradecido. E imagino que deva prestar contas dessas gorjetas ao seu fundo secreto?

— Não será preciso —olveu Tigre com uma cara impassível. — Nossas despesas na presente missão estão sendo custeadas pela bolsa pessoal do Primeiro Ministro.

Bond curvou-se.

— Sinto-me muito honrado. — Tornou a endireitar-se. — E agora, seu cara de fuinha, venha mais *saque* e conte-me essa história de *kamikaze*. A seu tempo estarei pronto para me converter num mineiro surdo-mudo de Fukuoka. Saberei silvar e curvar-me como o mais pintado. Mas entre nós dois, quando estamos sós, a palavra de passe há de ser Pu-la-Tadeu-Mercedes-Dario, por Deus! ou você me verá meter a cabeça debaixo de um martelo-pilão antes mesmo de iniciar o primeiro round. Está combinado?

Tigre curvou-se profundamente.

— *Shimata!* Estou em erro. Tenho exigido demasiado de você. É meu dever não só instruir o aluno como também entreter o amigo. Levante o seu copo, Bondo-san, pois enquanto você não o fizer, a rapariga não lhe servirá a bebida. Muito bem. Agora pergunte-me o que quiser sobre o *kamikaze*.

Tigre balançou-se para diante e para trás e o seu olhar escuro de assassino tornou-se introspectivo.

— Foi há quase vinte anos atrás — disse, sem erguer os olhos para o outro. — As perspectivas eram más para o meu país. Eu estivera prestando serviço de informações em Berlim e Roma. Vivia longe dos reides aéreos e ainda mais longe da linha de frente; todas as noites escutava o rádio japonês e, ouvindo as más notícias sobre a lenta mas irresistível aproximação das forças norte-americanas, ilha por ilha, uma pista de pouso após outra não dava atenção às notícias falsas dos nazistas mas pensava unicamente que minha pátria estava em perigo e precisava de mim para defendê-la. — Tigre fez uma pausa. — E o vinho me azedava na boca e as mulheres esfriavam na minha cama. Ouvi as descrições que se faziam desse invento brilhante, o corpo de *kamikaze*. Foi êle o “Vento dos Deuses” que salvou meu país da invasão de Kublai Khan no século XIII pela destruição da sua frota. Disse a mim mesmo que essa era a melhor maneira de morrer — sem medalhas, a morte total, o suicídio se quiser, mas com enorme perda para o inimigo. Pareceu-me a mais heróica for-

ma de combate pessoal que já se inventara. Eu andava já por perto dos quarenta anos e tinha vivido plenamente a minha vida. Achei que poderia tomar o lugar de um homem mais moço. A técnica era simples. Qualquer um pode aprender a pilotar um avião. As escoltas de caças conduziam o ataque. Chegado o momento, era simples questão de visar o navio maior, de preferência um navio-aeródromo que estivesse trazendo aviões para as ilhas a fim de atacar a Metrópole. Depois de colocar o barco na linha de visada, lá em baixo, lançava-se o aparelho contra o convés de pouso e o trampolim, que formam o coração de um porta-aviões. Não ligar à ponte nem à linha d'água, que são fortemente blindadas. Apontar para a maquinaria vulnerável do convés de pouso. Você me compreende?

Tigre estava completamente empolgado. Sentia-se de novo em plena batalha. Bond conhecia os sintomas. Êle próprio visitava amiúde essa floresta mágica da memória. Levantou o seu copo, e a moça ajoelhada curvou-se e serviu.

— Sim. Continue, Tigre.

— Forcei o Kempeitai a aceitar minha demissão, voltei ao Japão e, recorrendo mais ou menos ao suborno, consegui ingressar num esquadrão de treinamento para *kamikaze*. Isso não era nada fácil. Toda a mocidade do país parecia ansiosa por salvar o Imperador dessa maneira. Na ocasião estávamos com falta de aeronaves e tínhamos de recorrer ao *baku*, de manejo mais difícil — um planador pequeno, feito quase todo de madeira e com meia tonelada de explosivo no nariz, uma espécie de bomba voadora. Não tinha motor, mas era disparado de baixo do ventre de um caça-bombardeiro. O piloto não tinha mais que uma alavanca para controlar a direção. — Tigre ergueu os olhos. — Afianço-lhe, Bondo-san, que era uma coisa bela e terrível assistir à partida de uma onda de ataque. Aqueles moços com os seus imaculados quimonos brancos e, enrolada na cabeça, a antiga faixa branca que era o emblema do samurai, correndo jubilosos para os seus aparelhos como se fossem colher nos braços uma criatura amada! O roncar dos motores dos aviões-transporte, e depois a partida na madrugada ou ao sol-poente, rumo a algum objetivo distante, indicado pelos espíões ou interceptado no rádio. Dir-se-ia que levantavam o vôo para os seus antepassados no céu, o que de resto era verdade, pois nenhum deles jamais voltou ou foi capturado.

— Mas que foi que obtiveram com tudo isso? Naturalmente conseguiriam atemorizar a armada norte-americana, e também os ingleses, mas perderam milhares dos moços mais aptos e valorosos que a nação possuía. Terá valido a pena?

— Vale a pena escrever uma das páginas mais gloriosas da História de nossa pátria? Sabe você que o *kamikaze* é a única unidade, em toda a história da guerra aérea, cujos êxitos reivindicados ficam abaixo da verdade? A unidade afirmou ter afundado ou danificado 276 barcos de guerra, de navios-aeródromos para baixo. O número real dos afundados e danificados foi 322.

— Por sorte sua, a capitulação veio antes de você ser enviado numa missão.

— Pode ser. E no entanto, Bondo-san, um de meus sonhos prediletos, hoje, é aquele em que me vejo mergulhando, com o sol pelas costas, numa saraivada de projéteis antiaéreos, enquanto pequeninas figuras apavoradas correm em busca de abrigo, abandonando o convés de pouso de um porta-aviões que procura guinar desesperadamente, e tenho certeza de que vou matar cem ou mais combatentes inimigos e destruir material bélico no valor de um milhão de libras esterlinas, tudo isso sozinho!

— E suponho que o Almirante Onishi, que concebeu toda essa idéia, se haja suicidado por ocasião da rendição?

— Naturalmente. E da mais honrosa maneira. O japonês que pratica o *seppuku* convida dois de seus melhores amigos para assistir ao ato e vibrar-lhe o golpe final caso ele fracassar. O almirante executou com admirável precisão o corte transversal do ventre, da esquerda para a direita, depois o corte de baixo para cima até o externo. Mas isso não o matou. E contudo, recusou o golpe de misericórdia. Ficou sentado no mesmo lugar a contemplar as suas entranhas durante um dia inteiro antes de morrer. Não seria possível oferecer um gesto mais sincero de desculpa ao Imperador.

Tigre sacudiu a mão no ar, afastando a cena.

— Todavia, não quero estragar-lhe o jantar. Compreendo que alguns dos nossos mais nobres costumes ofendam os seus delicados melindres ocidentais. Aí vêm as lagostas. Não lhe parecem animais magníficos?

Caixas de laca contendo arroz, ovos crus de codorniz nadando em molho e tigelas de algas cortadas em pedaços foram colocados em frente de ambos. Depois cada um recebeu um fino prato oval com uma lagosta grande, cuja cabeça e cauda haviam sido deixadas como gracioso adorno à carne rósea do centro, cortada em fatias. Bond atirou-se ao jantar com os seus pauzinhos e descobriu, surpreendido, que a carne estava crua. Ainda maior foi a sua surpresa quando a cabeça da lagosta se pôs em movimento e, abandonando o prato com as antenas a tatear para a direita e a esquerda, as pernas a agitar-se desordenadamente, saiu pela mesa em

fora.

— Santo Deus, Tigre! — exclamou Bond, apavorado. — O maldito bicho está vivo! Tigre sibilou de impaciência.

— Francamente, Bondo-san, estou decepcionado consigo. Você falha em todos os testes. Espero sinceramente que revele mais progressos durante o resto da viagem. Agora coma o seu jantar e deixe de engulhos. Esta é uma das mais finas iguarias japonesas.

James Bond curvou-se com ironia.

— *Shimata!* Errei. Passou-me pela cabeça que a respeitável lagosta japonesa talvez não gostasse de ser comida viva. Agradeço-lhe o ter corrigido esse indigno pensamento.

— Você se acostumará depressa ao sistema de vida japonês — disse Tigre, gentilmente.

— É o sistema de morte japonês que me atrapalha — volveu Bond com não menor amabilidade. E estendeu o copo à garçonete ajoelhada, pedindo mais saque para ter forças de enfrentar a alga.

Estudos avançados

Tigre e Bond estavam à sombra, na alameda de gigantescos cedros-do-japão, observando os peregrinos de câmara a tiracolo que visitavam o famoso Santuário Exterior de Ise, o maior templo do credo xintoísta.

— Muito bem — disse Tigre. — Você observou essa gente, os seus atos e gestos. Estão orando à deusa do Sol. Vá fazer uma prece sem chamar atenção para a sua pessoa.

Bond seguiu pela rua varrida a ancinho, passou sob o grande arco de madeira e misturou-se à multidão que se acotovelava diante do santuário. Dois sacerdotes na sua estranha indumentária — quimono vermelho e capacete preto — contemplavam a cena. Bond curvou-se diante do santuário, jogou uma moeda sobre a tela de arame destinada a recolher as oferendas, bateu sonoramente as mãos, inclinou a cabeça numa atitude de prece, tornou a bater as mãos, curvou-se e voltou atrás.

— Você saiu-se bem — disse Tigre. — Um dos sacerdotes mal o relanceou com os olhos. O público não lhe deu atenção. Devia talvez ter batido as mãos um pouco mais forte. Isso tem por fim atrair a atenção da deusa para a sua presença diante do santuário. Assim ela escutará melhor a sua prece. A propósito, que foi que pediu?

— Sinto dizer que não pedi nada, Tigre. Tinha o pensamento concentrado na seriação exata dos gestos.

— A deusa deve ter notado isso, Bondo-san. Ela o ajudará a concentrar-se melhor no futuro. Vamos voltar agora ao lugar onde deixamos o carro para testemunhar outra cerimônia interessante em que você tomará parte.

Bond deixou escapar um gemido. No estacionamento de veículos, para além do vasto *torii* que marcava a entrada, charabãs despejavam

hordas de estudantes enquanto as condutoras gritavam “ori, ori, ori” e tocavam apitos para ajudar os outros charabãs a voltar às arrecuas por entre a chusma. As jovens, desmanchando-se em risadinhas, estavam austeramente vestidas de azul-marinho com meias pretas de algodão. Os rapazes usavam o elegante uniforme dos estudantes japoneses, preto e de gola alta. Tigre precedia seu companheiro por entre a multidão. Quando terminaram de atravessá-la, êle pareceu muito satisfeito. — Notou alguma coisa, Bondo-san?

— Apenas um bando de garotas bonitas, mas jovens demais para mim.

— Engana-se. Ontem, muitas delas teriam encarado em você, rindo com a mão sobre a boca e dizendo “*gaijin!*” Hoje não foi reconhecido como estrangeiro. Sua aparência está boa, mas seus modos também melhoraram. Você exala mais confiança em si. Sente-se mais em casa. — Tigre abriu o seu grande sorriso de ouro. — O sistema Tanaka. Não é tão tolo como pensa.

Wadakin, na estrada que atravessa as montanhas demandando a antiga capital, Kyoto, era um pequeno povoado serrano sem qualquer distinção. Tigre deu ordens definidas ao motorista do carro de aluguel e o veículo parou numa ruela, diante de uma alta construção que semelhava um estábulo. Um forte cheiro de gado e estéreo impregnava a atmosfera. Veio saudá-los um homem que Bond soube mais tarde ser o chefe dos vaqueiros. Tinha as faces vermelhas de maçã e os olhos atilados e bondosos de seus colegas da Escócia ou do Tirol. Tigre palestrou longamente com êle. O homem observou Bond e seus olhos cintilaram. Fêz uma ligeira mesura e conduziu-os ao interior. Fazia fresco à sombra. Havia lá dentro várias séries de baias em que umas vacas castanhas extraordinariamente gordas estavam deitadas a ruminar. Um trêfego cãozinho lambia o focinho de uma delas, recebendo de quando em quando uma lambidela em retribuição. O vaqueiro levantou uma cancela e falou a uma das vacas, que se levantou com dificuldade sobre as pernas demasiado finas por falta de exercício. O animal saiu para o sol no seu andar vacilante e lançou um olhar cauteloso a Tigre e Bond. O vaqueiro puxou para fora uma caixa de garrafas de cerveja, abriu uma delas e estendeu-a a Bond.

— Dê-a de beber à vaca — disse Tigre em tom peremptório.

Bond pegou a garrafa e caminhou impávido para a vaca, que ergueu a cabeça e abriu as fauces de onde pendiam fios de baba. Bond enfiou-lhe a garrafa entre as mandíbulas e empinou-a para fazer correr o líquido. A vaca, de tão deleitada, por pouco não comeu a garrafa; em sinal

de gratidão, passou a língua áspera sobre a mão de Bond, que agüentou firme. Já se ia acostumando às extravagâncias de Tigre e decidira mostrar pelo menos um simulacro do espírito de *kamikaze*, qualquer que fosse a prova a que êle resolvesse submetê-lo.

O vaqueiro deu-lhe então uma garrafa que parecia conter água.

— Isso é *shochu*, uma espécie de gim muito forte — disse Tigre. — Encha a boca com êle, borriفة as costas da vaca e depois faça-lhe umas massagens para que o líquido penetre na carne.

Bond desconfiou que Tigre queria vê-lo engolir um pouco do gim e engasgar-se. Comprimiu a garganta mas encheu valentemente a boca com a bebida, apertou os lábios e soprou com força, para evitar que os vapores alcoólicos lhe entrassem pelas narinas. Passou a mão sobre os lábios, que a áspera gororoba já fazia arder, e esfregou energicamente a pelagem hispida. A vaca deixou pender a cabeça, extática. . . Bond deu um passo atrás.

— E agora? — perguntou belicosamente. — Que é que a vaca vai fazer por mim?

Tigre riu-se e traduziu a saída para o vaqueiro, que também achou muita graça e olhou para Bond com certo respeito. Algumas cédulas passaram das mãos de um compapatriota para as do outro, e entre amistoso cavaquear e uma série de medidas finais, os dois viajantes tornaram a embarcar no automóvel e rumaram para a aldeia, onde foram cordialmente recebidos num restaurante discreto, protegido por persianas, polido, immaculado e felizmente deserto. Tigre fêz o pedido e os dois sentaram-se em ótimas cadeiras ocidentais, diante de uma verdadeira mesa, enquanto as garçonetes de costume, com os rostos cheios de covinhas, traziam o *saque*. Bond esvaziou o primeiro frasco de uma longa tragada para tirar da boca o gosto desagradável do gim.

— E agora me diga qual era o fim de tudo aquilo — pediu a Tigre.

Este parecia muito satisfeito de si.

— Daqui a pouco você vai comer o fim de tudo aquilo — o melhor, o mais suculento filé do mundo. Carne de Kobe, mas de uma classe que você não encontrará no mais luxuoso restaurante de Tóquio. Este rebanho é de propriedade de um amigo meu. O vaqueiro é um excelente homem, não acha? Êle dá a cada uma de suas vacas cinco meios-litros de cerveja por dia e frieciona-as com *shochu*, como você fêz. Também recebem uma abundante refeição diária de papas de aveia. Você gosta de carne de vaca?

— Não —olveu Bond fleumàticamente. — Pensando bem, não

gosto.

— É uma lástima — disse Tigre, com uma expressão que desmentia as suas palavras. — Porque o filé que vai comer agora é a coisa mais fina que se pode saborear hoje em dia, fora da Argentina. E você bem o mereceu. O vaqueiro ficou otimamente impressionado pela sua performance com a vaca.

— Que é que isso prova? — retrucou Bond em tom azedo. —. E que honrosa experiência me está reservada para esta tarde?

Veio o filé, acompanhado de vários e suculentos pratos acessórios, inclusive um pires com sangue, que Bond recusou. Mas a carne podia ser cortada com um garfo e era, de fato, sem precedentes na experiência de Bond. Enquanto mastigava com delícia, Tigre respondeu à pergunta deste:

— Vou levá-lo a um dos centros secretos de treinamento do meu Serviço. Fica nas montanhas, não longe daqui, num antigo castelo fortificado. É conhecido como a “Escola Central de Alpinismo”. Não desperta comentários nas vizinhanças, o que é muito conveniente, uma vez que é ali que os meus agentes são treinados numa das artes mais temidas do Japão — o *ninjutsu*, literalmente a arte dos movimentos furtivos, da invisibilidade. Todos os homens que você lá encontrará já são graduados em pelo menos dez das dezoito artes marciais do *Bushido*, ou “os caminhos do guerreiro”, e agora estão aprendendo a ser *ninja*, ou “homens que se introduzem furtivamente”, coisa que faz parte, há séculos, do treinamento básico de espões, assassinos e sabotadores. Você verá homens que caminham sobre a superfície da água, trepam pelas paredes e andam pelos tetos, e lhe mostrarão equipamentos que permitem a esses homens permanecer submersos na água durante um dia inteiro. E muitos outros truques além desses. Pois está claro que os *ninja* nunca foram os entes sobre-humanos da idéia incutida na imaginação popular. Não obstante, os segredos do *ninjutsu* continuam a ser zelosamente guardados e são hoje propriedade de duas escolas principais, a Iga e a Togakure, onde vou buscar os meus instrutores. Creio que você se interessará por esse lugar, e talvez aprenda ali alguma coisa. Nunca fui partidário do uso de pistolas e outras armas muito óbvias por parte de agentes secretos. Na China, na Coreia e na Rússia Oriental, que são, por assim dizer, a minha província particular, a posse de qualquer arma ofensiva pelo indivíduo que é preso constituiria uma confissão tácita de culpa. O que espero dos meus homens é que saibam matar sem armas. Eles não carregam mais do que um bastão e um pedaço de corrente fina, cuja posse é fácil de explicar. Você compreende?

— Sim, isso faz sentido. Nós também temos uma escola semelhante de treinamento dos comandos para o combate sem armas, anexa à nossa Chefia. Mas está claro que o judô e o karate são aptidões especiais que requerem anos de prática. Até onde você foi no judô, Tigre?

Tigre palitou os dentes, consultando a sua memória.

— Não fui além de uma Faixa Preta do Sétimo Dan. Jamais consegui uma Faixa Vermelha, que vai do Oitavo ao Décimo-Primeiro Dan. Isso teria exigido o abandono de todas as outras formas de atividade. E com que fim? Ser promovido ao Décimo-Segundo e último Dan quando morresse? Em recompensa de haver passado a vida inteira aos trambolhões na Academia Kodokan de Tóquio? Não, muito obrigado! Essa é a ambição de um doido. — Tigre sorriu. — Nada de *saque*! Nada de raparigas bonitas! E, o que é pior ainda, talvez nenhuma oportunidade, durante a existência inteira, de exercer a minha arte numa situação real, de atracar-me com um ladrão ou assassino armado de revólver e dominá-lo. Nas altas rodas do judô o indivíduo não é mais do que uma mescla de monge e dançarino de ballet. Isso não é para mim!

De novo na estrada poeirenta, sob o céu aberto, algum instinto levou Bond a olhar pela janela traseira, entre as graciosas cortinas de renda que são ao mesmo tempo a marca distintiva de um sincero automóvel de aluguel e um perigoso obstáculo à visão do chofer. Lá ao longe divisava-se um motociclista solitário, que vinha na mesma direção. Mais tarde, quando tomaram por uma estrada secundária que conduzia às montanhas, o homem seguiu o mesmo caminho. Bond mencionou a circunstância a Tigre, que deu de ombros.

— Com certeza é um guarda rodoviário. Se fôr outra coisa, escolheu mal a ocasião e o lugar.

O castelo era a construção usual de tetos bicudos que se vê em todas as gravuras japonesas. Ficava numa garganta das montanhas que devia ter sido outrora um passo importante, pois antigos canhões apontavam do alto da gigantesca muralha, ligeiramente inclinada, de blocos negros de granito. O automóvel teve de parar diante do portão, onde começava uma estrada em aterro, pavimentada de madeira, que transpunha um fosso cheio de água até as bordas, e novamente à entrada do castelo. Tigre mostrou o seu salvo-conduto, sendo acolhido com uma profusão de silvos e medidas pelos guardas à paisana, e ouviu-se bater um sino no último terraço do imponente edifício, que, segundo Bond pôde observar do pátio interno, estava em grande necessidade de uma pintura nova. Quando o automóvel parou, uma multidão de moços vestidos de calção

e sapatos de ginástica surgiram a correr de várias portas do castelo e entraram em formatura por trás de três homens mais velhos. Curvaram-se quase até o chão enquanto Tigre descia do carro com uma majestade de rei. Os dois visitantes curvaram-se também. Após trocar breves saudações com os homens mais velhos, Tigre emitiu uma torrente de palavras japonesas em *staccato*, pontuadas pelos *hais* respeitosos do homem de idade madura que evidentemente comandava o grupo. Com um derradeiro “*Hai, Tanaka-san*”, esse oficial voltou-se então para os vinte e tantos estudantes, cujas idades pareciam oscilar entre vinte e cinco e trinta e cinco anos. Chamou seis números e saíram de forma outros tantos homens, que, depois de receberem ordens, tornaram a entrar correndo no castelo.

— Vão camuflar-se e sair pelas montanhas por onde nós passamos — explicou Tigre a Bond. — Se houver alguém escondido por aí, eles o trairão. E agora veremos uma pequena demonstração de ataque ao castelo.

Tigre deu mais algumas ordens, os homens dispersaram-se em passo acelerado e Bond seguiu o seu mentor até a estrada de madeira; acompanhava-os o instrutor-chefe, com o qual Tigre manteve longa e animada discussão. Cerca de um quarto de hora mais tarde ouviram um apito nas ameias lá em cima e ato contínuo surgiram dez homens de seus esconderijos na floresta, à esquerda. Vestiam, da cabeça aos pés, um tecido de cor preta em que só apareciam os olhos atrás de fendas rasgadas nos capuzes negros. Desceram correndo para a beira do fosso, calçaram umas tábuas ovais de alguma madeira leve como o pau-de-balsa e atravessaram o fosso deslizando sobre a água num movimento de esquiagem, até a base da gigantesca muralha negra. Ali chegados, desfizeram-se dos esquis, tiraram dos bolsos de suas túnicas pretas umas cordas e um punhado de pitons ou cavilhas de ferro de alpinista, providas de uma argola numa das extremidades, e puseram-se a escalar a muralha quase a correr, como velozes aranhas negras.

Tigre virou-se para Bond.

— Você há de ter compreendido que isto sucede de noite. Dentro de poucos dias se verá na contingência de fazer algo semelhante. Observe que as cordas terminam por um gancho de ferro que eles jogam para cima a fim de prendê-los nas fendas entre os blocos de pedra.

O instrutor falou a Tigre, apontando para os homens. Tigre sacudiu a cabeça e disse a Bond:

— O homem da ponta é o mais fraco do grupo. O instrutor acha que ele não tardará a cair.

A linha de escaladores havia quase atingido o cimo da muralha de sessenta metros de altura quando — dito e feito! — com poucos metros ainda por trepar, o homem da frente perdeu de súbito o apoio dos pés e, bracejando e perneando freneticamente, com um grito de terror, despenhou-se ao longo da superfície lisa. Seu corpo bateu uma vez no solo e saltou dentro da água tranqüila do fosso. O instrutor resmungou qualquer coisa entre dentes, despiu a camisa, trepou no parapeito do talude, que media uns trinta metros de altura, e jogou-se à água. Foi um mergulho perfeito. Lá em baixo, pôs-se a nadar num rápido crawl em direção ao corpo que jazia sinistramente imóvel, com a cara afundada na água do fosso. Tigre voltou-se para Bond.

— Isso não tem importância. Ele tencionava mesmo excluir esse homem. Agora vamos até o pátio. Os invasores escalaram a muralha e vão atarraca-se com os defensores no *bojutsu*, isto é, a luta a pau.

Bond deu um último olhar ao instrutor, que segurava o cadáver — indiscutivelmente, era um cadáver — pelo capuz negro e tratava de rebocá-lo para a margem do fosso. Perguntou aos seus botões se algum dos estudantes não iria fracassar no teste de *bojutsu*. Pelo visto, quem fracassava no campo de treinamento de Tigre fazia-o de maneira total!

No pátio, duplas dançavam e gambeteavam, empenhadas em furiosos combates singulares com grossos bastões de cerca de dois metros de comprimento. Balançavam a arma e aparavam golpes com as duas mãos, investiam de ponta contra a barriga do adversário ou travavam complicados corpo-a-corpo em que os rostos chegavam quase a unir-se. Bond assombrou-se de ver as tremendas pontadas e pranchadas no ventre que deixavam a vítima impassível, enquanto êle, Bond, se teria estorcido numa agonia de dor. Interrogou Tigre a esse respeito. Tigre, em cujos olhos luzia a volúpia da batalha, respondeu lacônicamente que explicaria mais tarde. Enquanto isso, os invasores iam sendo dominados pouco a pouco pela defesa. Figuras negras rolavam desacordadas no chão ou jaziam a gemer, segurando com ambas as mãos a cabeça, a barriga ou a canela. Ouviu-se então um apito agudo da parte de um dos instrutores, e tudo terminou. Os defensores haviam vencido. Surgiu um médico para atender os feridos e os que permaneciam em pé curvaram-se profundamente uns para os outros e todos na direção de Tigre. Este fez um breve e impetuoso discurso que, segundo disse mais tarde a Bond, era de congratulações pela sinceridade da performance, e o visitante foi conduzido ao interior do castelo para tomar chá e ver o museu de apetrechos dos *ninja*. Havia uma roda de aço com puas, do tamanho de um dólar de prata, que a

gente atirava depois de fazê-las rodopiar no dedo, correntes com esferas pesadas e cheias de puas nas duas extremidades, as quais eram usadas à moda das boleadeiras sul-americanas, pregos pontiagudos e retorcidos de maneira a formar um nó, destinados a deter perseguidores descalços (Bond lembrou-se de dispositivos semelhantes que a Resistência francesa semeava nas estradas para furar os pneus das viaturas de comando alemãs), varas ocas de bambu para respirar debaixo d'água (Bond usara o mesmo expediente por ocasião de uma aventura em certa ilha do Caribe), uma variedade de soqueiras de latão, luvas com as palmas munidas de pregos agudíssimos e ligeiramente curvos, para trepar pelas paredes e andar nos tetos, e uma multidão de inventos algo primitivos do mesmo gênero, tanto de ataque como de defesa. Bond emitia interjeições apropriadas de aprovação e pasmo, pensando num outro invento que os rusos haviam usado com grande êxito na Alemanha Oriental — uma pistola de gás cianídrico que não deixava vestígios e cujos efeitos eram sempre diagnosticados como colapso cardíaco. O tão decantado *ninjutsu* de Tigre simplesmente não tinha classe para competir com tais processos!

Quando voltaram ao pátio, o chefe da tropa camuflada referiu a descoberta de um rastro de motocicleta que parara e tornara atrás à distância de uma milha do castelo. Era esse o único vestígio de um seguidor. Vieram então as medidas e despedidas, extremamente gratas para Bond, e meteram-se de novo na estrada, a caminho de Kyoto.

— Que tal, Bondo-san? Que achou de minha escola de treinamento?

— Achei-a muito sincera. Imagino que as artes que aí se aprendem sejam das mais valiosas, mas quer me parecer que a roupa preta para o trabalho noturno e todo aquele material seriam tão incriminadores quanto uma pistola se o sujeito fosse apanhado. Mas a verdade é que subiram a muralha com uma rapidez fantástica e o tal de *bojutsu* seria muito eficaz contra o assaltante noturno comum, armado de uma corrente de bicicleta ou de uma faca de mola. Preciso encomendar à Swaine & Adeney uma bengala de dois metros.

Tigre fez um muxoxo de impaciência.

—Você fala como quem de lutas só conhece aquilo que a gente vê nos filmes vagabundos de Far West. Não iria muito longe com os seus métodos se tentasse penetrar na Coréia Setentrional disfarçado de simples camponês com um cajado.

James Bond estava quase extenuado pelo seu dia de andanças. Também se sentia triste por causa do estudante que morreria ao exhibir as

suas habilidades para dar-lhes prazer, a êle e a Tigre.

— Nenhum dos seus *ninja* duraria muito tempo em Berlim Oriental
— disse lacônicamente, e afundou-se num silêncio macambúzio.

Aula de anatomia

Com inexprimível alívio de Bond, nessa noite hospedaram-se no hotel mais elegante de Kyoto, o Miyako. O leito confortável, o ar condicionado e o banheiro de estilo ocidental, em que uma pessoa podia até sentar-se, não pertenciam a este mundo. E, para rematar tudo isso, Tigre lamentou ter de deixá-lo para jantar com o chefe de polícia da prefeitura e Bond pediu que lhe levassem ao quarto meio litro de Jack Daniels e uma porção dupla de ovos à Benedict. Depois, levado por um tardio sentimento de dever, assistiu aos “Sete Detectives”, famosa série da TV japonesa, sem conseguir identificar o criminoso, meteu-se na cama e dormiu durante doze horas.

Pela manhã, com uma ressaca regular e pungido pela consciência, assentiu nos planos de Tigre, que consistiam em visitar o mais antigo prostíbulo do Japão antes de uma rápida corrida a Osaka, de onde partiriam em sua travessia de vinte e quatro horas para a ilha meridional de Kyūshū, através do Mar Interno.

—É meio cedo para visitar um bordel — fora o seu único comentário.

Tigre riu-se.

— É com profundo desgosto que vejo os seus instintos mais baixos assumirem sempre a ascendência, Bondo-san. A prostituição é hoje ilegal neste país. O que nós vamos visitar é um monumento nacional.

— Oh! magnífico!

No bordel, espaçoso estabelecimento do atualmente extinto bairro dos lampiões vermelhos da antiga capital, houve as reverências e sibilos de praxe e os visitantes foram presenteados com bonitas brochuras descritivas pelo zeloso conservador. Vaguearam pelos assoalhos polidos de

câmara em câmara e examinaram com toda a seriedade os entalhos de espada nos pilares de madeira — obra dos samurais enfurecidos pela luxúria e pela impaciência, a crer em Tigre. Bond perguntou quantas alcovas tinham realmente existido na casa, pois tinha a impressão de que esta era inteiramente tomada por uma imensa cozinha e numerosos refeitórios.

— Quatro alcovas — respondeu o conservador.

— Não é assim que se organiza um bordel — comentou Bond. — É preciso facilitar o movimento da clientela, como num cassino.

— Bondo-san — reclamou Tigre, — por favor, trate de esquecer essas comparações entre o nosso sistema de vida e o seu. Nos velhos tempos isto aqui foi um lugar de repouso e recreio. Servia-se comida, tocava-se música e contavam-se histórias. Os fregueses escreviam *tankas*. Olhe aquela inscrição na parede. Ela diz: “Tudo amanhã será novo”. Quem traçou esses caracteres foi um pensador profundo.

— E depois de traçá-los jogou longe a pena, pegou da espada e berrou: “Quando é que vão desocupar o Quarto n.º 4?” Monumento nacional, esta é boa! É como nos novos países africanos, quando pretendem convencer a gente de que o caldeirão na casa do cacique se destinava a cozer inhames para as crianças famintas. Todo mundo procura esquecer o seu passado turbulento em lugar de se orgulhar dele. Como nós nos orgulhamos de Bloody Morgan ou de Nell Gwynn, por exemplo. O grande assassino e a grande pinóia fazem parte da nossa história. Para que fazer de conta que o mais antigo lupanar do país é uma espécie de Stratford-on-Avon?

Tigre soltou uma gargalhada explosiva.

— Bondo-san, os seus comentários sobre o sistema de vida japonês estão se tornando cada vez mais atrozes. Vamos, é tempo de ir purificar o seu espírito às brisas salubres do Mar Interno.

O Murasaki Maru era um moderníssimo navio de 3000 toneladas, com todos os luxos e confortos de um transatlântico. Multidões abanavam as mãos em despedida como se o navio se preparasse para atravessar o oceano em vez de realizar um cruzeiro de algumas horas ao longo de uma espécie de comprido lago. Um sem-número de serpentinas foram jogadas por grupos portadores de cartazes dizendo o que eles representavam — clubes, escolas, turmas de turistas — parte da vasta população viajeira do Japão, eternamente com o pé no estribo, excursionando, visitando parentes ou santuários, ou simplesmente olhando os recantos pitorescos do país. O navio arfava majestosamente por entre as intermináveis ilhas recortadas. Segundo Tigre, havia ali magníficos sorvedouros,

“como enormes bacias sanitárias, feitos especialmente para suicidas”. Entretanto, Tigre e Bond deixavam-se ficar sentados no restaurante da primeira classe, consumindo “Hamlets” — omeletes com presunto — e *sake*. Tigre estava de veia didática, resolvido a corrigir a ignorância rústica de seu companheiro no tocante à cultura japonesa.

— Bondo-san, quando conseguirei fazê-lo apreciar as nuances da *tanka* japonesa, ou do *haiku*, que são as formas clássicas da nossa poesia? Já ouviu falar em Basho, por exemplo?

— Não — respondeu Bond com uma aparência polida de interesse. — Quem é ele?

— Aí está — voltou Tigre amargamente. — E contudo você me acusaria de ignorância crassa se eu nunca tivesse ouvido falar em Shakespeare, Homero, Dante, Cervantes, Goethe. Pois Basho, que viveu no século XVI, não fica atrás de qualquer deles.

— Que foi que ele escreveu?

— Era um poeta itinerante. Manejava com especial perícia o *haiku*, que é o poema de dezessete sílabas.

Tigre assumiu uma atitude contemplativa e entoou:

No rábano amargo
Que me morde as entranhas,
Sinto o vento do outono.

— Isto não lhe diz nada? Ou então:

Vai a borboleta
Perfumar as brancas asas
No aroma da orquídea.

— Não sente a beleza desta imagem?

— Um tanto fugidio, comparado com Shakespeare.

Na choça do pescador,
Em meio aos camarões secos,
Grilos cricrilam.

Tigre olhava para ele, expectante.

— Esta fiquei devendo — disse Bond em tom de desculpa.

— Não percebe a qualidade de natureza-morta destes versos? A

intuição luminosa da humanidade, da natureza? Vou lhe pedir um favor, Bondo-san. Escreva você um *haiku* para mim. Estou certo de que saberá fazê-lo. Afinal, você deve ter recebido alguma instrução!

— A maior parte dela em grego e latim — respondeu o outro, rindo. — Tudo a respeito de César, Balbus e outros figurões. De nenhuma utilidade para pedir uma média com pão e manteiga em Roma ou Atenas depois que deixei a escola. E outras matérias como trigonometria, que eu esqueci totalmente. Mas dê-me uma pena e uma folha de papel, e veremos se de fato o espírito da poesia baixou, com perdão do mau trocadilho.

Tigre forneceu o material pedido e Bond prendeu a cabeça entre as mãos. Finalmente, após muito rascar e reescrever, disse:

— Que tal ficou esta, Tigre? Faz tanto sentido quanto as coisas do velho Basho e tem muito mais substância.

E leu em voz alta:

Só se vive duas vezes.
A primeira ao nascer, e a outra
Quando se olha a morte face a face.

Tigre bateu palmas em surdina e exclamou com genuíno deleite:

— Mas isto é ótimo, Bondo-san; Absolutamente sincero. — Pegou a pena e o papel e rabiscou alguns ideogramas. Mas acabou meneando a cabeça. — Não, em japonês não dá certo. Tem sílabas demais. Mas foi uma tentativa muitíssimo honrosa. — Lançou um olhar perscrutador ao seu amigo. — Você estava talvez pensando na sua missão?

— Talvez — respondeu Bond com indiferença.

— Ela lhe pesa no espírito?

— As dificuldades práticas não podem deixar de fazê-lo. Quanto aos princípios morais envolvidos, já os aceitei. Dentro das condições que me são impostas, tenho de admitir que o fim justifica os meios.

— Então não está preocupado com a sua segurança pessoal?

— Nem por isso. Já fui incumbido de serviços piores.

— Devo felicitá-lo pelo seu estoicismo. Você não parece dar tão grande valor à sua vida quanto a maioria dos ocidentais. — Tigre considerou-o com um olhar afetuoso. — Existe talvez uma razão para isso?

A resposta de Bond veio sem hesitar.

— Nenhuma, que eu saiba. Mas, pelo amor de Deus, desista disso, Tigre! Não me venha com as suas lavagens de cérebro à japonesa! Mais *saque*, e responda à minha pergunta de ontem. Como é que os seus ho-

mens não foram postos fora de combate por aqueles tremendos golpes na virilha? Isso talvez tenha alguma utilidade prática para mim, em vez de ficar conversando fiado sobre poesia.

Tigre riu e mandou vir o *saque*.

— Infelizmente, você está muito velho para tirar proveito. Seria preciso tê-lo apanhado com a idade de quatorze anos mais ou menos. Olhe, é o seguinte. Você conhece os lutadores de *sumo*. Foram eles que inventaram o truque, há muitos séculos atrás. Para eles, a imunidade contra os ataques a essa parte do corpo é de importância vital. Ora muito bem; no homem, como sabe, os testículos, que antes da puberdade se mantinham no interior do corpo, são libertados por um músculo especial e descem para o meio das pernas.

— Sim.

— Ora, acontece que o lutador de *sumo* é escolhido para essa profissão por volta da puberdade. Talvez em razão do seu peso e da sua força, ou talvez por pertencer a uma família de lutadores. Pois bem: mediante massagens assíduas dessas partes, e com muita prática, o lutador consegue fazer com que os testículos tornem a entrar no corpo por via do canal inguinal, ao longo do qual haviam descido originariamente.

— Puxa, vocês japoneses! — exclamou Bond cheio de admiração. — Que truques não são capazes de inventar! Quer dizer que êle os esconde, metendo-os atrás dos ossos da bacia ou coisa que o valha.

— Seus conhecimentos de anatomia são tão vagos quanto a sua apreciação da poesia; mas é mais ou menos isso, sim. Pois bem: antes de uma luta êle enfaixa firmemente essa parte do corpo a fim de sujeitar os órgãos vulneráveis dentro do seu esconderijo. Mais tarde, no banho, põe-nos em liberdade e deixa-os pender normalmente. Tenho-os visto fazer isso. É uma lástima que seja tarde demais para você praticar a arte. Talvez ela lhe desse mais segurança no desempenho de sua missão. A experiência me ensinou que os agentes secretos temem acima de tudo os atentados a essa parte de seu corpo quando é necessário lutar ou quando se arriscam a ser capturados. Esses órgãos, como sabe, são extremamente suscetíveis à tortura com o fim de arrancar informações.

— Se o sei! — disse Bond do fundo do coração. — Alguns de nossos rapazes usam um box quando acham que a coisa vai ficar preta. Mas eu não quero nada com isso. É muito incômodo.

— De que box você fala?

— É o que os nossos jogadores de crquete usam para proteger essas partes quando manejam o bastão. Uma espécie de escudo acolcho-

ado e muito leve de alumínio.

— Infelizmente, não possuímos nada dessa natureza. Não jogamos críquete no Japão, só basebol.

— Foi uma sorte para vocês o país não ter sido ocupado pelos ingleses — comentou Bond. — O críquete é um jogo muito mais difícil e exige muito mais habilidade.

— Não é o que dizem os americanos.

— Milagre! O que eles querem é vender-lhes equipamento de basebol.

Ao pôr do sol chegaram a Beppu, na ilha meridional de Kyūshū. Tigre disse que aquela era a hora ideal para irem ver os famosos gêiseres e fumarolas da pequena estação termal. De qualquer modo não haveria tempo na manhã seguinte, pois tinham de partir cedo para Fukuoka, seu ponto de destino. Bond teve um ligeiro estremecimento ao ouvir esse nome. Já estava bem próximo o momento de pôr ponto final no *saque* e nas vilegiaturas.

Nos morros próximos à cidadezinha de Beppu visitaram eles, um a um, os dez espetaculares “infernos”, como são oficialmente denominados. O fedor de enxofre nauseava e cada ninho de fumarolas vulcânicas, a borbulhar e a expelir baforadas de gases ardentes, era mais horrendo do que o anterior. A lama fumegante e as golfadas líquidas dos gêiseres tinham diferentes cores — vermelho, azul, alaranjado — e por toda a parte viam-se advertências aos visitantes, com crânios e tíbias cruzadas, para que se mantivessem à distância. O décimo “inferno” anunciava, em inglês e japonês, que haveria uma erupção pontualmente de vinte em vinte minutos. Os dois juntaram-se a um pequeno grupo de espectadores, sob as luzes de arco voltaico que focalizavam uma craterazinha quiescente, numa área rochosa salpicada de lama. E de fato, cinco minutos depois ouvia-se um rumor subterrâneo e um jato de lama cinzenta e fumegante projetava-se no ar à altura de seis metros, tornando a cair em respingos dentro do recinto cercado. Quando se ia afastando, Bond notou uma grande roda pintada de vermelho, trancada por forte cadeado e cercada de tela de arame, num recinto à parte. Encimava-a mais um aviso, com uma caveira de aspecto particularmente ameaçador. Bond perguntou a Tigre o que era aquilo.

— Diz ali que essa roda controla a pressão do gêiser, e que se ela fosse fechada poderia causar a destruição de todo o estabelecimento. Dá também a força explosiva do vulcão no caso de se fechar a válvula de es-

cape, como o equivalente de quinhentos quilos de TNT. É uma bobagem, naturalmente, para atrair turistas. E agora toca para a cidade, Bondo-san! Visto ser o último dia que passamos juntos, nesta aprazível jornada — apressou-se a acrescentar,— encomendei um banquete especial. Fiz o pedido pelo rádio do navio. Um opíparo jantar de *fugu*!

Bond soltou mentalmente uma praga. Ai, onde estavam os ovos à Benedict da noite anterior?

— Que nova monstruosidade é essa? — perguntou.

— *Fugu* é o baiacu ou sapo-do-mar japonês. Dentro d'água parece-se com uma coruja parda, mas quando pescado incha até formar uma bola cheia de espinhos pontudos. Há quem seque a pele desse peixe para colocar velas no interior e usá-la como lanterna. Mas a carne é simplesmente deliciosa. Constitui a alimentação habitual dos lutadores de *sumo*, pois passa por ser muito vigorante. O peixe também goza de grande popularidade entre os suicidas e assassinos, pois o fígado e as glândulas sexuais contêm um veneno que mata instantaneamente.

— Exatamente o que eu teria escolhido para jantar. Você me confunde com tantas atenções, Tigre.

— Não tenha receio, Bondo-san. Devido às perigosas propriedades do peixe, todo restaurante que o serve deve registrar-se como tal e possuir pessoal habilitado.

Deixaram as malas numa hospedaria japonesa em que Tigre mandara reservar aposentos, deliciaram-se com *o-furo*, o respeitável banho comum numa miniatura de piscina de azulejos azuis cuja água estava muito quente e cheirava a enxofre, e por fim, totalmente repousados, saíram pela rua que conduzia ao mar.

(Bond enamorara-se dos hábitos de banho dos japoneses, civilizados e vagamente romanos. Seria por esse motivo, porque se lavavam fora da banheira em vez de chafurdar nos seus próprios eflúvios corporais, que todos eles tinham um cheiro tão limpo? Tigre dizia sem rodeios que, na melhor das hipóteses, os ocidentais cheiravam a carne de porco fresca.)

O restaurante tinha um gigantesco baiacu pendurado como insígnia por cima da porta e no interior, para alívio de Bond, havia cadeiras de estilo ocidental e mesas, às quais jantavam aqui e ali algumas pessoas, com a intensa concentração característica dos japoneses. Os dois clientes eram esperados e sua mesa já se achava posta.

— Bem, Tigre — disse Bond, — eu não pretendo suicidar-me nobremente sem, pelo menos, cinco garrafinhas de *saque* no bucho.

Foram trazidos os frascos, todos os cinco de uma vez, com o acom-

panhamento de muitas risadinhas abafadas por parte das garçonetes. Bond empinou tudo, copo após copo, e expressou a sua satisfação.

— Agora pode mandar vir o tal sapo inchado do mar — disse belicosamente, — e se êle me matar terá prestado um bom serviço ao nosso amigo, o doutor lá no seu castelo.

Um bellissimo prato de porcelana branca, do tamanho de uma roda de bicicleta, foi posto na mesa com grande aparato. Nesse prato vinham dispostas, à maneira de uma enorme flor, pétalas e mais pétalas de uma carne de peixe algo transparente e cortada em fatias finíssimas. Bond seguiu o exemplo de Tigre e atacou a iguaria com os seus pauzinhos. Orgulhava-se de haver progredido no uso desses instrumentos a ponto de fazer jus a uma Faixa Preta — a habilidade de comer com eles um ôvo frito mal-passado.

O peixe não tinha gosto de nada, nem mesmo de peixe. Mas era muito suave ao paladar e Bond desmanchou-se em efusivos cumprimentos porque era evidentemente isso o que Tigre, estalando os lábios a cada bocado que punha na boca, esperava dele. Seguiram-se vários pratos secundários contendo outras partes do peixe e mais *saque*, mas dessa vez com barbatanas cruas de *fugu*.

Bond repimpou-se na cadeira e acendeu um cigarro.

— Muito bem, Tigre. Estamos mais ou menos no fim da minha educação. Amanhã, segundo você diz, deverei abandonar o ninho. Quantos pontos me dá em cem?

Tigre considerou-o com ar zombeteiro.

— Você saiu-se bem, Bondo-san. Pondo de parte a sua inclinação de dizer piadas ocidentais sobre os costumes do Oriente. Por sorte sou um homem de infinita paciência, e devo reconhecer que sua companhia me deu muito prazer, ao mesmo tempo que me divertiu um bocado. Eu lhe daria setenta e cinco pontos num máximo de cem.

Quando se iam levantando da mesa, um homem passou roçando por Bond em direção à saída. Era um sujeito atarracado, com um *masuku* branco sobre a boca, e usava um feio chapéu de couro. O homem do trem!

Sim, senhor pensou Bond. Se êle me torna a aparecer nesta última etapa da viagem a Fukuoka, eu lhe deito a mão. Se não, hei de relegá-lo muito a contragosto ao “Departamento de Estranhas Coincidências”. Mas está me parecendo que a nota de Tigre é zero em cem no que toca a faculdades de observação.

PARTE II

... do que
chegar”

Encontro marcado em Samarra*

As seis da manhã veio buscá-los um carro enviado pelo prefeito de polícia de Fukuoka. Havia dois cabos de polícia no assento dianteiro. Partiram céleres na direção do norte, pela estrada da costa. Volvido algum tempo, Bond falou:

— Tigre, estamos sendo seguidos. Não importa o que você diga. O homem que roubou minha carteira estava ontem à noite no restaurante de *fugu* e agora vem a uma milha atrás de nós, numa motocicleta... ou eu estou completamente doido. Seja camarada, mande o chofer entrar numa estrada lateral para depois segui-lo e pegá-lo. Eu tenho faro para essas coisas e peço-lhe que faça o que lhe digo.

Tigre resmungou, olhou para trás e deu algumas ordens rápidas ao chofer. Vivamente, o chofer respondeu “*Hai!*” e o cabo que viajava ao seu lado desabotoou o coldre da pistola automática M-14. Tigre flexionou os dedos possantes.

*O escritor norte-americano John O’Hara tem uma novela com este título (*Appointment in Samarra*). Como epígrafe do volume apresenta uma citação de W. Somerset Maugham, a qual não sei de que obra foi extraída, nem se é uma invenção original do Maugham ou se alude a algum antigo conto árabe. Em todo caso, creio não ser demais reproduzir aqui a passagem, quer pela sua função elucidativa, quer pela grande beleza intrínseca. Ei-la:

FALA A. MORTE: Havia em Bagdá um mercador que mandou seu criado comprar provisões no mercado, e pouco depois voltou êle, pálido e trêmulo, dizendo: “Patrão, há um instante, quando eu estava no mercado, uma mulher me acotovelou no meio da multidão, e quando me virei vi que era a Morte, que havia esbarrado em mim. Olhou-me fazendo um gesto de ameaça ; ora, empresta-me o teu cavalo para que eu fuja desta cidade e evite a minha sina. Vou a Samarra, onde a Morte não poderá me encontrar.” O mercador emprestou o cavalo ao criado, que o montou, cravou-lhe as esporas e partiu a toda a brida. Então o mercador foi ao mercado, avistou-me no meio da multidão, caminhou para mim e disse: “Por que ameaçaste meu criado com um gesto ao deparar com êle esta manhã?” “Não foi um gesto de ameaça”, respondi, “mas apenas um estremecimento de surpresa. Espantei-me de vê-lo em Bagdá, pois tinha um encontro marcado com êle esta noite em Samarra.” (N. do Trad.)

Chegaram a um caminho do lado esquerdo, que se embrenhava no mato. O chofer fez uma hábil mudança de carro de corrida e estacou fora das vistas da estrada, apagando o motor. Ficaram à escuta. Ouviu-se o ronco de uma motocicleta que se aproximava e tornava a diminuir na distância. O chofer voltou à estrada numa rápida e certa marcha à ré e arrancou em disparada. Tigre deu novas ordens numa voz cortante. E, virando-se para Bond:

— Mande-o avisar o homem com a sirena e, se ele não parar, metê-lo na valeta.

— Ainda bem que você vai lhe dar uma chance — disse Bond, que começava a ficar apreensivo. — Pode ser que eu me engane e ele seja apenas um vendedor com pressa de chegar.

Corriam a 130 quilômetros pela estrada sinuosa. Não tardaram a alcançar a poeira do motociclista e um instante depois avistaram a própria máquina. O homem ia curvado sobre o guidom, numa marcha furiosa.

O chofer falou alguma coisa e Tigre traduziu: — Diz que é uma Honda de 500 cc. Numa máquina dessas, poderia facilmente deixar-nos para trás. Mas até os malfeitores japoneses são disciplinados. Preferirá obedecer à sirena.

A sirena lançou o seu lamento, que se transformou num grito estridente. Lá adiante, viu-se alvejar a máscara: era o homem que olhava por cima do ombro. Foi travando pouco a pouco, até parar. Sua mão direita mergulhou no interior da blusa. Bond segurava o trinco da porta.

— Cuidado, Tigre, ele tem um revólver! — disse ele e, ao pararem junto à motocicleta, jogou-se para fora da porta e deu um violento encontro no homem, atirando ao chão tanto ele como a sua máquina. O cabo que vinha ao lado do chofer deu um pulo de gato e os dois corpos rolaram na valeta. Quase no mesmo instante, o cabo pôs-se em pé. Tinha na mão uma faca ensanguentada. Jogou-a no chão e, em dois rasgões violentos, abriu a blusa e a camisa do homem. Olhou lá de baixo para Tigre, meneando a cabeça. Tigre gritou alguma coisa e o cabo pôs-se a esbofetear o homem com toda a força, de um lado e de outro. Caiu o *masuku* e Bond reconheceu o ricto sinistro da morte.

— Mande-o parar, Tigre! — disse ele, engulhado. — O homem está morto.

Tigre desceu à valeta. Apanhou a faca do chão, baixou-se e rasgou a manga direita do cadáver até o ombro. Deu uma olhadela e chamou Bond, apontando-lhe um ideograma tatuado com tinta preta na curva interna do braço.

— Você tinha razão, Bondo-san. É um Dragão Negro. — Levantou-se e, com o rosto contorcido, cuspiu a palavra: — *Shimata!*

Os dois policiais assistiam à cena com uma expressão de polida perplexidade. Obedecendo a uma ordem de Tigre, passaram revista às roupas do homem e encontraram alguns objetos banais, inclusive a carteira de Bond com os cinco mil yens ainda intactos e uma agenda barata. Depois de entregar tudo a Tigre, arrastaram o cadáver para fora da valleta e introduziram-no rudemente no porta-malas do automóvel. Por fim esconderam a motocicleta numas moitas e todo mundo se espanejou e tornou a embarcar.

Decorridos alguns instantes, Tigre falou pensativamente:

— Isto é incrível! Pelo jeito, sou mantido sob permanente vigilância em Tóquio. — E, folheando as páginas da agenda: — Sim, todas as minhas idas e vindas durante a última semana e todas as escalas de nossa viagem. Você é designado simplesmente como um *gaijin*. Mas o homem pode ter feito uma descrição pelo telefone. Isto é um grande contratempo, Bondo-san. Peço-lhe sinceramente desculpas. Talvez você já esteja incriminado. Eu o desobrigarei da sua missão, está claro. A culpa é toda minha, por ter sido negligente. Não levava esta gente muito a sério. Preciso falar com Tóquio assim que chegarmos a Fukuoka. Mas pelo menos você teve uma amostra das medidas que o Dr. Shatterhand adota para se proteger. Esse homem tem muito mais voltas do que parece. Em alguma época de sua vida deve ter sido um exímio agente de informações. Descobrir, por exemplo, a minha identidade, um segredo de Estado. Reconhecer em mim o seu principal inimigo. Tomar as contramedidas apropriadas para garantir-se contra qualquer intrusão. Ou ele é um doido dotado de qualidades excepcionais, ou um grande criminoso. Concorde comigo, Bondo-san?

— Tem todos os visos de ser assim. Estou começando a ficar ansioso por ver a pinta desse sujeito. E não se preocupe com a missão. Este era provavelmente o empurrão de que eu estava precisando para tomar embalagem.

A chefia da repartição local do Sosaku, o Departamento de Investigações Criminais da ilha meridional de Kyūshū, ficava numa pequena travessa da rua principal de Fukuoka. Era um edifício de aparência austera, revestido de tijoletas amarelas num estilo derivado do alemão. Tigre confirmou que ali tinha sido o quartel-general do Kempeitai, a Gestapo japonesa, antes da guerra e durante esta. O grande homem da capital foi recebido com pompa. O gabinete do chefe do Sosaku era pequeno e atravancado. Bond achou que o Superintendente Ando se parecia com

qualquer outro funcionário japonês; tinha, contudo, um porte militar e seus olhos, por trás dos óculos sem aro, eram vivos e duros. Bond sentou-se a fumar pacientemente enquanto os outros conversavam sem parar. Um mosaico aerofotográfico ampliado do Castelo da Morte surgiu de um arquivo de aço e foi desdobrado sobre a mesa. O Superintendente Ando prendeu os cantos com cinzeiros e outros objetos pesados, e Tigre chamou seu companheiro num tom de respeito que, segundo observou Bond, não passou despercebido ao Superintendente. Ocorreu-lhe que havia acumulado muito *on* nas costas de Tigre, ou então que este perdera uma dose considerável de prestígio em face dele com o caso do agente do Dragão Negro.

— Faça o favor de examinar esta fotografia, Bondo-san — disse Tigre. — O Superintendente informa que o acesso clandestino pelo lado da terra é atualmente muito difícil. Os suicidas pagam os camponeses da localidade para guiá-los através destes pântanos — continuou, indicando o lugar, — e no muro que cerca a propriedade existem brechas conhecidas que são mudadas constantemente, mantendo-se abertas para admitir os suicidas. Sempre que o Superintendente coloca uma sentinela junto a uma dessas brechas, os guardas do castelo anunciam aos camponeses a existência de uma outra. Diz êle que já não sabe o que fazer. Na semana passada foram conduzidos à morgue vinte cadáveres. O Superintendente deseja renunciar ao cargo.

— Naturalmente — disse Bond. — E depois, quem sabe, um nobre envenenamento com *fugu*. Deixe-me examinar isto.

À primeira inspeção Bond sentiu-se descoroçoar. Era o mesmo que pretender assaltar sozinho o Castelo de Windsor! A propriedade cobria toda a área de um pequeno promontório que se projetava de uma costa rochosa e o penhasco de sessenta metros de altura em volta do promontório fora revestido de um anteparo de gigantescos blocos de pedra que subiam em ligeiro talude para as canhoneiras e as albarrãs de ladrilhos, irregularmente dispostas. O topo dessa muralha parecia erguer-se a uma altura de três metros acima do nível do parque, coberto de cerrado arvoredo e de moitas de arbustos entre regatos coleantes e um amplo lago com uma ilha no centro. Do lago parecia elevar-se uma névoa que se perdia em farripas aqui e além por entre os arbustos. O castelo ficava nos fundos da propriedade, resguardado contra a campina baixa por um muro relativamente modesto. Devia ser por esse muro que os suicidas penetravam no parque. Quanto ao castelo em si, era uma enorme construção de quatro andares, dentro da tradição japonesa, com tetos salientes e

recurvos de telhas planas vidradas. Remates arquitetônicos em forma de golfinhos adornavam o último pavimento, além de uma profusão de outros detalhes decorativos — pequenas sacadas, torreões e mirantes isolados, de tal maneira que todo o edifício, pintado de preto e mostrando a espaços umas orlas que Tigre informou serem de pintura dourada, dava a impressão de um cenário brilhantemente imaginado para algum filme de Drácula. Bond apanhou um grosso vidro de aumento e explorou todo o terreno, polegada por polegada, porém nada mais descobriu a não ser a presença de uma ou outra figura minúscula a trabalhar no parque ou a limpar com um ancinho o cascalho em volta do castelo. Bond largou a lente e falou em voz soturna:

— Isto não é um castelo, é uma fortaleza! Como imaginam que vou entrar no maldito lugar?

— O Superintendente pergunta se você é bom nadador. Mandeir vir um equipamento completo de minha academia de *ninjutsu*. A muralha do lado do mar não constitui problema.

— Sei nadar bastante bem, mas como chegarei à base da muralha? Qual é o ponto de partida?

— O Superintendente diz que há uma ilha de *amas* chamada Kuro a cerca de meia milha da costa.

— Que é uma ilha de *amas*?

— Essas ilhas existem em diferentes pontos da costa do Japão. Creio que haja umas cinqüenta dessas comunidades. As *amas* são uma tribo de moças mergulhadoras que se dedicam à pesca do *awabi*, um molusco de concha que é o equivalente local da orelha-marinha. É uma iguaria muito apreciada. Às vezes pescam também pérolas. Mergulham completamente nuas. Algumas são belíssimas. Mas vivem muito isoladas e nessas ilhas não se recebem visitas. Têm a sua cultura primitiva e os seus costumes próprios. Suponho que se possa definir essa gente como uma espécie de ciganos do mar. Raramente se casam fora da tribo, e é isso que faz deles uma raça à parte.

— O que me conta é muito curioso, mas como é que eu vou estabelecer uma base nessa ilha de Kuro? Talvez tenha de esperar dias a fio até que o tempo seja propício.

Tigre formulou uma rápida pergunta ao Superintendente. A resposta foi longa.

— *A so desu ka!* — disse Tigre, com interesse e entusiasmo. E, virando-se para Bond: — Acabo de descobrir que o Superintendente é aparentado de longe com uma família de Kuro. Uma família das mais inte-

ressantes. O pai, a mãe e a filha. Esta se chama Kissy Suzuki. Já ouvi falar nela. Com a idade de dezessete anos tornou-se famosa no Japão por ter sido escolhida para fazer um filme em Hollywood. Procuravam uma mergulhadora japonesa de grande beleza e alguém a conhecia de referência. Fêz o filme, mas tomou aversão por Hollywood e só pensava em voltar para o meio de sua gente. Uma moça que podia ter feito fortuna preferiu retirar-se para essa obscura ilha! A imprensa, na época, fêz grande espalhafato em torno do caso e a opinião geral foi que ela se portara de maneira muitíssimo honrosa. Batizaram-na “a Garbo japonesa”. Mas Kissy não completou ainda vinte e três anos e está completamente esquecida. O Superintendente diz que pode arranjar a sua hospedagem em casa da família. Parece que os Suzuki têm alguma obrigação para com êle. Diz que é uma casa simples mas confortável, graças ao dinheiro que a rapariga ganhou em Hollywood. As outras casas da ilha são simples choças de pescadores.

— Mas o resto da comunidade não reclamará contra a minha presença?

— Não. Os habitantes pertencem à religião xintoísta. O Superintendente se entenderá com o sacerdote e tudo estará em ordem.

— Muito bem, então fico nessa ilha e uma noite vou nadando até a muralha. Como é que subo por ela?

— Você levará consigo o equipamento de *ninja*. Nós o temos aqui conosco. Já viu como se usa. É só usá-lo. Muito simples.

— Sirva de testemunha aquele homem que caiu no fosso. E que faço então?

— Esconde-se no terreno e aguarda uma oportunidade para matá-lo. A maneira de fazê-lo fica por sua conta. Como lhe disse, êle anda metido numa armadura. Um homem dentro de uma armadura é muito vulnerável. Basta fazê-lo cair por terra. Quando o tiver estendido no chão, estrangula-o com a corrente de *ninja* que levará em volta da cintura. Se a mulher estiver presente, estrangule-a também. Está certamente envolvida nesse negócio e, de qualquer forma, uma mulher tão feia não merece viver. Aí você escapa pelo muro e volta a nado para Kuro, onde será apanhado pela lancha da polícia, que irá buscá-lo imediatamente. A notícia da morte não tardará a chegar aqui.

Bond falou em tom de dúvida:

— Bem, isso tudo parece muito simples. Mas e os tais guardas? O lugar está inçado deles.

— Basta evitá-los. Como vê, não faltam esconderijos no parque.

— Ora, muito obrigado. Numa dessas moitas de arbustos venenosos ou trepando por uma dessas árvores. Não quero ficar cego nem louco.

— A roupa de *ninja* lhe dará proteção completa. Terá uma roupa preta para a noite e uma de camuflagem para o dia. A fim de proteger os olhos, usará os óculos de nadar. Todo esse equipamento, você o levará a reboque numa bolsa de matéria plástica que lhe será fornecida.

— Meu caro Tigre, você pensou em tudo. Mas eu preferiria mil vezes levar comigo uma simples pistola.

— Seria loucura, Bondo-san. Sabe muito bem que o silêncio é essencial no caso. E um silenciador, cujo peso seria um grande inconveniente para nadar, reduziria de tal modo a velocidade da bala que talvez não atravessasse a armadura. Não, meu amigo. Use o *ninjutsu*. É o único meio.

— Bem, bem — disse Bond com um suspiro resignado. — Agora vamos ver uma fotografia desse sujeito. O Superintendente tem aí?

A imagem fora apanhada de grande distância, com uma lente telescópica. Era a de uma alta figura com uma cota de malhas medieval, completa, e o capacete denteado e munido de tapa-orelhas dos antigos guerreiros japoneses. Bond estudou detidamente a fotografia, notando os pontos vulneráveis no pescoço e nas juntas. Um escudo metálico resguardava as virilhas. Da cintura pendia uma espada de samurai, de lâmina atravessada, mas não havia sinal de outras armas.

— Não tem uma aparência tão absurda como seria de esperar — disse Bond pensativamente. — Sem dúvida por causa do cenário à la Drácula. Não tem aí alguma que mostre o rosto? Talvez pareça um pouco mais maluco ao natural.

O Superintendente procurou no fundo do arquivo, tirou dali algo que parecia a ampliação de uma fotografia de identidade do Dr. Shatterhand e estendeu-lha.

Bond apanhou-a despreocupadamente. De súbito, todo o seu corpo se retesou. “Deus do céu! Deus do céu!” exclamou no seu íntimo. Sim. Não havia dúvida, não havia a menor dúvida! Ele deixara crescer um bigode preto de pontas caídas. Mandara consertar o nariz sifilítico. Entre os incisivos superiores, um tinha coroa de ouro; mas não podia haver dúvida. Bond alçou os olhos e perguntou:

— Não tem uma da mulher?

Surpreendido ante a sua expressão de rancor controlado e a palidez que transparecia sob a tintura de noqueira, o Superintendente dobrou o corpo numa mesura e rebuscou o arquivo.

Sim, era ela mesma, a perra — a cara chata e horrenda de carcerei-

ra, os olhos sem lustro, o cabelo repuxado para trás e enrolado em birote na nuca.

Com os retratos na mão, sem olhá-los, Bond pôs-se a pensar. Ernst Stavro Blofeld. Irma Bunt. Então era ali que tinham vindo esconder-se! E o longo, o forte laço do destino o trazia agora para junto deles! A êle, James Bond, para junto desses dois! Uma corrida de táxi ao longo da costa nesse longínquo recanto do arquipélago japonês. Não pressentiriam a sua aproximação? Teria o espião morto descoberto o seu nome, avisando-os? Não era provável. O poder e o prestígio de Tigre o protegiam. A discrição e o sigilo são o sangue vital dessas hospedarias japonesas. Mas saberiam que um inimigo vinha em caminho? Que o destino marcara esse encontro em Samarra? Bond levantou os olhos. Mantinha um frio controle sobre si mesmo. Isso era agora um assunto privado. Nada tinha que ver com Tigre ou o Japão. Nem com a “Magia 44”. Era um caso de vendetta longamente protelada.

— Tigre — perguntou com naturalidade, — o Superintendente não poderia indagar o que os seus detectives fizeram daquele agente do Dragão Negro? E das coisas que êle levava consigo? Estou particularmente interessado em saber se êle não terá telefonado ou telegrafado uma descrição da minha pessoa ou do objetivo que me traz aqui.

Fêz-se na sala um longo silêncio carregado de eletricidade. Tigre examinou o rosto de Bond com intenso interesse antes de traduzir suas perguntas para o Superintendente. Este apanhou o receptor de um telefone de mesa de tipo antigo, com dois ganchos. Falou, soprou com força no bocal para desobstruir a linha — um hábito japonês — e tornou a falar. Disse “*A so desu ka!*” uma porção de vezes. Por fim largou o fone no gancho. Quando êle terminou de falar, Tigre voltou-se para Bond e, ao mesmo tempo que perscrutava atentamente, mais uma vez, o rosto de seu amigo, transmitiu-lhe as informações:

— O homem era daqui e estava fichado na polícia. Por sorte, tinha muito pouca instrução e era considerado como um simples facínora desprovido de inteligência. Na primeira página da agenda registrou a sua missão, que era seguir-me até o meu ponto de destino e informar então o seu chefe. Não parece provável que estivesse munido de fundos para custear comunicações dispendiosas. Mas que é que há, Bondo-san? Você conhece essa gente, por acaso?

James Bond riu-se. Foi uma risada áspera, que aos seus próprios ouvidos soou destemperada e falsa naquela pequena sala. Resolvera imediatamente guardar para si o que sabia. Revelar a verdadeira identidade

do Dr. Shatterhand seria fazer voltar todo aquele caso aos canais oficiais. O Serviço Secreto Japonês e a C. I. A. afluiriam em massa para Fukuoka. Blofeld e Irma Bunt seriam detidos. A presa que lhe pertencia pessoalmente lhe seria arrebatada. Não haveria vingança!

— Meu Deus, não! — disse Bond. — Mas eu sou um pouco fisionomista. Quando vi a cara deste homem, foi como se alguém tivesse pisado em cima da minha sepultura. Algo me diz que, seja eu bem sucedido ou não, o resultado desta missão será decisivo para um de nós dois. Não haverá empate. Mas agora sou obrigado a importuná-los com uma porção de outras perguntas, a você e ao Superintendente. São questões de detalhe, mas preciso acertar tudo antes de começar.

Tigre pareceu aliviado. A expressão brutal que notara no rosto de Bond não condizia em absoluto com o semblante estóico e irônico do Bondo-san a quem tanto se afeiçoara. Desabrochou o seu grande sorriso de ouro e respondeu:

—Mas está claro, meu amigo! E alegro-me de ver as suas preocupações e o trabalho que se dá para assegurar tudo com antecedência. Há de me perdoar se lhe cito um derradeiro provérbio japonês, que diz: “Um número razoável de pulgas faz bem a um cão. Do contrário, êle esquece que é um cão.”

— Viva o velho Basho! — disse Bond.

Kissy Suzuki

James Bond passou o resto da manhã feito um autômato. Enquanto experimentava o equipamento de *ninja* e via acomodar cuidadosamente cada objeto num estôjo flutuável de matéria plástica, tudo que tinha na mente era a imagem de seu inimigo — esse Blofeld, o tremendo gangster que criara a SPECTRE, “Special Executive for Counter-Intelligence, Terrorism, Revenge and Extortion”, o homem procurado pela polícia de todas as nações da OTAN, o homem que, apenas nove meses atrás, assassinara Tracy, esposa de Bond pelo espaço de menos de um dia. E, durante esses nove meses, aquele gênio do mal inventara um novo método de colecionar mortes, como dizia Tigre. Esse disfarce de doutor suíço, Shatterhand, o botânico milionário, era uma coisa que êle devia ter preparado previamente, durante anos. Não seria difícil. Algumas doações de plantas raras a jardins botânicos famosos, o financiamento de um punhado de expedições, e enquanto isso fora madurando às ocultas o plano de aposentar-se um dia e “cultiver son jardin”. E que jardim! Uma dionéia apanha-môscas para seres humanos, um filtro letal para os que desejavam morrer. E naturalmente o Japão, com o mais alto índice de suicídios no mundo, um povo com a sede insaciável de tudo quanto é excêntrico, cruel e horrível, oferecia o refúgio ideal para êle. Blofeld devia ter perdido o juízo, mas enveredando por uma loucura monstruosa, calculadora — a loucura do gênio que êle indubitavelmente era. E toda essa concepção diabólica obedecia à escala grandiosa característica de Blofeld — a escala de um Tibério, de um Nero, de um Hitler ou qualquer outro grande inimigo da humanidade. A rapidez da execução era estupefaciente, o dispêndio fabuloso, o planejamento atendia às menores minúcias, inclusive a utilização da Sociedade do Dragão Negro, e a cobertura era tão impecável

quanto a “Clínica Piz Glória”, para cuja destruição total Bond havia contribuído menos de um ano atrás. E agora os dois inimigos se defrontavam novamente, mas desta vez o que instigava Davi a exterminar Golias não era o senso do dever e sim uma vingança de sangue! E com que armas? Nada mais que suas mãos, um canivete de duas polegadas e uma fina corrente de aço. Não importava; armas do mesmo gênero já lhe haviam prestado serviço no passado. A surpresa seria o fator decisivo. Bond acrescentou ao seu equipamento um par de nadadeiras, pequena provisão de uma espécie de “pemmican*” de carne, comprimidos de benzedrina e um cantil de matéria plástica para água. E com isso ficou pronto.

Rodaram pela rua central até o ponto do molhe onde os aguardava a lancha da polícia e zarparam a uns bons vinte nós através da magnífica baía, contornando o promontório e penetrando no Mar de Genkai. Tigre fez surgir sanduíches e uma garrafinha de *saque* para cada um e tomaram o lanche enquanto a costa verde e arenosa desfilava lentamente a bom-bordo com as suas praias de areia. Tigre indicou uma mancha longínqua no horizonte.

— É a Ilha de Kuro. Anime-se, Bondo-san! Você parece preocupado. Pense nas belas mulheres nuas com quem estará em breve nadando! E nessa Greta Garbo japonesa em cuja companhia passará as noites!

— E nos tubarões que já estarão se congregando à notícia de minha travessia a nado para o castelo!

— Se eles não comem os *amas*, por que havia de lhes apetecer a carne dura de um inglês? Olhe aquelas duas águias-pesqueiras voando em círculo! É um ótimo agouro. Uma só teria sido menos propícia. Quatro seria funesto, pois entre nós o quatro equívale ao treze de vocês — o pior de todos os números. Mas, Bondo-san, você não acha divertido pensar nesse dragão imbecil, dormitando no seu castelo sem desconfiar de nada enquanto São Jorge se aproxima silenciosamente do seu antro, deslizando sobre as ondas? Isso daria tema para uma gravura japonesa muito sugestiva.

— Você tem um esquisito senso de humor, Tigre.

— É apenas diferente do senso de humor inglês. A maioria de nossas histórias cômicas gira em torno da morte ou de alguma calamidade. Não sou um “paizinho das gravuras” — um contador profissional de histórias — mas vou lhe contar a minha anedota favorita. É a respeito de uma rapariga que chega a uma ponte de pedágio. Atira ao guarda um *sen*,

*Paçoca de carne seca com sebo, passas de uva e açúcar, usada por exploradores, etc.

que é uma moeda pequenina, e entra pela ponte. O guarda grita: “Eh lá! Você bem sabe que o pedágio nesta ponte custa dois *sens*.” E a rapariga responde: “Mas eu não tenciono atravessar a ponte. Só quero ir até a metade para me jogar no rio.” — E Tigre soltou uma gargalhada estentórea.

Bond sorriu polidamente.

— Vou guardar esta para contar em Londres. Eles lá estourarão de tanto rir.

A pequena mancha no horizonte cresceu e não tardou a assumir a forma de uma ilha recortada de cerca de oito quilômetros de circunferência, com rochedos escarpados e um pequeno porto voltado para o norte. No continente, a ponta de terra do Dr. Shatterhand avançava pelo mar e a muralha negra que fazia pensar numa fortaleza pairava acima da rebentação. Lá no alto avistavam-se copas de árvores e, por trás destas, à distância, o teto recurvo do último pavimento do castelo desenhava o seu perfil sobre a linha do horizonte. A formidável silhueta lembrou vagamente a Bond umas fotografias de Alcatraz, tiradas do nível do mar. Estremeceu de leve ao pensar na travessia a nado, durante a noite, daquele braço de mar de meia milha e na aranha negra que iria depois escalar a vertiginosa muralha. Bem, bem... Voltou a atentar na Ilha de Kuro.

Parecia feita de rocha vulcânica negra, mas possuía uma rica vegetação que trepava até as alturas de um pequeno pico onde se avistava uma espécie de atalaia de pedra. Depois de rodearem o promontório que formava um dos braços da baía apareceu uma aldeiazinha compacta, com um molhe. Ao largo espalhavam-se trinta ou mais botes a remo e, de quando em quando, uma nesga de carne rosada reluzia ao sol. Crianças nuas brincavam entre os grandes matacões de pedra preta que se sucediam em todas as posições imagináveis ao longo da praia, como hipopótamos a banhar-se. Havia redes de côr verde estendidas a secar. Era uma linda cena, com esse quê de delicado e remoto, de país de fadas, que têm as pequenas comunidades de pescadores por toda a Terra. Bond simpatizou imediatamente com o lugar, como quem chega a um ponto de destino que o esteve aguardando e que lhe será amigo e acolhedor.

Um grupo de anciãos da aldeia, homens graves e nodosos como velhos troncos, com a expressão séria da gente simples nas ocasiões importantes, tendo à frente um sacerdote xintoísta, reunira-se no molhe para recebê-los. O padre envergava as vestes cerimoniais, um quimono vermelho-escuro de três quartos com vastas mangas pendentes, uma saia azul-turquesa de amplas dobras e o tradicional chapéu em forma de cone rombudo, de um preto brilhante. Era um homem de simples dignidade

e considerável presença, entre quarenta e cinquenta anos, rosto redondo, óculos redondos, boca franzida e judiciosa. Seus olhos argutos examinaram-nos um a um quando desembarcaram, mas demoraram-se mais tempo na pessoa de Bond. O Superintendente Ando foi acolhido com um misto de amizade e respeito. A ilha pertencia ao seu distrito e ele era o supremo dispensador de todas as licenças de pesca, refletiu Bond descaídosamente; mas teve de reconhecer que a d-ferência das medidas não era exagerada e que tinha sorte em possuir tal embaixador. Encaminharam-se ao longo da rua central de pedras irregulares até a casa do padre, uma modesta e anosa construção de pedra com aberturas de madeira jogada à praia e aparelhada. Entraram e sentaram-se em semicírculo diante do sacerdote, no impecável assoalho de madeira polida, e o Superintendente pronunciou um longo discurso pontuado de sérios “*Hai’s*” e “*A so desu ka!*” da parte do dono da casa, que de quando em quando pousava pensativamente em Bond o seu olhar atilado. Respondeu com uma breve fala que Tigre e o Superintendente escutaram com deferência. Tigre tomou a palavra por sua vez e o assunto da reunião ficou encerrado, salvo o indefectível chá.

Bond perguntou a Tigre como tinham sido explicadas a sua presença e a sua missão. Tigre respondeu que teria sido inútil mentir ao sacerdote, um homem de grande perspicácia, e por isso lhe haviam dito a verdade quase completa. Respondera ele lamentar que se pensasse em tomar medidas tão extremas, mas reconhecia que o castelo em frente à ilha era um lugar nefando e seu proprietário um homem que tinha pacto com o diabo. Em vista dessas circunstâncias, daria sua bênção ao projeto e James Bond teria licença de permanecer em Kuro durante o mínimo de tempo necessário para cumprir a sua missão.

O sacerdote recomendaria à família Suzuki que lhe desse acolhida honrosa. A presença de Bond seria explicada aos anciãos fazendo-o passar por um famoso antropologista *gaijin* que viera estudar o sistema de vida dos *amas*. Bond devia pois estudá-lo, mas o sacerdote pedia que ele se portasse com sinceridade:

— O que significa que você não deve deitar-se com as raparigas — explicou Tigre com um malicioso arregar de dentes.

Ao entardecer voltaram ao molhe. O mar, que assumira uma cor escura de ardósia, estava liso como um espelho. Os pequenos botes, arvorando bandeiras coloridas para anunciar que o produto da pesca daquele dia fora excepcional, voltavam como pássaros que se recolhem ao ninho. Toda a população de Kuro, talvez duzentas almas, alinhava-se na

praia para saudar as heroínas do dia. Os mais velhos tinham nos braços umas mantas e cobertores cuidadosamente dobrados para agasalhar as moças durante o trajeto para casa, onde, segundo explicou Tigre, tomariam um banho quente de bacia para restabelecer a circulação e remover todos os vestígios de sal. Eram cinco horas da tarde. Às oito estariam elas dormindo, para tornarem a sair com a alvorada. Tigre colocou-se na pele de seu amigo.

— Você terá de acomodar-se aos hábitos do lugar, Bondo-san. Os *amas* vivem muito frugalmente e com pouca despesa, pois o que ganham não é grande coisa — apenas o preço de lágrimas de pardal, como nós costumamos dizer. E, pelo amor de Deus, seja cortês com os pais, principalmente o velho. Quanto a Kissy...

Deixou a frase inconclusa. Mãos ansiosas seguraram cada barco e, entre gritos de júbilo, puxaram-no para o cascalho negro. Grandes tinas de madeira foram retiradas do interior deles e rapidamente carregadas para debaixo de um frágil telheiro, espécie de mercado em que, segundo Tigre, o *awabi* era classificado e avaliado. Nesse ínterim, as moças sorridentes e parreiras haviam desembarcado chapinhando na água rasa e lançando modestos olhares de estimativa aos três forasteiros vindos da terra firme que observavam a cena do molhe.

Aos olhos de Bond, pareceram todas belas e vistosas à doce luz do entardecer — os soberbos seios de tetas um tanto grossas, as nádegas musculosas e reluzentes, cortadas pelo cordão preto que mantinha no lugar o triângulo frontal de algodão da mesma côr, a forte tira de couro em volta da cintura com a sua fieira de chumbadas ovais e uma espécie de angulosa picareta de aço, o pano branco prendendo o cabelo em desordem e os olhos escuros, os lábios risonhos que festejavam o dia feliz. Nesse momento pareceu a Bond que assim devia ser o mundo e a vida, e envergonhou-se da sua aparência de peralvilho da cidade, por não falar dos tenebrosos desígnios que ela ocultava.

Uma das moças, mais alta do que as demais, parecia não dar atenção aos homens do molhe ou à lancha da polícia amarrada a este. Formava o centro de uma multidão de risonhas raparigas e trilhava o brilhante cascalho negro da praia com passadas longas, talvez estudadas. Atirou uma observação qualquer às suas companheiras, que se desmancharam em risadinhas, levando a mão à boca. Aproximou-se então uma velha encarquilhada que lhe estendeu um cobertor pardo; ela enrolou-se no pano de lã grosseira e o grupo dispersou-se.

As duas mulheres, velha e moça, subiram a praia em direção ao

mercado. A jovem falava em tom alvoroçado. A outra escutava com atenção, balançando a cabeça. O sacerdote estava à espera de ambas. Curvaram-se profundamente. Ele lhes falou e as duas ouviram humildemente, lançando de espaço a espaço um olhar ao grupo do molhe. A jovem alta fechou o cobertor em volta do corpo. James Bond, que já havia adivinhado, adquiriu então certeza. Essa era Kissy Suzuki.

As três pessoas — o sacerdote nas suas vestes esplêndidas, a velha pescadora de rosto em casca de noz e a alta rapariga nua envolta no seu pobre cobertor — avançaram ao longo do molhe. Kissy vinha na retaguarda. O curioso é que pareciam formar um trio homogêneo em que o sacerdote poderia passar pelo pai. As mulheres pararam e ele deu um passo à frente, curvando-se diante de Bond e dirigindo-lhe a palavra. Tigre traduziu:

— Diz que o pai e a mãe de Kissy Suzuki se sentiriam honrados em recebê-lo na sua humilde morada, cuja pobreza lhe pedem que desculpe. Lamentam não estar acostumados aos hábitos ocidentais, mas sua filha conhece bem o inglês em razão de ter trabalhado na América e saberá transmitir aos pais os seus desejos. O sacerdote pergunta se você sabe remar. O pai, que até há pouco remava para a filha, está sofrendo de reumatismo. Você prestaria um grande serviço à família se se dignasse tomar-lhe o lugar.

Bond curvou-se.

— Por obséquio, diga a Sua Reverência que eu lhe fico infinitamente grato por sua intercessão em meu favor. Muito me honrarei de ter um lugar em que descansar a cabeça no lar de Suzuki-san. Minhas necessidades são muito modestas e gosto imenso do sistema de vida japonês. Com o maior prazer remarei o barco da família e procurarei ajudá-la de todas as maneiras possíveis. — E acrescentou *sottovoce*:—Tigre, eu talvez precise da ajuda desta gente quando chegar a hora. Especialmente da moça. Que é que eu lhe posso revelar?

Tigre respondeu baixinho:

— Isso fica à sua discrição. O padre sabe, portanto ela também pode saber. Não irá divulgar os seus segredos. Agora adiante-se para que ele o apresente. Não esqueça que o seu nome aqui é Taro, que significa “primeiro filho”, e Todoroki, que quer dizer “trovão”. O padre não está interessado em saber o seu nome verdadeiro. Eu disse que esse é um equivalente aproximado do nome inglês. Mas não tem importância. Ninguém se ocupará com isso. No entanto, você deve tratar de adquirir uma aparência mais japonesa para quando chegar ao outro lado. Esse nome

está escrito no seu cartão de identidade e no cartão fornecido pelo sindicato de mineiros de Fukuoka. Não precisa preocupar-se com essas coisas aqui, pois está entre amigos. Por outro lado, se fôr apanhado, mostrará o cartão que o dá como surdo-mudo. Entendido?

Tigre falou ao sacerdote e Bond foi conduzido à presença das duas mulheres. Curvou-se diante da mãe, sem esquecer de fazê-lo com bastante comedimento visto tratar-se de uma simples mulher, e voltou-se depois para a moça.

Ela riu alegremente — não um riso abafado ou espremido, mas um riso franco.

— Não precisa curvar-se diante de mim, e eu nunca me curvarei diante do senhor — disse, estendendo a mão. — Prazer em conhecê-lo. Meu nome é Kissy Suzuki.

A mão estava fria como um gelo. Bond respondeu:

— Quanto a mim, chamo-me Taro Todoroki e sinto muito tê-la retido tanto tempo aqui. A senhora está com frio e deve ir quanto antes tomar o seu banho quente. Sua família foi muito gentil em me oferecer hospedagem, mas não quero ser importuno. Tem certeza de que não há inconveniente nisso?

— Não pode haver inconveniente em nada que o kannushi-san, o padre, determine. E quanto a sentir frio, não é novidade para mim. Quando tiver se despedido de seus distintos amigos, minha mãe e eu o conduziremos com muito prazer à nossa casa. Espero que seja um bom descascador de batatas.

Bond estava encantado. Graças a Deus, encontrava afinal uma moça singela e sem rodeios! Ponto final nas reverências e nos sibilos!

— Sou formado nisso — respondeu. — Também sou forte e não ronco quando durmo. A que horas saímos para o mar?

— Por volta das cinco e meia, quando nasce o sol. Talvez você me traga sorte. Não é fácil encontrar conchas de *awabi*. Hoje tivemos um dia feliz e ganhei cerca de vinte dólares, mas nem sempre é assim.

— Eu não conto dinheiro em dólares. Digamos dez libras.

— Os ingleses não são iguais aos americanos? O dinheiro não é o mesmo?

— Muito parecidos, mas totalmente diferentes.

— Ah! Sim?

— Você quer dizer “A, *so desu ka?*”

A moça riu.

— Você foi bem treinado por esse senhor importante de Tóquio.

E se lhe disser adeus agora, a fim de que possamos ir para casa? Fica no outro lado da aldeia.

O sacerdote, o Superintendente e Tigre tinham estado a palestrar entre si, ostensivamente sem prestar atenção a Bond e à moça. A mãe esperava humildemente, mas observando com os olhos atilados cada nova expressão dos dois rostos. Bond tornou a curvar-se diante dela e foi reunir-se ao grupo de homens.

As despedidas foram breves. O crepúsculo ia invadindo o mar pouco a pouco e a esfera alaranjada do sol perdera o seu fulgor na bruma da tarde. O motor da lancha da polícia já fora posto em funcionamento e a descarga roncava suavemente. Bond agradeceu ao Superintendente, que lhe desejou boa sorte no honroso tentame. Tigre tinha uma expressão séria. Tomou a mão de Bond em ambas as suas, gesto pouco comum num japonês.

— Bondo-san, tenho certeza de que você logrará êxito, e por isso não lhe desejarei boa sorte. Tampouco lhe direi *sayonara*, adeus. Contento-me com lhe dizer um tranqüilo *banzai!* e com lhe deixar este pequeno *purezento* para o caso que os deuses não favoreçam a sua empresa e, mau grado todos os esforços que fizer, as coisas fiquem feias, muito feias.

Tirou do bolso uma caixinha e deu-a a Bond.

A caixinha fazia barulho. Bond abriu-a e encontrou no interior uma drácea — uma só, alongada e de côr acastanhada. Bond riu-se e devolveu-a a Tigre, dizendo:

— Não, obrigado, Tigre. Como disse ou quase chegou a dizer Basho, “só se vive duas vezes.” Se a minha segunda vida se apresentar, prefiro olhá-la em face e virar-lhe as costas. Mas em todo caso obrigado, e obrigado por tudo mais. Aquelas lagostas vivas estavam realmente deliciosas. Agora vou me preparar para comer bastante alga enquanto estiver aqui. Até outro dia! Dentro de uma semana nos tornaremos a ver.

Tigre embarcou e o motor da lancha acelerou as rotações. Ao atravessarem a arrebentação, à entrada do porto, Tigre ergueu uma das mãos e tornou a baixá-la num rápido movimento de cutelo. A lancha dobrou então a extremidade do promontório e desapareceu das vistas.

Bond virou-se. O sacerdote havia ido embora.

— Vamos, Todoroki-san — disse Kissy Suzuki com impaciência. — O kannushi-san diz que eu o devo tratar como um camarada, um igual. Mas dê-me um desses dois saquinhos para carregar. Por causa dos aldeões que nos observarão com curiosidade, usaremos em público a máscara oriental.

E o homem alto de rosto moreno, cabelo curto e sobancelhas oblíquas, a moça alta e a mulher velha se afastaram ao longo da praia, precedidos por suas angulosas sombras japonesas que se quebravam nos matacões negros e polidos.

Um dia côm de ouro

O raiar do dia foi um deslumbramento em ouro e azul. Bond saiu para a rua e comeu o seu arroz com queijo de soja e bebeu o seu chá no degrau escrupulosamente limpo da pequena morada de pedra aparelhada e madeira, enquanto a família pairava como um bando de pardais e as mulheres tratavam dos afazeres da casa.

Haviam reservado para Bond o aposento de honra, a pequena sala de estar com os seus *tatamis*, um que outro móvel, o santuário doméstico e um grilo numa gaiolinha — “para lhe fazer companhia”, explicara Kissy. Ali fora estendido no chão o seu *futon* e ele tentara pela primeira vez, com bastante êxito, dormir descansando a cabeça no tradicional travesseiro de pau. Na noite anterior o pai, um ancião emaciado, de juntas nodosas e olhos vivos de esquilo, havia rido com ele e também dele enquanto Kissy traduzia a sua narrativa de algumas das aventuras havidas com Tigre, e desde o primeiro instante fora completa a ausência de tensão e constrangimento. O padre dissera que Bond devia ser tratado como pessoa da família e, embora a aparência e também em parte as maneiras do recém-chegado fossem estranhas, Kissy decerto expressara a sua aprovação e os velhos seguiam-lhe o exemplo. Às nove horas, sob a lua quase cheia, o pai fizera um sinal a Bond e, no seu passo claudicante, saíra com ele para os fundos. Mostrou-lhe a casinha com o buraco no chão e as páginas do *Asahi Shimbun* corretamente divididas em quatro e enfiadas num prego. Com isso se desvaneceram os últimos receios secretos de Bond a respeito da vida na ilha. À chama bruxuleante da vela o lugar lhe pareceu tão asseado quanto a própria residência e, pelo menos, razoavelmente salubre. Depois que cessaram os discretos movimentos nos outros dois quartos, ele ferrara no sono e dormira como um bem-aventurado.

Kissy apareceu à porta vestida com uma espécie de camisa de dormir de algodão branco e um lenço do mesmo material a prender-lhe as ondas abundantes de cabelo preto. Trazia por cima da roupa o seu equipamento, as chumbadas e a pesada picareta, chata e angulosa, e só tinha nus os braços e os pés. Bond talvez houvesse deixado transparecer o seu desapontamento. A moça riu, caçoando dele.

— Este é o traje cerimonial para mergulhar em presença de forasteiros importantes. O *kannushi-san* recomendou-me que o usasse em sua companhia. Como sinal de respeito, evidentemente.

— Kissy, está me parecendo que isso é lorota. A verdade é que você acha que a sua nudez poderia despertar pensamentos indignos na minha ímpia cabeça ocidental. É uma feia suspeita a sua. No entanto, reconheço a delicadeza de seu respeito às minhas suscetibilidades. E agora deixemos de prosa e vamos andando. Hoje vamos bater o recorde da pesca de *awabi*. Qual deve ser a nossa meta?

— Cinquenta seria muito bom. Cem seria magnífico. Mas acima de tudo você precisa remar bem e não deixar que eu me afogue. E deve ser amigo de David.

— Quem é David? — perguntou Bond, com uma súbita ferroadada de ciúme à idéia de que não teria a moça toda para si.

— Espere e verá.

Kissy tornou a entrar em casa e trouxe para fora a tina de pau-de-balsa e um grande rolo de ótima corda de um quarto de polegada. Entregou a corda a Bond, firmou a tina no quadril e marchou à frente, afastando-se da aldeia por um caminho estreito. Esse caminho descia pouco a pouco até uma pequena enseada em que um solitário barco a remo, coberto de juncos secos para protegê-lo contra o sol, fora varado bem para dentro da praia sobre os seixos pretos e achatados. Bond retirou os juncos, empilhou-os a um lado e arrastou para o mar a singela embarcação, produto da indústria local. Era construída de uma madeira pesada e tinha a linha de flutuação bastante alta, mas com muita estabilidade na água de fundo fortemente inclinado e de uma perfeita transparência. Pôs a tina e a corda dentro do barco. Kissy fora ao outro lado da pequena enseada retirar um cordão amarrado a uma das pedras. Pôs-se a enrolá-lo vagarosamente, ao mesmo tempo que emitia um assovio grave, como um arrulho. Para pasmo de Bond, houve um rebuliço na água da baía e um grande corvo-marinho preto partiu como uma bala por entre os baixios e subiu gingando a praia até os pés de Kissy, a balançar para cima e para baixo o pescoço esticado e a silvar, aparentemente de cólera. Mas Kissy

inclinou-se, afagou a cabeça emplumada do animal e correu-lhe a mão pelo pescoço, ao mesmo tempo que lhe falava alegremente. Caminhou para o barco, sempre a enrolar o comprido cordão, e o corvo-marinho seguiu-a no seu andar desgracioso. Sem prestar nenhuma atenção a Bond, pulou desajeitadamente para a amurada e foi empoleirar-se na bancada da proa, onde se acorou majestosamente e começou a compor a plumagem, correndo o longo bico por entre as penas do peito, abrindo de quando em quando as asas em toda a extensão de seu metro e meio de envergadura e batendo-as com um movimento suave e gracioso. Por fim, depois de dar uma última sacudidela ao corpo inteiro, aquietou-se e ficou a olhar para o mar com o pescoço encurvado para trás na atitude de desferir uma bicada e os olhos azul-turquesa a escrutar imperiosamente o horizonte.

Kissy embarcou e instalou-se unindo decorosamente os joelhos entre as pernas estendidas de Bond. Este introduziu os pesados remos de pás estreitas nos toletes de madeira e pôs-se a remar numa voga compassada e vigorosa mais ou menos rumo ao norte, sob a direção de Kissy.

Havia observado que o cordel de Kissy que servia de trela para o corvo-marinho terminava por uma fina argola de latão, talvez de umas duas polegadas de diâmetro, rodeando a base do pescoço da ave. Devia ser um dos famosos corvos-marinhos pescadores do Japão. Bond interrogou-a a esse respeito.

— Quando o encontrei, há três anos, era um bebêzinho — contou Kissy. — Tinha óleo nas asas. Limpei-o, cuidei dele e pus-lhe uma argola, que foi preciso aumentar à medida que ele crescia. Agora, como vê, pode engolir peixes pequenos, mas os grandes ele traz para cima no bico. Cede-os de bom grado e de quando em quando ganha um pedaço como recompensa. Passa horas nadando ao meu lado e fazendo-me companhia. Às vezes a gente se sente muito só lá fora, principalmente quando o mar está escuro. Você terá de segurar a ponta do cordel e atendê-lo quando vier à tona. Hoje deve estar faminto. Há três dias que não sai comigo porque meu pai não pode remar. Tenho saído com amigos. Como vê, foi uma sorte para ele você ter aparecido cá na ilha.

— Então é este o David de quem você falava?

— Sim. Pus-lhe o nome do único homem com quem simpatizei em Hollywood, por sinal um inglês. Chamava-se David Niven. É um ator e produtor famoso. Já ouviu falar nele?

— Naturalmente. Terei muito gosto em atirar-lhe um ou dois nacos de peixe em retribuição das horas agradáveis que ele me tem proporcionado.

nado na sua outra encarnação.

O suor começou a escorrer do rosto e do peito de Bond até o seu calção de banho. Kissy desatou o lenço que usava no cabelo e, inclinando o corpo para êle, pôs-se a enxugá-lo delicadamente. Bond fitou sorrindo os seus olhos amendoados e, pela primeira vez, observou-lhe de perto o nariz arrebitado e os lábios de pétala. Não usava pintura nem necessitava disso, pois tinha essa tez rosada sobre um fundo de ouro — a côr de um pêssago dourado — que é assaz comum no Japão. O cabelo, libertado do lenço, era negro com reflexos de um castanho escuro à luz do sol. Ricamente ondulado, caía na frente em pequena franja, terminando cerca de uma polegada acima das sobrancelhas finas e retas que não mostravam sinais do uso de pinças. Os dentes eram parelhos e não mais proeminentes que os de uma moça européia, fugindo assim a esse aspecto dentuço que é um ponto fraco da fisionomia japonesa. Os braços e as pernas eram mais longos e menos masculinos do que normalmente sucede com as jovens japonesas, e no dia anterior Bond notara-lhe o peito e as nádegas firmes e túmidos, o ventre quase plano — uma bela figura, que nada ficava a dever à das mais perfeitas coristas que êle tinha visto nos cafés-concêrto de Tóquio. Mas as mãos e os pés eram ásperos e maltratados pelo trabalho, e as unhas de umas e outros, apesar de cortadas até o sabugo, estavam rachadas. Aos olhos de Bond, todavia, esse detalhe era tocante. *Ama* significa mulher ou homem do mar, e Kissy usava com visível indiferença as marcas de sua emulação com as criaturas do oceano; quanto à pele, que poderia ressentir-se do contato cotidiano com a água salgada, tinha, muito ao contrário, um esplendor dourado de saúde e vitalidade. Mas foi a cativante franqueza de seus olhos, bem como a sua completa naturalidade — ao enxugar-lhe o rosto e o peito, por exemplo — que conquistou a afeição integral de Bond. Nesse momento lhe pareceu que nada poderia ser mais maravilhoso do que passar o resto da vida remando aquele barco mar em fora durante o dia e ao cair da tarde regressar com ela para a sua casa pequenina e limpa.

Deu de ombros, afastando da mente essa fantasia. Faltavam apenas dois dias para a lua cheia, quando teria de voltar à realidade, à vida tenebrosa e sórdida que êle próprio havia escolhido. Tratou de esquecer a desagradável perspectiva. Hoje e amanhã seriam dias roubados, dias que passaria unicamente com Kissy, o barco, a ave e o mar. Só devia pensar em fazê-los dias felizes e propícios para ela e a sua colheita de conchas marinhas.

— Estamos quase chegando — disse Kissy. — Você remou bem.

Apontou para a direita, onde o resto da frota dos *amas* se espalhará sobre o oceano.

— Entre nós, os primeiros a chegar têm direito aos melhores lugares. Hoje podemos ir até um baixio que a maioria aqui conhece, e será todo nosso. Nesse lugar as algas crescem abundantes nos escolhos, e é delas que se alimenta o *awabi*. É fundo, mais ou menos uns doze metros, mas eu posso ficar em baixo d'água quase um minuto, o suficiente para apanhar dois ou três *awabis* quando consigo encontrá-los. É uma simples questão de sorte quando se procura pelo tato entre as algas, pois as conchas raramente estão visíveis. Tudo que se faz é apalpá-las e arrancá-las com isto — disse batendo na sua picareta angulosa. — Depois de algum tempo precisarei de descansar. Então, talvez você queira experimentar por sua vez. Sim? Ouvi dizer que é bom nadador e trouxe uns óculos de meu pai. Estas seringas dos lados a gente aperta para igualar a pressão entre os vidros e os olhos. É provável que não consiga ficar muito tempo debaixo d'água no começo. Mas aprenderá depressa. Quantos dias vai ficar em Kuro?

— Só uns dois ou três dias, infelizmente.

— Oh! mas que pena! Que faremos David e eu para arranjar um barqueiro, então?

— Talvez seu pai melhore.

— É verdade. Preciso levá-lo a uma estação de cura, num dos vulcões do continente. Do contrário terei de casar com um dos homens de Kuro. Isso não é fácil. Não há muito que escolher e, como ganhei algum dinheiro trabalhando no cinema e algum dinheiro representa muito em Kuro, pode ser que o homem queira casar comigo por causa dele. Seria uma coisa triste. Como é que a gente vai saber?

— E se voltasse para o cinema?

O rosto de Kissy tomou uma expressão indignada.

— Nunca! Detesto Hollywood. Todos lá me trataram de maneira revoltante. Pensavam que por eu ser japonesa era uma espécie de animal e meu corpo estava à disposição de qualquer um. Ninguém procedeu decentemente comigo, salvo esse Niven. — Sacudiu a cabeça para livrar-se de suas recordações. — Não, eu hei de ficar em Kuro o resto da vida. Os deuses darão solução aos meus problemas, como fizeram hoje — concluiu sorrindo.

Estudou o mar à proa.

— Faltam ainda uns cem metros. — Pôs-se em pé e, com um equilíbrio perfeito apesar do balouço das ondas, amarrou à cintura a extremi-

dade da longa corda e ajustou os óculos sobre a testa. — Lembre-se de conservar a corda esticada e, quando sentir um puxão, tire-me para fora depressa. O trabalho vai ser duro para você, mas eu lhe farei massagens nas costas quando voltarmos para casa de tarde. Sou perita nisso. Pratiquei bastante com meu pai. Pare agora!

Bond recolheu os remos, dando graças a Deus. Às suas costas, David começou a agitar-se, mudando a posição das patas, esticando o comprido pescoço e silvando com impaciência. Kissy amarrou um cordel curto à tina de madeira, pô-la a boiar, e seguiu-a, deslizando decorosamente para dentro d'água com o vestido branco preso entre as pernas para que não se enfundasse em volta do seu corpo. Ato contínuo, David mergulhou e desapareceu sem deixar sinal na água. O cordel, amarrado à bancada de Bond, começou a desenrolar-se rapidamente. Bond pegou o rolo de corda de Kissy e pôs-se em pé, com as juntas a estalar. A moça baixou os óculos e mergulhou a cabeça dentro d'água. Um momento depois tornou a aparecer.

— Sim, lá em baixo está magnífico — disse sorrindo.

Ficou em repouso na água, aspirando o ar por entre os lábios contraídos com um leve assovio de tom grave — a fim de encher ao máximo os pulmões, presumiu Bond. Depois, com um ligeiro abano de mão, imergiu a cabeça arqueando as cadeiras, de modo que Bond pôde avistar durante breve instante o cordão preto que lhe dividia as nádegas por baixo do tecido diáfano. De súbito, qual efêmera aparição branca, sumiu-se num mergulho vertical, agitando os pés num rápido movimento de “crawl” para ajudar a ação das chumbadas.

Bond arriou apressadamente a corda, com o olho ansioso no relógio. David apareceu diante dele, segurando de través no bico um peixe prateado de meia libra de peso. Diabo de bicho! A ocasião não era própria para tentar arrancar peixes àquela bicarra aguçadíssima. Mas o corvo-marinho, deitando-lhe um olhar de desprezo, sapecou o peixe dentro da tina flutuante e desapareceu como uma bala preta.

Cinquenta segundos! Bond teve um estremeção nervoso ao sentir a puxada. Recolheu a corda rapidamente. A aparição branca surgiu lá em baixo na água cristalina, e quando veio à tona Bond notou que tinha os braços colados aos flancos para afusar o corpo. A moça emergiu ao lado do barco, levantou no ar dois alentados *awabis* para mostrar-lhos e deixou-os cair na tina. Agarrou-se ao costado do barco para recobrar o fôlego e Bond não pôde tirar os olhos dos seus magníficos seios, retesos sob a tênue cobertura de pano. Ela dirigiu-lhe um breve sorriso e começou o

seu assovio arrulhante; seguiu-se de novo aquele emocionante arquear da espinha e a mergulhadora tornou a desaparecer.

Assim decorreu uma hora inteira. Bond já se acostumara à rotina e tinha tempo de observar o mais próximo barco da frota. Esta cobria, talvez, uma milha de mar, e sobre a água silenciosa vinha o som intermitente daquele estranho assovio das mergulhadoras, como um grito de ave marinha em surdina. O barco mais próximo balouçava-se nas ondas preguiçosas a uma distância de talvez cem metros. Bond observava o moço que segurava a corda, vislumbrando de tempos a tempos um belo corpo cômico de ouro e brilhante como uma foca, e ouvia o papaguear das vozes alvoroçadas. Oxalá não fizesse feio quando chegasse a sua vez de mergulhar... *Saque* e cigarros! Como regime de treinamento, não era o mais indicado!

O monte de *awabis* crescia pouco a pouco dentro da tina e no meio deles via-se talvez uma dúzia de peixes a espinotear. De quando em quando Bond se baixava para tirar um do bico de David. Numa dessas ocasiões deixou cair um peixe escorregadio e a ave teve de mergulhar novamente para apanhá-lo. A mirada desdenhosa dos olhos azul-turquesa fêz-se ainda mais altiva.

Finalmente Kissy veio à tona, terminado o seu primeiro turno de trabalho. Subiu para o barco, já agora sem se preocupar tanto com o decoro, arrancou o lenço e os óculos e sentou-se à popa, a ofegar silenciosamente. Por fim alçou os olhos e riu de satisfação.

— Com estes são vinte e um. ótimo! Agora pegue as minhas chumbadas e a picareta e vá ver por si mesmo como são as coisas lá em baixo. Mas eu o puxarei para cima em trinta segundos. Dê-me o seu relógio. E por favor não vá perder o meu *tegane*, a picareta, senão estará terminada a pescaria.

O primeiro mergulho de Bond foi bastante inepto. Desceu com demasiada lentidão e mal tivera tempo de contemplar a planície ervosa, juncada de rochas negras e moitas de *Posidonia*, a alga mais comum de todos os oceanos, quando se sentiu puxado para cima. Teve de confessar a si mesmo que o estado de seus pulmões era péssimo, mas havia avistado um rochedo de aspecto promissor, totalmente coberto de ervas marinhas, e no segundo mergulho foi direito a êle e segurou-se às algas, Tateando com a mão direita em meio às raízes. Sentiu a oval lisa de uma concha, mas antes de poder arrancá-la foi novamente puxado. Na terceira tentativa, porém, conseguiu trazer a concha e Kissy riu de prazer quando êle a largou na tina. Logrou repetir os mergulhos durante cerca de meia hora, mas seus pulmões começaram a doer e seu corpo a sentir o frio do

mar de setembro. Subiu, pela última vez, simultaneamente com David, que passou veloz por ele com um magnífico peixe preto reluzente de reflexos verdes e, em sinal de aprovação, deu uma bicadinha camarada no cabelo de Bond enquanto este depositava na tina a sua quinta concha.

Kissy estava satisfeita com ele. Trazia no barco um áspero quimono pardo com que esfregou o seu companheiro, sentado na bancada de cabeça baixa e com o peito a arfar. Depois, enquanto Bond descansava, puxou a tina de pau-de-balsa e esvaziou-lhe o conteúdo no fundo do barco. Pegou uma faca, cortou um peixe ao meio no sentido longitudinal e deu as duas metades a David, que boiava em atitude expectante junto ao barco. O corvo-marinho engoliu de uma só vez cada um dos pedaços e pôs-se a alisar as suas penas muito contente da vida.

Mais tarde fizeram uma parada para o almoço de arroz cozido com pedacinhos de peixe e uma alga seca que sabia a espinafre salgado. E, depois de ligeira sesta no fundo do barco, prosseguiu o trabalho até as quatro horas, quando começou a soprar uma pequena brisa fria, vinda não se sabe de onde, que lhes roubou o calor do sol. Era tempo de iniciar o longo regresso para casa. Kissy subiu pela última vez e deu alguns puxões suaves ao cordel de David. Este surgiu a alguma distância do barco e, como se obedecesse a uma velha rotina, levantou vô e descreveu vários círculos acima deles antes de baixar em suave declive e pousar os pés palmados na borda da embarcação. Avançou adejando ao longo da amurada até o seu pouso habitual, onde se instalou com as asas magnificamente estendidas a secar, e aguardou nessa atitude majestosa que o remador o conduzisse de volta ao seu paradeiro, na enseada distante.

Kissy mudou de roupa com extremo recato, enfiando o quimono pardo e secando-se com ele. Anunciou que a colheita do dia tinha sido de sessenta e cinco *awabis*, o que era um resultado maravilhoso. Bond havia contribuído com dez, número bastante honroso para uma primeira experiência. Ridiculamente satisfeito de si, aproou a esmo na direção da ilha, que devido à deriva do barco se havia reduzido a um simples ponto no horizonte, e pouco a pouco assentou na voga lenta e descansada de um barqueiro escocês.

Tinha bolhas e arranhões nas mãos, doíam-lhe as costas como se houvesse levado uma surra de pau e começavam a arder-lhe as queimaduras de sol nos ombros; mas consolava-se com a reflexão de que estava fazendo justamente o que se impunha — adestrar-se para a travessia a nado e a escalada que teria de empreender dentro em pouco.

E, à guisa de prêmio conferido a si mesmo, sorria de quando em

quando para os olhos de Kissy. Esses olhos não se despegavam dele e o sol em declínio refletia-se naquela superfície translúcida, convertendo em ouro a suave côr castanha. E o pontinho no horizonte tornou-se uma massa escura e a massa uma ilha, até que por fim chegaram.

Os seis guardiões

O dia seguinte foi tão dourado quanto o primeiro e a colheita de *awabi* elevou-se a sessenta e oito, graças, em boa parte, aos progressos de Bond na arte de mergulhar.

Na tarde anterior, ao voltar de vender suas conchas no mercado, Kissy encontrara Bond estorcendo-se no chão em seu aposento, com câibras nos músculos do ventre, enquanto a velha Suzuki assistia à cena pagagueando muito agitada sem saber o que fazer. Mandara sair a mãe, estendera o macio *futon* no chão ao lado dele, tirara-lhe o calção de banho e o fizera rolar para cima do *futon*, de barriga para baixo. Plantara-se então em pé nas suas costas e pusera-se a andar suavemente para baixo e para cima sobre a espinha, desde as nádegas até o pescoço. A dor foi desaparecendo pouco a pouco. Kissy recomendou-lhe que ficasse imóvel na mesma posição e foi buscar leite morno. Levou-o então para o pequenino quarto de banho e, com uma tina de *awabi*, derramou-lhe em cima água quente e depois morna até lhe tirar todo o sal da pele e do cabelo. Enxugou-o cautelosamente, esfregou leite morno nas queimaduras e nas mãos esfoladas e conduziu-o de novo ao quarto, ordenando-lhe com branda severidade que fosse dormir e a chamasse no caso de acordar durante a noite e precisar de alguma coisa. Soprou a vela, deixou-o a sós, e Bond ferrou no sono como outra luz que se apagasse, tendo nos ouvidos a canção noturna do grilo na sua gaiola.

Pela manhã, toda dor havia desaparecido salvo as machucaduras das mãos. Kissy ofereceu-lhe o regalo raro de um ôvo batido com o arroz e queijo de soja e êle pediu-lhe desculpas de sua lamentável conduta na noite anterior.

— Todoroki-san — disse ela, — você tem a bravura de dez samu-

rais, mas só tem um corpo. Eu me devia ter dado conta de que estava exigindo demasiado desse corpo. Foi o esplêndido dia de ontem que me fez esquecer tudo. Portanto, sou eu que devo pedir desculpas, e hoje não iremos tão longe. Não nos afastaremos dos rochedos da ilha e veremos o que ali se pode encontrar. Eu mesma remarei, pois a distância é pequena, mas você poderá mergulhar mais vezes porque o lugar que eu conheço e não visito há muitas semanas fica perto da costa e a água tem, no máximo, seis metros de fundo.

E assim fôra. Bond vestia uma camisa para proteger as costas contra o sol e sua colheita de conchas subira a vinte e uma. A única sombra desse dia fôra a fortaleza negra claramente divisada no outro lado do estreito e o grosso balão de aviso, amarelo e preto, a arvorar lá no alto a coluna de ideogramas pretos.

Durante um dos períodos de repouso Bond perguntou displicentemente a Kissy o que sabia a respeito do castelo e ficou surpreso de ver que o rosto da moça se enturvava.

— Todoroki-san, nós não costumamos falar sobre esse lugar. É um assunto quase proibido em Kuro. Dir-se-ia que o inferno tivesse escancarado repentinamente as fauces em frente de nossas casas, a meia milha de distância no outro lado do estreito. E o meu povo, os *amas*, se parece muito com o que tenho lido sobre os ciganos do Ocidente. Somos muito supersticiosos, e acreditamos que é o próprio diabo que veio morar ali. — Indicou a fortaleza com um movimento de cabeça, sem olhar para lá. — o próprio *kannushi-san* não refuta esses temores e os nossos anciãos dizem que o *gaijin* sempre foi nocivo ao Japão e que este é uma encarnação de todo o mal do Ocidente. Já corre por aí uma lenda, nascida na ilha. Dizem que os nossos seis Guardiães de *Jizō* mandarão um homem do outro lado do mar para exterminar esse “Rei da Morte”, como nós o chamamos.

— Quem são esses Guardiães?

— *Jizō* é o deus protetor das crianças. Creio que seja uma divindade budista. Na beira da praia, do outro lado da ilha, existem cinco estátuas. A sexta foi quase toda destruída pelas marés. São de aspecto um tanto assustador. Estão todas de cócoras, em fila. Têm toscos corpos de pedra e blocos redondos em lugar de cabeças, e vestem camisas brancas que os habitantes mudam todos os meses. Foram colocadas ali pelos nossos antepassados, há três séculos atrás. Estão na linha de baixamar e a maré, ao subir, cobre-as completamente; mas as estátuas se mantêm vigilantes debaixo d’água para nos proteger, porque nós, os *amas*, somos conhecidos como os “Filhos do Mar”. Todos os anos no começo de junho, quando

o mar fica tépido depois do inverno e começa a estação da pesca, os habitantes da ilha em peso tomam parte numa procissão que se dirige aos Seis Guardiães para cantar-lhes e torná-los felizes e propícios a nós.

— E essa história sobre o homem saído de Kuro? Como surgiu ela?

— Quem sabe? Pode ter surgido do mar ou do ar e entrado nas cabeças do povo. De onde surgem essas histórias? Muitos crêem nelas.

— *A, so desu ka!* — disse Bond. E ambos riram e voltaram ao trabalho.

No terceiro dia, estando Bond a desjejuar no degrau da porta como de costume, Kissy saiu e disse em voz baixa:

— Venha cá dentro, Todoroki-san.

Intrigado, êle entrou e cerrou a porta atrás de si. A moça falou, sempre em tom baixo:

— Acabo de saber por um mensageiro do *kannushi-san* que ontem estiveram aqui umas pessoas vindas da terra firme numa lancha. Trouxeram *purezentos* — cigarros e doces. Queriam informar-se sobre uma visita da lancha da polícia, que veio trazendo três homens e partiu só com dois. Perguntaram o que tinha havido com o terceiro passageiro. Disseram ser guardas do castelo, com a obrigação de prevenir-se contra os intrusos. Os anciãos aceitaram os *purezentos*, mas fizeram *shiran-kaō*, isto é, “cara de quem não sabe nada”, e mandaram o homem ao *kannushi-san*, o qual disse que o terceiro visitante era o encarregado das licenças de pesca. Havia enjoado durante o trajeto para a ilha e talvez estivesse deitado no fundo da lancha quando voltaram. Então êle despediu os homens e mandou um menino ao Pico da Atalaia para ver aonde ia o barco; o menino informou ao voltar que êle entrara na baía que existe ao lado do castelo e fôra posto na garagem que eles têm lá. O *kannushi-san* achou que você devia saber de tudo isso. — E, olhando-o com ar lastimoso: — Todoroki-san, eu lhe tenho muita amizade. Sinto que há certos segredos entre você e o *kannushi-san*, e que esses segredos dizem respeito ao castelo. Devia revelar-me ao menos o bastante para me tirar desta ansiedade.

Bond sorriu. Caminhou para ela, tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a nos lábios.

— Você é muito bela e muito boa, Kissy. Hoje não sairemos no barco porque preciso descansar um pouco. Conduza-me ao Pico da Atalaia para que eu possa observar bem esse castelo, e eu lhe direi o que puder. De qualquer forma era o que ia fazer, pois preciso de sua ajuda. Depois, desejaria visitar os Seis Guardiães. Eles me interessam. . . como etnólogo.

Kissy reuniu o almoço habitual num cestinho, vestiu o seu quimono

pardo, pôs as alpargatas de solas de corda e os dois partiram por um estreito caminho que ziguezagueava morro acima, por trás da aldeola acaçapada e cinzenta. Quase já havia passado o tempo das camélias, mas ainda se avistavam algumas touceiras aqui e ali, brancas e vermelhas, que vicejavam profusamente em redor de um bosque de bordos anões, alguns dos quais já ostentavam as suas flamantes cores de outono. O bosque ficava diretamente acima da casa de Kissy. Ela o conduziu e mostrou-lhe o pequeno santuário xintoísta atrás de um tosco *torii* de pedra.

— Atrás do santuário existe uma bela furna, mas o povo de Kuro tem medo dela porque está cheia de fantasmas. Uma vez, entretanto, eu a explorei, e se ali há fantasmas são fantasmas amigos.

Bateu as mãos diante do santuário, curvou a cabeça por um instante e tornou a bater as mãos. Continuou então a subir pelo caminho até o cume do morro de trezentos metros de altura. Sentindo-lhes a aproximação, um casal de esplêndidos faisões côm de cobre com caudas douradas fugiu grassitando por cima da viseira do morro e foi pousar numas moitas de arbustos da falésia meridional. Bond pediu a Kissy que se ocultasse das vistas enquanto êle ia postar-se atrás do alto anteparo de pedras no cume e observava cautelosamente a terra firme pela beirada.

Daquela elevação, seu olhar sobranceava a muralha da fortaleza e devassava o parque até a altiva torre de menagem do castelo, em negro e ouro. Eram dez horas. Avistavam-se figuras metidas na roupa azul dos camponeses, com botas de cano comprido e longas varas, movendo-se ativamente ao longo dos caminhos. De quando em quando pareciam explorar as moitas com a ponta das varas. Usavam *masukus* sobre a boca. Ocorreu a Bond que talvez estivessem procedendo à patrulha matinal em busca de presas ficadas da noite anterior. Que fariam ao encontrar uma criatura semicega ou um monte de roupas junto de uma das fumarolas cujas baforadas de vapor se elevavam aqui e além no parque? Levá-las-iam ao Doutor? E no caso dos vivos, que sucederia? E quando êle, Bond, galgasse o muro naquela noite, onde se ocultaria dos guardas? Bem, bastavam os problemas de hoje! Pelo menos o estreito estava calmo e o céu sem nuvens. A travessia, pelo visto, não seria difícil. Bond virou-se e foi ter com Kissy, sentando-se ao lado dela na grama rala. Ficou olhando o mar além do porto, onde estacionava dispersa a frota dos amas.

— Kissy, esta noite terei de nadar até o castelo, trepar pela muralha e entrar no parque.

Ela sacudiu a cabeça.

— Já sei disso. E depois vai matar esse homem, e talvez a mulher

dele também. Você é aquele que, segundo acreditamos, devia aparecer em Kuro vindo do outro lado do mar para fazer essas coisas. — Kissy continuava com os olhos fitos no mar. E, em voz surda, acrescentou:—Mas por que foi você o escolhido? Por que não podia ser um outro, um japonês?

— Essa gente são *gaijins*. Eu também sou *gaijin*. Será menos comprometedor para o Estado se puder apresentar toda esta história como uma questão entre estrangeiros.

— Sim, compreendo. E o *kannushi-san* aprovou o plano?

— Sim.

— E se... E depois? Você voltará para ser de novo o meu barqueiro?

— Por algum tempo. Mas terei de regressar dentro em pouco à Inglaterra.

— Não, eu acho que você ficará muito tempo em Kuro.

— Por que acha isso?

— Porque foi essa a minha prece diante do santuário, e até agora nunca havia pedido coisa tão importante. Estou certa de que serei atendida. — Kissy fez uma pausa. — Esta noite vou nadar consigo. — E, levantando a mão para atalhá-lo: — Você precisa de companhia no escuro e eu conheço as correntes. Sem mim não conseguiria chegar lá.

Bond tomou a mãozinha seca nas suas e, olhando as unhas rachadas e cortadas rente, como as de uma criança, falou em voz dura:

— Não, isto é serviço de homem.

Kissy encarou-o. Seus olhos castanhos estavam calmos e sérios. E, dirigindo-se a êle pelo prenome:

— Taro-san, embora seu outro nome signifique trovão, eu não tenho medo do trovão. Minha resolução está tomada. E todas as noites hei de voltar, exatamente à meia-noite, e ficarei à espera entre os rochedos, na base da muralha. Esperarei durante uma hora, para o caso de você precisar de minha ajuda quando voltar. Essa gente pode lhe fazer mal. As mulheres são muito mais fortes na água do que os homens. É por isso que entre nós são as moças que mergulham, e não os homens. Eu conheço o mar em volta da ilha como um camponês conhece os campos em redor do seu sítio, e o receio tão pouco quanto êle. Não se obstine na sua negativa. De qualquer forma, mal poderei dormir enquanto você não tiver voltado. O sentimento de estar perto de si por alguns momentos e de que talvez venha a necessitar de mim me dará um pouco de paz. Diga que sim, Taro-san.

— Está bem, Kissy —olveu Bond de mau grado. — Tudo que tencionava pedir-lhe era que me conduzisse no barco até um ponto qualquer

lá em baixo — disse, indicando com um gesto o estreito à sua esquerda. — Mas se você faz questão de servir também de alvo aos tubarões. . .

— Os tubarões nunca nos incomodam. Os Seis Guardiães se encarregam disso. Jamais nos acontece mal algum. Anos atrás, uma das *amas* prendeu a corda numa pedra debaixo d'água e desde então o povo fala sempre nesse acidente. Os tubarões pensam que nós somos peixes grandes como eles. — Kissy riu, toda feliz. — Agora que tudo está resolvido podemos comer alguma coisa, e depois eu o levarei lá em baixo para ver os Guardiães. Será na hora da maré vazante e eles desejarão examiná-lo.

Desceram do píncaro por outro caminho estreito que transpunha a cumeada do morro em direção a uma pequena angra abrigada, para leste da aldeia. Como a maré havia recuado bastante, puderam rodear o promontório andando sobre as rochas e os seixos pretos e achatados. Deparou-se-lhes então um trecho de praia plana e pedregosa, onde cinco pessoas acoradas sobre uma plataforma quadrada de grandes rochas contemplavam o horizonte. Só que não eram pessoas. Eram, de acordo com a descrição de Kissy, pedestais de pedra em forma de corpos com volumosos blocos redondos cimentados no topo. Mas vestiam toscas camisas brancas, seguras com cordas, e tinham uma aterradora aparência humana, como imóveis juizes e guardiães das águas e do que ocorria sob a sua superfície. Do sexto só restava o corpo. A cabeça devia ter sido derubada por alguma tempestade.

Deram volta ao grupo para olhar de frente as faces lisas e vazias; e Bond, pela primeira vez na vida, experimentou um sentimento de profunda reverência religiosa. Tanta fé, tanta autoridade parecia ter sido instilada pelos construtores nesses ídolos primitivos e sem rosto, protetores das alegres e desnudas mergulhadoras, que Bond teve um ímpeto ridículo de ajoelhar-se e implorar-lhes a bênção, como faziam antanho os Cruzados diante de seu Deus. Conteve o impulso, mas curvou a cabeça e pediu em breves palavras que a boa fortuna o acompanhasse na sua empresa. Recuou então e ficou observando, com aguilhoadas no coração, enquanto Kissy, o belo rosto ansioso e súplice, batia as mãos para atrair a atenção e desenrolava um longo e apaixonado discurso em que o nome dele reaparecia várias vezes. No final, quando a moça tornou a bater as mãos, teriam realmente balançado de leve as cabeças de pedra? Claro que não! Mas ao pegar Bond a mão de Kissy para ir embora ela disse, radiante:

— Está tudo arranjado, Todoroki-san. Você os viu sacudir as cabeças?

— Não — respondeu Bond com firmeza. — Não vi.

Rodearam furtivamente a praia oriental de Kuro e esconderam o barco numa profunda reentrância dos rochedos negros. Era pouco mais de onze horas e a lua enorme deslizava por entre os fiapos de nuvens encarneiradas. Falavam baixinho, embora estivessem fora das vistas da fortaleza e a meia milha de distância. Kissy despiu o quimono pardo, dobrou-o cuidadosamente e colocou-o no barco. Seu corpo resplandeceu ao luar. O triângulo preto entre as pernas era um chamariz e o cordão preto em volta da cintura, segurando o tecido, parecia um convite para desatá-lo. Ela casquinhou um risinho provocador.

— Pare de olhar para o meu Gato Preto!

— Por que se chama assim?

— Adivinhe!

Bond enfiou cuidadosamente a sua roupa de algodão preto, de *ninja*. Era bastante confortável e serviria para aquecê-lo na água. Deixou o capuz pendente às costas e empurrou para a testa os óculos de mergulhar que pertenciam ao pai de Kissy. A pequena bolsa flutuante que devia levar a reboque boiava lépida nas águas da calheta. Bond amarrou firmemente o cordão ao pulso direito a fim de estar sempre cômico da sua presença.

Sorriu para Kissy, sacudindo a cabeça.

Ela se aproximou, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o em cheio nos lábios.

Antes que ele pudesse retribuir, a moça puxou os óculos para baixo e mergulhou no mar tranqüilo, que luzia como um espelho de mercúrio.

O Jardim de delícias

O “crawl” de Kissy era firme e compassado, e Bond não teve dificuldade em seguir os pés dançarinos e as duas esferas gêmeas das suas nádegas, que o cordão preto dividia de maneira tão excitante. Mas deu-se parabéns por ter pôsto os pés-de-pato, pois a tração que a bolsa flutuante exercia sobre o seu pulso era um irritante entrave e durante a primeira parte da travessia cortaram o estreito em diagonal, lutando com a corrente de leste. Em meio caminho, porém, Kissy mudou de direção e puderam avançar repousadamente rumo à portentosa muralha que não tardou a abarcar-lhes todo o horizonte.

Havia algumas rochas soltas na base, mas Kissy ficou na água, segurando-se a um tufo de algas para que seu corpo cintilante ao luar não atraísse a alguma sentinela ou patrulha que por acaso passasse lá em cima, embora Bond conjecturasse que os guardas deviam abster-se de sair ao parque durante a noite para dar acesso livre aos suicidas. Bond içou-se para as rochas, correu o fecho da bolsa e tirou o pacote de pitons de ferro. Trepou um metro ou dois a fim de guardar os pés-de-pato numa fenda entre os blocos de granito acima da linha de preamar, e ficou pronto para iniciar a escalada. Atirou um beijo à moça. Ela respondeu com o abanar lateral de mão que é o sinal de adeus entre os japoneses e atirou-se novamente a varar as ondas, luminoso torpedo branco que bem depressa desapareceu na esteira da lua.

Bond afastou-a do pensamento. Começava a sentir-se arrepiado na sua camuflagem preta encharcada e era tempo de se pôr em movimento. Examinou as juntas dos gigantescos blocos de granitos e verificou que as fendas entre eles eram espaçosas, como no castelo de treinamento de Tigre, e deviam oferecer bom apoio para os pés. Baixou então o capuz

preto e, levando a bolsa preta a reboque, começou a subir.

Foram precisos vinte minutos para galgar os sessenta metros de muralha ligeiramente inclinada, mas só duas vezes teve de usar os pitons, ao deparar-se com fendas demasiado estreitas para poder apoiar nelas as pontas doloridas dos pés. Por fim alcançou uma das canhoneiras e, deslizando silenciosamente sobre o metro e oitenta de cantaria plana, foi deitar, da beirada oposta, um olhar cauteloso ao parque. Segundo supusera, havia degraus de pedra que conduziam à canhoneira, e por esses degraus desceu êle de rastos para as densas sombras da base. Levantou-se, apoiado à face interna do muro, ofegando mudamente. Uma vez normalizada a sua respiração, atirou para trás o capuz e pôs-se à escuta. Nem o menor sopro de vento agitava a folhagem das árvores, mas de alguma parte vinha um som de água a correr mansamente e, no fundo, um constante, viscoso borbulhar pontilhado de uma espécie de arrotos periódicos. As fumarolas! Sombra negra entre as demais sombras negras, Bond avançou para a direita, cozido com o muro. A primeira coisa a fazer era encontrar um esconderijo, uma base de operações a que se pudesse recolher numa emergência e onde pudesse guardar a sua bolsa. Explorou vários bosques e moitas de arbustos, mas todos eram muitíssimo bem-cuidados e toda vegetação rasteira havia sido meticulosamente mondada entre as raízes. Acresce que muitos deles exsudavam um adocicado, enjoativo e venenoso odor noturno. Mas de súbito topou com um barracão arrimado ao muro, com uma porta desconjuntada e entreaberta. Apurando o ouvido, abriu a porta polegada por polegada. Como esperava, o telheiro continha uma escura confusão de utensílios de jardinagem, carrinhos de mão e outros objetos, com o cheiro bolorento característico desses lugares. Pé ante pé, guiado pelas réstias de luar que entravam pelas largas frinchas das tábuas, foi até o fundo do abrigo, onde se erguia uma pilha desordenada de sacos usados. Depois de refletir um instante chegou à conclusão de que, embora devesse ser aquele um lugar muito visitado, oferecia certas vantagens. Desatou o cordão que lhe prendia a bolsa ao pulso e pôs-se a afastar metódicamente alguns sacos a fim de improvisar um ninho para si mesmo atrás deles. Terminada a obra e acrescentados alguns retoques finais de artística desordem, escondeu a bolsa atrás da barreira e saiu novamente para o parque, no propósito de continuar a rápida vistoria inicial da propriedade.

Bond conservava-se nas vizinhanças do muro limítrofe, transpondo com a silenciosa rapidez de um morcego os espaços livres entre as moitas de arbustos ou as árvores. Apesar de ter as mãos cobertas pelo material

preto da roupa de ninja, evitava o contato com a vegetação, que emitia uma variedade de odores e aromas sempre diversos, entre os quais só pôde reconhecer, e isso graças a antigas aventuras no Caribe, o perfume açucarado da *Piscidia erythrina*. Chegou ao lago, vasto lençol de água prateada de onde subia a tênue nuvem de vapor que havia notado na fotografia aérea. Enquanto se detinha a contemplá-lo desprendeu-se uma grande folha de uma das árvores vizinhas e caiu a revoltear, indo pousar, por fim, na superfície do lago perto de onde ele estava. Ato contínuo, houve na água um movimento que buscava a folha direito como uma flecha, formando pequenas maretas que se apagaram tão depressa como haviam surgido. O lago continha alguma espécie de peixe, que certamente seria carnívoro. Só os carnívoros mostram semelhante alvoroço à perspectiva de uma presa. Na margem oposta deparou-se a Bond a primeira das fumarolas, poço de lama sulfurosa e borbulhante que estremecia de segundo em segundo, lançando pequenos esguichos verticais. Bond sentiu-lhe o calor de vários metros de distância. Jatos de vapor fétido subiam no ar e desapareciam como espectros. Desse ponto, podia ele já avistar acima das copas das árvores a silhueta irregular do castelo com os seus torreões em forma de pagode; continuou a avançar com redobrada cautela, prevenido contra o cascalho denunciador que rodeava a casa. De súbito, por entre os troncos, avistou-a bem à sua frente. Deteve-se à sombra do arvoredor, procurando acalmar as pancadas furiosas de seu coração.

A pequena distância, a imensa mole negra e dourada elevava-se monstruosamente acima dele e os tetos recurvos de cada andar iam diminuindo progressivamente para cima, como asas de morcego contra o fundo do céu estrelado. Era ainda maior do que Bond havia imaginado, e ainda mais formidável o muro de sustentação feito de blocos de granito preto. Considerou o problema da entrada, aparentemente insolúvel. Do outro lado devia ficar a porta principal e o muro mais baixo, dando para a campina rasa. Mas acaso não possuíam todos os castelos uma segunda entrada, a “porta da traição” nos níveis inferiores, prevendo uma fuga pelos fundos? Bond avançou cauteloso, assentando no chão, de cada vez a planta inteira do pé, de modo que mal deslocava o cascalho. Os numerosos olhos do castelo, refletindo a resplandecente brancura do luar, o viam aproximar-se com indiferença do poder total. Esperava a cada instante a réstia branca de um farol ou a chama azul e amarela de uma arma de fogo. Mas alcançou sem novidade a base do muro e seguiu ao longo dele pela esquerda, lembrando-se de ter aprendido na escola que a maioria dos castelos tinham uma saída ao nível do fosso, por baixo da ponte levadiça.

E assim sucedia com o castelo do Dr. Shatterhand — uma portinha tachonada, arqueada e castigada pelo tempo. A fechadura e os gonzos estavam rachados e ferrugentos, mas havia uma corrente e um cadeado novos, seguros por grampos cravados na pedra e na madeira. Nenhum raio de luar chegava até esse recanto do que em outros tempos fôra por certo um fosso, mas achava-se, agora, completamente recoberto de grama. Bond tateou com as pontas dos dedos. Sim! A corrente e a fechadura não resistiriam à lima e ao pé-de-cabra que trazia nos seus bolsos de mágico. Haveria ferrolhos por dentro? Provavelmente não, pois nesse caso o cadeado teria sido considerado supérfluo. Bond voltou de mansinho sobre os seus passos, no cascalho, tratando de pisar nas marcas anteriores de seus pés. Aquela porta seria a sua meta no dia seguinte!

Mantendo a marcha para a direita, mas seguindo rente ao muro limítrofe, começou então a inspeção do terreno. Em dado instante alguma coisa fugiu deslizando no solo à aproximação de seus pés e desapareceu com um roçar bem perceptível entre as folhas caídas sob uma árvore. Quais eram os ofídios realmente capazes de atacar um homem? Havia a naja da Índia, a mamba-preta, a *Echis carinata* ou “kupper”, a cascavel e a caíçaca. Que outras mais? As restantes inclinavam-se a descampar quando perturbadas. As serpentes costumam caçar de dia ou de noite? Bond ignorava esse ponto. Entre tantos riscos não havia sequer as chances da roleta russa, pois todas as câmaras do revólver estavam carregadas...

Bond encontrava-se agora na margem do lago voltada para o castelo. Ouviu um ruído e ocultou-se atrás de uma árvore. O sacudir distante dos arbustos o fizera pensar num animal ferido, mas de súbito avistou um homem — ou melhor, o remanescente de um homem — que se aproximava a cambalear pelo caminho. O claro luar iluminou uma cabeça inchada como uma bola de futebol, sem deixar mais que estreitas fendas nos lugares dos olhos e da boca. O homem gemia baixinho enquanto avançava na sua marcha em ziguezague, e Bond notou que êle trazia as mãos no rosto empapuçado procurando separar as dobras da pele tumefacta em volta dos olhos para poder enxergar. De tempos a tempos parava para dirigir à lua uma única palavra, num uivo de arrepiar os cabelos. Não era um uivo de medo ou de dor, mas de horrível imploração. Subitamente, estacou. Parecia ter avistado o lago pela primeira vez. Com um grito medonho, estendendo os braços como quem vai ao encontro de uma pessoa amada, correu veloz até a margem e jogou-se na água. Imediatamente produziu-se no lago aquela agitação que Bond já havia observado, mas desta vez

envolvendo extensa área, e a superfície pôs-se a ferver em volta da figura que se debatia vagamente. Um montão de peixes pequenos forçavam por alcançar o homem, em especial as mãos e as faces descobertas, e seus corpos de quinze centímetros reluziam e coruscavam ao luar. Em dado momento o homem ergueu a cabeça soltando um grito estridente, horrível de ouvir-se, e Bond viu que o seu rosto estava incrustado de peixes pendentes, como madeixas de cabelo côm de prata. Depois a cabeça tornou a cair no lago e ele rolou várias vezes sobre si mesmo, como se procurasse desembaraçar-se de seus assaltantes. Mas pouco a pouco a mancha escura se estendeu em volta do suicida e finalmente, talvez por ter sido perfurada a veia jugular, ele se imobilizou, o rosto mergulhado na água, a cabeça a sacudir de leve sob o impacto dos ataques incessantes.

James Bond enxugou o suor frio das faces. Piranhas! A fera dos rios e lagoas sul-americanas cujas poderosas mandíbulas e dentes afiados como navalhas podem reduzir um cavalo a mera ossamenta em menos de uma hora! E esse homem fôra um dos suicidas que tinham ouvido falar nessa morte horrível! Viera em busca do lago e expusera o rosto à ação tóxica de algum lindo arbusto. Indiscutivelmente, o Herr Doktor soubera preparar o banquete para as suas vítimas. Uma profusão de iguarias para deleitá-los! Verdadeiro festim de morte!

James Bond prosseguiu em seu caminho, arrepiado. “Está bem, Blofeld”, pensava, “esta é mais uma marca no cutelo que já se ergue sobre o teu pescoço.” Grandiosas palavras! Bond deu de ombros e continuou a caminhar. Uma raia cinzento-azulada começava a aparecer no horizonte.

Mas o jardim da Morte ainda tinha novos primores para mostrar.

Por todo o parque, um leve cheiro de enxofre pairava no ar, e já por várias vezes Bond fôra obrigado a contornar fendas arredondadas e fumegantes no chão e a lama trêmula das fumarolas, assinaladas por um círculo de pedras pintadas de branco à guisa de advertência. O Doutor tinha o máximo cuidado para que ninguém caísse por engano numa dessas fornalhas líquidas! Mas em sua perambulação Bond deparou com uma que tinha o tamanho de uma cancha circular de tênis, e na gruta que lhe fazia fundo havia um tosco santuário contendo, como delicado toque, um vaso de flores — crisântemos, pois oficialmente já era inverno e, portanto, a estação dos crisântemos. Acompanhavam as flores alguns raminhos de bordo anão, numa disposição que sem dúvida transmitia alguma mensagem fragrante aos iniciados na arte japonesa dos arranjos florais. E, de face para a gruta, por trás da qual se agachava Bond no seu invisível uniforme preto, um cavalheiro japonês contemplava extasiado

os borbotões de lama em cadenciada erupção na grande poça circular. A palavra “cavalheiro” ocorreu ao espírito de James Bond porque o homem envergava o fraque, as calças listadas, o colarinho duro, a cartola alta e as polainas de um alto funcionário do governo — ou do pai da noiva. E o cavalheiro segurava entre as mãos enclavinhas um guarda-chuva corretamente enrolado, sobre cujo cabo de volta deixava pender a cabeça numa atitude de penitência. Falava sem parar, fervorosamente e em voz baixa, como um devoto em alguma igreja altamente ritualista, mas sem gestos de qualquer espécie; mantinha-se em pé, humilde e sossegado, quer confessando-se, quer solicitando alguma coisa aos deuses.

Bond estava apoiado a uma árvore, negro em meio ao negror da noite. Sentia-se na obrigação de atalhar o evidente propósito do homem — mas como fazê-lo se não sabia japonês e nada tinha para mostrar senão o seu cartão de “surdo-mudo”? Ademais, era de vital importância que continuasse como um “fantasma” no jardim, sem se envolver numa estapafúrdia discussão com um homem a quem não conhecia, sobre algum velho pecado que jamais poderia entender. Portanto Bond ficou no seu lugar, enquanto as árvores estendiam compridos braços negros sobre a cena, e aguardou, com um rosto de pedra, frio e fechado, que a morte desse entrada no palco.

O homem parou de falar, levantou a cabeça e olhou para a lua. Ergueu polidamente a cartola alta de pano lustroso. Depois tornou a pô-la na cabeça, enfiou o guarda-chuva debaixo de um dos braços e bateu fortemente as mãos. E, como quem se encaminhava para um encontro de negócios, calmo e resoluto, deu os poucos passos que o separavam da fumarola borbulhante, transpôs com cuidado o anteparo de pedras brancas e continuou a caminhar. Foi afundando devagarinho na lama cinzenta e viscosa, sem que os seus lábios deixassem escapar um som sequer, até que o terrível calor lhe chegou ao baixo-ventre; soltou então um grilo rouco — “Arhh!” — e os seus dentes de ouro reluziram no ricto da morte, enquanto a cabeça descaía para trás. Um segundo depois havia desaparecido e só restou a cartola, atirada de cá para lá por um pequeno esguicho de lama que cuspiu intermitentemente no ar. Encolhendo-se e perdendo a forma pouco a pouco sob a ação do calor, também ela desapareceu por fim. Um grande arroto subiu das entranhas da fumarola e um horrível cheiro de carne assada chegou até as narinas de Bond, dominando o fedor de enxofre.

Bond dominou a sua náusea. O digno funcionário fôra ter com os seus dignos antepassados depois de expiar a ignorada falta, enquanto

seus ossos calcinados desciam lentamente para o estômago do mundo. E mais uma unidade iria engrossar a estatística de morte de Blofeld. Por que não vinha a força aérea japonesa arrasar para sempre aquele lugar, consumir em chamas o castelo e o jardim venenoso com meia dúzia de bombas incendiárias? Como era possível que esse homem continuasse a gozar a proteção de um grupo de botânicos e cientistas? E ali estava êle, Bond, sozinho nesse inferno, tentando levar a cabo semelhante empresa quase sem armas além de suas mãos! Era uma loucura! Não tinha, a bem dizer, senão uma chance num milhão. Inegavelmente, Tigre e o seu Primeiro-Ministro estavam exigindo a sua libra de carne em troca da famosa “Magia 44” — cento e oitenta e duas libras de carne, para ser mais exato!

Amaldiçoando o seu destino, amaldiçoando Tigre e o Japão inteiro, Bond continuou a caminhar enquanto uma vizinha lhe sussurrava ao ouvido: “Mas você não quer matar Blofeld? Não quer vingar Tracy? Não é este um ensejo que os céus lhe oferecem? Você saiu-se bem esta noite. Penetrou as defesas do inimigo e explorou o terreno. Descobriu até um caminho de acesso ao castelo e provavelmente à sua alcova. Mate-o amanhã enquanto estiver dormindo! E aproveite a ocasião para matá-la também! E depois volte para os braços de Kissy e, dentro de uma ou duas semanas, retome o caminho de Londres por cima do Pólo, para colher os aplausos de seu Chefe. Vamos! De trinta em trinta minutos, durante o ano inteiro, um japonês se suicida em algum ponto do Japão. Por que horrorizar-se só por ter visto dois números cancelados numa folha do Ministério da Saúde, dois pontos acrescentados a um gráfico? Tire isso da cabeça! Prossiga com a tarefa!”

E Bond ouviu o conselho da vizinha sussurrante e percorreu o último quilômetro e meio de muralha, voltando ao alpendre dos jardineiros.

Deu um último olhar ao parque antes de entrar. Via-se dali uma ponta do lago, a vinte metros de distância. Assumira uma côr cinzento-azulada à aproximação da aurora. Uns insetos grandes adejavam e disparavam por entre a neblina que começava a subir do lago. Eram libélulas rosadas. Libélulas côr-de-rosa, dançando e afluando a água. Pois claro! A *tanka* do agente de Tigre moribundo! Era o último toque de pesadelo daquele lugar abominável. Bond entrou na cabana, escolhendo cuidadosamente o caminho entre as máquinas e carrinhos de mão, cobriu-se com alguns sacos e mergulhou num sono leve, cheio de fantasmas, demônios e gritos estridentes.

A presença do espírito maligno

Os gritos do sonho transformaram-se em gritos reais quando Bond acordou, quatro horas mais tarde. Reinava silêncio no barracão. Bond ergueu-se cautelosamente nos joelhos e aplicou o olho a uma larga frincha da desconjuntada parede de tábuas. Um homem — a julgar pelo esfarapado uniforme de algodão azul, um campônio japonês — corria aos guinchos pela beira do lago, dentro do seu campo de visão. Quatro guardas vinham-lhe no encalço, entre brados e risadas, como que a divertir-se num jogo de esconde-esconde. Todos carregavam compridas varas. De repente um deles parou e jogou a sua contra o homem, com certa pontaria, fazendo-a enredar-se nas suas pernas e atirá-lo de ventas ao chão. Com um esforço, êle pôs-se de joelhos e estendeu as mãos súplicas aos seus perseguidores. Sempre a rir, os outros reuniram-se ao seu redor: homens atarracados, calçando botas de borracha de cano comprido, e cujos rostos tinham um aspecto terrificante devido aos *masukus* pretos que lhes cobriam a boca, aos nasais de couro preto e aos feios chapéus do mesmo material, em forma de prato de sopa, iguais ao que usava o agente no trem. Puseram-se a cutucar o homem com as pontas das varas ao mesmo tempo que lhe gritavam rudemente, em voz escarninha. Depois, como se obedecessem a uma ordem, abaixaram-se, pegaram-no cada um por uma perna ou um braço, levantaram-no do chão, balançaram-no uma ou duas vezes no ar e o jogaram ao lago. Mais uma vez repetiu-se aquele horrendo movimento na água em direção ao homem, que, de novo aos guinchos batia no rosto com as mãos e esforçava-se inutilmente por ganhar a margem; mas os seus gritos foram ficando cada vez mais fracos e por fim cessaram, enquanto a cabeça afundava e a mancha vermelha começava a espalhar-se.

Dobrados de riso, os guardas assistiam ao espetáculo da margem. Quando se convenceram de que estava tudo terminado, voltaram as costas caminhando na direção do barracão e Bond pôde ver as lágrimas de prazer que lhes cintilavam nas faces.

Tornou a ocultar-se por trás da sacaria e ouviu-lhes as vozes e as risadas estrepitosas a poucos passos de distância quando entraram em busca de seus ancinhos e carrinhos de mão, para depois se dispersarem cada um rumo ao seu trabalho. Por algum tempo Bond continuou a ouvir os gritos com que se chamavam uns aos outros no meio do parque. Soaram então no castelo as badaladas graves de um sino e os homens calaram-se. Bond consultou o relógio barato de pulseira, de fabricação japonesa, que Tigre lhe fornecera. Eram nove horas. Seria o início do dia oficial de trabalho? Provavelmente. Os japoneses costumam entrar no trabalho meia hora mais cedo e sair meia hora mais tarde, a fim de ganhar prestígio aos olhos do empregador, mostrando-se zelosos e gratos pelo emprego. Mais tarde, conjecturou êle, haveria uma hora de interrupção para o almoço. O fim da jornada devia ser às seis, de modo que só depois das seis e meia ficaria senhor do terreno. Entrementes, devia escutar e observar para descobrir tudo quanto pudesse sobre a rotina do trabalho, cuja fase preliminar, sem dúvida, havia já assistido — a busca e eliminação dos suicidas que houvessem mudado de idéia ou perdido a coragem durante a noite. Bond abriu de mansinho o fecho-relâmpago da bolsa, deu uma mordida num dos três tablóides de “pemmican” que trazia ali e tomou um pequeno gole de água no cantil. Quem lhe dera poder fumar um cigarro!

Uma hora depois ouviu um breve raspar de pés no caminho de cascalho do outro lado do lago e olhou pela frincha. Os quatro guardas estavam formados em fila, numa rígida posição de sentido. O coração de Bond bateu mais depressa. Devia tratar-se de alguma espécie de inspeção. Por acaso estaria Blofeld fazendo a patrulha do parque, colhendo informações sobre a safra da noite anterior?

Bond enviesou o olhar para a direita, na direção do castelo, mas desse lado impedia-lhe a visão uma grande touceira de loendros, o inócente arbusto com os seus lindos tufos de flores brancas, usado em muitas partes do mundo como veneno mortal para os peixes. “Um amor de planta!” pensou Bond. “Não devo me esquecer esta noite de passar ao largo daquelas touceiras.”

De repente, no caminho do outro lado do lago, duas figuras a passear calmamente surgiram no campo de visão de Bond, que cerrou os

punhos na emoção de avistar a presa.

Blofeld, metido na resplandecente cota de malha e com o grotesco elmo de aço, alado e guarnecido de puas, de viseira baixada, parecia um personagem de Wagner ou melhor, dado o estilo oriental da armadura, de um drama japonês da escola clássica do *kabuki*. Sua mão direita forrada de aço descansava negligentemente numa longa espada nua de samurai, enquanto a esquerda passava pelo braço da companheira, mulher baixa e grossa, com o físico e o andar de uma guarda de prisão. O rosto dela achava-se totalmente encoberto por um medonho chapéu de apicul-tor, de palha verde escura com um espesso véu preto que lhe caía até os ombros. Mas não podia haver dúvida! Quantas vezes Bond tinha visto em sonhos essa silhueta atarracada, agora metida num impermeável de plástico encimando as botas de borracha de cano comprido! Era ela, Irma Bunt!

Bond conteve a respiração. Se eles viessem para este lado do lago, bastaria um bom empurrão para atirar de cangalhas na água o homem da armadura! Mas as piranhas conseguiriam atingi-lo pelos interstícios da cota de malhas? Pouco provável! E como é que êle, Bond, iria safar-se? Não, essa não era a solução!

As duas figuras haviam quase alcançado os quatro homens em fila. Nesse momento os guardas puseram-se de joelhos a um só tempo e baixaram as frentes até o chão. Depois tornaram a saltar em pé e assumiram novamente a posição de sentido.

Blofeld ergueu a viseira e falou a um dos homens, que respondeu com deferência. Bond notou pela primeira vez que esse guarda usava um cinto com uma pistola automática dentro de seu coldre. Não podia distinguir a língua que falavam os dois. Era impossível que Blofeld houvesse aprendido japonês. Seria inglês ou alemão? Talvez este último, em resultado de algum serviço de ligação no tempo da guerra. O homem riu apontando para o lago, onde um balão desinflado de pano azul sacudia-se de leve sob a ação das piranhas a banquetear-se no seu interior. O outro moveu a cabeça num gesto de aprovação e os homens tornaram a ajoelhar-se. Blofeld ergueu ligeiramente a mão em reconhecimento à homenagem, baixou a viseira, e o casal continuou o seu real passeio.

Bond prestou atenção para ver se os guardas em fila, depois de se porem em pé, revelavam em seus rostos qualquer expressão de zombaria ou hilaridade disfarçada: o Patrão tinha voltado as costas. Mas não notou nenhum sinal de desrespeito. Os homens saíram de forma e apressaram-se a ir tratar de seu serviço com disciplinada seriedade, e Bond

lembrou-se da história de um dos grandes crimes do século, narrada por Dikko Henderson para exemplificar a subserviência automática dos japoneses—subserviência de formigas — ante a disciplina e a autoridade. Se o bom Dikko estivesse aqui agora! Que imensa ajuda os seus punhos e a sua irresistível euforia teriam prestado a esta operação maluca.

Fôra vítima do crime, segundo êle, uma modesta filial suburbana do Banco Imperial. Ao fim de um dia de atividades normais, apresentara-se ao gerente um homem usando um braçal que parecia ser o distintivo de algum serviço público. Pertencia ao Ministério da Saúde. Temia-se um surto de tifo e o homem desejava que o gerente mandasse o seu pessoal entrar em forma no pátio, a fim de que êle pudesse administrar o antídoto oficial. O gerente curvou-se e deu a ordem como êle pedia; depois de fechar tudo a chave, os quatorze empregados reuniram-se no pátio e ouviram atentamente a breve preleção do homem do braçal sobre a profilaxia do tifo. Quando êle terminou de falar todos se curvaram ante a sabedoria das medidas tomadas pelo Ministério da Saúde e o funcionário abriu a maleta que trazia consigo, tirando quinze frasquinhos nos quais mediu o medicamento contido numa garrafa. Deu um frasquinho a cada um, recomendando-lhes que engolissem de uma só vez a poção, pois do contrário poderia estragar-lhes os dentes. ‘Agora”, disse êle, segundo a versão de Dikko, “Todos ao mesmo tempo! Um, dois, três!” E o respeitável remédio desceu pelas goelas abaixo, e o respeitável gerente da filial do Banco Imperial do Japão com os seus quatorze auxiliares estatelaram-se todos ao mesmo tempo no chão. O tal remédio era cianureto puro.

O “funcionário do Ministério da Saúde” retirou as chaves do bolso do falecido gerente, transportou para o seu carro um quarto de milhão de yens e abandonou muito feliz a cena do que se tornaria conhecido como o “Assalto de Teigin”, nome do subúrbio onde ocorrera o fato.

E aqui, refletiu Bond, observava-se a mesma obediência total à autoridade, reforçada pela simpatia e aprovação tácita da filosofia do Dragão Negro. Blofeld mandava-lhes fazer coisas como as que Bond havia presenciado duas horas atrás. Dispunha do poder que lhe conferiam certos departamentos do Estado. Vestia-se a caráter. Suas ordens eram obedecidas. E havia uma honrosa tarefa a desempenhar. Honrosa tarefa que lhe valia muita publicidade nos jornais. Este era um poderoso *gaijin*, com muita influência e prestígio nas altas rodas do governo. E, se os outros queriam matar-se, por que se preocupar com isso? Se não tivessem à mão o Castelo da Morte, talvez com um empurrão adicional de quando em quando, recorreriam aos bondes ou às estradas de ferro. Era um servi-

ço público, quase que um departamento auxiliar do Ministério da Saúde! Enquanto os *masukus* e os nasais os protegessem contra os venenos do jardim, o importante era desempenharem conscienciosamente as suas tarefas, e quem sabe se um dia a Dieta não resolveria erigi-los em Ministério da Auto-Eliminação! Então é que haviam de voltar aos gloriosos tempos do *Kokuryūkai*, a Sociedade do Dragão Negro, para salvar o País do Sol Nascente dessa paralisia progressiva da *demokurashii*!

Os dois perambulantes tornaram a surgir na linha de visão de Bond, mas desta vez vindos da esquerda. Havia contornado a extremidade do lago e estavam de regresso, quiçá para visitar outros grupos de guardas e ouvir as informações que estes tinham para prestar. Segundo Tigre, havia ali pelo menos vinte guardas e a propriedade cobria uma área de duzentos hectares. Cinco turmas compostas de quatro guardas cada uma? Blofeld trazia a viseira erguida e falava à mulher. Estavam, agora, a apenas vinte metros de distância. Detiveram-se à beira do lago, contemplando com ociosa curiosidade o cardume de peixes ainda em turbulenta atividade ao redor da boneca flutuante de pano azul. Conversavam em alemão. Bond apurou o ouvido.

— As piranhas e a lama vulcânica são bons caseiros — dizia Blofeld.
— Conservam a limpeza do parque.

— O mar e os tubarões também são úteis.

— Mas muitas vezes os tubarões deixam o trabalho incompleto. Lembre-se daquele espião que fizemos passar pela Sala do Interrogatório. Estava quase intato quando seu corpo foi encontrado na costa. Teria sido melhor jogá-lo ao lago. Não nos convém que esse policial de Fukuoka venha aqui muito amiúde. Ele pode ter meios de saber, pelos camponeses, quantas pessoas pulam o muro. Será um número muito maior, talvez o dobro do que a ambulância leva daqui. Se nossas cifras continuam a aumentar neste ritmo, vai haver complicações. Percebo, pelos recortes que Kono traduz para mim, que os jornais já começam a murmurar sobre uma sindicância pública.

— E que faremos então, *lieber Ernst*?

— Obteremos uma vultosa indenização e iremos embora. O mesmo processo pode ser repetido em outros países. Em toda parte há gente que deseja matar-se. Talvez tenhamos de variar os atrativos das oportunidades que oferecemos. Outros povos não têm a profunda inclinação dos japoneses pelo horror e pela violência. Uma cascata realmente bela. Uma ponte de acesso fácil. Um vertiginoso salto no vazio. São alternativas possíveis. O Brasil, ou outro país sul-americano, poderia oferecer um local

desse gênero.

— Mas as cifras seriam muito mais baixas.

— É a idéia que vale, *liebe* Irma. É muito difícil inventar algo que seja inteiramente novo na história do mundo. Se a minha ponte ou a minha cascata tiver um rendimento de apenas dez pessoas por ano, será uma simples questão de estatística. A concepção básica subsistirá.

— Com efeito. Você é realmente um gênio, *lieber* Emst. Já consagrou este lugar para sempre como um santuário da morte. A gente lê a respeito dessas fantasias nos livros de Poe, Lautréamont e de Sade, mas ninguém jamais pensou em converter uma delas em realidade. É como se um dos grandes contos de fadas houvesse cobrado vida. Uma espécie de Disneylândia da Morte. Mas está claro — apressou-se a ajuntar — que em escala muito mais grandiosa, mais poética.

— A seu tempo hei de escrever toda essa história. Então talvez o mundo reconheça o tipo de homem que nele esteve vivendo. Um homem cujas qualidades não apenas são ignoradas, mas um homem — e aqui a voz de Blofeld alteou-se, por pouco não se convertendo num grito esganiçado — a quem perseguem e acoçam e procuram matar como se fosse um cão raivoso. Um homem que precisa usar de toda a sua perspicácia tão somente para se conservar em vida! Pois se eu não tivesse sabido apagar tão bem o meu rastro, a estas horas haveria espíões a caminho deste lugar para matar a nós dois ou entregar-nos a esses estúpidos tribunais sob a acusação oficial de homicídio! Bem, bem, *liebe* Irma — concluiu numa voz mais tranqüila e racional, — nós vivemos num mundo de imbecis em que a verdadeira grandeza é um pecado. Venha! É tempo de inspecionar as outras turmas.

Preparavam-se para continuar a caminhada ao longo do lago quando Blofeld estacou de súbito e, como um cão de caça, voltou-se de frente para Bond.

— Essa cabana entre os arbustos! A porta está aberta! Tenho dito mil vezes aos homens que mantenham estes lugares fechados a chave. É o abrigo ideal para um espião ou fugitivo. Vou certificar-me.

Bond esfriou. Fêz-se o menor possível no seu esconderijo, puxando mais alguns sacos do alto da barreira para cercar-se de uma proteção adicional. Os passos metálicos aproximaram-se, penetraram no barracão. Bond sentia o homem a poucos passos de distância, sentia-lhe os olhos e as narinas inquiridoras. Ouviu-se um retinir de aço e a muralha de sacos vacilou sob os grandes golpes do espadagão de Blofeld. Depois começou a bater repetidas vezes de folha e Bond encolheu-se mordendo os lábios

ao receber uma pranchada na espinha. Mas por fim Blofeld pareceu convencer-se e os passos de ferro afastaram-se. Bond deixou escapar o ar dos pulmões num assovio mudo. Ouviu a voz de Blofeld dizer: “Não há nada, mas lembre-me para repreender Kono amanhã durante a inspeção. É preciso desobstruir este lugar e pôr-lhe uma fechadura apropriada.” Então o som de passos extinguiu-se na direção da touceira de loendros e Bond soltou um gemido, apalpando as costas. Mas, embora muitos sacos acima dele tivessem sido cortados em dois, a proteção, por sorte, fôra suficiente e não havia incisão na pele.

Bond pôs-se de joelhos e rearranjou o seu esconderijo, ao mesmo tempo que fazia massagens nas costas doloridas. Cuspiu então fora o pó da sacaria que lhe enchera a boca, tomou um gole de água do cantil, certificou-se pela frincha da parede de que não havia movimento algum lá fora e deitou-se, repassando na mente, palavra por palavra, o que ouvira de Blofeld.

Era evidente que o homem estava doido. Um ano atrás, o tom habitual de serenidade que Bond recordava tão bem nunca se teria destemperado para dar lugar àqueles guinchos lunáticos, hitlerianos. E a calma, a suprema autoconfiança em que assentavam todos os seus planos? Boa parte delas parecia ter-se volatilizado para o que contribuíram sem dúvida (assim o esperava) o malogro de duas dentre as mais grandiosas conspirações de Blofeld — malogro de que êle, Bond, fôra um dos principais autores. Mas uma coisa era clara — seu esconderijo estava fuzilado. Tinha de ser esta noite ou nunca. Bem, bem! Mais uma vez, Bond repassou o seu plano em linhas gerais. Se pudesse ganhar acesso ao castelo, estava quase certo de que encontraria meio de matar Blofeld. Mas tampouco era duvidoso que perderia a vida na tentativa. *Dulce et decorum est...* e o mais que segue! Mas pensava então em Kissy e não poderia jurar que não temia pela sua existência. Ela lhe devolvera uma doçura que julgava ter perdido para sempre.

Bond mergulhou num sono inquieto e vigilante que foi mais uma vez povoado por coisas e criaturas de um mundo de pesadelo.

Oubliette

Às seis horas da tarde o sino profundo dobrou por duas vezes no castelo e o crepúsculo chegou como um estore violeta que se tivesse baixado lentamente sobre a luz do dia. Os grilos começaram a chirriar em estrepitoso coro e as lagartixas fizeram ouvir o seu riso gutural entre os arbustos. Sumiram-se as libélulas côm-de-rosa e apareceu grande quantidade de lagartos corníferos saídos de suas tocas lamacentas das margens do lago; tanto quanto Bond pôde perceber de sua espreitadeira, pareciam estar apanhando mosquitos atraídos pelos seus olhos redondos e luzentes. Tornaram a surgir os quatro guardas e Bond sentiu o cheiro fragrante de uma fogueira que, sem dúvida, tinham acendido para consumir o cisco amontoado durante o dia. Foram à beira do lago, recolheram os farrapos de pano azul e, entre gostosas risadas sacudiram na água alguns ossos compridos que tinham ficado presos nos fragmentos. Um deles saiu a correr com os trapos, presumivelmente para atirá-los à fogueira, e Bond tornou a esconder-se enquanto os outros subiam a ladeira com os seus carrinhos de mão para guardá-los no alpendre. Ficaram palestrando alegremente ao lusco-fusco até chegar o quarto e então, sem notar na sombra os sacos destroçados e em desordem, partiram em fila na direção do castelo.

Bond deixou passar algum tempo antes de levantar-se, espreguiçar-se e sacudir o pé do cabelo e da roupa. Ainda lhe doíam as costas, mas a sensação que predominava sobre todas as demais era a ânsia desesperada de fumar um cigarro. Pois muito bem! Talvez fosse o último que fumaria. Sentou-se, bebeu um pouco d'água, mastigou um bom naco do condimentoso "pemmican" e tomou mais um gole no cantil. Tirou do bolso o seu único maço de Shinsei e acendeu um cigarro, segurando-o

entre as mãos em concha e apagando imediatamente o fósforo. Encheu os pulmões com a fumaça. Que delícia! À segunda tragada as perspectivas para aquela noite lhe pareciam menos desalentadoras. Havia de sair-se bem, por certo! Pensou por um instante em Kissy, que a essas horas estaria comendo o seu peixe com queijo de soja e planejando a travessia noturna do estreito. Dentro de poucas horas estaria perto dele. Mas que iria acontecer durante essas poucas horas? Bond fumou até que o cigarro começou a queimar-lhe os dedos; esmagou então a bagana e fêz desaparecer os fragmentos apagados por uma fenda do assoalho. Eram sete e meia e já se haviam calado algumas vozes de insetos do pôr-do-sol. Bond procedeu meticulosamente aos seus preparativos.

Às nove horas deixou o esconderijo. A lua resplandecia de novo e, salvo o borborejar distante das fumarolas e a risada sinistra de uma lagartixa que se fazia ouvir de tempos a tempos entre os arbustos, reinava um silêncio total. Seguiu o mesmo caminho da noite passada, atravessou o mesmo cinturão de árvores e deteve-se a contemplar a grande torre de mensagem subindo para o céu com os seus tetos cornutos que lembravam asas de morcego. Notou pela primeira vez que o balão com o seu aviso de perigo estava amarrado a um pau de bandeira, no canto da balastrada que cercava o terceiro pavimento — segundo parecia, o principal dos cinco existentes. Em várias janelas desse andar avistava-se uma débil luz amarelada e Bond adivinhou que aquela seria a sua área-objetivo. Soltou profundo suspiro e atravessou silenciosamente o cascalho, chegando sem incidentes à pequenina entrada sob a ponte de madeira.

A roupa preta de *ninja* era tão cheia de bolsos secretos quanto uma casaca de prestidigitador. Bond fêz surgir uma caneta-lanterna, uma lima-zinha de aço, e atacou um dos elos da corrente. De tempos a tempos parava para cuspir no corte que se ia aprofundando, com o que amortecia o ruído de um metal a morder o outro; mas finalmente o aço partiu-se com um estalido e, usando a lima à guisa de alçaprema, êle torceu o elo para alargar a fenda e silenciosamente retirou o cadeado. Empurrou de leve a porta, que cedeu. Tirando do bolso a lanterna, abriu um pouco mais a porta e explorou a escuridão com o fino raio de luz. Ainda bem que o fêz! Ao primeiro passo que desse no interior, iria pisar numa armadilha que o esperava, parcialmente coberta por uma camada de palha, escancaradas as mandíbulas de ferro de quase um metro de largura. Bond encolheu-se arrepiado ao ouvir, em imaginação, o clangor metálico com que se fechariam, cravando-lhe os dentes de serra na perna abaixo do joelho. Devia haver por ali outras ciladas semelhantes; era preciso, pois, manter todos

os sentidos em estado de alerta!

Bond cerrou a porta devagarinho às suas costas e, contornando a armadilha, projetou o raio da lanterna à frente e aos lados. Nada mais que a treva aveludada. Achava-se numa vasta adega subterrânea em que, sem dúvida, eram guardadas outrora as provisões para um pequeno exército. Uma sombra atravessou a fina réstia de luz, seguida de outra e mais outra, e por todos os lados ouviram-se gritinhos agudíssimos. Bond não tinha receio de morcegos nem acreditava no velho mito de que eles costumam enredar-se nos cabelos das pessoas. Têm um radar muito eficiente para isso. Foi avançando devagar, com o sentido unicamente nas ásperas lajes de pedra em que pisava. Passou por um ou dois grossos pilares de abóbada, após o que a vasta adega pareceu estreitar-se, pois agora podia divisar vagamente umas paredes à direita e à esquerda, e no alto um teto abobadado, coberto de teias de aranha. Sim, aqui estavam os degraus de pedra que conduziam para cima! Bond subiu-os sem ruído contando vinte até alcançar a entrada, uma larga porta de dois batentes, sem fechadura daquele lado. Empurrou-a de leve e pôde sentir e ouvir a resistência de uma fechadura que, pelo som, parecia velha e mal segura. Tirou das algibeiras um robusto pé-de-cabra e pôs-se a tentar com êle. Os dentes afiados morderam uma lingüeta ou coisa parecida e Bond forcejou na alavanca lateralmente, até ouvir um som de velhos metais arrancados de seus suportes e o retinir de pregos ou parafusos na pedra. Empurrou suavemente a porta e, com um estardalhaço assustador, o resto da fechadura tombou no chão enquanto o batente se abria com um ranger de velhos gonzos. Para além, continuavam as trevas. Bond transpôs a abertura e pôs-se à escuta, apagando a lanterna. Mas achava-se nas mais profundas entranhas do castelo e não se ouvia som algum. Tornou a acender a luz. Mais degraus de pedra, desta vez conduzindo a uma porta moderna de madeira polida. Subiu-os e deu volta cuidadosamente à maçaneta de metal. Aqui não havia fechadura! Abriu a porta devagar e deu consigo num longo corredor de pedra em rampa ascendente. Na extremidade havia outra porta moderna, por baixo da qual se avistava uma estreita risca de luz!

Bond avançou silenciosamente pela rampa acima e, contendo a respiração, encostou o ouvido ao buraco da fechadura. Silêncio de morte! Segurou o trinco, abriu a porta aos pouquinhos e, convencido de que não havia ali ninguém, entrou fechando a porta com o trinco atrás de si. Estava no saguão principal do castelo. A grande porta de entrada ficava à esquerda, e dali partia uma trilha de tapete vermelho bastante gasto,

ao longo dos quinze metros de saguão, mergulhando nas sombras que o grande candeeiro de óleo à entrada, única luz ali, não lograva devassar. O saguão não tinha decorações de qualquer espécie, salvo essa trilha de tapete, e o seu teto era um labirinto de vigas longitudinais e transversais entremeadas de grades de bambu sobre o mesmo reboco áspero que recobria as paredes. Sentia-se ali esse cheiro de pedra fria que é comum nos castelos.

Bond evitou o tapete, cosendo-se com a sombra das paredes. Devia estar no andar principal e a caça encontrava-se em algum ponto à frente. Havia penetrado no coração da cidadela. Até aqui tudo ia bem!

A porta seguinte, evidentemente a entrada da primeira sala pública, fechava-se com um simples trinco. Bond abaixou-se e aplicou o olho ao buraco da fechadura. Outro interior mal-iluminado. Nem o menor ruído! Desprende o trinco, entreabriu a porta, depois abriu-a de todo, e entrou. Mais um vasto aposento, mas este revestido de baronial esplendor — a sala-nobre de recepção, onde Blofeld devia acolher as visitas. Entre altas cortinas vermelhas orladas de ouro, magníficas peças de armadura clássica e outras armas avulsas adornavam as paredes brancas; havia também muitos móveis antigos dispostos em grupos, num arranjo convencional, sobre um imenso tapete central de côr azulão. A parte visível do piso era de tábuas muito polidas, refletindo a luz de dois grandes candeeiros de óleo pendentes do teto alto, travejado como o do saguão, com a diferença de que aqui as vigas mestras eram decoradas com um motivo de linhas vermelho-escuras em ziguezague. Procurando um lugar em que se esconder. Bond optou pelas cortinas muito espaçadas e, deslizando sem ruído de um refúgio ao seguinte, alcançou a portinha da extremidade da sala, a qual devia conduzir aos aposentos privados.

Baixou-se para escutar, mas imediatamente pulou para trás da cortina mais próxima. Ouvira um ruído de passos que se aproximavam! Desprende a corrente que trazia em volta da cintura, enrolou-a no punho esquerdo, segurou o pé-de-cabra com a mão direita e aguardou, com os olhos colados a um interstício do pano, que cheirava a pó.

A portinha entreabriu-se, mostrando o dorso de um dos guardas. Trazia um coldre no cinto. Seria porventura Kono, o homem que traduzia para Blofeld? Provavelmente desempenhara alguma missão junto aos alemães durante a guerra — no Kempeitai, sem dúvida. Que é que êle estava fazendo? Parecia lidar com um dispositivo qualquer atrás da porta. Um comutador de luz? Não, o castelo não tinha luz elétrica. Aparentemente satisfeito, o homem saiu às arrecuas, curvou-se profundamente

na direção do interior e cerrou a porta. Não usava *masuku* e Bond pôde vislumbrar-lhe a cara morena e malévola, os olhos estreitos como tendas, quando êle passou pelo seu esconderijo atravessando a sala de recepção. Bond ouviu estalar o trinco da outra porta e de novo reinou o silêncio. Esperou cinco minutos inteiros antes de mover levemente a cortina para poder observar o aposento. Estava só. E agora começava a última etapa!

Sempre segurando as suas armas, Bond voltou a aproximar-se da porta. Desta vez não se ouvia som algum por trás dela. Mas o guarda tinha-se curvado. Ora! Com certeza o fizera em sinal de respeito pela aura do Amo. Silencioso mas firme, Bond abriu a porta com um empurrão e saltou para dentro, pronto para a investida decisiva.

Um longo corredor completamente vazio e incaracterístico pareceu bocejar diante daquela atitude dramática. Media talvez seis metros à sua frente. Mal-alumiado por um candeeiro central de óleo, tinha o piso habitual de tábuas muito polidas. Um “assoalho-rouxinol”? Não. Os passos do guarda não haviam provocado nenhum rangido. Mas de trás da porta que fechava a outra extremidade do corredor vinham sons de música. Era Wagner, a “Cavalgada das Valquírias” tocada a meio tom. “Mil vezes obrigado, Blofeld!” pensou Bond. “Excelente proteção!” E começou a avançar pé ante pé, pelo centro do corredor.

O desastre veio sem o menor aviso. Um passo dado sobre a linha central do assoalho e, como uma gangorra, todos os seis metros de tábua giraram silenciosamente sobre um eixo mediano e Bond, perneando e bracejando desesperadamente, as mãos procurando em vão alguma coisa a que se agarrar, caiu aos trombolhões num vazio negro. O guarda! Aquilo em que estivera remexendo atrás da porta! Era para colocar em posição a alavanca que soltava a armadilha, a tradicional *oubliette* dos castelos medievais! E êle esquecera isso! Ao mesmo tempo que seu corpo mergulhava no espaço, saltando da extremidade da plataforma inclinada uma campainha de alarma, acionada pelo mecanismo da armadilha, punha-se a berrar histèricamente. Por uma fração de segundo Bond notou que a plataforma, libertada de seu peso, voltava à posição de repouso lá em cima; depois chocou-se violentamente em alguma coisa e perdeu a consciência.

Teve a impressão de que nadava, contra a sua vontade, pelo túnel escuro acima, em direção de um ofuscante pontinho de luz. Por que não paravam de lhe bater? Que fizera para merecer isso? Apanhara dois *awabis*. Sentia-os nas mãos, ásperos e cheios de arestas agudas. Kissy não podia esperar mais dele. “Kissy”, murmurava, “acabe com isso! Acabe

com isso, Kissy!”

O pontinho de luz expandiu-se, converteu-se num piso coberto de palha sobre o qual estava agachado, recebendo as violentas pancadas de uma mão aberta na face. Pif! Paf! A cada bofetada a dor excruciante que sentia na cabeça explodia num milhar de pequeninos fragmentos distintos de dor. Bond olhou para cima, viu a amurada do barco e fez um esforço desesperado para se erguer e segurar-se a ela. Levantou no ar os *awabis* para mostrar que tinha cumprido a sua obrigação. Abriu as mãos para largá-los na tina. Nesse momento voltou-lhe a consciência e viu os dois punhados de palha cair desfeitos no chão. Mas os golpes haviam cessado. E agora podia enxergar, indistintamente, através de uma névoa de dor. Aquela cara morena! Aqueles olhos estreitos como fendas! Kono, o guarda. E alguém mais alumiava a cena com um archote. Então voltou-lhe a memória. Qual *awabis*! Qual Kissy! Algo de horrível havia acontecido! Tudo se perdera! *Shimata*! Cometi um erro! Tigre! Esta palavra trouxe-lhe, finalmente, a plena lucidez, fazendo-o compreender toda a situação. Tome cuidado! Você é surdo-mudo. É um mineiro japonês de Fukuoka. Seja coerente. Para o diabo a dor na cabeça! Não há nada quebrado. Proceda com calma. Bond deixou cair as mãos aos lados do corpo e deu-se conta, pela primeira vez, de que estava nu, salvo o pequeno V da tanga de algodão preto que fazia parte do vestuário de *ninja*. Curvou-se profundamente e tornou a endireitar-se. Kono, com a mão no coldre aberto, invectivava-o furiosamente em japonês. Bond lambeu o sangue que lhe pingava pelo rosto abaixo e assumiu uma expressão vazia e estúpida. Kono sacou a pequena pistola automática, acenando para a saída. Bond tornou a curvar-se, pôs-se em pé e, circunvagando um breve olhar pela *oubliette* forrada de palha em que havia caído, deixou a cela em pós do guarda de feições invisíveis que carregava o archote.

Subiram escadas, percorreram um corredor e chegaram diante de uma porta. Kono deu um passo à frente e bateu.

Bond foi conduzido ao centro de uma pequena peça de aspecto bastante agradável, espécie de sala de leitura. O segundo guarda estendeu no chão a roupa de *ninja* e o conteúdo horripelantemente comprometedor de seus bolsos. Blofeld, metido num magnífico quimono de seda preta com um dragão de ouro esparramado de través, apoiava-se ao console da lareira, onde ardia um braseiro de tipo japonês. Era êle, indiscutivelmente. A alta testa meditativa, a boca rasgada e franzida que parecia uma ferida roxa, agora sombreada por espesso bigode grisalho que caía nos cantos, com atenção, talvez, de alcançar as proporções de um bigode

de mandarim, a juba branca que deixara crescer para o papel de Monsieur le Comte de Bleuville, os buracos negros dos olhos. E a seu lado, completando o quadro de um casal amigo do lar a passar tranqüilamente o tempo depois da ceia, estava sentada Irma Bunt com todos os paramentos de uma dama japonesa de classe superior, tendo no regaço o bordado de um crisântemo solitário em *petit point*, à espera de que as suas mãos gorduchas o retomassem quando houvesse sido identificada a causa dessa insólita perturbação. A cara quadrada e balofa, o compacto pericote de cabelo côr de rato, os lábios finos de carcereira, os olhos castanho-claros, quase amarelos! Por Deus, dizia Bond consigo surdamente, aqui estão eles! Ao alcance do braço! Estariam ambos mortos a esta hora se não fosse o seu único, o seu criminoso erro. Não haveria ainda um meio de inverter a situação? Ah! se ao menos aquela dor parasse de latejar-lhe na cabeça!

O comprido gládio de Blofeld estava apoiado à parede. Foi apanhá-lo e dirigiu-se para a pilha de objetos de Bond, remexendo-os com a ponta da espada. Levantou no ar o traje preto e perguntou em alemão:

— Que vem a ser isto, Kono?

O chefe dos guardas respondeu na mesma língua. Sua voz parecia contrafeita e por um instante relanceou as fendas dos olhos com certo respeito na direção de Bond.

— É uma roupa de *ninja*, Herr Doktor. São gente que pratica as artes secretas do *ninjutsu*. Esses segredos são muito antigos e eu os conheço mal. É a arte de mover-se furtivamente, de fazer-se invisível, de matar sem armas. Outrora, essa gente era muito temida no Japão. Eu ignorava que ainda existissem. Este homem foi indubitavelmente enviado para assassiná-lo, meu senhor. Se não fosse a mágica do corredor, bem poderia ter logrado o seu intento.

— E quem é êle? — perguntou Blofeld, observando Bond com atenção. — É um tanto alto para um japonês.

— Os mineiros costumam ser homens altos, meu senhor. Êle traz um papel dizendo que é surdo-mudo. E outros papéis, que parecem estar em ordem, identificando-o como um mineiro de Fukuoka. Não acredito nisso. Suas mãos têm as unhas quebradas, mas não são as mãos de um mineiro.

— Eu tampouco acredito. Mas não tardaremos a averiguar. — Blofeld virou-se para a mulher. — Que é que você acha, minha querida? Você tem bom faro para estes problemas ... O instinto feminino.

Irma Bunt levantou-se e veio colocar-se ao lado dele. Fixou em

Bond um olhar penetrante e começou a andar à sua volta, conservando uma certa distância. Quando se defrontou com o perfil do lado esquerdo, exclamou baixinho, com profundo assombro:

— *Du lieber Gott!*

Voltou para junto de Blofeld e disse num murmúrio rouco, ainda a encarar Bond com uma expressão quase de horror:

— Não é possível! E no entanto, não pode haver dúvida. A cicatriz de alto a baixo na face esquerda! O perfil! E as sobrancelhas foram raspadas a navalha para dar-lhes essa inclinação para cima! — Virou-se para Blofeld e disse peremptoriamente; — Este é o agente inglês. É aquele Bond, James Bond, o homem cuja mulher você matou. O homem que usava o nome de Sir Hilary Bray. — E ajuntou, em tom veemente: — Juro-o! Você tem de me acreditar, *lieber Ernst!*

Os olhos de Blofeld estreitaram-se.

— Percebo uma certa semelhança. Mas como foi que êle chegou aqui? Como foi que me descobriu? Quem o mandou?

— O *Geheimdienst* japonês! Certamente tem relações com o Serviço Secreto Britânico.

— Não posso acreditá-lo! Se assim fosse, teriam vindo com um mandado de prisão contra mim. Há demasiadas incógnitas nesta história. Devemos proceder com a maior circunspeção e arrancar toda a verdade a este homem. Descobriremos imediatamente se êle é surdo-mudo. Esse é o primeiro passo. Será um caso para a Sala do Interrogatório. Mas é preciso começar por amolecê-lo.

Virou-se para Kono.

— Diga a Kazama que se prepare.

A Sala do interrogatório

Havia, agora, dez guardas na sala. Formavam fila junto à parede, atrás de Kono, e estavam todos armados com os seus compridos bastões. Kono lançou uma ordem a um deles. O homem deixou seu bastão a um canto da parede e adiantou-se. Era um sujeito alto e quadrado, com a cabeça totalmente calva, semelhando uma fruta madura, e umas manzoras que lembravam presuntos. Tomou posição diante de Bond, abrindo as pernas para melhor se equilibrar, com os lábios esgarçados num sorriso feroz de dentes escuros e quebrados. Levou a mão direita atrás e descarregou-a com tremenda força na cabeça de Bond, exatamente sobre a contusão produzida pela queda. A cabeça de Bond explodiu em fogo. Depois veio a mão esquerda, que o fez cambalear lateralmente. Através de uma névoa de sangue, podia distinguir Blofeld e sua mulher. Blofeld estava apenas interessado como cientista, mas Irma Bunt tinha os lábios entreabertos e úmidos.

Ao décimo golpe, compreendeu que tinha de agir enquanto ainda lhe restava força e decisão. As pernas abertas ofereciam um alvo ideal. Contanto que o homem não tivesse praticado o truque dos lutadores de *sumo*! Apesar de estonteado, Bond tomou a mira e, no momento em que outro golpe gigantesco o ia atingir, desferiu um pontapé de baixo para cima com todo o vigor que ainda lhe restava. O pé acertou em cheio. O homem soltou um grito animal e foi ao chão, apertando-se e rolando de um lado para outro numa agonia de dor. Os guardas investiram para a frente num movimento de conjunto, as varas em riste, e Kono sacou a pistola. Bond saltou para uma cadeira de encosto alto, ergueu-a do chão e jogou-a contra a matilha furiosa. Uma das pernas da cadeira atingiu um homem na boca e ouviu-se um ruído de osso que se quebrava. O homem

caiu segurando o rosto com as mãos.

— *Halt!* — Era o grito hitleriano que Bond tinha ouvido naquela manhã. Os homens imobilizaram-se de repente e baixaram os bastões. — Kono. Leve daqui estes homens — disse Blofeld, apontando para os dois feridos no chão. — E castigue Kazama pela sua incompetência. Arranje dentes novos para o outro. E vamos fazer ponto nisto. Pelos métodos ordinários não faremos o homem falar. Mas, se não é surdo, não suportará a pressão da Sala de Interrogatório. Leve-o para lá. Os demais guardas podem esperar na sala de audiências. *Also, marsch!*

Kono proferiu ordens a que os guardas obedeceram a passo acelerado. Acenou então a Bond com a pistola, abriu uma portinha ao lado da estante de livros e apontou para a estreita passagem de pedra. Que iria suceder agora? Bond lambeu o sangue dos cantos da boca. Estava quase no fim da sua resistência. Pressão? Não seria muita a que ainda poderia suportar. E que seria essa tal Sala do Interrogatório? Deu de ombros mentalmente. Talvez ainda tivesse um ensejo de ir à garganta de Blofeld. Se ao menos pudesse levar esse consigo! Saiu pelo corredor em fora e fez ouvidos moucos à ordem de Kono para abrir a maciça porta que fechava a extremidade. O próprio guarda teve de abri-la, comprimindo o cano da pistola contra a sua espinha, e Bond entrou num esquisito compartimento de pedra grosseiramente aparelhada, onde fazia muito calor e reinava um nauseante fedor de enxofre.

Depois de entrarem Blofeld e a mulher, a porta foi cerrada e os dois instalaram-se em cadeiras de braços, de madeira nua, sob um candeeiro de óleo e um relógio de cozinha cuja única particularidade digna de nota era ter sublinhados de vermelho os números que indicavam os quartos de hora. Os ponteiros indicavam onze horas recém-passadas e naquele instante o ponteiro dos minutos saltou um intervalo. Kono fez um gesto a Bond ordenando-lhe que fosse ao fundo do compartimento, a doze passos de distância, onde havia um assento de pedra sobre um pedestal, com descansos para os braços. Esse assento gotejava uma lama cinzenta semi-sêca e à sua volta o chão estava coberto da mesma escória vulcânica. Bem em cima dele, no teto, escancarava-se uma vasta abertura circular pela qual pôde avistar uma nesga de céu negro e estrelado. As botas de borracha de Kono chapinhavam ruidosamente na lama. Bond recebeu ordem de sentar-se no trono de pedra, cujo assento tinha um grande buraco redondo no centro. Obedeceu, arrepiado ao contato de sua pele com a lama quente e viscosa. Descansou os braços fatigados nos encostos laterais do trono e aguardou, com as entranhas geladas pela

intuição do que significava toda aquela encenação.

Blofeld falou da outra extremidade da sala, em inglês, numa voz possante que reboou nas paredes nuas:

— Capitão Bond, ou Número 007 do Serviço Secreto Britânico se assim prefere, esta é a Sala do Interrogatório, um invento meu que tem o dom de fazer os mudos falarem quase inevitavelmente. Como sabe, esta propriedade repousa sobre um terreno altamente vulcânico. O senhor está sentado diretamente sobre um gêiser que lança lama, aquecida a uma temperatura de cerca de mil graus centígrados, até uma altura aproximada de trinta metros no ar. Seu corpo se encontra a uma elevação de mais ou menos quinze metros acima da cratera. Tive a fantasia de canalizar esse gêiser mediante um conduto de pedra em cima do qual está o senhor sentado neste momento. É o que se chama um gêiser periódico, cujas erupções foram reguladas, neste caso, para que ocorressem precisamente no décimo-quinto minuto de cada hora. — Blofeld lançou um olhar às suas costas. — Como há de notar, dispõe exatamente de onze minutos antes da próxima erupção. Se não me pode entender, nem compreender a tradução que vai seguir-se, se de fato é um japonês surdo-mudo como sustenta, não se arredará dessa cadeira e às onze e quinze em ponto sofrerá morte horrível pela incineração da parte inferior de seu corpo. Se, pelo contrário, deixar a cadeira antes do momento fatal, terá demonstrado que pode ouvir e compreender, e será então submetido a outras torturas que inevitavelmente o farão responder às minhas perguntas. Essas perguntas terão em vista confirmar a sua identidade, como conseguiu chegar até aqui, quem o enviou e com que desígnio, e quantas pessoas estão envolvidas na conspiração. Compreendeu? Não prefere desistir dessa comédia? Muito bem. Na eventualidade pouco provável de que os seus papéis sejam em parte autênticos, o chefe de meus guardas lhe explicará agora, em termos sucintos e no idioma japonês, a finalidade desta sala. — E, voltando-se para o guarda: — Kono, *sag'ihm auf japanisch den Zweck dieses Zimmers*.

Kono, que tomara posição junto à porta, dirigiu então a palavra a Bond em incisivo japonês. Bond não lhe deu atenção. Concentrava-se, procurando recobrar as suas forças. Tranqüilamente sentado, correu um olhar indiferente pela sala. Lembrara-se do último “inferno” de Beppu e procurava alguma coisa com os olhos. Sim, ali estava! Uma pequena caixa de madeira no canto à direita do seu trono. Não tinha fechadura. Dentro dessa caixa estaria, sem dúvida alguma, a válvula reguladora do gêiser. Poderia esse conhecimento ser utilizado mais tarde? Pô-lo de reserva e

começou a torturar o cérebro cansado em busca de um plano. Se ao menos cessasse aquele excruciante latejar da cabeça! Pousou os cotovelos nos joelhos e, brandamente, descansou nas mãos o rosto contundido. Pelo menos aquele guarda estaria sofrendo nesse momento uma agonia pior do que a sua!

Kono parou de falar e o relógio fêz ouvir um clique profundo de ferro.

Sucederam-se nove cliques mais. Bond olhou para o mos-trador em preto e branco. Os ponteiros marcavam onze horas e quatorze minutos. Ouviu-se lá em baixo, a grande distância, um resmungo cavernoso e irado a que se seguiu um bafo repentino de ar quentíssimo. Bond pôs-se em pé e afastou-se vagarosamente da fétida chaminé de pedra, até alcançar a parte da sala que não se achava coberta de lama. Voltou-se então e ficou observando. O resmungo transformou-se num ribombar distante depois num rugido profundo que cresceu em direção à sala como um trem expresso saindo de um túnel. Ouviu-se tremenda explosão e um jorro compacto de lama cinzenta elevou-se do buraco que Bond acabava de deixar, como um pistão de aço brilhante, e passou exatamente pela larga abertura do teto. O jato manteve-se, absolutamente sólido, pelo espaço de talvez meio segundo, e um calor insuportável invadiu a sala, obrigando Bond a enxugar o suor do rosto. Depois a grande coluna tornou a afundar-se no buraco e grandes respingos de lama fumegante caíram no teto lá fora e dentro da sala. Um borborejar rouco subiu pela chaminé e o compartimento encheu-se de fumaça. O cheiro de enxofre era nauseante. No silêncio total que se seguiu, o clique do relógio marcando as 11,16 h pareceu retumbar como um gongo.

Bond virou-se para enfrentar o casal sob o relógio.

— Muito bem, Blofeld, seu diabo maluco! — disse jovialmente. — Reconheço que o seu encarregado de efeitos de cena, lá em baixo, entende do ofício. Agora mande vir os doze demônios femininos e, se forem todos tão lindos como Fräulein Bunt, arranjarei com Noël Coward para escrever a partitura e estrearmos a opereta na Broadway pelo Natal. Que acha da idéia?

Blofeld voltou-se para Irma Bunt.

— Acertou, minha querida! É realmente o mesmo filho de Albion. Lembre-me para lhe comprar mais um colar das excelentes pérolas gris do Sr. Mikimoto. E agora vamos resolver o caso deste homem uma vez por todas. Já passou da nossa hora de dormir.

— Sim, de fato, *lieber* Ernst. Mas primeiro êle terá de falar.

— Naturalmente, Irmchen. Mas isso não tomará muito tempo. Já rompemos a primeira linha de defesa dele. A segunda será mera questão de rotina. Venham!

E toca de novo para a biblioteca, através do corredor de pedra! Irma Bunt voltou ao seu petit point e Blofeld à sua posição junto à lareira, a mão pousada de leve no punho do espadagão. Exatamente como se tivessem regressado de algum elegante passatempo após a ceia: uma partida de bilhar, uma vista de olhos ao álbum de selos, um desenxabido quarto de hora na sala doméstica de projeções. Bond havia tomado a sua resolução: para o diabo com o mineiro de Fukuoka. Havia uma secretária ao pé das estantes de livros. Puxou a cadeira e sentou-se. Encontrou cigarros e fósforos em cima da mesa. Acendeu um, inalando a fumaça com delícia. Que mal havia em refestelar-se um pouco antes de mergulhar no Sono Sem Fim! Sacudiu a cinza do cigarro no tapete e cruzou a perna.

Blofeld apontou para o monte de roupas e objetos de Bond no chão.

— Leve essas coisas daqui, Kono. Vou examiná-las mais tarde. E você pode esperar com os outros guardas no salão. Prepare o maçarico e a máquina elétrica para continuarmos o interrogatório, caso isso se torne preciso. — Virou-se para Bond. — E agora trate de falar, e terá uma morte honrosa e rápida, pela espada. Não tenha apreensões. A arma é afiada como uma navalha e eu sou perito no seu manejo. Se não falar, morrerá de maneira lenta e horrível, e acabará falando da mesma forma. O senhor sabe, pela sua profissão, como são essas coisas. Há um certo grau de sofrimento prolongado que nenhum ser humano pode suportar. E então?

Bond respondeu calmamente:

— Blofeld, você nunca foi tolo. Muita gente, em Londres e em Tóquio, está a par de minha presença aqui esta noite. Nesta altura dos acontecimentos você ainda poderia defender-se de uma acusação capital. Tem muito dinheiro e pode contratar os melhores advogados. Mas, se me matar, certamente morrerá.

— Mister Bond, o senhor não está dizendo a verdade. Eu conheço as normas de proceder do mundo oficial tão bem como o senhor. Rejeito, portanto essa sua história na íntegra e sem hesitar. Se minha presença aqui fosse oficialmente conhecida, já teriam enviado um pequeno exército de policiais para me prender. E viriam acompanhados de um membro graduado da C. I. A., em cuja lista de “Procurados” o meu nome indubitavelmente figura. Estamos numa esfera de influência norte-americana. O senhor teria, talvez, permissão de me entrevistar depois de ser preso,

mas um inglês jamais tomaria parte na ação inicial da polícia.

— Quem lhe disse que se trata de ação policial? Quando ouvi, na Inglaterra, os boatos que corriam a respeito deste lugar, logo me pareceu que a idéia devia ter nascido numa cabeça como a sua. Obtive permissão para vir observar. Mas o meu paradeiro é conhecido e a punição não tardará se eu não regressar.

— Não há lógica na conclusão, Mister Bond. Não deixará o menor sinal de me ter visto, nem o mais leve rastro de sua entrada na propriedade. Casualmente, tenho certas informações que combinam muito bem com a sua presença aqui. Um de meus agentes avisou há poucos dias que o Chefe do Serviço Secreto Japonês, um tal Tanaka, viajava nesta direção em companhia de um estrangeiro disfarçado de japonês. Noto, agora, que a sua aparência concorda com a descrição feita pelo meu agente.

— Onde está esse homem? Gostaria de fazer-lhe umas perguntas.

— Não se acha disponível.

— Muito conveniente, isto.

Uma chama vermelha começou a arder no fundo dos olhos negros de Blofeld.

— Esquece que não sou eu quem está sendo interrogado, Mister Bond. É o senhor. Ora, sucede que eu conheço toda a crônica desse Tanaka. É um homem absolutamente implacável, e vou arriscar uma conjectura que se encaixa muito bem nos fatos e que as suas ineptas evasivas quase transformam em certeza. Esse Tanaka já perdeu um agente categorizado, que enviara aqui para investigar os meus atos. O senhor estava disponível, talvez por algum motivo ligado ao seu trabalho profissional e, em troca de uma remuneração ou de algum favor, concordou em vir aqui para me matar, com o que solucionaria uma situação que está causando certo embaraço ao governo japonês. Não sei nem me interessa saber quando veio a capacitar-se de que o Dr. Guntram Shatterhand era, na realidade, Ernst Stavro Blofeld. Tem suas razões particulares para querer matar-me, e não duvido em absoluto de que haja guardado esse fato para si sem comunicá-lo a ninguém, no receio de que a ação oficial a que me referi viesse frustrar os seus planos de vingança pessoal. — Blofeld fez uma pausa e concluiu tranqüilamente: — Eu possuo um dos melhores cérebros do mundo, Mister Bond. Tem alguma alegação a fazer? Como dizem os americanos, “it had better be good” — é bom que seja convincente. Bond pegou mais um cigarro e acendeu-o.

— Eu me atenho à verdade, Blofeld — respondeu, perfeitamente senhor de si. — Se me acontecer alguma coisa, você e provavelmente

também a mulher, na qualidade de cúmplice, estarão mortos pelo Natal.

— Muito bem, Mister Bond. Mas eu tenho tanta certeza do que digo que vou agora matá-lo com minhas próprias mãos e fazer desaparecer o seu corpo, sem a menor hesitação. Pensando bem, prefiro fazê-lo pessoalmente a entregá-lo nas mãos dos guardas para que o matem pouco a pouco. Há muito que vem me atrapalhando a vida. A conta que tenho a ajustar consigo é de ordem pessoal. Nunca ouviu a expressão japonesa *kirisute gomen*?

Bond soltou um gemido.

— Poupe-me as preleções à la Lafcadio Hearn, Blofeld!

— Ela data do tempo dos samurais. Significa literalmente “matar e ir embora”. Quando uma pessoa de baixa condição se atravessava no caminho de um samurai ou não lhe mostrava o respeito devido, êle estava no direito de cortar-lhe fora a cabeça. Ora, eu me considero um samurai dos tempos atuais. Minha bela espada ainda não recebeu o batismo de sangue. A sua será uma admirável cabeça em que estreá-la. — E, virando-se para Irma Bunt: — Concorda, *mein Liebchen*?

Ela tirou os olhos do *petit point* e ergueu a cara quadrada de carcereira.

— Pois claro, *lieber Ernst*. O que você decide é sempre acertado. Mas cuide-se. Este animal é perigoso.

— Você esquece, *mein Liebchen*, que desde janeiro passado êle deixou de ser um animal. Mediante uma singela operação cirúrgica na mulher a quem êle amava eu o reduzi a dimensões humanas.

A figura dominadora e terrificante despeçou-se da lareira e apanhou a espada.

— Vou lhe mostrar.

Golpe de mão

Bond jogou fora o cigarro aceso e deixou-o queimando no tapete. Todo o seu corpo se retesara.

— Devem saber, os dois, que estão doidos varridos — disse êle.

— Também o estava Frederico o Grande, também Nietzsche, e também Van Gogh. Encontramo-nos em boa companhia, em companhia ilustre, Mister Bond. E o senhor, o que é? Um capanga vulgar, um obtuso instrumento manejado por toleirões investidos em posições de mando. Depois de fazer o que lhe ordenaram, levado por alguma falsa idéia de dever ou patriotismo, satisfaz os seus instintos animais com álcool, nicotina e mulheres enquanto espera que o liquidem na primeira sortida mal planejada. Já por duas vezes o seu chefe o enviou para me dar combate, Mister Bond, e, graças à força bruta ajudada por muita sorte, o senhor conseguiu meter a pique dois projetos, frutos do meu gênio. O senhor e seu governo classificariam esses projetos como crimes contra a humanidade, e várias autoridades ainda procuram chamar-me a contas por causa deles. Mas veja se usa o pouco de raciocínio que possui, Mister Bond; faça um esforço para encará-los a uma luz realista e dentro do plano superior do meu pensamento.

Blofeld era um homem enorme — media, talvez, um metro e noventa de altura — e de físico possante. Colocou a ponta da espada de samurai, cuja lâmina é quase igual à da cimitarra, entre os seus pés plantados no chão a certa distância um do outro, e descansou as mãos nervudas no punho. Olhando-o do outro lado da sala, Bond não pôde deixar de admitir que havia algo de quase sobre-humano na figura gigantesca e imperiosa, na fixidez hipnótica do olhar, na elevada fronte branca, nos lábios finos cujos cantos se repuxavam para baixo numa expressão de crueldade. O

quimono de corte retilíneo e amplas dobras, ideado para dar a impressão de volume a uma raça de homens pequenos, tornava desmesurada uma figura já de si imponente, e o dragão bordado a ouro, tão fácil de ridicularizar como uma fantasia infantil, alçava-se ameaçador sobre o fundo de seda preta e parecia mesmo vomitar fogo da altura do peito esquerdo. Blofeld fizera uma pausa no seu discurso. Esperando que êle continuasse, Bond avaliava o seu inimigo. Sabia o que estava por vir — a justificação. Era sempre assim. Quando pensava ter levado o adversário ao ponto que queria, quando se convencia do seu triunfo, antes do golpe final, mesmo falando a um auditório prestes a ser mandado para o outro mundo, era grato e satisfatório ao algoz pronunciar a sua apologia — purgar o pecado que se dispunha a cometer. Blofeld continuou, com as mãos calmamente pousadas no punho da espada. O tom de sua voz era razoável, seguro de si, serenamente expositivo.

— Veja por exemplo, Mister Bond, a “Operação Thunderball”, como o seu governo a batizou. Esse projeto implicava em pôr a resgate o Mundo Ocidental mediante a aquisição, pela minha pessoa, de duas armas atômicas. Onde está o crime aí, a não ser na Utopia da política internacional? Meninos ricos se divertem com brinquedos ricos. Surge em cena um menino pobre que os toma e oferece devolvê-los por dinheiro. Se o menino pobre tivesse alcançado êxito no seu projeto, que grande benefício adviria daí, indiretamente, para o mundo inteiro! Eram brinquedos perigosos que, nas mãos do menino pobre ou nas mãos de um Castro, digamos para dispensar a alegoria, poderiam conduzir ao extermínio gratuito da humanidade. O meu ato seria um exemplo dramático para o mundo. Se eu tivesse logrado o meu intento e recebido o dinheiro, a ameaça de uma repetição do mesmo fato não teria obrigado as grandes potências a tratar a sério da questão do desarmamento, a abandonar esses perigosos brinquedos que com tanta facilidade podem cair em mãos criminosas? Está seguindo o meu raciocínio? E neste caso mais recente do ataque à Inglaterra por meio da guerra bacteriológica: meu caro Mister Bond, a Inglaterra é uma nação doente sob todos os pontos de vista. Se acelerássemos essa doença, levando-a às raias de um desenlace fatal, não conseguiríamos talvez forçá-la a cair do seu letargo para empenhar-se num esforço comunitário como o que testemunhamos durante a guerra? A crueldade está em ser misericordioso, Mister Bond. Que grande crime pode apontar aí? E agora, quanto a isto que chamam o meu “Castelo da Morte”. — Blofeld fez outra pausa e seus olhos pareceram fixar-se nalgum ponto interior. — Vou lhe fazer uma confissão, Mister Bond. Ultima-

mente tenho notado em mim os sintomas de uma certa lassidão mental que estou decidido a combater. Isso provém, em parte, do fato de ser um gênio sem par, de viver sozinho no mundo, não reconhecido e pior ainda — incompreendido. Indubitavelmente, a causa fundamental desta acídia é de ordem física — o fígado, os rins, o coração, em suma, os pontos fracos habituais das pessoas de meia-idade. E assim, mais ou menos como ao “gourmet” com o seu paladar fatigado, só me interessam agora os condimentos picantes, a viva excitação das papilas gustativas, tanto mentais como físicas, a sensação realmente exquise. Foi por isso, Mister Bond, que concebi este projeto essencialmente humanitário — a morte oferecida de graça aos que desejam arriar dos ombros o fardo da vida. O que importa não só em fornecer ao homem comum uma solução para o problema do ser ou não ser, mas também em proporcionar ao governo japonês (se bem que até o presente êle se tenha mostrado insensível à minha magnanimidade) uma necrópole discreta e aseada que o livra de um fluxo constante de desagradáveis ocorrências envolvendo os trens, os bondes, os vulcões e outros meios públicos e pouco atraentes de suicídio. Há de confessar que, longe de constituir um crime, isso é um serviço público sem precedentes na História do mundo.

— Esta manhã vi um homem ser assassinado de maneira revoltante.

— Operação de limpeza, Mister Bond. Operação de limpeza. O homem entrou aqui com o propósito de morrer. O que o senhor viu foi apenas uma criatura fraca sendo ajudada a ocupar o seu lugar na barca de Caronte. Mas percebo que não temos ponto de contato. Não posso chegar até essa coisa que lhe faz as vezes de mente. Por sua parte, o senhor nada enxerga além da simples satisfação que lhe proporcionou o seu último cigarro. Basta, pois, de conversas ociosas. Já nos retardou muito além dos limites do razoável a hora de ir para a cama. Deseja ser estraçalhado numa rixa vulgar ou prefere oferecer o pescoço a uma morte honrosa?

Blofeld deu um passo à frente e ergueu a possante espada com ambas as mãos, segurando-a acima da cabeça. A luz dos candeeiros de óleo arrancou reflexos tremulantes da lâmina e pôs em destaque os ornatos em filigrana de ouro.

Bond sabia o que fazer. Sabia-o desde que fôra reconduzido à sala e avistara o bastão do guarda ferido, que continuava encostado ao ângulo escuro da parede. Mas havia um cordão de campainha ao alcance da mulher. Era preciso pô-la fora de combate em primeiro lugar! Haveria aprendido o suficiente sobre os pontações e defesas de *bojutsu* com a de-

monstração a que assistira no campo de treinamento dos *ninja*? Bond arremessou-se para a esquerda, apoderou-se da vara e saltou para a muralha, que já começara a levantar a mão. O cajado atingiu-a na têmpora e atirou-a ao chão, onde ficou imóvel, estatelada em grotesca postura. A espada de Blofeld assoviou no ar, passando a polegadas do ombro de Bond. Este torceu o corpo e desferiu uma pontada até onde alcançava o seu braço, fazendo deslizar a vara na concha da mão esquerda quase à maneira de um taco de bilhar. A ponta bateu de rijo no esterno de Blofeld e jogou-o contra a parede, mas o homem voltou de ricochete e investiu inexorável, fazendo silvar a espada como uma foice. Bond visou o braço direito, errou e teve de recuar. Tratava unicamente de livrar tanto o corpo como a arma da lâmina de aço remoinhante, pois o bastão arriscava-se a ser decepado como um palito de fósforo, e o seu comprimento superior era a única esperança de vitória que tinha. De súbito Blofeld fendeu, num golpe de perito, o joelho direito dobrado à frente. Bond gambeteou para a esquerda, mas sem a necessária rapidez, e a ponta da espada raspou-lhe as costelas, tirando sangue. Mas antes que Blofeld pudesse recuar, golpeou-o lateralmente nas pernas, com ambas as mãos. Sentiu o bastão bater no osso. Blofeld praguejou e fez uma tentativa baldada de atingir-lhe a arma. Tornou então a avançar e tudo que Bond pôde fazer foi negacear e furtar o corpo no meio da sala, atirando curtos e rápidos pontacos para manter o inimigo à distância. Mas ia perdendo terreno diante do aço rodopiante e Blofeld, pressentindo a vitória, avançou dois passos com fulminante rapidez e desferiu o bote, como uma serpente. Bond saltou de lado, percebeu a oportunidade e reboleou o bastão com toda a força. Acertou no ombro direito de Blofeld, arrancando-lhe uma blasfêmia. Era o braço com que manejava a espada! Bond aproveitou a vantagem fazendo uma carga cerrada e por várias vezes atingiu o corpo do adversário, mas numa das paradas este deu de fio no cajado e cortou fora os trinta centímetros excedentes da extremidade, de vital importância, como se fosse a ponta de uma vela. Blofeld sentiu-se senhor do campo e começou a atacar em furiosos arremessos que o outro só podia apagar batendo na lâmina da espada para desviá-la. Mas o bastão começava a escorregar-lhe nas mãos suadas e, pela primeira vez, sentiu na nuca o sopro gelado da derrota. Como se o tivesse adivinhado, Blofeld executou subitamente uma de suas investidas-relâmpago, procurando atingi-lo por baixo da guarda. Bond calculou a distância da parede às suas costas e pulou para trás, de encontro a ela. Mesmo assim, sentiu a ponta da espada roçar-lhe no ventre. Mas, rechaçado pelo choque com a parede, contra-atacou,

desviou a espada com o bastão e, largando-o, atirou-se ao pescoço de Blofeld com ambas as mãos. Por um instante os dois rostos cobertos de suor quase se tocaram. Blofeld martelava com o punho da espada a ilharga de Bond, que mal sentia os violentos golpes. Apertava com os polegares, cegamente; ouviu o retinir da espada que caía ao chão e sentiu as unhas de Blofeld que lhe rasgavam as faces, procurando alcançar os olhos. Bond murmurou entre os dentes cerrados: “Morre, Blofeld! Morre!” E de repente a língua saiu para fora da boca, os olhos reviraram-se para cima e o corpo escorregou no chão. Mas Bond acompanhou-o, ajoelhando-se, as mãos enclavinadas no maciço pescoço, sem ver nem ouvir nada em seu terrível delírio homicida.

Volveu a si pouco a pouco. A cabeça do dragão de ouro no quimono preto cuspiu fogo sobre êle. Retirou as mãos doloridas do pescoço do morto e, sem tornar a olhar a cara arroxeadas, pôs-se em pé. Cambaleava. Santo Deus, como lhe doía a cabeça! Que mais havia para fazer? Procurou recordar-se. Tinha tido uma idéia brilhante. Que seria? Ah! sim, claro! Pegou do chão a espada de Blofeld e caminhou como um sonâmbulo pelo corredor de pedra, até a sala das torturas. Lançou um olhar ao relógio. Cinco minutos para a meia-noite. E lá estava a caixa de madeira, salpicada de lama, ao pé do trono em que estivera sentado dias, anos atrás. Caminhou para ela e abriu-a com um golpe de espada. Sim, a caixa continha a grande roda que êle esperava! Ajoelhou-se e torceu, torceu até fechá-la por completo. Que iria acontecer agora? O fim do mundo? Bond voltou a correr pela passagem. Tinha de sair o quanto antes, fugir desse lugar! Mas a linha de retirada estava cortada pelos guardas! Correu de repelão uma cortina e despedaçou o vidro da janela com a espada. No lado de fora havia um terraço com balaustrada, o qual parecia circundar aquele andar do castelo. Bond olhou em volta de si, procurando alguma coisa com que cobrir a sua nudez. Nada viu além do suntuoso quimono de Blofeld. Friamente, Bond arrancou-o do cadáver, vestiu-o e amarrou o cinto. O interior do quimono estava gelado como uma pele de serpente. Deitou um olhar a Irma Bunt, que respirava pesadamente, com um ronco de bebedeira. Bond dirigiu-se para a janela e saiu pela vidraça quebrada, cuidando-se para não pisar nos cacos de vidro com os pés descalços.

Enganara-se, porém! A balaustrada era curta e fechada nas duas extremidades. Percorreu-a aos tropeções de uma ponta a outra: nada de saída! Olhou por cima da beira: trinta metros de parede lisa até o cascalho! Um leve assovio aflautado lá em cima chamou-lhe a atenção. Alçou os olhos. Nada mais que um sopro de vento na corda de amarração

daquele estúpido balão! Mas de repente acudiu-lhe uma idéia doida, a lembrança de um dos velhos filmes de Douglas Fairbanks, em que o herói se balançava de um lado a outro de uma vasta sala depois de pendurar-se com um salto no lustre. O balão de hélio era bastante forte para manter esticada uma faixa de algodão de quinze metros de comprimento dentro de sua moldura, com os sinais de advertência! Por que não poderia sustentar o peso de um homem?

Correu para o canto da balaustrada a que estava presa a corda de amarração e experimentou-a. Estava tesa como um arame! Algures, atrás dele, ouviu-se um grande clamor no interior do castelo. Teria a mulher despertado? Subiu ao parapeito agarrando-se à corda esticada, fêz um rasgão com a espada na bandeira de algodão a fim de ter um apoio para os pés e, segurando a corda com a mão direita, deu um vigoroso corte abaixo de si com a espada de Blofeld e lançou-se no espaço.

Aquilo dava certo! Soprava uma ligeira brisa noturna e êle sentiu-se flutuar suavemente sobre o parque enluarado, com o seu lago cintilante e fumegante, na direção do mar. Mas ia subindo e não descendo! A esfera de hélio não se deixava abalar em absoluto pelo seu peso! De repente umas chamas azuis e amarelas brilharam no último andar do castelo e soaram perto dele uns zumbidos como de vespas iradas. Bond começou a sentir as mãos e os pés doloridos da força com que se agarrava. Alguma coisa o atingiu no lado da cabeça, o mesmo lado de onde partiam os latejos de dor. E isso foi o seu fim. Não havia a menor dúvida! Porque nesse mesmo instante toda a silhueta negra do castelo oscilou ao luar, pareceu crescer para cima e para os lados e dissolver-se em seguida como uma casquinha de sorvete ao calor do sol. O andar superior foi o primeiro a desmoronar, depois o outro, depois o seguinte... e, volvido um instante, um monstruoso jato de fogo alaranjado brotou do inferno em direção à lua e uma lufada de vento ardente o alcançou, seguida de ribombos de trovoadas, sacudindo violentamente o balão.

Que estava acontecendo? Bond não o sabia nem cuidava de saber. A dor que sentia na cabeça era todo o seu universo. Sessenta metros lá em baixo, o mar suavemente ondulado oferecia-lhe um leito de descanso. Bond soltou as mãos e os pés e mergulhou verticalmente rumo à paz, rumo ao macio colchão de penas de algum sonho infantil em que toda a dor se dissolvia numa infindável doçura.

(De The Times)

OBITUÁRIO

CAPITÃO-DE-FRAGATA JAMES BOND, C.M.G., R.N.V.R.

M. escreve:

Como seus leitores devem estar cientes pelos noticiários de edições anteriores, um funcionário graduado do Ministério da defesa, o Capitão-de-Fragata James Bond, C.M.G., R.N.V.R., acha-se desaparecido, presumivelmente morto no desempenho de uma missão oficial no Japão. É-me doloroso declarar que a esta altura devem ser abandonadas as esperanças de que tenha sobrevivido. Cabe, portanto, a mim, como Chefe do Departamento que êle tão bem serviu, apresentar um esboço biográfico desse oficial e dos insignes serviços que prestou a seu país.

James Bond nasceu de pai escocês, Andrew Bond, de Glencoe, e mãe suíça, Monique Delacroix, do Cantão de Vaud. Sendo seu pai representante da firma de armamentos Vickers no estrangeiro, a primeira educação de James, que lhe valeu um domínio perfeito das línguas francesa e alemã, passou-se inteiramente fora do país. Contava onze anos quando ambos seus pais morreram num acidente de alpinismo nas “Aiguilles Rouges”, em Chamonix, e o menino ficou sob a tutela de uma tia posteriormente falecida, Miss Charmian Bond, indo viver com ela num povoado próximo de Canterbury, no Kent, o qual tem o curioso nome de Pett Bottom. Ali, numa casa pequenina ao lado da pitoresca estalagem conhecida como “Duck Inn”, sua tia, que deve ter sido uma senhora de talento e

erudição invulgares, completou-lhe o preparo para uma escola pública inglesa, e com a idade de doze anos aproximadamente, foi êle recebido no Colégio de Eton, em que seu pai o inscrevera ao nascer. Devemos confessar que sua carreira em Eton foi breve e pouco brilhante, pois ao cabo de dois semestres apenas e em consequência, lamento dizê-lo, de uma alegada complicação com a empregada doméstica de um de seus colegas, foi solicitado a sua tia que o retirasse de lá. Conseguiu ela obter-lhe a transferência para Fettes, a antiga escola de seu pai. A atmosfera, ali, era bastante calvinista e observavam-se rigorosos padrões tanto no setor acadêmico como no do atletismo. Não obstante, e apesar de seu pendor natural para a solidão, contraiu algumas amizades sólidas nos círculos atléticos da escola, os quais desfrutavam de fama tradicional. Ao deixar Fettes, com a idade de apenas dezessete anos, havia lutado duas vezes pela escola como pêso-leve e fundara, além disso, o primeiro curso sério de judô numa escola pública inglesa. Corria então o ano de 1941. Atribuindo-se dezenove anos de idade e com a ajuda de um velho colega de seu pai na Companhia Vickers, Bond ingressou numa sucursal do que viria a ser mais tarde o Ministério da Defesa. Como convinha à natureza confidencial de suas funções, foi-lhe conferido o posto de capitão-tenente na Seção Especial da Reserva de Voluntários da Real Armada (R.N.V.R.) e pode-se aferir a satisfação de seus superiores com os serviços que prestou pelo fato de haver terminado a guerra com a graduação de capitão-de-fragata. Foi mais ou menos por essa época que o autor destas linhas passou a ocupar-se com certos aspectos do trabalho do Ministério e teve muito gosto em deferir o pedido do Capitão-de-Fragata Bond para continuar a servir essa Entidade em que, por ocasião de seu pranteado desaparecimento, havia subido ao posto de Oficial Principal do Serviço Civil.

A natureza das funções do Capitão Bond no Ministério — funções que, diga-se de passagem, foram reconhecidas em 1951 pela comenda de “Companion” da Ordem de S. Miguel e S. Jorge (C.M.G.)—deve permanecer confidencial e mais ainda, secreta, mas seus colegas de Ministério são unânimes em reconhecer que as cumpriu com insigne bravura e distinção, se bem que por vezes, devido ao seu natural impetuoso, com um tal ou qual estouvamento que o punha em conflito com as autoridades superiores. Mas possuía, de certo modo, a chamada “inspiração nelsoniana” nos momentos realmente críticos e conseguiu escapar mais ou menos incólume das numerosas aventuras arriscadas em que o envolveram suas funções. A inevitável publicidade conferida a alguns desses casos pela imprensa, sobretudo estrangeira, converteu-o muito a contragosto numa

espécie de figura internacional, de onde resultou o aparecimento de uma série de novelas populares em torno de James Bond por um seu amigo e ex-colega. Se tais livros fossem de melhor qualidade ou se caracterizassem por um grau maior de veracidade, seu autor teria sido certamente processado de acordo com a Lei de Serviços Secretos. Serve para dar uma medida do desprezo com que tais ficções são encaradas no Ministério o fato de até agora — sublinho a circunstância — não se terem tomado providências contra o autor e editor dessas fantasiosas e românticas caricaturas em torno da carreira de um eminente funcionário público.

Resta-me concluir este breve *in memoriam* asseverando aos amigos do Capitão Bond que sua última missão foi de suprema importância para o Estado. Embora tudo esteja a indicar que, infelizmente, não regressará dela, estou autorizado por aqueles que se encontram à frente dos destinos do país a confirmar que essa missão foi coroada de êxito total. Não é exagero declarar, de maneira inequívoca, que, pelos recentes e valorosos esforços deste único homem, a Segurança do Reino foi poderosamente consolidada.

James Bond esteve unido em matrimônio, por breve espaço de tempo, no ano de 1962, a Teresa, filha única de Marc-Ange Draco, de Marselha. O casamento terminou em circunstâncias trágicas que foram noticiadas pela imprensa na época. Não há descendentes nem deixa James Bond, que me seja dado saber, qualquer parente vivo.

M. G. escreve:

Sinto-me feliz e orgulhoso por ter servido como assessor imediato do Capitão Bond durante os últimos três anos no Ministério da Defesa. Se realmente se justificarem nossos temores a seu respeito, peço vênias para sugerir estas singelas palavras para o seu epitáfio. Muitos de seus auxiliares, aqui, estão convencidos de que elas representam a sua filosofia: “Não desperdiçarei meus dias tentando prolongá-los. Farei uso de meu tempo.”

Lágrimas de pardal

Quando Kissy viu cair ao mar a figura negra e alada no seu quimono, pressentiu logo quem seria e venceu os duzentos metros que o separavam da base da muralha nadando tão depressa como nunca nadara em sua vida. O choque brutal com a água começara por tirar todo o fôlego a Bond, mas a vontade de viver, que aquela dor intolerável na cabeça por pouco não conseguira extinguir, foi redespertada por esse novo inimigo seu conhecido, o mar, e quando Kissy o alcançou estava lutando por se libertar do quimono.

No primeiro instante julgou que fosse Blofeld e tentou investir contra ela.

— É Kissy — protestou a moça com veemência. — Kissy Suzuki! Não se lembra?

Não, êle não se lembrava. Não tinha lembrança de nada deste mundo, salvo a cara de seu inimigo e a gana desesperada de esborrachá-la. Mas as forças começavam a faltar-lhe e por fim, praguejando debilmente, deixou que ela o livrasse do quimono e deu ouvidos à voz que instava com êle.

— Agora siga-me, Taro-san. Quando se cansar eu o puxarei comigo. Todos nós fomos treinados neste serviço de salvamento.

Mas quando se pôs em movimento Bond não a seguiu. Ao invés, começou a nadar ineptamente em roda, como um animal ferido, descrevendo círculos cada vez maiores. Kissy sentiu vontade de chorar. Que lhe havia acontecido? Que lhe teriam feito no Castelo da Morte? Finalmente fê-lo parar, falou-lhe com brandura e êle se deixou segurar sob as axilas. Com a cabeça do amigo aninhada no seu seio, Kissy partiu no tradicional sistema das pernadas de costas.

Foi um feito pasmoso para uma moça — meia milha com correntes de través e nada mais que a lua e um olhar às costas de quando em quando para lhe dar a direção; mas conseguiu levá-lo a cabo e finalmente tirou Bond para fora da água na sua pequena angra, deixando-se cair exausta nas pedras chatas ao lado dele.

Despertou-a um gemido de Bond. Estivera a vomitar silenciosamente e ficara depois sentado com a cabeça nas mãos, olhando o mar com uma expressão vazia e olhos vidrados de sonâmbulo. Como Kissy lhe passasse o braço em volta dos ombros, virou-se vagamente para ela.

— Quem é a senhora? Como foi que vim parar aqui? Que lugar é este? — Examinou-a com mais atenção. — A senhora é muito bonita.

Kissy lançou-lhe um olhar penetrante. De súbito, um plano glorioso cruzou-lhe pelo espírito.

— Não consegue lembrar-se de nada? Não se lembra de quem é e de onde vem?

Bond passou a mão pela testa e estreitou os olhos.

— Nada — disse numa voz abatida. — Nada, exceto o rosto de um homem. Creio que estava morto. Creio que foi um homem perverso. Como é o seu nome? Precisa dizer-me tudo.

— Meu nome é Kissy Suzuki e você é meu amante. Você se chama Taro Todoroki. Vivemos nesta ilha e pescamos juntos. É uma vida maravilhosa. Mas não poderá caminhar um pouco? Preciso levá-lo ao lugar onde mora, arranjar de comer e chamar um médico para examiná-lo. Você tem uma ferida medonha no lado da cabeça e um talho nas costelas. Deve ter levado um tombo quando andava trepado nos rochedos em busca de ovos de gaivota.

Levantou-se e estendeu as mãos. Bond pegou-as e pôs-se em pé a cambalear. Continuando a levá-lo pela mão, ela o guiou brandamente pelo caminho que levava à casa dos Suzuki. Mas seguiu adiante sem parar e subiu até o bosque de camélias e bordos anões. Conduziu-o por trás do santuário e entrou na caverna. Esta era espaçosa e o chão de terra estava seco.

— Esta é a sua casa, e eu moro aqui com você. Tinha guardado as nossas roupas de cama. Vou buscá-las, e alguma comida também. Agora deite-se e descanse, meu amado, que eu cuidarei de si. Você está doente, mas o médico o porá bom de novo.

Bond obedeceu e pegou instantaneamente no sono, o lado dolorido da cabeça aninhado no braço.

Kissy desceu correndo o morro, com o coração a cantar. Tinha mui-

to que fazer, muitas disposições a tomar, mas havia recuperado o seu homem e estava absolutamente decidida a guardá-lo para si.

Era quase dia e seus pais já estavam acordados. Kissy falou-lhes aos cochichos, em tom alvoroçado, enquanto tratava de aquecer um pouco o leite e fazer um fardo com o futon, o melhor quimono de seu pai e alguns objetos cuidadosamente escolhidos para o banho de Bond — nada que pudesse recordar-lhe o passado. Os velhos estavam acostumados aos seus caprichos e à sua independência. O pai limitou-se a comentar mansamente que tudo estaria bem se o *kannushi-san* desse a sua bênção. E, depois de lavar o sal do corpo e vestir o seu simples quimono pardo, ela tornou a correr morro acima, rumo à caverna.

Mais tarde, o sacerdote xintoísta recebeu-a com uma expressão grave. Dir-se-ia que a esperava. Levantou a mão e falou à moça ajoelhada:

— Kissy-chan, estou a par de muitas coisas. A cria do diabo morreu. Sua mulher também. O Castelo da Morte foi completamente destruído. Tudo isso foi obra do homem vindo do outro lado do mar, como os seis Guardiães haviam profetizado. Onde está êle?

— Na caverna atrás do santuário, *kannushi-san*. Está gravemente ferido. Eu o amo. Quero guardá-lo para mim e cuidar dele. Não se lembra de coisa alguma do passado. Quero que continue assim, para que possamos casar-nos e êle se torne um filho de Kuro para sempre.

— Isso não será possível, minha filha. Com o tempo êle se restabelecerá e voltará para o lugar de onde veio, no outro lado do mundo. E virão homens de Fukuoka, talvez mesmo de Tóquio, para fazer indagações oficiais a respeito dele, pois certamente é pessoa de renome em seu país.

— Mas, *kannushi-san*, se o senhor assim o ordenar aos anciãos de Kuro eles farão *shiran-kaō* diante desses homens, dirão que não sabem nada, que esse Todoroki partiu daqui a nado para a terra firme e desde então não tiveram mais notícias dele. Então os homens irão embora. Tudo que eu quero é cuidar dele e guardá-lo para mim o mais tempo possível. Se um dia êle quiser partir, não o impedirei. Pelo contrário, ajudá-lo-ei. Êle se sentia feliz aqui, pescando comigo e com meu pássaro David. Êle próprio mo disse. Quando sarar, farei com que continue a sentir-se feliz. Aca-so Kuro não deve prezar e honrar este herói que os deuses nos enviaram? Não desejarem os Seis Guardiães conservá-lo aqui por algum tempo? E quanto a mim, não terei direito a uma pequena recompensa pelos meus humildes esforços para ajudar Todoroki-san a salvar-lhe a vida?

O sacerdote ficou por algum tempo silencioso na sua cadeira com os olhos cerrados. Depois fitou o rosto súplice que tinha a seus pés e

sorriu.

— Farei o que fôr possível, Kissy-chan. Agora traga aqui o médico e depois leve-o à caverna, para que possa pensar os ferimentos desse homem. Mais tarde falarei aos anciãos. Mas pelo espaço de muitas semanas você observará a maior descrição e o *gaijin* não deve mostrar-se. Quando tudo voltar à normalidade êle poderá mudar-se novamente para a casa de seus pais e deixar-se ver.

O médico ajoelhou-se ao lado de Bond na caverna e abriu no chão um grande mapa da cabeça humana, com as seções marcadas por meio de números e ideogramas. Apalpou suavemente com os dedos o ferimento de Bond em busca de sinais de fratura, enquanto Kissy, ajoelhada ao pé, segurava a mão suada do enfermo entre ambas as suas. O médico inclinou-se para a frente e, erguendo uma das pálpebras e depois a outra, examinou atentamente os olhos inexpressivos com o auxílio de uma larga lente de leitura. A uma ordem sua, Kissy foi correndo buscar água a ferver e o médico tratou de limpar a perfuração produzida pela bala no terrível inchaço da primeira ferida, consequência da queda de Bond no alçapão. Feito isso, tamponou-a com sulfa em pó, envolveu correta e habilmente a cabeça numa atadura, cobriu de emplastro cirúrgico a incisão nas costelas, levantou-se e chamou Kissy para fora da caverna.

— Êle viverá, mas passarão meses, talvez anos, até que recupere a memória. A parte mais afetada é o lobo temporal do cérebro, onde reside essa faculdade. Mas faz-se necessária muita educação. Você procurará sempre lembrá-lo de coisas e lugares passados. Depois, os fatos que tiver reconhecido farão surgir cadeias de associações. Inegavelmente, o doente deveria ser levado a Fukuoka para tirar uma radiografia, mas creio que não há fratura, e em todo caso o *kannushi-san* mandou que êle fique sob os meus cuidados e que se guarde segredo sobre a sua presença na ilha. Acatarei, naturalmente, as ordens do reverendo *kannushi-san*, seguindo caminhos diferentes para visitá-lo e só o fazendo à noite. Mas muita coisa ficará a seu cargo, pois êle não deve ser movido de forma alguma durante uma semana, pelo menos. Agora preste atenção — disse o médico; e deu-lhe instruções minuciosas que cobriam todos os aspectos da alimentação e da enfermagem, deixando-a por fim incumbida de pô-las em execução.

E assim transcorreram os dias e as semanas. A polícia de Fukuoka veio várias vezes, depois apareceu o oficial de Tóquio chamado Tanaka, e por último um homenzarrão que disse ser australiano e de quem Kissy teve a maior dificuldade em desfazer-se. Mas o rosto dos ilhéus, o *shira-hao*, permaneceu de pedra e a Ilha de Kuro guardou o seu segredo. O

corpo de Bond restabeleceu-se gradualmente e Kissy começou a levá-lo a passeio durante a noite. De quando em quando também nadavam na enseada, brincando com David. Ela lhe contou a história de Kuro e dos *amos*, desviando habilmente todas as perguntas que diziam respeito ao mundo fora da ilha.

Chegou o inverno e os *amas* cessaram as pescarias, ocupando-se em consertar redes e barcos e trabalhando nos pequenos sítios da encosta do morro. Bond voltou para a casa dos Suzuki e procurou fazer-se útil com obras de carpintaria e pequenos serviços, ao mesmo tempo que aprendia japonês com Kissy. Seus olhos perderam aquele aspecto vidrado mas continuaram remotos e ausentes, e todas as noites o visitavam inexplicáveis sonhos sobre um mundo bem diferente, de gente branca, imensas cidades e rostos imperfeitamente lembrados. Mas Kissy garantiu-lhe que eram pesadelos iguais aos que ela mesma tinha, sem nenhum significado, e pouco a pouco Bond foi aceitando a casinha de pedra e madeira e o horizonte desmedido do mar como o seu pequeno mundo. Kissy tinha o cuidado de evitar a costa meridional da ilha e pensava com apreensão no dia em que recomençaria a pesca do *awabi*, em fins de maio, e êle avisasse a grande muralha negra no outro lado do estreito. Não lhe voltaria então repentinamente a memória?

O médico mostrou-se surpreso com a falta de progressos de Bond e resignou-se à conclusão de que sua amnésia era total, mas dentro em pouco cessaram os motivos para visitá-lo, pois a saúde física do estrangeiro e a perfeita satisfação com que parecia encarar o seu destino mostravam que a todos os outros respeitos estava completamente restabelecido.

Mas havia uma coisa que muito afligia Kissy. Desde a primeira noite na caverna havia compartilhado o *futon* de Bond e, depois de curado e instalado na casa, esperava todas as noites que mostrasse o desejo de ter relações físicas com ela. Mas, embora a beijasse às vezes e amiúde lhe segurasse a mão, seu corpo parecia totalmente insensível à presença da moça, por mais que esta procurasse o seu contato e até o acariciasse com as mãos. Tê-lo-ia a ferida tornado impotente? Kissy consultou o médico, o qual respondeu que não podia haver conexão entre uma coisa e outra, se bem fosse possível que êle se houvesse esquecido de como realizar o ato do amor.

E assim, um dia Kissy Suzuki anunciou que ia tomar a lancha semanal para Fukuoka a fim de fazer compras e, uma vez na grande cidade, procurou e encontrou a loja de sexo local, chamada Loja da Felicidade,

presente em toda cidade japonesa que se respeite, e confiou o seu problema ao ancião de semblante malicioso atrás do inocente balcão que em matéria de convite à libidinosidade, não continha nada mais sedutor do que alguns tônicos e preventivos contra a gravidez. Perguntou a Kissy se tinha consigo cinco mil *yens*, o que não é pouco dinheiro, e diante da resposta afirmativa cerrou a porta de rua e convidou-a para os fundos da loja.

O mercador de sexo baixou-se e puxou de sob um banco uma espécie de pequena coelheira guarnecida de tela de arame. Colocou-a em cima do banco e Kissy viu que ela continha quatro grandes sapos sobre um leito de musgo. A seguir surgiu um instrumento de metal que tinha a aparência de um pequeno fogareiro com uma gaiolinha de arame no centro. O negociante ergueu cuidadosamente um dos sapos e colocou-o dentro da gaiolinha, sentado sobre a chapa de metal. Trouxe então uma pesada bateria de automóvel para cima do banco, aproximou-a do “fogareiro elétrico” e fez a ligação dos fios. Feito isso, dirigiu algumas palavras carinhosas e animadoras ao sapo e recuou um pouco.

O sapo começou a tremer de leve e as cruzes dos seus olhos vermelhos escuros chamejaram furiosas na direção de Kissy como se soubesse que ela era a culpada de tudo. O mercador de sexo observava ansiosamente, com a cabeça inclinada sobre a gaiolinha; por fim esfregou as mãos ao ver brotar grossas bagas de suor sobre toda a pele verrugosa do anfíbio. Pegou uma pequena colher de ferro e um frasquinho, ergueu suavemente a tampa da gaiolinha e, com o máximo cuidado, raspou as gotas de suor do corpo do sapo e recolheu-as no frasco. Quando terminou a operação, este continha cerca de meia colher de chá de líquido claro. Arrolhou-o e passou-o a Kissy, que o segurou com reverência e grande cautela, como se fosse alguma jóia fabulosa. Então o mercador de sexo desligou os fios e tornou a colocar na sua coelheira o sapo, que não parecia sofrer maus efeitos da experiência.

Fechou a tampa da coelheira, virou-se para Kissy e fez uma mesura.

— Sempre que um cliente sincero manifesta o desejo de adquirir este valioso produto eu o convido para assistir ao processo de destilação. Do contrário, poderia nutrir a desonrosa suspeita de que o frasco contivesse apenas água da bica. Mas, como acaba de ver, este líquido é o autêntico suor de um sapo. Obtém-se submetendo o animal a um choque elétrico moderado. Ele não sofreu mais do que um incômodo passageiro e será recompensado esta noite com uma ração suplementar de moscas ou grilos. E agora — prosseguiu caminhando para um armário e tirando

uma caixinha de pílulas, — temos aqui o pó de lagarto seco. Uma combinação destes dois ingredientes, misturada à ceia de seu amado, terá efeitos infalíveis. Entretanto, a fim de excitar-lhe não só os sentidos como também o espírito, poderei fornecer-lhe um excelente livro de travesseiro em troca do pagamento adicional de mil *yens*.

— Que é um livro de travesseiro?

O mercador de sexo voltou ao armário e tirou dali uma brochura barata, com a capa em branco. Kissy abriu-o, levou a mão à boca e ficou vermelha como uma peônia. Mas, como moça cautelosa que não queria deixar-se enganar, virou mais algumas páginas. Todas elas continham fotografias atrozmente pornográficas, em close up e gravadas com a máxima fidelidade, do ato do amor retratado sob todos os aspectos possíveis.

— Muito bem—murmurou Kissy. E, devolvendo o livro: — Faça o favor de embrulhar tudo com cuidado. — Abriu a bolsa e começou a contar as notas.

Novamente na loja, o velho de cara maliciosa entregou-lhe o embrulho e abriu a porta curvando-se profundamente. Kissy retribuiu com uma mesura perfunctória e saiu a correr pela rua em fora como se acabasse de firmar um pacto com o demônio. Mas à hora de ir tomar a lancha que a conduziria de regresso a Kuro já se congratulava, vibrante de prazer e alvoroço, inventando uma história para explicar a aquisição do livro.

Bond esperava-a no molhe. Era a primeira vez que Kissy se ausentava e sentira-lhe dolorosamente a falta. Saíram a tagarelar muito felizes pela beira da praia, de mãos dadas, por entre as redes e os barcos. E os pescadores sorriam ao vê-los, mas olhavam-nos como se não os enxergassem ao invés de cumprimentá-los — pois acaso não decretara o sacerdote que seu companheiro *gaijin* não existia oficialmente? E os editos do *kannushi-san* eram conclusivos.

Mas uma vez em casa, Kissy pôs-se a preparar toda contente um *sukiyaki* muito picante — o prato nacional de carne de vaca ensopada. Isso não só constituía um grande festim, pois ali raramente se comia carne, mas também servia os propósitos de Kissy, que ignorava se os seus filtros de amor tinham algum gosto e achava prudente não arriscar nada. Quando ficou pronto, deitou com mão trêmula o líquido e o pó castanho na porção de Bond e misturou bem. Depois levou os pratos à família, que esperava de cócoras sobre o *tatami*, diante da mesa baixa.

Observava disfarçadamente Bond, que devorou o seu *sukiyaki* até a última migalha, limpou o prato com uma pitada de arroz e, depois de cumprimentar calorosamente a cozinheira, tomou o seu chá e retirou-se

para o quarto dos dois. À noite, costumava consertar redes ou linhas de pescar antes de deitar-se. E ela ajudou a mãe a lavar os pratos, perguntando consigo se estaria fazendo a mesma coisa agora!

Kissy passou muito tempo a pentear-se e aformosear-se antes de ir ter com êle, o coração a pular como um pássaro engaiolado.

Bond tirou os olhos do livro de travesseiro, rindo.

— Pelo amor de Deus, Kissy, onde foi que você arranjou isto?

Ela soltou uma de suas risadinhas de menina.

— Ah, isso! Tinha-me esquecido de lhe dizer. Foi um tipo que quis se passar comigo numa das lojas. Meteu-me esse livro nas mãos e marcou um encontro para esta noite. Concordei só para me livrar dele. É o que nós chamamos um livro de travesseiro. São usados pelos amantes. Não acha excitantes as gravuras?

Bond atirou longe o seu quimono e, apontando para o macio *futon* estendido no chão, disse imperiosamente:

— Kissy, tire a sua roupa e deite-se aí. Vamos começar pela primeira página.

O inverno deu lugar à primavera e recomeçaram as pescarias, mas agora Kissy mergulhava nua como as outras moças; Bond e o corvo-marinho mergulhavam com ela, e havia bons e maus dias. Mas o sol brilhava constantemente, o mar era azul, os íris agrestes cobriam a encosta do morro, todo mundo se alvoroçou quando a meia dúzia de cerejeiras da ilha deram flor, e Kissy perguntava consigo qual seria o momento mais apropriado para dizer a Bond que ia ter um filho e se êle então lhe proporia casamento.

Mas um dia, ao descerem para a enseada, notou que Bond tinha um ar preocupado, e quando êle lhe pediu que esperassem antes de pôr o barco no mar, pois tinha um assunto sério em que falar-lhe, o coração de Kissy deu um pulo no peito. Sentou-se ao pé do amante sobre um rochedo achatado, cingiu-o com os braços e aguardou.

Bond tirou do bolso um pedaço de papel amarrotado e estendeu-lho. Kissy estremeceu de medo, prevendo o que estava por vir. Soltoou e pegou o papel. Era um dos quadrados de jornal que nunca faltavam na pequena retrete, enfiados num prego. Ela mesma se encarregava sempre de cortar esses quadrados, pondo de parte, como medida de precaução, todos aqueles que contivessem palavras em inglês.

Bond apontou um lugar.

— Kissy, que palavra é esta, “Vladivostok”? Que é que ela significa?

Parece conter alguma mensagem para mim. Eu a associo a um país muito grande. Creio que este país se chama Rússia. Estou acertado?

Kissy lembrou-se da promessa que fizera ao padre e cobriu o rosto com as mãos. — Sim, Taro-san. Está certo.

Bond cobriu e apertou os olhos Com os punhos fechados.

— Tenho a impressão de que andei muito envolvido com essa Rússia, de que uma boa parte de minha existência passada se relaciona com ela. Será possível? Anseio tanto por saber de onde vim antes de chegar a Kuro! Você quer me ajudar, Kissy?

Kissy tirou as mãos do rosto e olhou para êle.

— Sim — respondeu baixinho, — eu o ajudarei, meu bem-amado.

— Então preciso ir a esse lugar, Vladivostok. Talvez êle me desperte outras recordações e lá eu possa encontrar o caminho de volta.

— Se esse é o seu desejo, meu amor... A lancha parte para Fukuoka amanhã. Eu o porei num trem, lhe darei dinheiro e todas as indicações de que necessitar. O anúncio diz que se pode ir da ilha setentrional, Hokkaido, a Sacalina, que pertence à Rússia. Dali, sem dúvida, você poderá passar a Vladivostok. É um grande porto, para o sul de Sacalina. Mas deve ter muito cuidado, pois os russos não são um povo amigo.

— Por que desejariam fazer mal a um pescador de Kuro?

Ela sentia-se sufocar. Levantou-se e caminhou vagarosamente para o barco. Empurrou-o para a água sobre a praia inclinada de cascalho e esperou, em seu lugar costumeiro à ré, que êle embarcasse e lhe prendesse os joelhos entre os seus, como sempre fazia.

James Bond instalou-se na sua bancada e armou os remos; o corvo-marinho pulou para bordo e empoleirou-se na proa com o seu ar imperioso. Bond esmou a direção do resto da frota espalhada no horizonte e começou a remar.

Kissy sorriu para êle, o sol acariciava-lhe as costas e, para James Bond, era esse um dia tão belo como o tinham sido todos os que o precederam — sem uma só nuvem no céu.

Mas ignorava, é claro, que seu nome era James Bond. E, em confronto com a refulgente significação daquela única palavra russa no farapo de papel, sua vida em Kuro e seu amor a Kissy Suzuki tinham, na expressão de Tigre, tão pouca importância quanto as lágrimas de um pardal.



James Bond está prestes a ser desligado do Serviço Secreto de Sua Majestade. O famoso agente cujas façanhas se tornaram conhecidas de milhões de leitores, através dos jornais e de artigos publicados em revistas, que diversas vezes enfrentara supercriminosos como o Dr. No e Goldfinger, tinha agora sua última chance em permanecer na sua profissão de agente secreto. Recentemente, quando ainda se encontrava tolhido pelo impacto que lhe causara a morte de Tracy, sua bela esposa de um dia, 007 fracassara em duas importantes missões. No início de "A Morte no Japão", Bond recebe de M um ultimato velado: ou sai-se bem em uma missão de vital importância no Oriente ou sua carreira de agente secreto estará terminada.

Nesta sua penúltima novela de aventuras, Ian Fleming nos apresenta uma fascinante saga com matizes orientais. Nela encontramos sensualismo contrastando com a violência criada por um cérebro homicida; um jardim que atrai suicidas no qual existem fumarolas sulfurosas e um lago com piranhas, cercado de plantas venenosas; uma bela jovem chamada Kissy Suzuki e, finalmente, Bond, frente ao destino, num lugar onde a morte era fácil de alcançar.



411418

A Morte No Japão
Ian Fleming



1R631

DITÔRA GLOBO

RO - PÔRTO ALEGRE - SÃO PAULO